

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

MILENA ALVES DE SOUZA

Pequenos futuros trabalhadores: Reflexões sobre as personagens infantis de José Lins do Rego
e Jorge Amado (1930-1937)

Uberlândia
24 de fevereiro de 2025

MILENA ALVES DE SOUZA

Pequenos futuros trabalhadores: Reflexões sobre as personagens infantis de José Lins do Rego e Jorge Amado (1930-1937)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História, Cultura e Poder

Orientador(a): Daniela Magalhães da Silveira

Uberlândia

24 de fevereiro de 2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S729p
2025 Souza, Milena Alves de, 1999-
Pequenos futuros trabalhadores [recurso eletrônico] : reflexões sobre
as personagens infantis de José Lins do Rego e Jorge Amado (1930-1937)
/ Milena Alves de Souza. - 2025.

Orientadora: Daniela Magalhães da Silveira.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-graduação em História.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.5195>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. História. I. Silveira, Daniela Magalhães da, 1980-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em
História. III. Título.

CDU: 930

André Carlos Francisco
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3408

MILENA ALVES DE SOUZA

Pequenos futuros trabalhadores: Reflexões sobre as personagens infantis de José Lins do Rego
e Jorge Amado (1930-1937)

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-graduação em História do
Instituto de História da Universidade Federal de
Uberlândia, como parte dos requisitos para
obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História, Cultura e
Poder

Uberlândia, 24 de fevereiro de 2025

Banca Examinadora:

Profª. Dra. Daniela Magalhães da Silveira – Orientadora – UFU

Profª. Dra. Lúcia Helena Oliveira Silva – UFU

Profª. Dra. Ana Flávia Cernic Ramos – UFU



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1H, Sala 1H50 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-
MG, CEP 38400-902
Telefone: (34) 3239-4395 - www.ppghis.inhis.ufu.br - ppghis@inhis.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	História				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 25, PPGHI				
Data:	Vinte e quatro de fevereiro de dois mil e vinte e cinco	Hora de início:	09:00	Hora de encerramento:	11:30
Matrícula do Discente:	12312HIS011				
Nome do Discente:	Milena Alves de Souza				
Título do Trabalho:	Pequenos futuros trabalhadores: reflexões sobre as personagens infantis de José Lins do Rego e Jorge Amado (1930-1937)				
Área de concentração:	História, Cultura e Poder				
Linha de pesquisa:	Práticas culturais e relações de poder				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	" Perfeitas, bem relacionadas e com preços razoáveis: a especialização profissional das mulheres pobres trabalhadoras na virada do século XIX para o XX"				

Reuniu-se de forma remota através da plataforma de webconferências Mconf RNP, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em História, assim composta: Professores doutores: [Lúcia Helena Oliveira Silva / UNESP/Assis](#); [Ana Flávia Cernic Ramos/ INHIS/UFU](#); [Daniela Magalhães da Silveira](#) orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dr. Daniela Magalhães da Silveira, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

[Aprovada.](#)

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de [Mestre](#).

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Daniela Magalhães da Silveira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 24/02/2025, às 10:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Flavia Cernic Ramos, Professor(a) do Magistério Superior**, em 24/02/2025, às 10:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lúcia Helena Oliveira Silva, Usuário Externo**, em 24/02/2025, às 11:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6056409** e o código CRC **14DF96F8**.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que financiou esta pesquisa durante os 24 meses de mestrado e possibilitou sua realização. Também vale ressaltar que durante esses dois anos desafiadores de tentativas de novas ideias, reestruturações de planos, dificuldades novas que uma recém graduanda poderia não esperar, seria impossível concluir este trabalho se não fossem ouvidos atentos, pessoas presentes de corpo e alma, compartilhamentos de alegrias, tristezas e angústias. Este trabalho foi resultado de erros e acertos e neste processo que parece não ter fim gostaria de agradecer primeiramente, a minha orientadora Daniela Magalhães da Silveira por me permitir refazer caminhos e confiar que o resultado viria em algum momento. Também gostaria de parabenizar a capacidade de amigos pesquisadores que estudam temas quase que opostos ao meu trabalho de ouvir e trocar ideias nos corredores do bloco 1H da UFU, sou especialmente grata aos meus amigos mestrandos Guilherme, Aleska e Maria Eduarda. Como tradição, tive imensa colaboração dos membros do Grupo de Estudos Literatura e Imprensa no Brasil, do qual tenho um carinho especial pelas conversas que tive com Salomão e Giovana, entre outros colegas. Também insisto na colaboração de mulheres da minha linha de pesquisa nessas importantes trocas, Thamiris e Bianca. Cada uma dessas pessoas teve papel importante de aguentar a ladainha de uma pesquisadora empolgada e ao mesmo tempo pessimista.

Devo especial gratidão a professores que fizeram parte desse processo, seja participando de bancas, seja pela abertura e colaboração em conversas durante aulas de disciplinas obrigatórias e optativas e eventos acadêmicos: Ana Flávia, Sérgio Paulo, Gilberto, além de professores de outras instituições como Lericé, Robério e Lúcia. Nesse processo frustrante e feliz, sempre que encontrava algo novo, seja alguma matéria de jornal, seja alguma nova pergunta que poderia ser inútil ou não, contava para os mais próximos. Dito isso, agradeço aos ouvidos da minha mãe, Regina, do meu namorado, Milton, e do meu irmão, Murilo (esse em especial me fez perguntas difíceis), bem como os das minhas amigas Luiza Anselmo e Luiza Moreira. Todas essas pessoas tiveram que tolerar ditos acadêmicos cansativos e prolixos. Também agradeço meu pai que, mesmo sendo a pessoa mais objetiva e prática que conheço, cedeu seus cansados ouvidos enquanto me dava uma carona para o Encontro Regional de História de Belo Horizonte. Por último agradeço ao leitor futuro deste trabalho pelo interesse em ler desde os agradecimentos e espero que se sinta contemplado(a) de alguma forma, seja para criticar este texto, seja para inspirar-se nele.

RESUMO

Esta dissertação investiga as crianças e adolescentes nas obras *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933) e *O moleque Ricardo* (1935), de José Lins do Rego, bem como *Jubiabá* (1935) e *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado. A infância e a adolescência foram mobilizadas por esses romancistas em um contexto em que um grupo considerável de escritores expressava publicamente ser necessário escrever sobre o povo brasileiro, contrapondo visões homogêneas sobre a criança e o adolescente, em voga na década de 1930. Considerando as particularidades de cada autor, bem como o contexto de escrita dos romances, a pesquisa analisa as experiências compartilhadas entre personagens infantis, cruzando o que foi encontrado nesses romances com o que aparecia sobre a vida de menores na imprensa comercial, em especial no periódico carioca *O Jornal*. Dessa maneira, buscou-se compreender as formas de resistência desses meninos e meninas às situações em que sua liberdade era ameaçada. Para isso, a chave de análise desta pesquisa foi mapear como aspectos relacionados a classe, gênero e cor interferiram nos dilemas vividos por esses menores.

Palavras-chave: literatura; imprensa; infância; Jorge Amado; José Lins do Rego

ABSTRACT:

This dissertation investigates children and adolescents in the works *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933) and *O moleque Ricardo* (1935), by José Lins do Rego, as well as *Jubiabá* (1935) and *Capitães da Areia* (1937), by Jorge Amado. Childhood and adolescence were mobilized by these novelists in a context in which a considerable group of writers publicly expressed the need to write about the Brazilian people, contrasting homogeneous views on children and adolescents, in vogue in the 1930s. Considering the particularities of each author, as well as the context in which the novels were written, the research analyzes the experiences shared between child characters, crossing what was found in these novels with what appeared about the lives of minors in the commercial press, especially in the Rio de Janeiro newspaper *O Jornal*. In this way, we sought to understand the forms of resistance of these boys and girls to situations in which their freedom was threatened. To this end, the key analysis of this research was to map how aspects related to class, gender and color interfered in the dilemmas experienced by these minors.

Keywords: literature; press; childhood; Jorge Amado; José Lins do Rego

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Fotografias do noticiário “A prisão de “Moleque 31” e outros salteadores do celebrado bando que operava nos subúrbios da Central do Brasil”	26
Figura 2: “Gibi é muito intrometido”	28
Figura 3: “Uma porção de Lamparinas”	34
Gráfico 1: Referente aos 134 casos menções à palavra “menor” nos primeiros três meses do ano de 1932 de <i>O Jornal</i>	31
Gráfico 2: tipos de crimes entre os 53 praticados contra menores.....	32
Gráfico 3: tipos de crimes entre os 47 contra a honra de menores do sexo feminino.....	32

LISTA DE TABELAS:

Tabela 1: Menções ao termo “moleques” (plural) entre 1932 e 1937.....	25
Tabela 2: Menções ao termo “moleque” (singular) no ano de 1932	25
Tabela 3: Termo “menino” e “menina” nas colunas policiais de <i>O Jornal</i> , no ano de 1932.....	30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I - De “meninos” a “moleques”: O vocabulário sobre os menores na imprensa e na literatura da década de 1930.....	10
I.1 – O vocabulário nas obras de José Lins do Rego.....	13
I.2 – O vocabulário nas obras de Jorge Amado.....	18
I.3 – Panorama do vocabulário sobre a infância em <i>O Jornal</i> e <i>O Tico-Tico</i>	20
I.3.1 – “Moleque”.....	24
I.3.2 – “Menino” e “menina”.....	29
I.3.3 – “Menor”.....	30
I.3.4 – A “negrinha” Lamparina de <i>O Tico Tico</i>	33
I.4 - Atravessando as fronteiras do vocabulário: ser menino-moleque nas formas de tratamento.....	35
CAPÍTULO II – Pequenos futuros trabalhadores: a luta pela liberdade nas personagens infantis de José Lins do Rego e Jorge Amado.....	52
II. 1 – A meninice e a molecagem como expressão de liberdade.....	52
II. 2 – A relação entre trabalho, pós-abolição e infância.....	61
II. 3 – Lutam sem saber que lutam? A resistência dos pequenos trabalhadores.....	71
II. 4 – Entre destinos pré-determinados e destinos transformados: Possibilidades de futuros para as personagens infantis de José Lins do Rego e Jorge Amado.....	83
CAPÍTULO III: Meninas invisíveis e os “vícios” da meninice como etapa para futuros homens.....	92
III.1 – O mito da disponibilidade sexual: meninas e mulheres negras em José Lins do Rego e Jorge Amado.....	92
III.1.1 – Da iniciação sexual por mulheres negras a posse das “negrinhas”.....	93
III.1.2 – A hipersexualização de meninas e mulheres negras e a naturalização da objetificação no Brasil.....	99
III.2 – Relações homoafetivas na infância em <i>Doidinho</i> , <i>Jubiabá</i> e <i>Capitães da Areia</i>	106
III.2.1 – Os “vícios” da infância masculina como etapa da vida de meninos.....	111
III.3 – A libertinagem na infância como característica aceitável para meninos.....	116
III. 3.1 – Homens impulsivos e o destino selado de meninas.....	117
III.3.2 – As implicações sociais que envolveram preocupações com destinos de meninas no Brasil.....	121

III.4 – A relação entre erotismo e realismo na literatura a partir da recepção crítica.....	125
III.4.1 – A recepção de José Lins do Rego na imprensa.....	125
III.4.2 – A recepção de Jorge Amado na imprensa.....	131
III.4.3 – A relação entre erotismo e realismo na literatura de José Lins do Rego e Jorge Amado.....	135
Considerações Finais.....	137
Referências Bibliográficas.....	140

INTRODUÇÃO

O presente texto é fruto de uma pesquisa que analisa as personagens infantis dos romances *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933) e *O moleque Ricardo* (1935), de José Lins do Rego, bem como *Jubiabá* (1935) e *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado. Trata-se de obras que possuem convergências importantes de serem analisadas: 1. compartilharam a mesma fogueira na incineração de 19 de novembro de 1937, quando foram consideradas genericamente obras “propagandistas do credo vermelho” pelo Estado Novo; 2. São livros que investem em narrar trajetórias de personagens infantis; 3. Tanto José Lins do Rego, quanto Jorge Amado e outros escritores que publicaram no mesmo período eram abertamente compromissados em falar da realidade do povo brasileiro; 4. Ambos os autores estão envolvidos em discussões raciais. Tendo em vista esses pontos em comum, este trabalho buscou compreender escolhas envolvidas na construção de cada personagem infantil destes romances, considerando todos esses pontos aqui colocados. Entendendo que esses escritores estavam inseridos em um momento que era importante dizer sobre a formação do povo brasileiro e compreender como seria seu futuro, a infância e a adolescência, entendidas como momentos de formação, será o foco de análise desta pesquisa. Portanto, busca-se analisar, a partir dessas personagens em crescimento, a maneira que esses autores interpretaram e pensaram o povo brasileiro e as expectativas sobre o destino de cada um dos personagens.

No artigo “Da intenção em literatura”, publicado em 23 de setembro de 1937, Carlos Maul, em meio a severas críticas a Jorge Amado, relatava que o autor afirmou que *Capitães da Areia* “é a existência das crianças abandonadas nas ruas da capital, e que partem para os mais diversos destinos, crianças que serão amanhã os homens que possivelmente dirigirão os destinos da Bahia”¹. Essas crianças de quem Jorge Amado fala são meninos moradores de rua que aparecem no romance *Capitães da Areia*, que saem por aí furtando e pedindo esmolas para sobreviver. O que é possível afirmar é que, Jorge Amado, com sua obra *Capitães da Areia*, estava denunciando um problema social que impactaria o futuro, neste caso, o futuro de crianças que se tornariam os adultos que comporiam o povo brasileiro, portanto, um alerta para o problema da criança abandonada.

Se, por um lado, Jorge Amado falava da criança abandonada, por outro, José Lins do Rego, adentrando mais no psicológico do seu personagem principal, Carlos de Melo, fazia uma

¹ MAUL, Carlos. Da intenção em Literatura. **Correio da Manhã**. 23 de setembro de 1937, pp. 4

denúncia mais focada nas influências do meio na vida de um menino da elite rural. O autor deixava claro o que o ambiente do engenho poderia causar nessa criança, denunciando várias características prejudiciais de uma sociedade fundada em uma estrutura escravista. Independentemente da forma como esses dois autores tratam a infância, é inegável que ambos tiveram, ao menos, a intenção de expor características da sociedade brasileira, conforme suas leituras de mundo e as preocupações deles e de outros em falar sobre a realidade do país.

A partir da comparação entre a maneira como personagens infantis aparecem nas obras desses dois autores, é possível mapear pontos em comum. Tais compartilhamentos dizem respeito a origem dos autores e ao contexto em que eles estavam escrevendo. Um dos pontos que convergem entre eles é também o retorno às causas de cada traço e destino das suas personagens. Entendendo o compromisso desses escritores em falar sobre o povo brasileiro, é possível perceber que a infância é um recurso narrativo para explicar quais eram os ingredientes que determinavam essas personagens infantis. A construção delas pode ser vista como a interpretação que eles fizeram sobre como o homem brasileiro é formado, sempre evidenciando o ambiente em que cresce e com quem convive, ambiente em que, acima de tudo, questões sobre trabalho e não-trabalho acabam tendo um peso, sobretudo na vida de meninos pobres.

Nesse sentido, é usado o termo “pequenos futuros trabalhadores” no título do trabalho, pois é possível perceber, na construção de cada uma das personagens infantis, transformações importantes, em que eles crescem e passam por mudanças para que depois se tornem estivadores, padeiros, jornalheiros ou, mesmo não exercendo profissões formais, devem lidar cada vez mais com as consequências e punições da sociedade ao não serem considerados cidadãos produtivos. Há marcos em comum na vida de meninos, especialmente destes, não de meninas. Essas características partilhadas nos revelam lógicas masculinas na interpretação que esses autores estavam fazendo sobre a própria realidade brasileira, ao protagonizar personagens que passavam por trajetórias que só tinham sentido legítimo nos seus enredos se vivido por homens.

Voltando ao artigo de Carlos Maul, ele foi um dos jornalistas que criticou duramente Jorge Amado e José Lins do Rego a respeito da intenção desses autores em falar sobre o povo. Tal crítica tinha grande viés político de reprovar livros que faziam alusão ao comunismo. Todavia, isso pode nos enganar sobre as intenções de Jorge Amado e José Lins do Rego, assim como também o faz a própria justificativa da incineração no título da matéria sobre a queima desses livros dos autores: “Incinerados na Baía vários livros considerados propagandistas do

credo vermelho: Os livros de Jorge Amado e José Lins do Rêgo foram os mais atingidos”, publicada em 22 de dezembro de 1937, no jornal *O Combate*, do Maranhão:

Por determinação do interventor interino, a Comissão da busca e apreensões incinerou vários livros considerados propagandistas do credo comunista; Do ato foi lavrado o seguinte termo: <<Aos dezenove dias do mês de novembro do ano de mil novecentos e trinta e sete, em frente à Escola de Aprendizes Marinheiros, nesta cidade de Salvador e em presença dos senhores membros da comissão de buscas e apreensões de livros, nomeada por ofício número seis, da então Comissão Executora do Estado de Guerra, composta dos senhores capitão do Exército Luis Liguori Teixeira, segundo tenente intendente naval Helzio Auler e Carlos Leal de Sá Pereira, da Polícia do Estado, foram incinerados por determinação verbal do sr. coronel Antonio Fernandes Dantas, comandante da Sexta Região Militar, os livros apreendidos e julgados como simpatizantes do credo comunista, a saber: oitocentos e oito exemplares de *Capitães de Areia*, duzentos e vinte e três exemplares de *Mar Morto*, oitenta e nove exemplares de *Cacau*, noventa e três exemplares de *Suor*, duzentos e sessenta e sete exemplares de *Jubiabá*, duzentos e quatorze exemplares de *País do Carnaval*, quinze exemplares de *Doidinho*, vinte e seis exemplares de *Pureza*, treze exemplares de *Banguê*, quatro exemplares de *Moleque Ricardo*, quatorze exemplares de *Menino de Engenho*, vinte e três exemplares de *Educação para a Democracia*, seis exemplares de *Ídolos Tombados*, dois exemplares de *Ideias*, *Homens e Fatos*, vinte e cinco exemplares de *Dr. Geraldo*, quatro exemplares do *Nacional Socialismo Germano*, um exemplar de *Miséria através da Polícia*. [...]”²

A notícia que aqui trago foi amplamente replicada em trabalhos acadêmicos para exemplificar a repressão do Estado Novo ao comunismo.³ Todavia, é importante ressaltar a necessidade de olhar com maior atenção que tipo de impacto que escritores como Jorge Amado e José Lins do Rego realmente intentaram com suas obras, adentrando na construção de suas personagens. Portanto, convido o leitor a conhecer, primeiramente, ambos os autores. Apesar de terem muitos pontos em comum e suas obras terem compartilhado a mesma fogueira, eles também possuem pontos de divergência. Iniciando por Jorge Amado, foi um escritor brasileiro nascido em 10 de agosto de 1912, em Itabuna, na Bahia, na fazenda Auricídia, no distrito Ferradas. Era filho do coronel João Amado de Faria e de Eulália Leal.⁴

Começou sua carreira literária em 1931, mas antes já havia se envolvido no jornalismo, exercendo diversas funções desde repórter até redator de matérias, artigos, crônicas da imprensa

² Incinerados na Baía vários livros considerados propagandistas do credo vermelho. *O Combate*, Maranhão, 22 de dezembro de 1937.

³ Entre esses trabalhos, cito *Livros Proibidos, Idéias Malditas*, de Maria Luiza Tucci Carneiro, bem como estudos mais recentes como “Capitães da Areia de Jorge Amado e o “discurso herético” de Pierre Bourdieu” de Ione Ribeiro Valle, “Jorge Amado, a infância e a máquina literária: do trapiche ao cais, entre o estigma e a revolução (Salvador, 1937)” de José dos Santos Costa Júnior,” “Capitães de quê? Os meninos de Jorge Amado na literatura e no cinema” de Fernanda Verdasca Botton, “Política, Ideologia e Direitos Humanos em Capitães da Areia: uma abordagem semiótica” de Leandro Lima Ribeiro entre outros. Cabe destacar que as citações da notícia, em sua maioria, são para falar do caráter militante das obras de Jorge Amado, não de José Lins do Rego.

⁴ AGUIAR, Joselia. **Jorge Amado: uma biografia**. São Paulo: Todavia, 2018, pp. 10

brasileira.⁵ Em 1930, Jorge Amado foi para o Rio de Janeiro, onde completou seus estudos na Faculdade de Direito, conhecendo Gilberto Freyre e Rachel de Queiroz, entre outras pessoas importantes do cenário literário, intelectual e jornalístico.⁶ Seu alinhamento ideológico com a esquerda é explícito não apenas pelo fato de ter feito parte do PCB, mas por expressar em seus textos uma forte ligação com a tendência de aderir o modelo do romance proletário.⁷ O escritor era abertamente comprometido em escrever sobre o tema da injustiça social brasileira, sendo a liberdade a chave dos seus romances, denunciando a pobreza, o conservadorismo, a opressão econômica, entre outros temas.⁸

José Lins do Rego, assim como Jorge Amado, veio da aristocracia rural. Nascido em 3 de junho de 1901, no município do Pilar, na Paraíba, no engenho do Corredor. Filho de João do Rego Cavalcanti e de Amália do Rego Cavalcanti, ficou órfão de mãe já no ano de seu nascimento, sendo entregue aos cuidados da sua tia e do seu avô. Em Itabaiana começou sua vida escolar e mudou-se para o Recife, formando-se na Faculdade de Direito em 1923, mesmo ano em que conheceu Gilberto Freyre⁹ e a partir de 1924 também conhece outros escritores como Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e Jorge Amado. Também já trabalhava em jornais antes de estreitar seu primeiro livro, publicando críticas literárias.¹⁰

Preocupado também com a denúncia da realidade social brasileira, José Lins do Rego escrevia com forte marca da oralidade, assim como Amado. Rego tem como marca o romance

⁵ Atuava em jornais como meio de sobrevivência entre fins de 1920 até o começo da década de 1950. Segundo Josélia Aguiar, Jorge Amado trabalhava como funcionário fixo de redação, ou esporadicamente, circulando entre periódicos, cargos e cidades. Inicialmente, estava engajado com a causa comunista, portanto, a imprensa funciona para ele, sobretudo, como tribuna. Trabalhou nas páginas policiais do *Diário da Bahia*, colaborou em jornais como *O Imparcial*, *O Jornal*, *Diário de Notícias* e *A Manhã* e escreveu crônicas e folhetins. Também contribuiu em periódicos literários como *Boletim de Ariel* e *Dom Casmurro*, neste último Jorge Amado tornou-se redator-chefe. (Ver: “O jornalista Jorge Amado: a imprensa como tribuna política, fonte de criação e divertimento literário” de Josélia Aguiar, no livro *Imprensa, história e literatura: o jornalista-escritor*.)

⁶ NISKIER, Arnaldo. Jorge Amado e a Literatura Brasileira. In: DOS SANTOS, Flávio Gonçalves; RODRIGUES, Inara de Oliveira; Brichta, Laila. (Orgs). **Colóquio Internacional 100 anos de Jorge Amado: história, literatura e cultura**. Org(s): Ilhéus, BA: Editus, 2013, pp. 19

⁷ Segundo Laila Brichta, “Após ingressar na juventude comunista, seu alinhamento ideológico com a esquerda tornou-se cada vez mais explícito, anunciado em *Cacau*, romance que o autor pretendia que fosse proletário, como indicado na interlocução de sua apresentação 'será um romance proletário?'” (Brichta, 2013, pp. 25)

⁸ BRICHTA, Laila. Essa vida preciosa: presença da obra de Jorge Amado entre Brasil, Portugal e Angola. In: In: DOS SANTOS, Flávio Gonçalves; RODRIGUES, Inara de Oliveira; Brichta, Laila. (Orgs). **Colóquio Internacional 100 anos de Jorge Amado: história, literatura e cultura**. Org(s): Ilhéus, BA: Editus, 2013, pp. 246 e 255.

⁹ FILHO, Hildeberto Barbosa. José Lins do Rego: técnica narrativa de Fogo Morto. In: **Ciclo centenário de José Lins do Rego**, 2001, Rio de Janeiro. Conferência proferida na Academia Brasileira de Letras em 2 maio 2001. Disponível em: <https://www.academia.org.br/abl/media/imortalidade15.pdf>, pp. 51 e 52

¹⁰ PINTO, César Braga. Ordem e tradição: a conversão regionalista de José Lins do Rego. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, Brasil, n. 52, p. 13–42, 2011. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i52p13-42. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/34667>. Acesso em: 20 jan. 2025, p. 16 e 17

da decadência¹¹ e da agonia rural, focando em escrever sobre a transição econômica, mostrando uma sociedade rural em declínio.¹² É importante ressaltar que, em especial, José Lins do Rego, estava fortemente vinculado ao regionalismo e a Gilberto Freyre, sendo que uma das questões centrais para Lins estava em produzir uma literatura fruto da sensibilidade e que fosse legítima por ser vivida, em postura similar ao sociólogo.¹³

Esses dois escritores, e mais outros que poderiam aparecer neste trabalho, porém, limitaremos a análise a Amado e Lins¹⁴, investiram em explorar personagens infantis, inspirados em suas próprias infâncias e na observação da realidade, interpretando e recriando memórias para colocarem no papel sua leitura sobre o povo brasileiro. Compreendendo quem são esses dois, é preciso entender os enredos de cada romance, que sintetizarei em ordem de publicação. A começar por José Lins do Rego, que publicou seu primeiro romance, *Menino de Engenho*, em 1932, que é narrado em primeira pessoa pela versão adulta do personagem Carlos de Melo. O autor, inspirado em memórias da sua própria infância, que se passam nos primeiros anos do século XX, na Primeira República¹⁵, conta a história de Carlinhos, um menino que com apenas quatro anos de idade é tirado de casa, pois o pai havia matado a mãe da criança. O pai é detido e ele passa a ser criado pelo avô, José Paulino, no engenho de açúcar Santa Rosa, no município do Pilar, localizado na Paraíba. Sua trajetória é marcada pelo contato com as brincadeiras com meninos negros filhos de trabalhadores do engenho, pela convivência com seus parentes da casa grande e pelas experimentações que vive na sua infância, inclusive pelo contato sexual com mulheres negras do engenho, tendo como evento canônico ter contraído sífilis, aos doze anos, de uma mulher negra. Esse acontecimento culmina na sua ida para o internato em Itabaiana, então José Lins publica a continuação da história, que agora se passaria no internato, no romance *Doidinho* (1933).

¹¹ A respeito da decadência rural, Mariana Chaguri explica que “É a partir da expressão da vida vivida que os regionalistas retomam o passado de prosperidade do Nordeste, bem como apontam, à luz desse mesmo passado, o drama atual de uma região reduzida à sombra de sua história, assistindo àquilo que consideram ser a inversão de seus valores sociais e que transformou netos de senhores de engenho em “pífios funcionários públicos”, descaracterizando os engenhos que, agora, “*profiteurs* venturosos administram de longe, por trás de firmas comerciais”” (Chaguri, 2009, p. 43)

¹² IVO, Lêdo. A história literária de José Lins do Rego. In: **Cielo centenário de José Lins do Rego**, 2001, Rio de Janeiro. Palestra proferida na Academia Brasileira de Letras em 17 abr. 2001. Disponível em: <https://www.academia.org.br/abl/media/imortalidade15.pdf>, pp. 29

¹³ CHAGURI, Mariana. **O Romancista e o Engenho: José Lins do Rego e o regionalismo nordestino dos anos 1920 e 1930**, São Paulo: Anpocs / Hucitec, 2009, pp. 51

¹⁴ Humberto de Campos, Rachel de Queiroz, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, entre outros, também exploraram o enredo da infância na sua literatura.

¹⁵ Em entrevista para Clóvis de Gusmão, em 1991, José Lins do Rego dizia ““O engenho Corredor foi a minha primeira fonte literária. Lembrando-me dele fui escritor, contando a sua história escrevi os meus romances, fiz viver criaturas” (Gusmão, 1991).

Em *Doidinho* Carlos de Melo (não mais é chamado de Carlinhos), com doze anos de idade passa a viver uma vida completamente diferente, as liberdades que tinha no engenho é contrastada com as regras rígidas de disciplinas impostas pelo diretor do internato, Seu Maciel. Lá o menino passa por dificuldades de aprendizagem e conhece mais outros meninos, seus colegas, cada um com suas diferentes características. A história acaba contando não só sobre Carlos, mas sobre essas outras crianças do internato. O menino passa por situações sufocantes devido às obrigações novas, sendo um livro que descreve frustrações e preocupações do personagem que tinha que lidar com suas angústias e o sentimento de aprisionamento, além de não ser visto como menino normal, sendo apelidado de “Doidinho” pelos colegas. Tanto em *Menino de Engenho* como em *Doidinho*, José Lins do Rego descreve situações sexuais que o menino passa, considerando esses momentos como fruto de “vícios”.

No corpus de romances de Rego, a pesquisa também inclui *O Moleque Ricardo* (1935), por tratar justamente de um dos meninos negros que brincavam com Carlinhos no engenho de do Santa Rosa. Diferente de Carlos, Ricardo trabalhou desde cedo, sendo que com 16 anos de idade sentiu a necessidade de procurar uma vida melhor e fugir para o Recife, em busca de trabalho. Começou fazendo atividades domésticas para uma casa, depois passou a trabalhar numa padaria. O livro, apesar de não focar na infância de Ricardo em si, trás algumas memórias do personagem enquanto criança que viveu no mesmo engenho que Carlinhos, entretanto, como menino negro que trabalhava para o avô de Carlos. Apesar de não adentrar na infância de Ricardo de fato, o livro possui um enredo que nos permite entender diversas questões raciais e explora a convivência de Ricardo com os colegas de trabalho e o sindicato dos trabalhadores.

Quanto aos romances de Jorge Amado, temos *Jubiabá* (1935) e *Capitães da Areia* (1937). Diferentemente das histórias de José Lins do Rego, são romances independentes, mesmo que tenham relações entre si. *Jubiabá* conta a história de Antônio Balduino, menino negro, órfão, criado pela sua tia Luiza, no Morro do Capa Negro, em Salvador (Bahia). Sua infância aparece no começo do romance, no início vive no morro com sua tia Luíza, depois ela é internada sob justificativa de ter enlouquecido. Em consequência de não ter ninguém para cria-lo, o levam para morar como criado de um comendador, mesmo tratando-se de um período em que a escravidão havia terminado. Quando suspeitam injustamente da inocência do menino Balduino, foge da casa do comendador e vive como mendigo com outros garotos, chegando também a ser preso como malandro e desordeiro.

O outro romance de Jorge Amado trabalhado intitula-se *Capitães da Areia* (1937). Olhando para seu romance anterior, *Jubiabá*, percebe-se que em 1937 o que publica é inspirado

na própria infância de Antônio Balduino, apesar de tratar-se de outros personagens. Esse romance se destaca por trazer a vida de meninos que moravam em um trapiche abandonado, eles eram conhecidos por serem os “Capitães da Areia”. Jorge Amado fornece ao leitor uma história que explora de maneira mais ampla e alongada o período da infância e adolescência. Furtavam, pediam esmolas, fumavam, bebiam e possuíam vida sexual ativa. Entretanto, tratavam-se de crianças e adolescentes de todas as idades e cores que sobreviviam de roubos, tendo como líder Pedro Bala. A maioria era de órfãos e sobrevivia pela divisão do lucro das atividades criminosas e das esmolas. Nesse romance, Jorge Amado conta a história desses meninos e da única menina que faz parte do grupo (Dora), mostrando a trajetória deles até tornarem-se adultos, com diferentes destinos.

É importante ressaltar ao leitor que o foco deste trabalho é, acima de tudo, entender pontos em comum entre as obras desses dois autores no que diz respeito forma como eles trataram do período da infância. Portanto, não se trata de uma análise verticalizada dos romances, dessa forma, a escrita de cada capítulo se realiza jogando luz sobre temáticas em comum nesses romances, optando-se por um modelo de escrita em que foi necessário intercalar trechos das obras de forma comparativa. Esse modelo de narrativa tem suas limitações didáticas, visto que se tratam de vários romances e personagens, cada um com a sua particularidade, o que pode confundir o leitor. Entretanto, o enfoque do problema de pesquisa que aqui se coloca são as escolhas partilhadas (as vezes não tão escolhidas) entre os autores, seja por meio do vocabulário utilizado para tratar as suas personagens, pela maneira como os escritores progridem mudanças nas suas personagens infantis, ou pelas caracterizações em comum atravessadas por questões de classe, raça, gênero. Portanto, a partir da narração comparativa, pretende-se mostrar como, no que se diz respeito a construção de personagens infantis, Jorge Amado e José Lins do Rego dialogavam por diversas razões que serão explanadas neste trabalho, não sendo possível separar esses fatores que dizem respeito a um contexto maior.

O primeiro passo da pesquisa foi a tentativa de compreender quem Jorge Amado e José Lins do Rego estavam chamando de “crianças”, “moleques”, “molecas”, “meninos”, “meninas”, “pretinhos”, “pretinhas”, termos que estavam longe de serem limitados pela idade das suas personagens. Nesse sentido, o primeiro capítulo apresenta quem são esses sujeitos (tanto as personagens, quanto a pessoas que viveram aquele contexto) e os critérios que os autores utilizaram para escolher o termo do qual seriam referenciadas. A partir do cruzamento entre a investigação do vocabulário na imprensa e o que foi encontrado nos livros, o movimento realizado acaba por compreender as múltiplas formas de existência desses menores, que

podemos rastrear pelo vocabulário, e, ao mesmo tempo, reconstruir o que está além das definições de formas de existir como criança no Brasil.

O segundo capítulo tratou, justamente, de uma problemática que apareceu ao longo da pesquisa com o vocabulário: a questão da liberdade. Tendo o primeiro capítulo já demonstrado que as relações sociais entre menores e outros sujeitos influenciou no uso do vocabulário para referir a crianças e adolescentes, o segundo capítulo adentrou em algo que é expresso na relação entre esses menores e outros sujeitos: o anseio pela liberdade, que resulta de momentos, nesses romances e na própria realidade, de relações desiguais entre crianças e adultos, entre diferentes classes, entre brancos e negros, homens e mulheres. Entretanto, o que o segundo capítulo busca demonstrar é: o que tornou possível esses autores tentarem denunciar a realidade por meio da literatura, em especial a realidade de menores que estavam longe de cumprir as expectativas da imagem do futuro trabalhador, foi, justamente, a relação profunda entre a infância brasileira e o trabalho.

No terceiro capítulo, foram articuladas a maneira como Jorge Amado e José Lins do Rego refletiram sobre a vida sexual de meninos, tanto do menino que morava no engenho na obra de Rego e dos garotos que estavam no internato, quanto dos meninos que moravam nas ruas da Bahia nos romances de Amado. Partindo da vida sexual desses personagens foi possível identificar a hipersexualização e objetificação de meninas e mulheres negras. Não apenas isso, mas entendendo os escritores como homens nascidos no meio sociedade rural que valorizava a virilidade, percebemos como experiências femininas são ocultadas nas obras, limitando também a possibilidade dessas mulheres serem vistas por esses escritores como protagonistas, o que diz respeito a maneira como eles estavam pensando a liberdade e as características do povo brasileiro.

Este trabalho, apesar de considerar a vida dos romancistas e como dialogam com demandas intelectuais e literárias em voga no período em que escreveram, tem como defesa a necessidade de mergulhar no cotidiano das personagens infantis construídas, bem como na das crianças que aparecem no noticiário. A partir do aprofundamento em dilemas reais vividos por menores, é possível entender as nuances entre o que foi observado da realidade pelos autores, o que foi moldado por intenções prévias e o que aparece sem a intenção deles próprios, interferindo nas características das personagens. Portanto, trata-se de um estudo que considera

que, rastreando a relação entre o real e o fictício na literatura¹⁶, é possível conhecer as brechas de histórias de sujeitos que tiveram suas vidas ocultadas da história.

¹⁶ A esse respeito, este trabalho considera contribuições como a discussão de Peter Gay sobre o romance realista, ao afirmar que ele corta o mundo em pedaços e monta-o de novo de formas distintas (Gay, 2010, p. 14). Também destaco Antonio Candido, em sua afirmação de que a arte, o que inclui a literatura, depende da ação de fatores do meio e, ao mesmo tempo, produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando sua consulta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais (Candido, 2006, p. 29). Destaco ainda Sidney Chalhoub, que contribui em *A História Contada* na percepção de que a literatura é testemunho histórico e que a obra literária está situada no processo histórico, apresentando propriedades específicas, portanto, ela deve ser adequadamente interrogada (Chalhoub, 1998, p. 7)

CAPÍTULO I - De “meninos” a “moleques”: O vocabulário sobre os menores na imprensa e na literatura da década de 1930

Este capítulo objetiva entender os sentidos do vocabulário utilizado para referir-se a personagens infantis nas obras *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *O Moleque Ricardo* (1935), de José Lins do Rego, e *Jubiabá* (1935) e *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado, com a intenção de reconstruir a história de sujeitos que tiveram suas vozes silenciadas por muito tempo pela historiografia: as crianças e adolescentes. A história da infância e da juventude no Brasil da década de 1930 foi marcada pela tentativa de controlar e moldar esses sujeitos. Levando isso em consideração, o capítulo demonstra um caminho possível, a partir do rastreamento do vocabulário utilizado na literatura e na imprensa, para enxergar a vida desses menores, tendo em vista as brechas que os autores deixaram sobre a forma como eles resistiram às políticas disciplinadoras da infância e às próprias definições e categorizações sobre eles.

José Lins do Rego e Jorge Amado, adultos escrevendo sobre crianças e adolescentes, direcionam os destinos e as ambições das personagens a favor da denúncia social que ambos realizam sobre problemáticas do período como desigualdade de classe, prostituição, violência urbana e infância abandonada. Entretanto, o capítulo busca - antes de adentrar uma discussão sobre a influência das intenções dos autores nas construções das suas personagens - visualizar como comportamentos de crianças e adolescentes, dos quais temos acesso a partir da maneira como são abordados na imprensa, tornaram possível a construção de personagens que estavam longe de serem apenas moldes que se tornariam futuros trabalhadores e pais de família. Ou seja, o capítulo tem como pretensão fornecer para o leitor a visualização do que tornou possível que esses escritores imaginassem suas personagens infantis, o que implica na relação entre literatura e contexto histórico.

Para além de pensar o enredo da vida de cada um dos personagens infantis nessas obras, talvez o primeiro marco que um leitor encontra sobre as personagens de um livro, para além dos nomes deles, é a palavra que o autor escolhe para se referir àquele personagem quando não está chamando-o pelo nome. Tal escolha pode ocorrer de forma imperceptível por quem escreve, mas ela é carregada de percepções e costumes presentes no vocabulário utilizado no contexto histórico em que o autor vive. O vocabulário para descrever sujeitos infantis, nas obras aqui analisadas, engloba as palavras “criança”, “menino”, “menina”, “moleque”, “moleca”, “negrinho”, “negrinha”, “pretinho” e “pretinha”, sendo por meio delas que os autores apresentam, caracterizam e diferenciam suas personagens. Tais palavras, não apenas diferencia e categoriza “tipos” de menores, elas também possibilitam uma análise do cotidiano partilhado

entre crianças e adolescentes na sociedade brasileira, apontando para a multiplicidade de experiências de infância, das quais os autores estiveram atentos, expressas em comportamentos de crianças e adolescentes reais, sem a existência destes, não seria possível a construção de personagens infantis.

Se estamos tratando de crianças e adolescentes, é preciso entender como o período da menoridade era entendido na década de publicação dos romances. Primeiramente, é importante considerar a infância como um constructo social, perspectiva presente nos estudos de Philippe Ariès, historiador exaustivamente citado nos estudos sobre o tema. Entre características historicamente construídas está justamente a associação da infância com o sentido de inocência, que, segundo Ariès, resultou numa dupla atitude moral sobre a infância: preservá-la da sujeira da vida e fortalecê-la.¹⁷ Na década de 1930, há um aumento de políticas estatais voltadas para a infância brasileira, entretanto esse processo foi marcado por uma percepção dual, no qual a criança era considerada, ao mesmo tempo, moldável e dotada de vícios que deveriam ser corrigidos para constituir-se em sujeito produtivo da nação¹⁸.

A tentativa de tornar a criança brasileira em produtiva para a nação estava aliada à legitimação apenas da criança que obedecia a características associadas a estereótipos que remetem à pureza e inocência, sendo que aquelas que estavam fora desse padrão deveriam ser moldadas. Muitos estudos da área da História têm mostrado como a literatura brasileira testemunhou uma história da infância no país marcada por políticas de controle e disciplinarização dos menores, evidenciando pensamentos jurídicos, médicos, pedagógicos, entre outras temáticas que mostram vários aspectos do olhar adulto sobre o menor. Tais pesquisas, que serão citadas ao longo da dissertação, nos ajudam a desnaturalizar concepções sobre o comportamento e a vida de crianças e adolescentes brasileiros.

Percebendo isso, voltemos ao vocabulário utilizado pelos autores, são justamente as crianças e adolescentes fora do padrão desejado a maioria das personagens de Lins do Rego e Jorge Amado, sendo persistente a diferenciação entre a criança idealizada e a criança real nas obras elencadas. De maneira geral, comparando o vocabulário dos dois autores, nos primeiros livros de José Lins do Rego, há uma divisão clara entre “moleques” (menores negros) e “meninos” (menores brancos). A partir da diferenciação no vocabulário, o autor nos faz abrir os olhos para um ponto importante nos estudos sobre a história de menores no Brasil, tratam-se

¹⁷ ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981, pp. 125

¹⁸ RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil: 1890-1930**. Rio De Janeiro: Paz e Terra, 1985, pp. 122

dos recortes de classe, raça e gênero.¹⁹ Em Jorge Amado, tal diferenciação a partir da palavra “moleque” é menor, entretanto, o vocabulário também ganha destaque, mas com ênfase na palavra “criança”, em especial em *Capitães da Areia*, mostrando as tensões que as personagens encontram com as tentativas de definição do que era ser criança ou não.

Essas variações podem ficar mais claras quando acessamos um dicionário. Tratando-se da compreensão de significados das palavras selecionadas, é importante saber definições oficiais desses termos. É preciso considerar que, no século XX, transformações históricas afetaram a formulação dos dicionários e sua relação com a sociedade e a língua nacional, isso incluiu a atenção dispensada à diversidade social.²⁰ Ademais, segundo José Horta Nunes, é necessário considerar que a língua construída pelo dicionário não é a língua efetivamente praticada pelos sujeitos²¹, todavia, afirma que “Ao selecionar as palavras e os modos de dizer de uma sociedade, o dicionário é um dos materiais mais pertinentes para se conhecer as significações que circularam em uma determinada época.”²²

Quando pesquisamos esses termos em um dicionário da primeira década do século XX, percebemos demarcações claras. Consultando o *Novo Dicionário de Língua Portuguesa* de Candido de Figueiredo, de 1913, é possível ter acesso às palavras elencadas, em que “menino” seria: “Criança do sexo masculino. *Ext.* Tratamento affectuoso entre parentes ou amigos, ainda que adultos. *Irón.* Indivíduo finório, espertalhão.”²³ Chamo atenção para a referência ao tratamento afetuosos entre parentes ou amigos, ainda que adultos, algo encontrado nas obras elencadas, extrapolando a dicotomia entre “menino” e “moleque”, conforme a cor do indivíduo, sendo que o mesmo ocorre com “menina”, como exemplificado.

Além disso, a conceituação de menino como “finório”, que no mesmo dicionário significa “indivíduo sagaz, manhoso”, também sinaliza uma complexificação no uso popular do termo, pois a característica de “espertalhão”, também caracteriza o “moleque”, este, segundo o dicionário, seria: “Rapaz preto. Criado preto, de pouca idade. (Quimbundo moleque).”²⁴ O

¹⁹ Quanto a diferenciação por meio do vocabulário, é importante ressaltar a proposta de Gabriela dos Reis Sampaio, Ivana Stolze Lima e Marcelo Balaban, em observar como “[...] o racismo assumiu múltiplos sentidos, diferentes marcas da cor, inscritas em diferentes realidades e aspectos – na língua, na noção de mulatice, nos desenhos, no samba, na ideia de bastardia, nos debates intelectuais e mesmo em tantos silêncios sobre a cor –, produziram distinções sociais, e quais foram seus significados. (Ver na Introdução do livro *Marcadores da diferença: raça e racismo na história do Brasil*)

²⁰ LIMA, Ivana Stolze, CARMO, Laura do. **História social da língua nacional**; Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, pp. 359

²¹ Ibidem, pp. 359

²² Ibidem, pp. 360

²³ DE FIGUEIREDO, Candido. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1913, pp. 142

²⁴ Ibidem, pp. 175

verbo “molecar” é descrito como “Proceder ou divertir-se como moleque”²⁵, e “molecagem” seria o “ato próprio de moleque, acto mau.”²⁶. Não ao acaso, o tratamento como “moleque” soa ofensivo, tal como se sentiu uma mãe de um garoto do internato do livro *Doidinho*, quando o diretor chama seu filho, Lycurgo, de “moleque” por desobedecer a regras:

— Sim, senhora. Pode mandar buscar a mala e o tamborete dele. Não quero moleques em meu colégio.

— Moleque, não senhor. O senhor trate melhor.

— Moleque. E a senhora não passa de uma mulher ordinária.²⁷

A respeito das outras palavras, tais como “pretinho” e “negrinho”, no sentido de forma de tratamento, apenas foi encontrado o significado de “pretinho” no dicionário, como “indivíduo negro, de pouca idade.”

Tratando-se da palavra “criança”, o dicionário de Candido de Figueiredo define: “Criança, f. Sêr humano, que se começa a cria. Menino ou menina. * *Prov.* dr. A cria de um animal. Iwí. Educação; criação. (De *criar*)”²⁸. Sobre o termo “menina”, trata-se de “Criança de sexo feminino. Mulher nova, delicada e de boa educação. Tratamento afectuoso que, em família, se dá às pessoas do sexo feminino, crianças e adultas [...]”²⁹. Chama atenção o fato de, diferentemente do vocábulo “menino”, que tem o adjetivo “finório”, “menina” já vem carregado com características como “delicada e de boa educação”. Essa característica é contrastada, nos enredos dos livros, com o comportamento de meninas negras. No dicionário, a única definição de “moleca” é “menina negra (Cp. moleque)”, que, sendo colocada no feminino da palavra moleque, transpõe também sentidos negativos ao termo.

I.1 – O vocabulário nas obras de José Lins do Rego

Após entendermos o âmbito mais formal de definições, o do dicionário, primeiramente, é preciso visualizar os padrões percebidos no uso do vocabulário de cada obra, e que é causa da construção deste primeiro capítulo, para compreendermos quem eram essas personagens infantis. Em *Menino de Engenho* e *Doidinho*, o protagonista é Carlos de Melo, sendo ele mesmo o próprio narrador, que conta suas memórias de infância, após sua mãe ter morrido ao ser assassinada pelo pai do menino, fazendo com que tenha que viver no engenho do Santa Rosa,

²⁵ DE FIGUEIREDO, Candido. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1913, pp. 175

²⁶ Ibidem, pp. 175

²⁷ REGO, José Lins do. **Doidinho**. São Paulo: Global Editora, 2020, pp. 50

²⁸ DE FIGUEIREDO, Candido. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1913, pp. 475

²⁹ Ibidem, pp. 142

propriedade de seu avô José Paulino, localizado no estado da Paraíba. Carlinhos refere-se a ele mesmo, nesse período da vida, como “menino”, bem como seus primos. Em nenhum momento, eles são chamados de “moleques”. O enredo de *Doidinho* é a continuação de *Menino de Engenho*, Carlos de Melo se despede do engenho do Santa Rosa e passa a frequentar, a partir dos seus doze anos, o internato de Itabaiana. Neste lugar, conhece outros chamados “meninos” que, assim como ele, sofreriam todo tipo de castigos sob a justificativa de estarem sendo disciplinados.

Nessas duas primeiras obras do autor, “meninos”, por vezes, não são somente as personagens de classe média e alta, também são chamadas assim as crianças que moravam em casa de palha e parede de barro nos arredores do engenho e a chamada “pobre gente do eito”. São igualmente denominados de “meninos” aqueles que estudavam na escola que Carlinhos frequentou antes dos 12 anos, que, na sua descrição como narrador, eram tudo “de gente pobre” e “muitos deles eram moradores do engenho”. Cabe destacar que o livro não nos informa exatamente a cor, em específico, desses personagens.

A obra *O Moleque Ricardo* (1935), diferentemente dos seus romances anteriores, é narrada em terceira pessoa e o próprio autor é o narrador onisciente. Apesar do título, não há exatamente a narração da infância do personagem Ricardo, mas da sua vida após os 16 anos, quando foge do engenho do Santa Rosa, local onde vivia com a mãe e trabalhava para o senhor de engenho José Paulino. Sua fuga é motivada pela busca de um trabalho e uma vida melhor na cidade de Recife. A obra se passa no mesmo universo ficcional de *Menino de Engenho* e *Doidinho*, sendo Ricardo um dos chamados “moleques” que brincavam com Carlinhos. É importante entender algumas variações na escolha do vocabulário nessa obra, se comparada às duas anteriores do autor, ainda mais se considerarmos que há um deslocamento: antes o foco era no menino branco, posteriormente, em *O Moleque Ricardo*, José Lins escolhe narrar a inserção de um jovem negro no mundo do trabalho urbano.

Ricardo é, do início ao fim, caracterizado como “moleque”, entretanto, José Lins do Rego utiliza a palavra “menino” para falar dos irmãos menores dele, que eram negros. Os filhos do masseiro da padaria em que Ricardo trabalhava, Florêncio, também negros, são chamados de “meninos” pelo narrador e pelos personagens, apesar de, em certo momento, serem referidos como “negrinhos” pelo narrador. Ricardo também é chamado de “menino”, porém, apenas pelo pai de terreiro Seu Lucas e sua mãe, Avelina, ambos personagens negros como ele. Portanto, nesse romance podemos visualizar que a dicotomia marcada em *Menino de Engenho* e *Doidinho*

entre o “menino” e o “moleque” aparece menos, ao situar-se em cenários de convivência entre trabalhadores, sendo a maioria deles negros.

Enfatizo o episódio de descrição da infância, conforme o cristianismo, quando um padre franciscano prega para os meninos do internato de *Doidinho*. Neste trecho, definições que tensionam meninos crescidos no vício de meninos inocentes são expostas, mostrando expectativas da moral religiosa sobre as crianças.

Ele se voltava para os setenta meninos do colégio. — Uma vez Jesus ia por um caminho, um bando de meninos alegres procurou o Mestre para falar com ele. Os apóstolos botaram para trás as crianças, com palavras ásperas. E Jesus lhes disse: "Deixai os meninos, deixai que eles venham a mim, porque deles é o reino dos céus". E depois deitou a mão pelas cabeças dos inocentes, e se foi dali. O frade botava os olhos azuis para nós todos, e só falava para o colégio. Jesus amava os meninos porque eles eram a virgindade da vida. Eram a inocência, a alegria feliz, a alma limpa de culpa e de pecados. Mas nem todos os meninos eram assim. Havia os de coração imundo, crescidos no vício como adultos, meninos que empestavam os outros, que fediam a distância.³⁰

Nas duas primeiras obras de José Lins do Rego, a palavra “criança” serve como metáfora ou outra figura de linguagem: “chorava como criança”, “sujava minha castidade de criança”, “afeição de criança”. Também é utilizado demarcando características de crianças: “já não tinham pra mim mais as condescências que se reservavam às crianças”, “é criança por acreditar”. Em *O Moleque Ricardo* isso se repete: “Eles confiavam como crianças nas promessas, nos agrados do chefe”, “chorou como uma criança”, porém em contextos para referir a episódios vividos por adultos.

Como já explicitado, a dicotomia entre “menino” e “moleque” é forte nessas obras de Rego, havendo também a diferenciação entre “criança” / “menino” e “moleque”. Isso aparece em *Doidinho*, em um contexto em que Carlos de Melo agarrou uma tampa de vidro de tintureiro e sacudiu no criado de Dr. Bidu, mas o objeto pegou na cabeça fazendo o sangue do menor descer: “— Não castigue os **meninos**, professor. Contou-me agora mesmo uma pessoa que vinha com o **moleque**, que o safado insultara as **crianças**. E' um favor que o sr. me faz: não os castigue.”³¹ (destaque nosso).

Sobre os personagens negros de José Lins do Rego, em *Menino de Engenho*, *Doidinho* e *O Moleque Ricardo*, os chamados “moleques” são meninos trabalhadores descendentes de escravizados, que continuam a trabalhar no engenho do Santa Rosa, mesmo após a abolição da escravidão. Nas palavras de Carlinhos: “Os moleques das minhas brincadeiras da tarde, todos

³⁰ REGO, José Lins do. *Doidinho*. São Paulo: Global Editora, 2020, pp. 266

³¹ Ibidem, pp. 37

ocupados, uns levando latas de leite, outros metidos com os pastoreadores no curral.”³² Pouco sabemos sobre a vida deles, sendo caracterizados como aqueles que brincavam com os meninos brancos, viviam em habitações apertadas e circulavam pelo engenho livremente e que tinham mais experiências que os netos do senhor de engenho:

Eles nos dirigiam, mandavam mesmo em todas as nossas brincadeiras, porque sabiam como nadar como peixes, andavam a cavalo de todo jeito, matavam pássaros de bodoque, tomavam banho a todas as horas e não pediam ordem para sair para onde quisessem. Tudo eles sabiam fazer melhor do que a gente.³³

Quanto aos outros termos utilizados nos romances, bem menos frequentes, para referir-se a crianças negras, predominam “pretinho”, “negrinho”, “pretinha”, “negrinha” e “moleca”. Em relação à palavra “negrinho”, ela é usada para referir-se aos irmãos mais novos de Ricardo, em *O Moleque Ricardo* e aos filhos do masseiro Florêncio, colega de trabalho de Ricardo. Nesse mesmo romance, o termo “negrinho” também é usado pelo pai de santo Seu Lucas para referir-se a homens adultos negros mais novos do que ele. Em sentido parecido, em *Menino de Engenho*, a palavra “pretinho” aparece para referir ao menor que trabalhava na função de colocar Carlinhos na garupa de um cavalo. Quando analisamos os termos no feminino, em *Menino de Engenho*, a única referida como “negrinha” de que sabemos a existência no enredo é aquela que a tia de Carlos de Melo, Sinhazinha, criava aos pés da cama e maltratava, não sendo dito mais nenhuma informação desta personagem. Já “moleca” refere-se a uma mulher negra que trabalhava no engenho do Santa Rosa, Luísa. Em *Doidinho* tais termos não aparecem, mas, mais uma vez, Lins do Rego faz alusão a uma figura presente no cenário brasileiro do pós-abolição: “O bom rico que botava na sua cama de casal a negrinha que lhe lavava os pés”³⁴.

Apesar de o autor não nos fornecer detalhes sobre essas meninas negras mencionadas na trama, é possível concluir que Lins do Rego refere-se às escravas que exerciam tarefas domésticas. Entretanto, a presença dessas menores permanece desde o período do império e no pós-abolição no Brasil. Portanto, é possível que o autor se refira a essas menores que trabalhavam em troca de salários, proteção e outros bens simbólicos.³⁵ José Lins do Rego, ao escrever sobre a intimidade existente entre estas meninas negras e o “bom rico”, remete ao cenário do trabalho doméstico, que estaria marcado por profundas hierarquias pautadas em classe e raça. Entretanto, segundo Olívia Maria Gomes da Cunha, essas aparentes incongruências se “[...] dissipam quando se focaliza o universo de prescrições orais que

³² REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. São Paulo: Global Editora, 2020, pp. 26

³³ Ibidem, pp. 70

³⁴ REGO, José Lins do. **Doidinho**. São Paulo: Global Editora, 2020, pp. 91

³⁵ CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Criadas para servir: domesticidade, intimidade e retribuição. In: CUNHA, Olívia Maria Gomes da, e Flávio dos Santos Gomes. **Quase-cidadão: Histórias E Antropologias Da Pós-emancipação No Brasil**. FGV, 2007, pp. 382

possibilitam converter o distante em próximo, o empregado em “alguém da família” e a “consideração” em retribuição, dever e obrigação”³⁶.

É justamente essa noção de intimidade entre trabalhadoras domésticas e seus patrões que oculta o aspecto violento da relação entre eles e meninas negras. Chamo atenção para o fato de José Lins do Rego não investir em dar detalhe sobre os abusos sofridos por essas meninas no enredo, entretanto, não economiza no seu posicionamento sobre a proximidade entre trabalhadoras domésticas negras e Carlos de Melo, na voz do narrador, que é o próprio Carlos. Este, narrando memórias de infância, afirma que a negra Luísa sujava sua “castidade de menino”, sendo esta menção uma das diversas vezes que José Lins escreve sobre como o contato de Carlos com as mulheres negras encaminhava-o para comportamentos considerados viciosos.

Em *O Moleque Ricardo*, a única personagem tratada como “negrinha” era Guiomar, enquanto as outras são chamadas de “molecas”. Isso pode sinalizar que o último termo possui conotações mais negativas nos enredos de Lins do Rego, pois ambas se relacionam com Ricardo de alguma forma, entretanto, Guiomar é tida como a personagem mais tímida e contida em comparação com as chamadas “molecas” Isaura e Odete. Depois que Guiomar falece, algumas comparações ficam evidentes no livro, como a que aparece quando Ricardo começa a se envolver com Isaura:

O moleque Ricardo andava amando outra vez. O amor de Guiomar rebentara, agora mais sujo, mais violento. O amor dele era mesmo da terra, vivo, de carne, amor melado de luxúria. Engraçara-se de uma mulata mais clara do que ele, a quem entregava pão de manhãzinha. Esta não fugia como Guiomar, não se encolhia arisca com medo de pegar na mão dele. A moleca gostava de homem que soubesse fazer as coisas: sair de noite para os lugares escuros por onde a luz do gás não descobrisse segredos.³⁷

A respeito dos termos que são mais utilizados para falar de crianças e adolescentes brancas do sexo feminino, destaca-se o termo “menina”. Em *Menino de Engenho*, é assim como as primas de Carlinhos, Lili e Maria Clara, são chamadas, menores brancas que apresentam características como delicadeza e pureza, como ocorre na seguinte interação de Carlinhos e Maria Clara: “Um dia ela me chamou para ver uma coisa: a canalha do curral estava em amor livre, num canto da cerca. Tirei a minha namorada dali. Aquilo era porcaria para os seus olhos limpinhos.”³⁸ Desfocando do convívio entre brancos e negros da casa grande, no enredo de José Lins, a mãe de Maria Pia a chama de “menina”, mesmo que esta seja descrita pelo narrador

³⁶ CUNHA, Olivia Maria Gomes da. Criadas para servir: domesticidade, intimidade e retribuição. In: CUNHA, Olivia Maria Gomes da, e Flávio dos Santos Gomes. **Quase-cidadão: Histórias E Antropologias Da Pós-emancipação No Brasil**. FGV, 2007, pp. 404

³⁷ REGO, José Lins do. **O Moleque Ricardo**. São Paulo: Global Editora, 2022, pp. 90

³⁸ REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. São Paulo: Global Editora, 2020, pp. 30

(Carlos de Melo) como “mulata”. Em *Doidinho*, há as “meninas” do internato, externas que assistiam aulas com Carlinhos, também não há muito detalhamento sobre quem eram essas meninas. Em *O Moleque Ricardo*, a sogra de Ricardo, mãe de Odete, uma mulher negra com quem se casa, refere-se a ela sempre como “menina”.

I.2 – O vocabulário nas obras de Jorge Amado

Quando entramos nas obras de Jorge Amado, percebemos que o meio social em que se passam as histórias influenciam para que divisões pelo vocabulário sejam menos evidenciadas. Em *Jubiabá* (1935), obra narrada em terceira pessoa por um narrador onisciente, a palavra “menino” é utilizada tanto para falar de crianças brancas, quanto para as negras. Trata-se de um termo com grande abrangência no uso. O protagonista da trama, Antônio Balduino, apelidado de Baldo, é um personagem negro, órfão, criado pela sua tia Luiza no Morro do Capa Negro, em Salvador (Bahia). Sua infância é dividida nos seguintes momentos: primeiramente vive no morro com sua tia, depois ela é internada sob justificativa de ter enlouquecido. Assim, o levam para morar como criado de um comendador, depois foge da casa do homem e vive como mendigo com outros garotos, predominantemente referidos pelo narrador como “moleques”, chegando também a ser preso como malandro e desordeiro.

Em *Capitães da Areia* (1937) tem-se o mesmo padrão de vocabulário que *Jubiabá*, não havendo a separação de termos conforme a cor e classe dos menores. Entretanto, destaco como Jorge Amado usa de dois adjetivos para descrever a multiplicidade de crianças do grupo dos Capitães da Areia: “**meninos, moleques** de todas as cores e de idades as mais variadas, desde os 9 aos 16 anos [...]”³⁹ (destaque nosso). O romance trata da vida desse grupo liderado por Pedro Bala, menino de 15 anos, branco e loiro, líder dessas crianças que sobreviviam de furtos e de esmolas e dormiam em um trapiche abandonado.

O vocábulo “criança”, em *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, é esclarecido na fala do personagem padre José Pedro: “Porque o que faz a criança é o ambiente de casa, pai, mãe, nenhuma responsabilidade.”⁴⁰ Ademais, são justamente em contextos que envolvem o contato dos menores do livro com episódios de inocência, abandono, miséria e pureza que o termo “criança” aparece. A dicotomia entre atos criminosos praticados pelas personagens infantis e a situação de abandono é constantemente colocada em tensão com a palavra “criança”. Já em

³⁹ AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 37

⁴⁰ Ibidem, pp. 310

Jubiabá, publicado dois anos antes, o vocábulo mantém o padrão de uso nas outras obras citadas, em relação a seu uso como metáfora ou figura de linguagem: “seios duros de criança”, “chora como uma criança”, “olhos meigos de criança”.

Adentrando nesses termos referentes a cor em Jorge Amado, encontramos em *Capitães da Areia* as palavras “negrinha” e “negrinho”, mas apenas o personagem Barandão, possivelmente um dos mais novos do grupo, é chamado constantemente de “negrinho”, carregando um sentido mais literal de menino negro mais novo. Quanto as chamadas “negrinhas” de *Capitães da Areia*, tratam-se, na maioria das vezes, daquelas com que os meninos do grupo dos Capitães da Areia se relacionavam sexualmente, meninas negras de pouca idade, sendo a maioria apresentadas como objeto a disposição sexual: “Tinham as negrinhas de dezesseis anos para derrubar no areal”⁴¹, eram descritas como aquelas que “ofereciam o amor na areia quente dos cais” e tinham o “riso insolente de convite”. Nos romances de Jorge Amado, a palavra “menina” aparece ainda mais para referir-se às brancas quando analisamos a obra *Capitães da Areia*. Nessa obra, “menina” é usado para referir-se à personagem Dora, uma loira de aproximadamente treze anos, órfã de pai e mãe, que vivia no trapiche abandonado com os meninos do grupo dos Capitães da Areia.

Comparando as obras de Jorge Amado e José Lins do Rego, percebe-se que o peso da diferenciação de menores pelo vocabulário é maior em Rego, principalmente quando se trata da diferenciação a partir da cor do menor. Em *Menino de Engenho* e *Doidinho*, o termo “criança” é muito pouco utilizado em comparação com *Capitães da Areia*, nesta obra a palavra também engloba, de forma abrangente, infantes de diferentes cores e condições sociais. A maior diferenciação no vocabulário em José Lins do Rego é entre crianças brancas e negras, enquanto, em Jorge Amado, em especial em *Capitães da Areia*, é mais perceptível disputas sobre ser ou não ser “criança”. Apesar disso, a diferenciação racial por meio do vocabulário, mesmo que mais contida, também aparece no vocabulário das obras de Jorge Amado, como é possível perceber na sua descrição que o autor faz das chamadas “negrinhas”⁴². Quanto a palavra “menino” e “menina”, nas obras dos dois autores, aparece predominantemente para referir a personagens brancas, mas também é usada em contextos de tratamento entre familiares não brancos.

Portanto, feito esse panorama inicial de abertura sobre os termos utilizados pelos dois escritores, é possível concluir que: 1. A demarcação racial a partir do vocabulário é evidente; 2.

⁴¹ AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 54

⁴² Cabe salientar que o riso de mulheres negras também é um ponto reforçado por José Lins do Rego em *O Moleque Ricardo*, quando é afirmado que Isaura arreganhava os dentes quando sorria, diferentemente de Guiomar.

Essa demarcação pode sofrer variação a depender do meio em que o vocabulário é usado; 3. De maneira geral, pode-se afirmar que os termos revelam não só uma intersecção, na infância e adolescência, entre classe, raça e gênero, como também o fato de questões raciais e sociais interferirem se as personagens seriam tratadas e vistas como “criança” ou não.

I.3 – Panorama do vocabulário sobre a infância em *O Jornal* e *O Tico-Tico*

Outro meio de entender o emprego de determinado vocabulário referente à infância no Brasil é a partir da investigação do seu uso na imprensa do período, considerando a variedade de sessões que jornais diários de grande circulação possuem, direcionadas para um público diverso. A palavra “moleque”, por exemplo, poderia ser usada em contextos diferentes, quando aparecia na seção infantil do jornal e na seção policial. Dessa forma, a imprensa permite refletir sobre como significados de infância estavam circulando no momento de publicação dos romances de Jorge Amado e José Lins do Rego, portanto, entender de onde vieram algumas escolhas dos escritores.

O jornal em questão intitula-se *O Jornal*⁴³, fundado em 1919 e dirigido por Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello a partir de 1924 e que durou até 1974. Referindo-se aos jornais da grande imprensa da década de 1930, Marialva Carlos Barbosa afirma: “As tiragens dos matutinos mais populares situam-se em torno de 40 mil exemplares, já vespertinos como *O Jornal* podem atingir 120 mil exemplares”⁴⁴, ou seja, é importante considerar que os casos trazidos neste texto foram publicados em um jornal de extenso alcance no período. Entre os jornais diários de grande tiragem na década de 1930, disponíveis na Hemeroteca Nacional Digital, *O Jornal* é o que possui mais artigos e resenhas sobre o total das obras literárias elencadas. Além disso, tanto Jorge Amado quanto José Lins do Rego publicaram textos nesta folha e possuem trechos dos seus romances divulgados nela. Portanto, *O Jornal*, cedendo espaço para a divulgação dos trabalhos dos autores, teve papel importante, junto a outros periódicos, na carreira de escritores como Amado e Lins do Rego.

⁴³ Fundado em 1919 e dirigido por Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello a partir de 1924, durando até 1974. Ver em *História da Imprensa no Brasil* de Ana Luiza Martins e Tânia Regina de Luca: “[...] foi justamente por se desentender com a direção geral que o responsável pela edição vespertina do Jornal do Commercio, Renato de Toledo Lopes, fundou *O Jornal* (Rio de Janeiro, 1919), título que em si já se constituía numa provocação, pois era dessa maneira que os leitores se referiam ao tradicional órgão. Em 1924, Assis Chateaubriand adquiriu o diário, primeiro daquele que seria o maior império de comunicações do país.” (Martins; Luca, 2012, p. 136)

⁴⁴ BARBOSA. Marialva Carlos. **Imprensa e poder no Brasil pós-1930**. Em *Questão*. Porto Alegre, v. 12, nº 2, p. 215-234), jun./dez. 2006, p. 221

Antes de adentrar nos significados dos termos elencados em *O Jornal*, é importante ressaltar a existência de outros trabalhos que utilizam da imprensa como fonte para o entendimento de questões sobre a infância brasileira. A dissertação de mestrado de Marcos Paulo de Souza, intitulada “Educação, infância e família na imprensa uberlandense do Estado Novo (1937-1945)”, assim como muitos outros trabalhos que possuem crianças como objeto de pesquisa, faz uma análise dos discursos sobre a infância e a relação direta deles com as políticas voltadas para as crianças no período. Analisando jornais da cidade de Uberlândia, Marcos Paulo de Souza identifica como “[...] articulistas locais e nacionais sublinharam os direcionamentos dados à família nacional e a necessidade de se ater sobre a formação da infância”⁴⁵, percebendo que a imprensa local fez parte de mais um mecanismo do Estado Novo para “intervir, direcionar e servir de mecanismo higiênico educativo sobre e para a família e infância brasileiras.”⁴⁶

A respeito do tipo de conteúdo que se publicava na imprensa uberlandense, o autor afirma: “O discurso legitimador veiculado pelos jornais uberlandenses deixava jorrar o ideário higiênico educativo do Governo Vargas, com toda sua carga formativa”⁴⁷, ideário este que chegava à classe popular, a partir do acesso aos jornais. Outro trabalho que realiza esse tipo de análise pela imprensa é o artigo “‘Menores e vagabundos’: o discurso jurídico sobre infância e educação na imprensa periódica nos primórdios da República”, de Rogéria Moreira Rezende Isobe e Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro. O trabalho analisa “[...] as representações construídas pela imprensa periódica sobre a criança tipificada como menor e as propostas de educação direcionadas a esse segmento infantil, interrogando acerca das bases interpretativas do universo jurídico presentes em tais representações.”⁴⁸

Considerando questões de vocabulário, cabe destacar algumas observações que as autoras fazem sobre o termo “menor”:

Não obstante as diferentes utilizações do termo, importa destacar que as concepções de infância se redefiniam por meio das diferenciações estabelecidas entre a ‘criança’ e o ‘menor’, sendo o termo criança utilizado para referir-se à infância desejada e consagrada como futuro da nação republicana e a categoria menor representando todos aqueles aos quais a sociedade atribuía um significado social negativo, associando-se invariavelmente à infância pobre [...]⁴⁹

⁴⁵ SOUZA, Marcos Paulo de. **Educação, infância e família na imprensa uberlandense do Estado Novo (1937-1945)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) -Universidade Federal de Uberlândia, pp. 8

⁴⁶ Ibidem, pp. 8

⁴⁷ Ibidem, pp. 80

⁴⁸ ISOBE, Rogéria Moreira Rezende e RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza. ‘Menores e vagabundos’: o discurso jurídico sobre infância e educação na imprensa periódica nos primórdios da República. **Rev. Bras. Hist. Educação** [online]. 2022, vol.22, e196. Epub 09-Dez-2021. ISSN 2238-0094. <https://doi.org/10.4025/rbhe.v22.2022.e196>, pp. 3

⁴⁹ Ibidem, pp. 2

Portanto, a diferença do uso do vocabulário para referir a menores sinaliza divisões que eram feitas em concordância com as políticas públicas para a infância. Irene Rizzini explica que, da década de 1920 até meados do ano de 1927, o Brasil acompanhou o debate internacional, o que influenciou na crença da necessidade de “salvar a criança”. Tratou-se de um momento fértil de debates até a consolidação do Código de Menores de 1927. Portanto, a palavra menor, segundo a autora, está diretamente relacionada com o processo de judicialização da infância neste período. Dessa forma, “O termo “menor”, para designar a criança abandonada, desvalida, delinquente, viciosa, entre outras, foi naturalmente incorporado na linguagem, para além do círculo jurídico.”⁵⁰ Portanto, apesar de não ser utilizado por José Lins do Rego e Jorge Amado, o vocábulo, diferentemente de “menino”, “menina” e “criança”, refere-se, majoritariamente, àquelas crianças e adolescentes que, se não cometem crimes, são vítimas de algo.

Esmeralda Moura, citando a tendência dos estudos dedicados à história da infância, mostra a perspectiva de que “[...] as representações da infância são elaboradas pelo mundo adulto, o qual delimita práticas e comportamentos próprios a essa etapa da vida.”⁵¹. Entretanto, chamo atenção para a necessidade de pensar como a infância aparece em romances para além de um olhar adulto, no caso, dos escritores, sobre a criança. Portanto, abro um parêntese para afirmar que é preciso considerar a relação entre sociedade e literatura, bem como o fato de Jorge Amado e José Lins do Rego se proporem a recolher material antes de escreverem seus livros. Ou seja, comportamentos e práticas partilhadas entre menores também aparecem nessa literatura, não sendo possível forjar totalmente a infância.

Entretanto, segundo Peter Gay, “Não há regra geral para determinar até que ponto as passagens fictícias são reconstruções legítimas, e até que ponto são pura fantasia”⁵². Além disso, é preciso considerar que, analisando a recepção crítica da década de trinta sobre Jorge Amado e José Lins do Rego, percebe-se que os elogios direcionados às suas obras estão, majoritariamente, ligados ao compromisso que esses autores possuem, abertamente, com a realidade. Referindo-se à Europa e aos EUA, Peter Gay afirma que durante grande parte do século XX, os romancistas estavam firmemente comprometidos com o princípio da realidade,

⁵⁰ MOURA BOLSONARO DE, Esmeralda Blanco. Meninos e meninas na rua: impasse e dissonância na construção da identidade da criança e do adolescente na República Velha. **Revista Brasileira de História**, v. 19, n. 37, setembro, 1999, pp. 5

⁵¹ ISOBE, Rogéria Moreira Rezende e RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza. ‘Menores e vagabundos’: o discurso jurídico sobre infância e educação na imprensa periódica nos primórdios da República. **Rev. Bras. Hist. Educação** [online]. 2022, vol.22, e196. Epub 09-Dez-2021. ISSN 2238-0094. <https://doi.org/10.4025/rbhe.v22.2022.e196>, pp. 3

⁵² GAY, Peter. **Represálias selvagens**: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 21

se esforçando para serem dignos de confiança em suas ficções sobre a vida comum.⁵³ Todavia, o autor afirma que o realismo não é a realidade e que esse tipo de romance corta o mundo em pedaços e monta-o de novo de formas distintas.⁵⁴ Apesar disso, é importante considerar a importância do romance como fonte para o historiador:

Apesar de todas essas cautelas, os romances têm muito a dizer aos historiadores, mesmo quando apresentam as coisas de modo errado, eles podem fazê-lo de maneiras instrutivas, lançando luz sobre atitudes de classe ou preconceitos religiosos típicos”.⁵⁵

Ainda a respeito das pesquisas sobre infância e imprensa, cabe destacar a existência de trabalhos que tem utilizado como fonte periódicos direcionados para o público infantil, destacando-se a dissertação de mestrado “Os homens do futuro - as crianças de hoje! Debates sobre infância nos quadrinhos de Luís Loureiro (1907-1919)”, de Alexandre Rocha da Silva, que tem como fonte a revista infantil *O Tico Tico*, periódico que teve grande importância na história da imprensa infantil do Brasil, sendo, inclusive, citada na obra *Doidinho*, de José Lins do Rego. O personagem Clóvis, criança do internato, de dez anos, era consumidor da revista, que circulou no Brasil de 1905 a 1977.

É interessante notar que Clóvis é descrito como um menino com “cabelos de Chiquinho”, expressão que se refere a meninos loiros com cabelos lisos de franjinha, exatamente como na ilustração de um famoso personagem de quadrinhos de *O Tico-Tico*, chamado também de Chiquinho, um menino branco com características físicas muito semelhantes às crianças de propagandas para produtos voltados para meninos e meninas, que tanto apareciam em *O Jornal*, crianças essas muito parecidas com as ilustrações das cartilhas educativas de exaltação a Getúlio Vargas, quando estas tinham ilustrações de crianças. A imagem de Clóvis, portanto, não era estranha a José Lins do Rego, e, de acordo com Silva, autores como Carlos Drummond de Andrade, Érico Veríssimo, Vinicius de Moraes, entre outros, registraram memórias de infância, fazendo referência a personagens dos quadrinhos de *O Tico Tico*⁵⁶. Portanto, é possível que José Lins e Jorge Amado também tenham sido consumidores da revista na infância e reproduzido imagens como a de Chiquinho.

O trabalho de Alexandre Rocha da Silva, assim como outros, também possui momentos de explicações acerca dos projetos políticos voltados para a infância e da importância de *O Tico*

⁵³ GAY, Peter. **Represálias selvagens**: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 11 - 12

⁵⁴ Ibidem, pp. 14

⁵⁵ Ibidem, pp. 19

⁵⁶ SILVA, Alexandre Rocha da. **Os homens do futuro - as crianças de hoje!**: debates sobre infância nos quadrinhos de Luís Loureiro (1907-1919). 2019. (260 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1636683>. Acesso em: 25 mar. 2024, pp. 38

Tico na difusão de projetos almejados para o futuro do Brasil e sobre os futuros adultos da nação, projetos estes que o autor argumenta não serem um desejo de modernização unívoco e consensual.⁵⁷ Entretanto, chamo a atenção para um aspecto que Silva encontra na revista *O Tico Tico*: a preocupação dos colaboradores, em especial do quadrinista Luís Loureiro, em incutir atributos nacionais nas histórias que elaborava para o periódico. A solução encontrada por ele foi a inserção de um moleque negro, o personagem Benjamin, na historieta em quadrinhos “As aventuras de Chiquinho”, que passava a ter essa criança que trabalhava na casa de Chiquinho. O autor argumenta que Chiquinho e Benjamin eram evocados, pois possuíam algo de representativo de um passado que interessava rememorar.⁵⁸ Ou seja, tratando-se de um período em que questões do pós-abolição ainda efervesciam, a presença da criança negra trabalhando em casas de família fazia parte da memória do cotidiano do brasileiro.

A pesquisa de Alexandre Rocha da Silva remete a um período anterior ao nosso recorte, entretanto, é perceptível que as preocupações com as características das relações entre as crianças brasileiras continuam na literatura de José Lins do Rego e Jorge Amado. É justamente pela imprensa e pela literatura que percebemos que a infância no Brasil da década de 1930 estava fortemente ligada a uma sociedade configurada por relações sociais que possuem origens raciais e que evidenciar esse ponto tinha sua importância no mundo letrado. Este é apenas um dos pontos que podem ser visualizado quando mergulhamos no vocabulário utilizado nas páginas de jornais, como será demonstrado a seguir.

I.3.1 – “Moleque”

Adentrando em como as palavras elencadas foram utilizadas na imprensa, no periódico *O Jornal*, foram analisadas 47 menções ao termo “moleques”, no plural, de 1932 a 1937, bem como 45 menções ao termo “moleque” no ano de 1932, chegando aos seguintes resultados:

⁵⁷ SILVA, Alexandre Rocha da. **Os homens do futuro - as crianças de hoje!:** debates sobre infância nos quadrinhos de Luís Loureiro (1907-1919). 2019. (260 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1636683>. Acesso em: 25 mar. 2024, pp. 62

⁵⁸ Ibidem, pp. 26-39

Tabela 1 – Menções ao termo “moleques” (plural) entre 1932 e 1937

Resenhas e artigos que mencionam os "moleques" personagens de Jorge Amado e José Lins do Rego.	12
Apelidos de criminosos, grafados em maiúsculo: "Moleque" ⁵⁹	3
Histórias supostamente escritas por crianças.	3
Crônicas, artigos e quadrinhos.	29
Total	47

Tabela 2 – Menções ao termo “moleque” (singular) no ano de 1932.

Caricaturas, quadrinhos e referências ao "moleque de recados"	21
apelido de criminosos, grafados em maiúsculo "Moleque"	24

Sobre o chamado “moleque de recados” referido na tabela 2, trata-se de uma figura relembrada, em tom nostálgico, em *O Jornal*. Pequenos textos do periódico fizeram o leitor refletir sobre a modernidade da chegada do telefone, mencionando que, antes, as mensagens eram passadas por “moleques de recados”, referindo-se a meninos negros. Em relação aos apelidos de criminosos, se referem a adultos, não sendo possível saber se realmente todos eram ou não, também não foi possível identificar a cor da maioria desses sujeitos. A respeito da idade, apenas o chamado de “pivette” Ivan Telles de Moraes, a partir de sua fotografia exposta e pelo tratamento como “pivette”⁶⁰, aparentemente seria mais jovem que os moleques da quadrilha de “Moleque 31”, autor de dois crimes de morte e de vários assaltos a mão armada. Vale destacar que o termo “pivette”, escrito entre aspas está separado do nome de Ivan, o que pode indicar que tem uma função de adjetivá-lo como menor de idade.

⁵⁹ São eles: “Moleque Geraldo”, “Moleque Waldemar”, “Moleque d’Angola”, “Moleque Bahiano”, “Moleque 31”, “Moleque Atenor”, “Moleque Maximiano”, “Moleque Morcego”, “Moleque Tião”, “Moleque Cyrineu”, “Moleque Jacob” e apenas “Moleque”. Há apelidos que se repetem, quando se tratam de notícias sobre o mesmo caso.

⁶⁰ Em pesquisa anterior, concluiu-se que a palavra “pivette”, entre 1920 e 1930, referia-se à menores. A partir de 69 casos do uso desse termo em diferentes jornais disponíveis na Hemeroteca Nacional Digital, observa-se que se referia à menores autores de crimes, diferentemente do termo “moleque”, os “pivettes” são identificados como “menores”.

Figura 1 - Fotografias do noticiário “A prisão de “Moleque 31” e outros salteadores do celebrado bando que operava nos subúrbios da Central do Brasil”



O Jornal, Rio de Janeiro, 10 de junho de 1932

A notícia que menciona o “pivette” Ivan é publicada em 10 de junho de 1932 e tem como título “A prisão de “Moleque 31”, e outros salteadores do celebrado bando que operava nos subúrbios da central do Brasil”. Apesar de não sabermos as idades da maioria dos sujeitos que possuía “Moleque” no apelido, sabemos que “Moleque Maximiano”, de nome Waldemiro Martins, tinha 38 anos e, a partir da foto acima, é possível identificá-lo como homem negro. O caso noticiado trata-se da quadrilha envolvida em assaltos à mão armada e assassinatos, sendo que “Moleque 31”, “Moleque Maximiano” e “pivette” Ivan foram removidos para a Casa de Detenção. Na reportagem citada, é informado que Ivan morava junto de “Moleque 31” no Morro de São Carlos da cidade do Rio de Janeiro: “Foi em um barracão situado no morro do Kerozene, que é continuação de São Carlos, que o “Moleque 31” foi morar, em companhia do “pivette” Ivan.”⁶¹

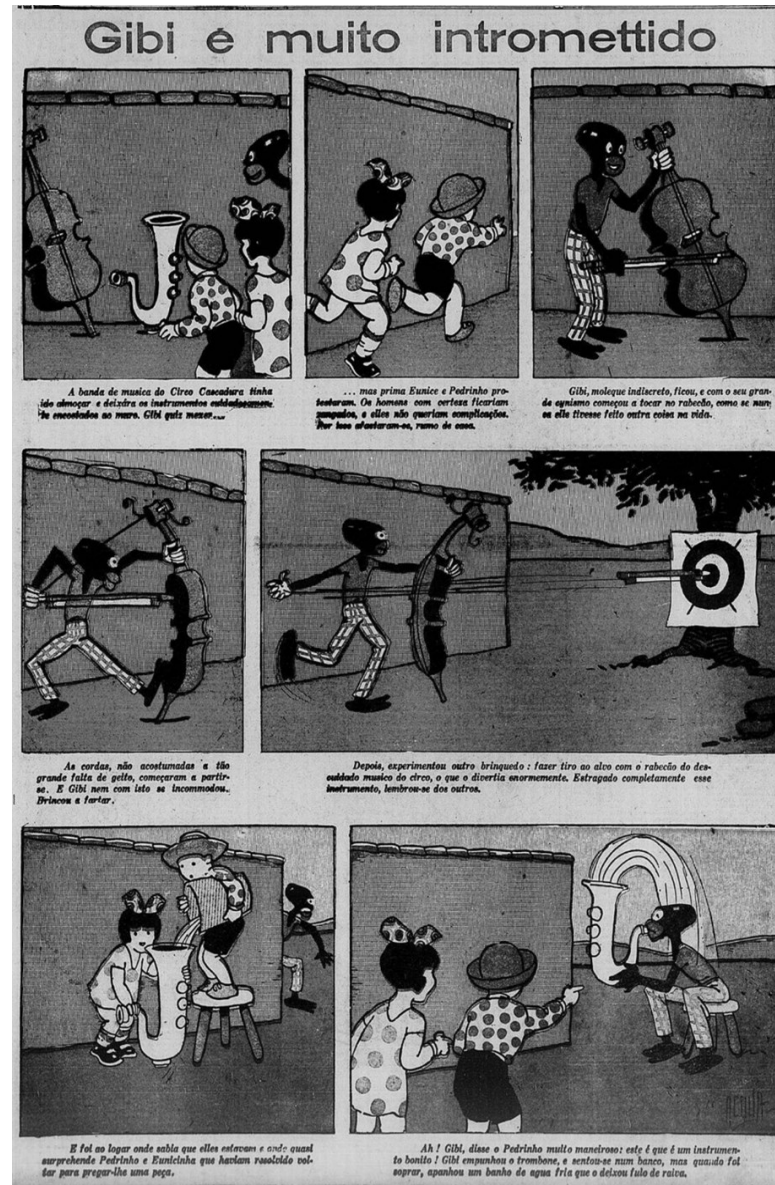
Os dados sobre esses apelidos de criminosos com apelidos de “Moleque” grafado em maiúsculo deixam algumas brechas. Não sabemos como tais apelidos eram adquiridos, se foram nomes utilizados pelos próprios policiais ou se seriam apelidos utilizados entre os membros das quadrilhas mencionadas nas notícias. Esses nomes também poderiam ter origem na infância desses sujeitos, que eram conhecidos como “moleques”, tendo esse adjetivo mantido mesmo após atingirem a vida adulta. A partir dos dados coletados até então no jornal, não é possível ter certeza da idade de todos os apelidados, nem da importância do que identificavam como “ser moleque” tinha entre eles.

⁶¹ A prisão de “Moleque 31”, e outros salteadores do celebrado bando que operava nos subúrbios da central do Brasil. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 10 de junho de 1932, pp. 7

Entretanto, é possível perceber que, na realidade, o vocabulário estava longe de designar a idade desses sujeitos, dizendo mais sobre a cor dos mesmos e sua condição social. É interessante notar, por exemplo, como Ivan é designado como “pivette”, termo que foi muito utilizado no vocabulário das notícias policiais para referir-se especialmente a menores, se tratando justamente do menino branco. Portanto, em certos momentos, a raça é um critério que se sobrepõe à menoridade. Em nenhuma reportagem encontrada sobre a quadrilha do “Moleque 31” a idade de Ivan aparece, entretanto, este é infantilizado na própria notícia.

Ainda sobre o termo “moleque” no singular, foi comum encontrar também, tratando-se de historietas de quadrinhos, o seguinte padrão de humor: a associação entre moleques e travessuras, bem como características visuais que inferiorizam pessoas negras. Tal identificação pode ser percebida pela diferença física exorbitante entre o moleque e as crianças brancas, tal como aparece na história de quadrinhos “Gibi é muito intrometido”, referindo-se ao personagem Gibi como “moleque indiscreto”.

Figura 2 - “Gibi é muito intrometido”



O Jornal, Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1932, p. 21

Nessa história em quadrinhos, o moleque é aquele que resolve mexer nos instrumentos que os músicos de um circo haviam deixado encostados em um muro enquanto almoçavam. As duas crianças brancas protestam contra o ato de Gibi, na justificativa que os homens ficariam zangados quando voltassem. Ao fim, a tirinha possui um tom humorístico de “lição” vingativa contra Gibi: Eunice e Pedrinho enchem o trombone de água e Gibi sopra-o e recebe um banho de água fria. É possível perceber a associação entre moleques e travessuras, bem como características visuais que inferiorizam pessoas negras. Sobre este ponto, Marissa Gorberb analisa ilustrações, que, como o quadrinho mencionado, associam o negro a noções de selvageria, licenciosidade, infantilidade e inferioridade em arquétipos negativos definidos pelo

blackface.⁶² Em suas análises de caricaturas publicadas nos anos 1920, a autora destaca algumas características visuais dessa ótica, como olhos e boca saltados⁶³, como aparece em quadrinhos de *O Jornal* e na revista *O Tico Tico*.

Avaliando o uso da palavra “moleques”, no plural, neste mesmo jornal, o sentido do termo se expande. Nesses casos, fica clara a existência desses sujeitos no cenário urbano brasileiro, sendo a maioria referente a meninos que circulavam nas ruas e possuíam comportamentos estereotipados que hoje conhecemos como desobediência infantil, como perturbar um idoso, algo que aparece na história “Bom Coração”, assinada por Antônio Francisco (idade não identificada):

Um dia Pedro seguia para a escola, como era o seu costume. Virava ele uma esquina, quando ouviu uma grande algazarra; eram alguns moleques, que estavam atirando pedras a um pobre velho; e este não podia defender-se. Pedro saiu correndo e disse: "covardes", maltratar uma pessoa velha. Lembrai-vos dos vossos pais. Os meninos abaixaram a cabeça e pediram perdão a Pedro. Pedro despediu-se do pobre velho que o agradeceu muito a sua bondade. E foi contente por ter praticado uma ação boa.⁶⁴

Na seção infantil desse jornal, é possível encontrar diversas referências à molecagem. Em relação a isso, destaco que ao observar a coluna “Caixa do Correio” assinada pelo pseudônimo “Tio Haroldo”, diretor do suplemento infantil, há inúmeras respostas às queixas de crianças sobre a publicação ou não de seus envios (histórias, resoluções de charadas, desenhos e etc.) na seção infantil. Não adentrarei na análise dos critérios para a reprovação ou não dessas publicações, entretanto, é necessário ter em mente a função pedagógica do jornal e as intenções nas seleções de histórias que carregam nome e idade de crianças em assinaturas. Portanto, mostrar para as crianças as diferenças entre “moleques” de “meninos” também pode ter feito parte dos critérios de seleção.

I.3.2 – “Menino” e “menina”

Ao nos depararmos com outros termos que remetem a menores, percebem-se padrões muito diferentes, especialmente tratando-se da forma como as palavras “menino”, “criança” e “menina” aparecem em sessões de notícias policiais. Enquanto temos muitos indivíduos, de idade adulta, sendo chamados de “moleques”, a palavra “menino” e “menina” - que também aparece em sessões literárias, infantis, quadrinhos, registros de aniversários, nascimentos,

⁶² GORBERG, Marissa. Entre a negrofília e a negrofobia: caricaturas dos anos 1920 em perspectiva transnacional. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 42, nº 89, p. (61-92), 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472022v42n89-05>, pp. 88

⁶³ Ibidem, pp. 74

⁶⁴ Bom Coração. *O Jornal*, 24 de janeiro de 1932, pp. 32

batismos, falecimentos de crianças - é predominantemente referente a menores de idade. Nos casos de ilustrações em que há alguém referido como “menino” ou “menina”, trata-se sempre de uma pessoa branca. Cabe destacar que a palavra “criança” obedece ao mesmo padrão da palavra “menino” e “menina”, aparecendo também em casos de notícias de menores que sofreram algum acidente, no caso das sessões policiais, além de aparecer de forma semelhante em outras sessões.

Analisando as colunas policiais de *O Jornal*, no ano de 1932, foi possível encontrar a seguinte recorrência ao uso dos termos “menino” e “menina”, conforme a tabela abaixo:

Tabela 3 - Termo “menino” e “menina” nas colunas policiais de *O Jornal*, no ano de 1932

Termo	Atropelamento de menores de até 17 anos	outros tipos de acidentes como quedas, afogamentos, bala perdida e acidentes domésticos	casos de delinquência juvenil ⁶⁵	total
"menino"	33	34	1	68
"menina"	15	32	0	47

Cabe destacar que grande parte das notícias referente a acidentes sofridos por menores possui o nome do pai ou da mãe destes, havendo também a informação do endereço do menor, dando a entender que não se tratava, em sua maioria, de crianças que moravam nas ruas, tal como os Capitães da Areia ou os moleques do grupo de Antônio Balduino. Apenas em um caso analisado, as autoridades não encontraram informações sobre o nome nem os pais da criança, tampouco sua residência. Trata-se do menor de 13 anos, branco, atropelado por um auto-ônibus, conforme a notícia de 11 de fevereiro de 1932 de *O Jornal*.

I.3.3 – “Menor”

A palavra “menor” não aparece nos romances elencados, portanto, não é um vocabulário aplicado pelos autores. Todavia, como já explicado pela bibliografia, o termo ganhou um sentido judicial, o que é possível perceber em *O Jornal*. Ao nos depararmos com o uso do termo “menor” para referir às crianças e adolescentes, a palavra aparece nas colunas policiais em quantidade muito maior do que os outros termos investigados. Enquanto, já nos primeiros três

⁶⁵ Apenas um caso trata de crime cometido por menor, sob o título “Um caso de delinquência precoce. Está sendo processado por furto um menor de quinze anos”, nesta breve notícia é notificado que o sujeito foi encaminhado ao Juízo de Menores. (*O Jornal*, 1 de julho de 1932, pp. 9)

meses do ano de 1932, foi possível encontrar 134 casos do uso da palavra “menor” para referir-se a crianças e adolescentes nas colunas policiais. Ao longo de todos os meses desse mesmo ano, foram encontradas, em sessões de notícias policiais, 24 casos da palavra “moleque”, 68 de “menino”, 47 de “menina” e 48 de “criança”.

Assim como essas palavras, “menor” também é utilizado para falar de notícias de acidentes domésticos sofridos por infantes, de acidentes de atropelamento, de quedas e afogamentos, queimaduras, entre outros. É interessante notar que o termo “menino” e “menina” é preterido nas colunas de batizado, aniversário, notas de falecimento, em detrimento de “menor”. Este vocábulo praticamente não aparece em sessões infantis e literárias. Todavia, diferentemente de “menino”, “menina”, “criança”, entre outros, vemos a preferência ao termo “menor” nas notícias sobre crimes cometidos contra menores (crime de sedução contra meninas, assassinato, atentado à moral, agressão, rapto, entre outros) bem como crimes cometidos por menores, sendo este encontrado com menor frequência.

Quanto ao quantitativo de casos sobre o termo “menor”, de 134 casos consultados nas colunas policiais, no ano de 1932, é possível perceber que mais da metade trata-se de acidentes, muito parecidos com os que foram encontrados com os termos “menino”, “menina” e “criança”. Um padrão que se repete é o fato de a grande maioria desses casos tratar-se de sujeitos que possuem residência identificada, nome do pai ou da mãe.

Gráfico 1 – Referente aos 134 casos menções à palavra “menor” nos primeiros três meses do ano de 1932 de *O Jornal*

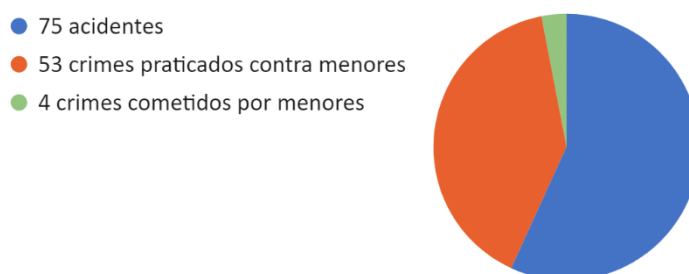


Gráfico 2 – tipos de crimes entre os 53 praticados contra menores

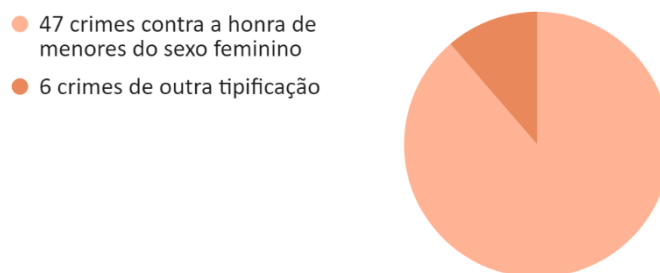
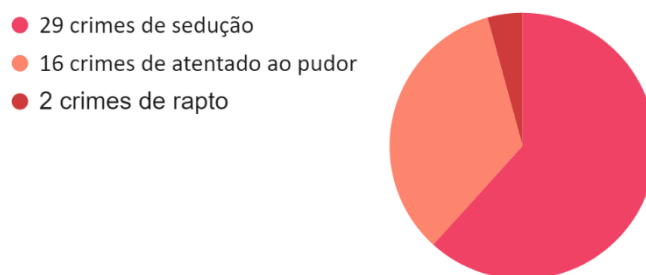


Gráfico 3 – tipos de crimes entre os 47 contra a honra de menores do sexo feminino



Algo que chama atenção no uso da palavra “menor” é a quantidade de crimes de sedução. Os casos encontrados obedecem ao seguinte padrão: informam o nome do criminoso que seduziu uma menor e que se trata de um crime de sedução. Não há, nesses casos, o nome da menor que sofreu o crime, nem detalhes sobre os fatos antecedentes ao crime. É importante ressaltar que o chamado crime de sedução está enquadrado no Título VIII: Dos crimes contra a segurança da honra e honestidade das famílias e do ultraje público ao pudor, no Capítulo I: Da violência carnal, do Código Penal de 1890, no artigo 267, onde consta: “Art. 267: Deflorar mulher de menor idade, empregando sedução, engano ou fraude”⁶⁶. O termo “deflorar”, muito utilizado na época, significava “fazer perder ou perder a virgindade”. Entende-se essa menoridade como menor de 21 anos.

⁶⁶ BRASIL. Código Penal de 1890. Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890.

I.3.4 – A “negrinha” Lamparina de *O Tico Tico*

Quanto ao termo referente às meninas negras (“negrinha” e “pretinha”), devido à pouquíssima recorrência desse vocabulário em *O Jornal*, durante a década de 1930, foi realizada uma pesquisa dessas palavras na revista infantil *O Tico Tico*, periódico que mais menciona estas palavras. “Negrinho” e “moleca” também não apresentam recorrências consideráveis, dificultando uma análise aprofundada. O termo “negrinha” e “pretinha” em *O Tico Tico* aparece para referir-se a uma personagem nomeada de Lamparina. Com características típicas do *blackface*, trata-se de uma menina negra, que, na descrição do quadrinho, foi dada de presente a um homem chamado Carrapicho, ou seja, passa a ser escravizada e, desde então, Lamparina realizará tarefas domésticas na propriedade dele.⁶⁷

Os quadrinhos de Lamparina, em tom humorístico, mostram as peripécias da menina ao tentar escapar das ordens de Carrapicho, sempre tentando fugir de alguma forma do seu dono, tal como aparece na Figura 3, em que a menina distribui roupas como a sua para outras crianças parecidas com ela, no intuito de confundir Carrapicho e escapar de ser levada novamente para a casa dele. Observando a tirinha, fica claro que é reforçada uma noção de que todas as crianças negras são iguais, independente do gênero, visto que Lamparina distribui as saias para outras crianças pretas, que são referidas como “negrinhos”. Chamo a atenção também, para o fato de Lamparina, assim como os chamados “moleques” que encontramos em tirinhas de *O Jornal*, trazer os traços da definição de “molecagem” que aparece no dicionário, algo que não aparece nos livros elencados, quando trata-se de meninas, mas que nos permite imaginar formas de luta pela liberdade de meninas negras que eram obrigadas a exercer tarefas domésticas em troca de comida e moradia, mesmo após a abolição da escravatura.

⁶⁷ Lamparina, *O Tico Tico*, 25 de abril de 1928, pp. 1

Figura 3 - “Uma porção de Lamparinas”



O Tico Tico, 4 de maio de 1932, pp. 8

Tratando-se de vocabulário, é importante ressaltar, que, ao olharmos para o que predomina em *O Jornal*, nos romances de José Lins do Rego e Jorge Amado e no dicionário, definições de menino e moleque nos ajudam a entender algumas referências e estereótipos que circulavam no contexto em que os romances foram escritos, portanto, mostrando formas de se pensar a infância, envolvendo classe, raça e gênero. Entretanto, essas definições por meio de palavras para referir-se aos menores não dão conta de expressar a totalidade da vida daqueles

que eram tratados por esses termos. Ivana Stolze Lima, destacando um vocabulário da mestiçagem no final do século XIX (cabras, fuscões, caboclos, brancos, mulatos, pretos, crioulos, pardos, caiados, fulos, cruzados, tismados), percebe que “Considerar a polissemia da mestiçagem constituiu em considerar a construção de identidades sociais.”⁶⁸ Nesse sentido, é possível pensar como as múltiplas palavras para referir-se a menores podem indicar a construção do que ela chama de “identidades sociais”. Segundo a autora,

De certa forma, a identidade é uma ilusão e uma contingência, apoiada exatamente na crença de que é uma verdade e uma necessidade. No entanto, enfatizar esses aspectos contingentes e um tanto ilusórios só faz sentido se, ao invés do que se poderia supor, os relacionamos às situações de força em que se estabelecem, às suas implicações sociais, aos projetos políticos que carregam.⁶⁹

Ou seja, é importante saber como significados de ser “menino”, “moleque”, “moleca”, “negrinho”, “negrinha” e “criança” escapavam de definições como as que aparecem no *Novo Dicionário de Língua Portuguesa*. Entretanto, esse exercício deve ser feito pensando em relações de força em que se estabelecem aspectos ilusórios dessas definições. Dessa forma, o próximo item deste capítulo inicia-se com a tentativa de explorar melhor esses aspectos e em quais contextos de relações eles acontecem.

I. 4 - Atravessando as fronteiras do vocabulário: ser menino-moleque nas formas de tratamento

No capítulo “Rostos de Crianças no Brasil”, de Esther Arantes, do livro *A arte de governar crianças: A história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil*, Maria de Magalhães Arantes afirma que após a Lei do Ventre Livre e da Abolição, escravos passam a ser livres, porém sem condições materiais para o exercício pleno da cidadania. A partir de então, menores pobres passam a ser referidos como “menores abandonados material e moralmente”. É nesse momento que o governo republicano institui uma legislação específica para intervir na vida de menores considerados moralmente abandonados.⁷⁰ Em relação às mudanças jurídicas, a autora afirma:

Assim, o Código Penal de 1890, um ano após a Proclamação da República, reduziu a idade penal para 9 anos, nos casos em que o juiz julgasse que a criança havia agido com discernimento. Ao não abolir, mas apenas regulamentar o trabalho infantil,

⁶⁸ LIMA, Ivana Stolze, CARMO, Laura do. **História social da língua nacional**; Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, pp. 18

⁶⁹ Ibidem, pp. 18

⁷⁰ ARANTES, Esther M. M. Rostos de Crianças no Brasil. Instituições: PILLOTTI, Francisco e RIZZINI, Irene (org.). **A Arte de Governar Crianças: A História das Políticas Sociais, da Legislação e da Assistência à Infância no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Interamericano del Niño/Editora Universitária Santa Úrsula/Amais, 1995, pp. 193

também permitiu que a criança pobre ficasse fora da escola ou, quando muito, fosse encaminhada à escola correcional ou de reforma.⁷¹

Em relação a isso, na prática, a autora afirma que se constituiu um sistema dual no atendimento às crianças, pois “[...] enquanto o Código Civil de 1916 tratava dos “filhos de família”, o Código de Menores de 1927 tratava dos “expostos”, “abandonados”, “desvalidos”, “vadios”, “mendigos”, viciosos” e “libertinos”.⁷² Portanto, a diferenciação de crianças a partir do vocabulário foi favorável na classificação desses em graus de normalidade, legitimando políticas estatais violentas.

José Ailton Morelli, em sua dissertação de mestrado “A criança, o menor e a lei: uma discussão em torno do atendimento infantil e da noção de inimputabilidade”, mostra como a palavra “menor” muda de significado, pois, inicialmente, era usada enquanto limite de idade, posteriormente, passa a designar a “[...] criança ou adolescente em alguma situação de desamparo [...]”⁷³. A concepção do termo “menor” se cristaliza na década de 1920, sendo que a própria legislação destinada ao direito dos menores delimitava que a preocupação era com os abandonados e delinquentes.⁷⁴

Entretanto, o que destaco no trabalho de Morelli é a afirmação de que a imprensa sensacionalista ajudou na transformação do sentido de “menor”. Segundo ele, foi possível reservar aos termos “crianças e “adolescentes” para aqueles considerados “sadios, possuidores de família estruturada e encaminhados para os estudos e para o trabalho. Em relação a essa distorção, o autor afirma que

Os problemas causados pela utilização desse termo pelas mais variadas áreas relacionadas com a criança, bem como pelos meios de comunicação, apontaram para a urgente necessidade de se eliminar essa distorção. Nesse sentido, os idealizadores da atual legislação foram levados a utilizar a palavra menor apenas para limite da idade, trabalhando assim com “criança” e “adolescente”.⁷⁵

Em relação ao vocábulo “adolescente”, apesar de muitos personagens dos romances aqui estudados se encontrarem nesse período da vida, eles são chamados pelos outros termos aqui já elencados. Isso poderia indicar que a demarcação entre fases da menoridade não tinha uma definição tão clara no uso social do vocabulário para referir-se a esses sujeitos. O mesmo ocorre nas seções policiais de *O Jornal*, que praticamente não utiliza da palavra “adolescente”. Cabe

⁷¹ ARANTES, Esther M. M. Rostos de Crianças no Brasil. Instituições: PILLOTTI, Francisco e RIZZINI, Irene (org.). **A Arte de Governar Crianças: A História das Políticas Sociais, da Legislação e da Assistência à Infância no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Interamericano del Niño/Editora Universitária Santa Úrsula/Amais, 1995, pp. 194

⁷² Ibidem, pp. 194

⁷³ MORELLI, Ailton José. **A criança, o menor e a lei: uma discussão em torno do atendimento infantil e da noção de inimputabilidade**. Dissertação de Mestrado, Assis, UNESP, 1996, pp. 71

⁷⁴ Ibidem, pp. 73

⁷⁵ Ibidem, pp. 73

destacar que, no aspecto legal, ainda não havia a especificação do reconhecimento do “adolescente” como ator social e sujeito de direitos.

Comparado com os outros termos pesquisados, a palavra “menor”, para designar infantes, é muito mais abundante em *O Jornal*. É necessário perceber que o termo, diferentemente dos outros aqui trazidos, possui uma impessoalidade maior, praticamente não aparecendo em sessões literárias, de histórias infantis, estando muito mais no campo do “menor” como um problema social. José Lins do Rego e Jorge Amado, portanto, não utilizam da palavra. Todavia, pessoas como as suas personagens infantis aparecem o tempo todo nas seções policiais de *O Jornal*. Enquanto, pelas colunas policiais, não temos acesso à vida desses sujeitos, a literatura nos permite ter acesso ao que estava para além, possibilitando mostrar, por exemplo, como se davam as formas de tratamento entre esses menores, sendo possível rastrear isso pelo vocabulário.

A suposta impessoalidade que carrega a palavra “menor” não impede que notícias que se referem a crianças que cometiam crimes tivessem ou utilizassem dos termos “pivette” ou “moleque”, que carregam uma conotação negativa. Apesar de serem poucos os casos encontrados entre os 134 que utilizam o vocábulo “menor”, cabe destacar como se daria a forma de tratamento daqueles que cometiam crimes e compará-los com as notícias fictícias que aparecem em *Capitães da Areia*.

Jorge Amado traz notícias que acompanham o fluxo dos crimes cometidos pelo grupo dos Capitães da Areia. Entretanto, nessas notícias fictícias no livro, o termo “menino”, “menina” e “criança” aparecem. Nos casos investigados em *O Jornal*, essas palavras não são utilizadas em notícias sobre menores que cometem crimes, e sim, o termo “menor”. Em uma das notícias encontradas, intitulada “Perseguido pela polícia e populares um homem foi baleado, em Niterói”, um menor é acusado de furtar 3.000\$000 do Lloyd Brasileiro. É narrado que o menor foi encontrado em companhia de um indivíduo de cor preta, que era cúmplice do mesmo. Entretanto, o menor fugiu, mas foi ferido a bala enquanto a polícia o perseguia. Na descrição é informado que o menino se chamava Luiz Moreira, era preto e tinha 19 anos e terminou falecendo durante a perseguição.⁷⁶ Nessa notícia, em que não temos o nome dos pais do menino, nem onde reside, é possível encontrar os termos “menor”, “rapaz” e “garoto”.

Como já apontado, quando nos deparamos com o significado no dicionário do termo “menino”, há a associação da palavra como um tratamento carinhoso entre familiares e amigos. Portanto, apesar de “moleque” ter sido constantemente utilizado para referir-se a menores

⁷⁶ Perseguido pela polícia e populares um homem foi baleado, em Niterói. *O Jornal*, 7 de janeiro de 1932, pp. 7

negros, carregando também sentidos negativos na palavra, por outro lado, esses menores não deixavam de ser vistos (tanto entre eles quanto pelas pessoas do seu círculo social) como meninos. Como já identificado, no enredo de *O Moleque Ricardo*, Ricardo é chamado de “menino” por sua mãe e o pai de terreiro Seu Lucas. Este era um negro idoso que tinha uma relação com Ricardo de o aconselhar em suas decisões. Outro que também chamava a todos de “menino” e “menina” era seu Genaro, presidente do clube de carnaval Paz e Amor, sendo essa a forma com que tratava dos integrantes do clube.

Seu Lucas chama Ricardo de “menino” quando vai aconselhá-lo a não participar da greve dos trabalhadores: “_ Menino, você está com os grevistas? Não acredite nisso não. Não vá atrás dessa gente da padaria”⁷⁷. Ou então quando o aconselhava a se casar com Odete: “Você quando casa, menino? É necessário”⁷⁸. Também o aconselha quando Ricardo passa a ajudar financeiramente seu amigo de trabalho Florêncio, quando este é ferido na repressão à greve da qual havia participado: “Menino, o que você está fazendo pelo masseiro ninguém faz aqui não.”⁷⁹ No contexto dessa última colocação de Seu Lucas, este tentava-o aconselhar: “Era assim mesmo que pobre devia fazer. Era se unir, e não viver brigando por aí afora como cachorro.”⁸⁰

Como aparece no dicionário, a palavra menino também é direcionada para adultos a depender da relação da pessoa que chama a outra dessa forma. Seu Lucas, sendo uma espécie de figura paterna entre trabalhadores negros, portanto, utiliza-se desse termo. É interessante notar que “negrinho” também carrega esse sentido afetivo, a depender da situação, mesmo que isso não tenha aparecido no dicionário de Candido de Figueiredo. Entretanto, esse sentido não aparece na fala dos personagens, mas quando Lins do Rego mostra o pensamento de Seu Lucas, escolhe mudar o tratamento para referir-se aos homens negros que estavam envolvidos na greve. Neste contexto, ele narra, em terceira pessoa, a tristeza de seu Lucas no final do romance, ao ver trabalhadores negros que frequentavam o seu terreiro sendo levados para a prisão de Fernando de Noronha, após participarem da greve dos operários: “Os seus **negrinhos** iam para Fernando. Que tinham feito eles para ir pra Fernando?”⁸¹(destaque nosso). Portanto, observando as formas de tratamento diferenciada por meio de vocabulário, é possível perceber que os mesmos sujeitos que foram considerados “moleques” durante a infância se reconheciam como “meninos” entre pessoas do seu convívio.

⁷⁷ REGO, José Lins do. *O Moleque Ricardo*. São Paulo: Global Editora, 2022, pp. 67

⁷⁸ Ibidem, pp. 221

⁷⁹ Ibidem, pp. 142

⁸⁰ Ibidem, pp. 142

⁸¹ Ibidem, pp. 282

Ou seja, acessar o vocabulário utilizado no período não é suficiente para compreender como eram vistos e como se viam na sociedade. Entretanto, ajuda a entender que, a depender do lugar ocupado entre os falantes daquele vocabulário, a escolha dos termos muda. No mundo letrado, como na própria imprensa e no dicionário, há divisões claras, para aquela sociedade, do que é ser um menino ou um moleque, entretanto o romance deixa escapar situações que complexificam os sentidos de ser criança.

Outro ponto que vale a pena ressaltar são as visões divergentes que crianças de classe e cor diferentes possuem umas das outras. Destaco a descrição feita por Lins do Rego das memórias de Ricardo durante sua infância no engenho do Santa Rosa:

Andava pelo mato, espetando os pés atrás do gado. Em casa Mãe Avelina botava jucá e pronto. Não se falava mais nisto. E no entanto, quando Carlinhos ralava o joelho na calçada, corria gente de todo canto da casa. Davam água fria ao menino por causa do susto e passavam pedaço de pano pela ferida.⁸²

É importante sublinhar que, na narrativa de Lins do Rego, é reforçada a imagem construída sobre o cuidado que as mulheres negras tinham com seus filhos, inferiorizando-as. No período de publicação do livro, circulavam padrões sobre cuidado materno, tão presentes nas páginas de periódicos como *O Jornal*, que tinha, inclusive, uma coluna dedicada a ensinar as mães, conforme a ciência médica do período, a como cuidar dos seus filhos. A coluna era assinada pelo doutor Martinho da Rocha, tal como aparece em “Medicina de urgência no lar”, na edição de 23 de agosto de 1932 do periódico. Trata-se de um conjunto de instruções focado nos cuidados maternos com os acidentes, que inclusive aparecem aos montes quando pesquisamos a palavra “menino”, “menina”, “criança” e “menor” nas sessões policiais. Nesse artigo, o autor já inicia deslegitimando o que ele chama de recorrer à “Assistência pública” ao tratar de situações de acidentes sofridos por menores, se referindo justamente ao conhecimento popular, o que poderia incluir a prática de Avelina passar jucá na ferida de Ricardo, no trecho anteriormente citado.

Não raro, a vida habitual da criança é agitada por acidentes mais ou menos graves, cujas consequências a mãe ativa reduzirá ao mínimo, intervindo com habilidade, antes de chegar o médico. Mais vale agir logo do que desmanchar-se em pranto e apelar para a “Assistência Pública”.⁸³

Em seguida, o autor cita os inúmeros acidentes que ocorrem nas ruas, inclusive os tão noticiados atropelamentos de menores:

Fora do lar há também perigos, não devendo ser menor a fiscalização. Basta lembrar a possibilidade de agressão por insetos (abelhas, maribondos, formigas), ou mesmo serpentes. Se há praia, lago, ou rio nas vizinhanças, o perigo de afogamento é grande, devido ao impulso dos petizes pela água. Não é menor o perigo do fogo. Quero citar, apenas, os múltiplos acidentes que anualmente se repetem nos festejos de S. João. Nas

⁸² REGO, José Lins do. **O Moleque Ricardo**. São Paulo: Global Editora, 2022, pp. 30

⁸³ ROCHA, Martinho da. Medicina de urgência no lar. **O Jornal**, 23 de agosto de 1932, pp. 2

ruas, o atropelo por automóvel outros veículos provam quanto é indispensável a proteção materna. Há lá fora muitas outras ameaças a obviar quedas, contusões, ferimentos com hemorragia, fratura, etc.⁸⁴

Portanto, é possível afirmar que as notícias de acidentes que tanto aparecem em *O Jornal*, quando procuramos o termo “menino”, “menina” e “criança”, conversando com os artigos de Martinho Fontes, está direcionado às mães de classe média a alta, ao cuidado de crianças que possuem uma estrutura familiar na qual a mãe está presente em casa e não são as mulheres trabalhadoras que precisam deixar seus filhos sozinhos durante o dia, como Avelina e tantas outras. É importante lembrar que, no começo do século XX, médicos investiram em tentativas de ensinar mulheres a como cuidar de seus filhos, como no caso das concepções de Noé Azevedo, analisadas por Margareth Rago:

Do mesmo modo, a ignorância das mulheres era responsabilizada pela alta taxa de mortalidade das crianças uma vez que as mães desinformadas ignorantes das classes pobres não sabiam cuidar da higiene dos recém-nascidos. O problema da ignorância era identificado, nesse registro, ao da miséria e, portanto, considerada específico das camadas populares.⁸⁵

Também é importante ressaltar como isso recaía na forma como sujeitos letrados descreviam hábitos que remetem ao cotidiano do período da escravidão, em especial das mães escravas e daquelas descendentes de escravizados. Em *O Moleque Ricardo*, há a descrição dos hábitos da mãe de Ricardo da seguinte forma:

Vira desde que se entendera de gente ela dormindo com outros homens. Quase que não deixavam lugar para ele dormir. As vezes com a lua entrando pelas telhas via tudo, mas fazia que não via. Ela reclamava: “Olha o menino”. E o amor, o coito cegaram os dois. Não queria mal à mãe por isso. Quando cresceu mais, ficou mais de longe. Outro irmão mais moço estaria como ele antigamente de mais perto.⁸⁶

Em seguida o narrador conta que: “Avelina era mãe para tudo. Não lhe fazia inveja a mãe de ninguém.”, “[...] até o botara na escola do Pilar. Ricardo aprendera a ler, assinava o nome. A mãe dera os livros, comprara até botinas.”⁸⁷. Ainda sobre a questão do cuidado materno, o autor narra o momento em que Ricardo, aos 16 anos, foge do engenho do Santa Rosa. Nesse episódio, a reação de Avelina foi fazer promessa para São Severino dos Ramos, mas depois esqueceu a situação, pois tinha muitos afazeres e outros filhos para criar, entretanto, é narrado que, às vezes, suspirava de saudades.

Ainda sobre a mãe de Ricardo, o autor afirma que:

Os homens com quem a mãe dele estava, só mesmo se encontravam com ela na cama. Nunca vira homem nenhum conversando com Mãe Avelina. Só iam para lá fazer o serviço e sair. Diziam no engenho que ele era filho de José Ludovina, e o seu irmão Manuel Severino, de João Miguel. Via com naturalidade muita gente no quarto da

⁸⁴ ROCHA, Martinho da. Medicina de urgência no lar. *O Jornal*, 23 de agosto de 1932, pp. 2

⁸⁵ RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014, pp. 127

⁸⁶ REGO, José Lins do. *O Moleque Ricardo*. São Paulo: Global Editora, 2022, pp. 20

⁸⁷ *Ibidem*, pp. 20

“rua” espichada na cama com a mãe. Se Mãe Avelina pudesse, teria um homem como seu Antônio para trabalhar para ele. Ser criada e uma vez ou outra fazerem os dois o que todo o mundo fazia.⁸⁸

A respeito disso, é preciso entender implicações da descrição sobre Avelina, que está diretamente relacionada à forma como o autor retoma práticas da escravidão para descrever sua interpretação da realidade brasileira. Segundo José Ricardo Marques Resende Júnior, “Devido ao caráter violento da escravidão no Brasil, alguns autores acreditavam que a cultura negra tinha se deteriorado o que consequentemente levou à destruição moral dos costumes, que levaria por sua vez à devassidão.”⁸⁹, o que estaria relacionado à percepção da não existência da formação da família escrava.⁹⁰ O autor cita Caio Prado Junior (1942) como um dos pesquisadores que acreditava na deteriorização da moral, entretanto, analisando a historiografia da escravidão brasileira, Resende Júnior percebe que a partir da década de 1970, intensificam-se os estudos que comprovaram a formação de família escrava e, a partir da década de 1990, buscou-se compreender de forma mais precisa como eram estabelecidos laços de parentesco, para além da noção nuclear e cristã de família.⁹¹

Nesse sentido, Ricardo Marques Resende Júnior argumenta que atualmente é inegável a importância da família escrava, mostrando como estudiosos do tema vem defendendo que ela permitiu aos escravizados estabelecerem vínculos de afeto e solidariedade para resistir e sobreviver à escravidão. Citando Jonis Freire, o autor explica como a família escrava fazia com que escravos criassem uma identidade enquanto grupo, o que contribuía para a integração comunitária social do negro⁹². O autor comprova, a partir de análise de grupos de inventários, a existência de ligações familiares dos cativos de determinadas escravarias e como crianças escravas “[...] mantiveram em contato com suas famílias, tiveram uma rede sólida e vasta de

⁸⁸ REGO, José Lins do. **O Moleque Ricardo**. São Paulo: Global Editora, 2022, pp. 162

⁸⁹ RESENDE JUNIOR, José Ricardo Marques. **"Crianças pretas passeiam em total liberdade" um estudo sobre infância e escravidão: Pelotas e Rio Grande (1820- 1870)**/José Ricardo Marques Resende Júnior; Jonas Moreira Vargas, orientadora. Pelotas, 2021. 209 f.: il. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2021, pp. 15

⁹⁰ Em relação a isso, um dos mais importantes estudos sobre a família escrava e que inaugura a discussão intitula-se *Na senzala, uma flor*, de Robert Slenes. O historiador mostra como vários relatos do século XIX, de viajantes que vieram ao Brasil, acabaram corroborando para a ideia de que não havia famílias nas senzalas. (Slenes, 1999, p. 131). Nesse sentido mostra que “Ao lado faz conclusões enfáticas sobre a “imoralidade” do escravo nas relações sexuais e a “inexistência” da família entre os cativos, existem nesses depoimentos dados sobre os escravos casados e sua vida material e cultural que são passíveis de uma outra leitura, coerente com as conclusões dos estudos demográficos” (Slenes, 1999, p. 132). A importância da família escrava para os cativos também é demonstrada por Slenes por meio de investigações acerca de hábitos e formas de organização da herança africana, bem como na observação das configurações das casas dos cativos.

⁹¹ RESENDE JUNIOR, José Ricardo Marques. **"Crianças pretas passeiam em total liberdade" um estudo sobre infância e escravidão: Pelotas e Rio Grande (1820- 1870)**/José Ricardo Marques Resende Júnior; Jonas Moreira Vargas, orientadora. Pelotas, 2021. 209 f.: il. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2021, pp. 157

⁹² Ibidem, pp. 158

relações que não estavam apenas registrada nos batismos, mas também significavam compromisso, afeto, responsabilidade e cuidado.”⁹³ Nesse sentido, o autor argumenta a importância do afeto entre mães escravizadas e suas crianças para a mútua sobrevivência no cativeiro.

Talvez José Lins do Rego estivesse atento a formas de cuidado entre familiares descendentes de escravizados, todavia, é inegável que estava inserido em um contexto em que hierarquias são colocadas a respeito da forma de cuidado com os filhos entre mães de classe baixa e mães com maior poder aquisitivo. Em toda a sua obra esse é apenas um entre os momentos em que o autor deixa claro um posicionamento sobre o que considerava mais ou menos civilizado, em consonância com concepções que circulavam, como a de Martinho da Rocha.

Entre os critérios para classificar os menores em graus de normalidade estavam o ambiente em que eles vivem, a presença ou ausência de pai e mãe, classe e cor, entre outros aspectos, tal como a ausência do cuidado materno, sendo esse critério ligado diretamente ao modelo familiar que congrega pai, mãe e filhos. Determinismos como estes ficam claros nos romances aqui analisados. Em *Menino de Engenho* e *Doidinho*, diversas vezes o autor cita o fato de o pai de Carlinhos ter matado a sua mãe e enlouquecido. O autor associa essa situação com as perturbações mentais que inquietam Carlos de Melo, deixando, inclusive, este personagem temeroso de acabar enlouquecendo como o pai. Isso não se aplica apenas ao personagem principal, mas a outros, como o filho da prostituta, Lycurgo, sendo ele um menino viciado em cigarro. Em Jorge Amado, os comportamentos dos Capitães da Areia associados às atitudes de adulto, tais como fumar, roubar, ter relações sexuais precocemente, são associados à situação de abandono e pobreza. A cor de Ricardo (*O Moleque Ricardo*) e sua vida passada como trabalhador do engenho determina a sua dificuldade em vislumbrar a liberdade. A cor e a classe de mães, portanto, não seria tratada de forma diferente nesses romances.

Apesar disso, tanto José Lins do Rego quanto Jorge Amado testemunham a complexidade de redes de relações de cuidado e afeto que esses menores construíram com pessoas que não são, necessariamente, seus pais. Em *Doidinho*, Carlos de Melo possuía um amigo, Coruja, com quem pôde contar para escrever uma carta ao seu avô pedindo para buscar Carlos do internato, este também tinha suas relações de cumplicidade com o pai do diretor do

⁹³ RESENDE JUNIOR, José Ricardo Marques. "**Crianças pretas passeiam em total liberdade**" um estudo sobre **infância e escravidão**: Pelotas e Rio Grande (1820- 1870)/José Ricardo Marques Resende Júnior; Jonas Moreira Vargas, orientadora. Pelotas, 2021. 209 f.: il. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2021, pp. 181

reformatório, seu Coelho, que, em momentos que o diretor não estava à espreita, apoiava e defendia Carlos. Os Capitães da Areia mantinham relações de cuidado com a mãe de santo Dona Aninha, que possuía meios para tratar deles quando doentes. Por vezes, portanto, estes menores constituíam suas redes de cuidado e proteção entre eles próprios, que estavam longe de obedecer às recomendações de doutores como Martinho da Rocha.

Ainda sobre formas de tratamento, como já explicado, a palavra “menina” aparece em momentos que a mãe de Odete se dirige a ela, bem como em alguns poucos momentos que Lins do Rego quer demonstrar alguns posicionamentos no pensamento de Ricardo sobre o fato de Odete ser boa: “Casara-se com uma moça da rua do Cisco, uma **menina** boa, e se abusara dela, da família, da casa”⁹⁴ (destaque nosso); “Via a menina doente, confiando na vida”⁹⁵. Esses trechos são situações em que Ricardo percebe que não está amando Odete, chegando até a desejar a morte da esposa quando esta estava doente, vendo a mulher como uma prisão. Nessa situação, sentia-se mal, como alguém que houvesse dela maltratado, visto que, até a traiu. É justamente nesse contexto em que José Lins do Rego, enquanto narrador onisciente, escolhe o termo “menina”, no sentido de destacar como Odete foi vítima de uma situação.

Ainda a respeito da forma de tratamento da mãe de Odete para com a filha, é importante destacar que ambas são mulheres negras e contrariam a própria descrição dada por José Lins do Rego sobre a relação das mulheres negras do Santa Rosa com seus filhos. Em diversos momentos do livro, é evidenciado o carinho e cuidado dos pais de Odete com ela e a preocupação com o futuro do seu casamento. Em relação a isso, destaco também o caso da menina Arminda de *Jubiabá*, uma menina de 12 anos que fica órfã de mãe e passa a ser olhada por homens adultos na cena em que estão velando Sinhá Laura, sua mãe morta. Acontece que Antônio Balduino tem a impressão de estar sendo encarado pelo cadáver enquanto ele tenta espiar o corpo de Arminda no outro lado da sala. Nesse episódio, é evidenciado que, mesmo após sua morte, Sinhá Laura tenta proteger a filha de homens com segundas intenções.

Assim como Sinhá Ambrósia e Sinhá Laura, a mãe da personagem Maria Pia, de *Menino de Engenho*, também tenta zelar pelo destino da filha. Nesse último caso, que aconteceu no engenho do Santa Rosa, o avô de Carlinhos, José Paulino, mandou botar no tronco um rapaz preto chamado Chico Pereira, que se negava a casar com Maria Pia, descrita como “mulata”. José Paulino, como autoridade máxima daquele engenho, quer o obrigar a se casar com ela. Todos acreditavam ter sido ele o “autor do malfeito na mulata Maria Pia”. Nessa situação a mãe

⁹⁴ REGO, José Lins do. **O Moleque Ricardo**. São Paulo: Global Editora, 2022, pp. 200

⁹⁵ Ibidem, pp. 203

da menina viera dar queixas a José Paulino, dizendo que Chico Pereira havia feito mal à menina, o que, pelo contexto da narração, teria a deflorado (termo utilizado no Código Penal de 1890 para referir-se à perda da virgindade da vítima de crime de sedução). A resolução que a mãe pedia era que Maria Pia se casasse com Chico Pereira, justamente por tratar-se de um contexto em que, após deflorada, muito provavelmente a menina não conseguiria se casar novamente, sendo que muitos casos como esses terminavam em casamento.

A mãe de Maria Pia implorava à tia de Carlinhos: “— Proteja a minha filha, Maria Menina.” José Paulino manda a menina buscar a bíblia para que jurasse em cima do livro santo que apenas contaria a verdade: “— Você vai jurar em cima deste livro santo como contará a verdade de tudo. O cabra está no tronco. Ele nega, prefere morrer a casar. Vamos, bote a mão aqui em cima e diga o nome de quem lhe fez mal.”⁹⁶ A mãe, chamando-a de menina diz: “— Menina, não bota a tua alma no inferno.” Porém, ela acaba revelando: “— Juro que foi o doutor Juca quem me fez mal”. Neste caso, é bem possível que se trata do crime de sedução, entretanto, a vítima fez de tudo para a resolução ser casar com outro homem, que não Jucá, o filho do senhor de engenho. Casos como esses apareciam aos montes nas notícias com o termo “menor”. Entretanto, não temos detalhes a respeito deles, visto que, como informado, apenas aparece o tipo do crime e o nome do homem que seduziu a menor.

Todavia, chama atenção o fato de haver uma grande diferença na narrativa das notícias ao longo do início do século XX. Em pesquisa que realizei em 2020, sobre crimes de sedução que aparecem de 1900 a 1909 no *Correio da Manhã*, foi possível perceber que o termo “menor” e “moça” aparecem entre os 35 casos investigados, entretanto, só há um caso em que o termo “menina” aparece entre esses. A palavra tampouco é utilizada nas notícias do ano de 1932 em *O Jornal* para se referir aos crimes de sedução. Entretanto, na década de 1900 os casos eram mais longos, havia o nome da menor e da mãe ou do pai, ou dos dois, bem como as informações de como se deu o fato.

Portanto, talvez seja possível concluir que as notícias de crime de sedução tornaram-se mais sintéticas devido alguns critérios de publicização da situação da vítima terem mudado. Talvez essa mudança, em parte, tenha sido um sinal da participação de mães na tentativa de protegerem a integridade e o futuro de suas filhas, lutando contra a sua exposição, visto que, a maioria das procuras de denúncia contra os crimes de sedução eram realizadas pela mãe da vítima.

⁹⁶ REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. São Paulo: Global Editora, 2020, pp. 58

A partir do que foi investigado até então, é possível perceber que refletir sobre formas de tratamento por meio do vocabulário pode nos ajudar a desnaturalizar ideias de que famílias das classes populares tinham menos cuidados com seus filhos e que, sujeitos referenciados como moleques e molecas poderiam até ser vistos dessa forma por quem estava distante do seu cotidiano, mas para seus familiares e pessoas com quem construíram laços de cumplicidade e cuidado, estavam longe de serem apenas “menores” sujeitos a perigos ou criadores de problemas, bem como estavam distantes de serem apenas “moleques”.

É difícil ter acesso a muitos casos de crimes cometidos por menores. Todavia, não é de se estranhar a não exposição desses casos, considerando-se que, desde 1926, há a proibição de publicização de nomes de menores presos e dos que estão respondendo processo criminal. Segundo aparece na notícia de 12 de novembro de 1926, do jornal da Bahia *A Capital*: “Temos, por exemplo, uma lei que proíbe a publicação dos nomes dos menores delinquentes, por parte da imprensa.”⁹⁷ Não foi encontrada, nessa pesquisa, dados no Código de Menores que especifiquem a proibição da publicação de nomes e fotos de menores na imprensa, quando estes eram vítimas de algum crime, em especial vítimas de crime de sedução. Porém, quando não se tratava deste último crime, foi possível encontrar notícias com fotografias e nomes de menores vítimas de atropelamento e assassinato, por exemplo. No ano de 1926 a coluna citada do jornal *A Capital* denuncia, apesar da lei sobre a não publicação dos nomes de menores presos e que estão respondendo a processo criminal, que o próprio *Diário Oficial* do período violava essa regra. Em relação a essa proibição, pode-se encontrar no próprio Código de Menores de 1927, no Capítulo “Dos menores delinquentes”, no artigo 89:

Art. 89. É vedada a publicação, total ou parcial, pela imprensa ou por qualquer outro meio, dos atos os documentos, do processo, debate e ocorrências das audiências e decisões das autoridades. Assim também a exibição de retratos dos menores processados, de qualquer ilustração que lhes diga respeito ou se refira aos factos que lhes são imputados. Todavia, as sentenças poderão ser publicadas, sem que o nome do menor possa ser indicado por outro modo que por uma inicial. As infrações deste, artigo serão punidas com a multa de 1:000\$ a 3:000\$, além do sequestro da publicação e de outras penas que possam caber.⁹⁸

Em relação à proibição de publicação de detalhes a respeito de crimes sofridos por menores, em especial crimes de sedução, pode-se afirmar que ela estava diretamente relacionada a uma mudança de posicionamento na imprensa, de maneira geral, a respeito das notícias sensacionalistas. A existência da lei contra a publicação de nomes de menores criminosos, já havia decisões tomadas no Congresso Pan Americano de Jornalistas. Em 15 de

⁹⁷ Importância policial. *A Capital*, Bahia, 12 de novembro de 1926, pp. 1

⁹⁸ BRASIL. Código Penal de 1890. Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890.

abril de 1926, *O Jornal* publica sobre o congresso, explicando as decisões tomadas, entre elas estava a supressão de notícias de crimes. Talvez, por essa razão, ao acessar notícias nas colunas policiais que mencionam crianças e adolescentes, é difícil encontrar notícias detalhadas sobre os crimes de sedução na década de 1930. Acessando notícias de crimes de sedução contra menores na década de 1910, há detalhes sobre a vida da vítima e da sua família, nos moldes do texto sensacionalista. Apesar do entendimento desse processo das notícias sobre os menores não ser o foco deste trabalho, é importante pensar na possibilidade de que, talvez, a não exposição dos detalhes da vida de meninas que eram seduzidas fosse resultado de uma luta antiga para a proteção dessas menores, mesmo que a motivação da supressão de nomes possa ter sido mais focada em algum tipo de moralismo ou ocultamento de situações de desestruturação familiar que poderiam gerar algum tipo de escândalo.

O citado artigo 89 do Código de menores mostra como o período que envolveu a elaboração do Código de Menores de 1927 tratou-se de um momento em que a intenção de proteger esses sujeitos crescia. Neste momento, segundo Morelli, dois pontos sintetizam discussões importantes sobre leis voltadas para crianças: o velho sistema de punição e repressão é substituído pela de educação, enquanto antes o foco era tratar do discernimento ou não do menor, para que este seja punido por crimes cometidos.⁹⁹ Portanto, é importante pensar nas formas de tratamento também como um sinal de posicionamento, a depender do contexto em que é utilizado um vocabulário que carrega significados sobre quem eram esses personagens infantis.

A respeito desse ponto, destaco o uso do vocabulário “moleque” e “criança” por Jorge Amado. Comparando suas obras *Jubiabá* (1935) e *Capitães da Areia* (1937), percebe-se que a primeira dedica dois capítulos para falar da infância de Antônio Balduino nas ruas, vivendo com outros menores mendigando e cometendo furtos, sendo Balduino o líder do grupo. Dois anos depois, com a publicação de *Capitães da Areia*, Jorge Amado amplia a narração da vida das crianças moradoras de rua, mudando apenas os personagens, dessa vez tratando-se de crianças que viviam no trapiche abandonado na Bahia, sendo Pedro Bala uma espécie de versão branca, e descendente de imigrante, de Antônio Balduino.

Primeiramente, chamo a atenção para o interesse de Jorge Amado em ampliar sua escrita sobre esses sujeitos, em segundo lugar destaco outro aspecto que muda de *Jubiabá* para *Capitães da Areia*: o vocabulário predominante para referir-se às personagens infantis. A

⁹⁹ MORELLI, Ailton José. **A criança, o menor e a lei**: uma discussão em torno do atendimento infantil e da noção de inimputabilidade. Dissertação de Mestrado, Assis, UNESP, 1996, pp. 87

palavra “moleque” em *Jubiabá* é amplamente utilizada para falar das crianças do Morro do Capa Negro, local onde viveu Antônio Balduino durante sua infância. Tal termo, apesar de ser também utilizado em *Capitães da Areia*, não é a palavra preferida pelo autor para descrever suas personagens. Ademais, a palavra “criança”, além de ser muito mais usada na publicação de 1937, é motivo de tensão, pois um dos grandes dilemas do livro é se os meninos do grupo dos Capitães da Areia são homens ou crianças, portanto, uma disputa travada por padre José Pedro, sobre como deveriam ser tratados.

Tal embate fica claro no diálogo da personagem padre José Pedro e a viúva Dona Margarida, quando é encontrado junto aos Capitães da Areia:

— O senhor não se envergonha de estar nesse meio, padre? Um sacerdote do Senhor? Um homem de responsabilidade no meio desta gentinha...

— São crianças, senhora.

A velha olhou superiora e fez um gesto de desprezo com a boca. O padre continuou:

— Cristo disse: “Deixai vir a mim as criancinhas...”

— Criancinhas... Criancinhas... - cuspiu a velha.

— “Ai de quem faça mal a uma criança”, falou o Senhor - e o padre José Pedro elevou a voz acima do desprezo da velha.

— Isso não são crianças, são ladrões. Velhacos, ladrões. Isso não são crianças. São capazes até de ser dos Capitães da Areia... Ladrões - repetiu com nojo.¹⁰⁰

Esse é apenas um dos inúmeros episódios no livro que poderia ser citado sobre o significado de ser criança. Destaca-se também os fluxos de pensamentos de padre José Pedro:

Eram como homens, se bem fossem crianças... Não era possível tratá-los como aos meninos que vão ao colégio dos jesuítas fazer a primeira comunhão. Aqueles tem mãe, pai, irmãs, padres confessores e roupas e comida, tem tudo....¹⁰¹

Em *Jubiabá*, apesar de haver situações em que a infância é colocada em dúvida, a tensão com o termo “criança” ainda não havia sido investida pelo autor. Entretanto, é importante ressaltar o trecho de quando Antônio Balduino tinha quinze anos e pede a um homem “_ Uma esmola, pelo amor de Deus...”. Porém, a reação do homem de paletó é reprovar que um “pedaço de homem desse” estaria a pedir esmola, o chamando de vagabundo e mandando-o ir trabalhar. Nesse momento, Balduino, conhecendo o peso da moral do trabalho, se defende ao inventar que ele só não trabalha, porque chegou de fora e que está desempregado, mas que estava procurando e que não tinha medo de trabalhar.

Há algo em comum entre Ricardo, Antônio Balduino e os integrantes do grupo dos Capitães da Areia. Todos têm que lidar, em algum momento, com seu caráter infantil sendo colocado em dúvida ou até negado. A narração da infância de Ricardo deixa bem claro que, quando o menino ainda era menor, frequentava a casa grande e até ganhava certa atenção dos

¹⁰⁰ AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 106

¹⁰¹ Ibidem, pp. 205

seus moradores: “Em pequeno vivia pela sala com os senhores lhe ensinando graça para dizer. Os meninos brancos brincavam com ele.”¹⁰². Esse processo, para Lins do Rego, não ocorria só com Ricardo, mas com os outros moleques, conforme o seguinte trecho de *Doidinho*:

Andorinha, Macacheira, Periquito — chamavam-se assim. Os seus nomes, eles mesmos até se esqueciam. Uns, eram dados de presente no engenho pelos pais. Abandonavam-os para os desvelos da mamãe bagaceira. Em pequenos achavam graça no que os molequinhos diziam. Amimavam-os como aos cachorrinhos pequenos. Iam crescendo, e iam saindo da sala de visitas. E quanto mais cresciam mais baixavam na casa-grande. Começavam a lavar cavalos, a levar recados. Os mais inteligentes ficavam, como o Zé Ludovina, no serviço doméstico do Suserano. Os outros, perdiam o nome, bebiam cachaça, caíam no eito. E cair no eito, entre eles, era o mesmo que, entre as mulheres se chama cair na vida.¹⁰³

Assim como os outros moleques, cedo Ricardo deixou de ser tratado como criança. Antônio Balduino também passa por esse rompimento ao pedir esmola e ser considerado muito velho para isto, o que também acontece com o grupo de meninos que ele chefiava. Antes, pediam esmola cantando uma canção quando vinham grupos de mulheres elegantes:

*Esmola para sete ceguinhos...
Eu sou o mais velho,
esse é o segundo,
os outros estão em casa.
Papai é aleijado,
mamãe é doente,
me dê uma esmola
pra sete orfãozinhos,
são todos ceguinhos...*¹⁰⁴

Nas páginas finais do capítulo intitulado “Moleque”, percebem que a canção não funcionava mais:

[...] e sem notar que estavam crescendo, ficando homens, e que a cantiga que falava em sete ceguinhos não servia mais para eles, que já estavam uns negros fortes, enormes, derrubando mulatas no cais, malandreado na cidade religiosa da Bahia. Começavam a fazer poucas esmolas e um dia foram presos como malandros e desordeiros.¹⁰⁵

Portanto, esses meninos foram obrigados a enxergar que não estavam sendo vistos como crianças, e nem seriam mais tratados como tal e esse momento poderia vir muito cedo, podendo ser cobrados a qualquer momento a terem uma ocupação. Dessa forma, tinham seus próprios meios de justificar o motivo de não estarem trabalhando e acionavam, a sua maneira, narrativas já conhecidas para escaparem quando alguém desconfiava deles. É interessante notar também como eles estavam cientes de estereótipos de inocência e pureza que se esperava da infância. Em *Capitães da Areia*, por exemplo, Pedro Bala, na tentativa de entrar na delegacia de polícia onde estava a imagem apreendida de Ogum, o menino tenta ser preso por apenas uma noite,

¹⁰² REGO, José Lins do. **Doidinho**. São Paulo: Global Editora, 2020, pp. 37

¹⁰³ Ibidem, pp. 208

¹⁰⁴ AMADO, Jorge. **Jubiabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 64

¹⁰⁵ Ibidem, pp. 82

mas, para isso, precisaria ter certeza de que seria solto, portanto, inventa uma mentira para o Bedel:

E quando falou ao guarda sua voz era de uma criança que estava temerosa da noite tempestuosa da cidade.

— Seu guarda..

O guarda olhou:

— O que é, moleque?

— Eu não sou daqui. Eu sou de Mar Grande, vim com meu pai hoje.

O guarda não deixou que ele continuasse:

— E o que tem isso?

— Eu não tenho onde dormir. Queria que o senhor deixasse eu dormir na polícia.

— A polícia não é hotel, malandro. Desaperta, desaperta. — e fez sinal que Pedro se afastasse¹⁰⁶

Antônio Balduino, de *Jubiabá*, antes de levar a vida como mendigo, teria sido acusado de ter espiado a menina Lindinalva enquanto trabalhava na casa do seu pai:

Foi quando um dia viu Antônio Balduino sentado na escada da cozinha, espiando com uns olhos religiosos para Lindinalva que, já com dezoito anos, costurava na varanda. Bateu no ombro dele:

— Ai, hein, negro sem-vergonha! Olhando as coxas de dona Lindinalva...

Balduino não estava olhando coisa alguma, estava era recordando o tempo bom em que eram menores e ele e Lindinalva brincavam no quintal da casa. Mas se assustou como se estivesse de fato espiando as coxas da moça. Aquilo caiu nos ouvidos do comendador. Todos acreditaram.¹⁰⁷

Após esse episódio, Balduino muda completamente sua forma de enxergar os brancos, depois que levou uma surra que o deixou com o corpo todo doendo: “[...] Mas não era só o corpo que doía. Doía-lhe o coração porque não tinham acreditado nele. E como aqueles eram os únicos brancos que ele estimava, passou a odiá-los e com eles a todos os outros.”¹⁰⁸ Nesse momento, Balduino ainda não tinha seus mecanismos de sobreviver às acusações que estavam relacionadas a essa situação desafiadora que tinha de lidar: ser apenas um menino, mas ser tratado como um moleque com más intenções. Portanto, Jorge Amado pode ter dado mais atenção, a partir da publicação de *Capitães da Areia*, à importância de tratar o menor como “criança” e “menino”, podendo indicar algum indício de posicionamento do autor.

Neste capítulo, foi possível perceber, primeiramente, que rastrear o vocabulário utilizado pode ajudar a entender sobre as experiências partilhadas entre aqueles que eram chamados de moleques e aqueles que eram chamados de meninos, entre outros termos. Retornando ao que foi encontrado na imprensa, como já informado, no uso da palavra “menino” e “criança” em *O Jornal*, percebe-se que grande parte dessas notícias que usa o vocabulário “menino”, “menina” e “criança”, bem como as notícias de acidentes sofridos por menores que

¹⁰⁶ AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 135

¹⁰⁷ AMADO, Jorge. *Jubiabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 60

¹⁰⁸ Ibidem, pp. 59

utilizam do termo “menor”, apresentam o nome do pai ou da mãe do menor e onde o sujeito vitimado reside. Isso não significa que inexistiam casos de atropelamento de menores que viviam nas ruas. Entretanto, o que é encontrado nessas notícias parece reforçar o que padre José Pedro diz em *Capitães da Areia*, que o que faz uma criança é o ambiente da casa, pai e mãe, portanto, são essas crianças que se tornam dignas de comoção nas notícias policiais.

Todavia, é justamente nas formas de tratamento que aparecem nos romances que conseguimos enxergar que, se a imprensa policial faz esses sujeitos parecerem descartáveis para a comoção diária, a literatura escancara o cotidiano dessas personagens infantis, possibilitando humanizá-las, a despeito de diversas camadas de influências de concepções de infância marginalizada que esses autores tiveram.

Em suma, a imprensa nos ajuda a pensar qual vocabulário que Jorge Amado e José Lins do Rego estavam partilhando, nos ajudando a entender os significados que estavam para além do que aparece nos romances. A partir disso é possível realizar algumas conclusões. Primeiramente, *O Jornal* nos indica que “moleque”, além de remeter a cor, amplia-se para um sentido negativo, sendo usado, inclusive, para caracterizar a desobediência. Chamo atenção para o fato dessa palavra ainda ser muito utilizada nos dias atuais, todavia, diferentemente do período que estudamos, a marca da cor já não se faz tão presente como a carga negativa que a palavra carrega. O que se pode afirmar, portanto, pela forma como a palavra é usada em *O Jornal*, é que o sentido profundamente racializado ainda estava muito presente na década de 1930.

Como observado, o termo “menino” e “menina” são colocados apenas em situação de serem vítimas, ou na associação com ilustrações de crianças brancas, bem como em colunas de batismo, ademais, “menino” e “menina” tem um sentido afetivo que “moleque” e “moleca” não possuem. De maneira geral, fica evidente como marcadores do vocabulário tinham o intuito de colocar de forma clara não só a diferença de cor, mas ter uma função pedagógica de ensinar, tanto a leitores de sessões infantis, quanto leitores de notícias de acidentes e crimes, que deveria existir um afastamento entre o “menino” e o “moleque”, devido à má influência desses últimos. Trata-se de uma diferenciação em que, de maneira geral, também carrega a mensagem do afastamento entre crianças ricas e crianças pobres.

A respeito da palavra “menor”, esta carrega impessoalidade, podendo referir-se a situações de notícias policiais de maneira geral. Diferentemente dos outros termos, por essa palavra é difícil saber a cor do menor, todavia, chamo atenção para o fato do vocábulo aparecer em número maior do que qualquer outra, o que parece indicar a preferência pela impessoalidade

ao tratar do problema do “menor” nos jornais. Entretanto, em paralelo com essas inúmeras notícias aparentemente neutras, temos, no mesmo jornal, marcadores claros que demonstram uma naturalização da situação marginalizada de meninos negros no país e a piedade apenas por meninos brancos que tinham responsáveis a zelar por eles.

CAPÍTULO II – Pequenos futuros trabalhadores: a luta pela liberdade nas personagens infantis de José Lins do Rego e Jorge Amado

Neste capítulo, investigando os dilemas que menores passavam ao tentarem lutar pela liberdade, foi possível entender o que essa palavra pode ter significado para crianças e adolescentes que estavam em constante vigília e que eram alvo de tentativas de definições e aprisionamento tão expressivas no vocabulário, como visto no primeiro capítulo. Primeiramente, busca-se compreender o que era estar preso e estar livre para cada personagem infantil dos romances analisados, algo que diz mais a respeito de pontos em comum na ânsia pela liberdade na infância e adolescência do que as diferenças entre dois escritores. Entretanto, para a compreensão dessa liberdade, foi necessário se debruçar em como a escravidão influenciou profundamente a história da infância brasileira, e, portanto, a concepção de liberdade de menores. Em seguida, foi preciso compreender que os escritores se apropriaram de anseios por liberdade de menores para dar sentidos a construção narrativa da evolução de suas personagens para que, enfim, seja possível, a partir de reflexões trazidas pela crônica *Trapos de Bronze*, de Rubem Braga, compreender formas de busca de liberdade por menores que ultrapassam limitações dos enredos de Jorge Amado e José Lins do Rego.

II. 1 – A meninice e a molecagem como expressão de liberdade

Ao tratar das obras de Jorge Amado e José Lins do Rego, precisamos nos atentar para o fato de que esses escritores atuaram politicamente no cenário nacional nos idos de 1930. Jorge Amado foi membro do Partido Comunista Brasileiro, a partir de 1932, e até deputado federal, em 1945.¹⁰⁹ José Lins do Rego teve um papel importante no regionalismo nordestino dos anos de 1930¹¹⁰ e trabalhou como funcionário público do governo brasileiro, sendo, inclusive, a partir

¹⁰⁹ Josélia Aguiar, em seu livro *Jorge Amado: Uma biografia*, afirma que Jorge Amado “Foi convocado, pelo comitê estadual do PCB em São Paulo para compor a chapa de candidatos a deputado federal, nas eleições marcadas para dezembro. Contaria Jorge que hesitou, pois desejava era “escrever, viajar, ser dono do seu tempo”. Os argumentos apresentados o convenceram: “O renome de escritor ampliaria a chapa, a popularidade arrastaria votos”. Concordou, com a condição de que, após a eleição, caso vencesse, renunciaria, cedendo lugar ao suplente.” (Aguiar, 2018, p. 197).

¹¹⁰ Segundo Mariana Chaguri, referindo-se à relação entre José Lins do Rego e Gilberto Freyre: “[...] será entre bacharéis nordestinos que desenvolviam atividades como cronistas ou críticos em jornais do Recife que Freyre encontrará excelente acolhida para as suas idéias. Trata-se de figuras como José Lins do Rego, Olívio Montenegro, Alfredo Morais Coutinho, Odilon Nestor, Luís Jardim que, juntamente com outros, apresentavam preocupações comuns quanto ao tumultuado período político que a República atravessava, canalizando seus descontentamentos especialmente para a centralização política entendida como puro artificialismo, uma fórmula fictícia.” (Chaguri, 2009, p. 36)

de 1936, membro da Comissão de Literatura Infantil.¹¹¹ Além disso, os autores expressaram seus posicionamentos sobre a realidade brasileira em artigos na imprensa, colaborando para vários jornais e revistas. Portanto, não podemos separar os posicionamentos políticos dos autores de suas obras.

Entretanto, a análise dos romances vai além desses aspectos. Tratando-se da construção de seus personagens, argumento que os romancistas se apropriaram de dilemas e conflitos próprios das crianças e dos adolescentes brasileiros. É justamente isso que os possibilitaram projetar concepções de liberdade do movimento operário nas demandas de personagens infantis, que, em seus enredos, estão em conflito com as expectativas de adultos sobre elas. As diferentes situações de aprisionamento que marcam o período da infância são expressivas nesses romances, manifestando-se de forma diferente, a depender do lugar que cada personagem infantil ocupa na sociedade. Portanto, este capítulo é inaugurado pelo mergulho na procura da liberdade por personagens infantis.

Começemos pelos romances de José Lins do Rego. Em *Menino de Engenho e Doidinho* ele não traz o tema das greves de trabalhadores como o faz mais tarde em *O Moleque Ricardo*, mas é possível já visualizar formas de questionamento contra injustiças nesses seus primeiros dois romances. O autor investe em narrar o processo de maturação de Carlos de Melo, em especial, da sua consciência acerca da realidade. O período da infância do personagem foi marcado por momentos em que a liberdade se torna algo inegociável. Quando Carlinhos passa a morar no engenho do seu avô, é sua tia Maria que fica responsável por cuidar dele, a partir de então, o vemos lidar com as proibições da infância: “Ficava eu horas a fio sentado na sala de costura, com a carta de á-bê-cê na mão, enquanto por fora de casa ouvia o rumor da vida que não me deixavam levar. Era para mim, esta prisão, um martírio bem difícil de vencer.”¹¹² Nessa passagem ele refere-se aos momentos em que era alfabetizado, não podendo se ocupar de outra atividade.

¹¹¹ Na dissertação de mestrado de Francisco Thiago de Souza Mota, temos acesso à informação de que, no ano de 1936, são criadas diversas instituições com intenções reformadoras, inclusive, uma Comissão de Literatura Infantil, cuja função era estudar a situação desse tipo de produção no país. Sobre a literatura para a infância em jornais e revistas, foram produzidos relatórios, pareceres e debates entre os membros da Comissão, sendo José Lins do Rego um dos principais encarregados dessa tarefa. (Mota, 2014, p. 60)

¹¹² REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. São Paulo: Global Editora, 2020, pp. 32

Durante suas brincadeiras, Carlinhos prendia canários nas gaiolas e enxergava a semelhança dos pássaros com ele próprio, quando não o deixavam sair de casa: “A minha vida ia ficando como a dos meus canários prisioneiros, enquanto meus primos se soltavam e um magnífico verão se abria em dias de festa de sol em noites brancas de lua cheia.”¹¹³ Como seus canários, Carlos tentava fugir em busca de liberdade: “Eu me consolava dessas proibições nas fugidas aos arredores do engenho”¹¹⁴. Quando ele tinha menos de 12 anos, já começa a desenvolver sentimentos de justiça, quando, por exemplo, percebe a situação de Chico Pereira, um trabalhador do engenho que seria morto se não se casasse com a menina Maria Pia. O motivo de forçar o casamento dos dois foi a falsa acusação de que Chico tinha a seduzido e engravidado. Observando a situação do homem, tinha diversos pensamentos de revolta contra a falsa acusação, torcendo para que Chico Pereira fosse solto. Quando seu primo Silvino coloca uma pedra na rampa que o trem passaria, a fim de causar um desastre, Carlinhos, que antes iria observar com ele o acidente, resolve mudar a situação:

E botou uma pedra bem na curva da rampa. Nós ficamos de espreita, esperando a hora. Quando vi o trem se aproximar como um bicho comprido que viesse para uma armadilha, deu-me uma agonia dentro de mim que eu não soube explicar. Parecia que eu ia ver ali perto de mim pedaços de gente morta, cabeças rolando pelo chão, sangue correndo no meio de ferros desmantelados. E num ímpeto, com o trem que vinha roncando pertinho, corri para a pedra e com toda a minha força empurrei-a pra fora. Um instante mais ouvi o ruído da máquina que passava.¹¹⁵

Nos romances *Menino de Engenho* e *Doidinho*, os momentos de liberdade de Carlinhos também são marcados por experiências sexuais, desde a aprender sobre sexo com a fala de outros, até realmente ter contato com uma vida sexual com mulheres negras do engenho. O autor deixa claro que entende a própria infância como um momento vulnerável, descrevendo-a como “os anos mais perigosos da vida”. A medida em que Carlinhos entra em contato com sua vida sexual, ele passa a circular pelo engenho e ter mais liberdade, em especial após adquirir sífilis: “Agora o engenho oferecia-me o amor por toda a parte: na senzala, na beira do rio, nas casas de palha. Os moleques levavam-me para as visitas por debaixo dos matos, esperando a vez de cada um.”¹¹⁶ A partir desse momento, a narração dá ainda mais sentido à ida do menino ao internato: “Agora o colégio iria consertar o desmantelo desta alma descida demais para a terra. Iriam podar os galhos de uma árvore, para que os seus brotos crescessem para cima.”¹¹⁷

¹¹³ REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. São Paulo: Global Editora, 2020, pp. 112

¹¹⁴ Ibidem, pp. 112

¹¹⁵ Ibidem, pp. 60

¹¹⁶ Ibidem, pp. 129

¹¹⁷ Ibidem, pp. 131

A partir de *Doidinho*, quando Carlos de Melo passa a viver num internato, ele lida com um novo tipo de ordem, sendo o diretor Maciel a figura de autoridade máxima naquele lugar. Recebe castigos físicos e passa ser tratado completamente diferente de quando estava no engenho. No internato será a primeira vez que encontrará um amigo em quem poderia confiar e criar laços. Carlos considerava Coruja um irmão que nunca tivera, e via com inveja a solidariedade entre irmãos, pois “[...] quando se tocava num, lá corriam todos, os da mesma carne e os do mesmo sangue, enfrentavam juntos o perigo”¹¹⁸. Coruja chega, inclusive, a apanhar no lugar de Carlos, pois, a pedido dele, mandara escrever uma carta para o avô do amigo, contando os sofrimentos do menino no internato e sobre os castigos sofridos. O diretor acaba descobrindo e Carlos de Melo sentia-se da seguinte forma: “E dentro do meu coração, uma ânsia de crer, de me sacrificar, de me redimir de minha miaria diante de Coruja.”¹¹⁹ Cabe ressaltar que a amizade e o companheirismo é um tema que também se destaca em *O Moleque Ricardo*, *Jubiabá* e *Capitães da Areia*.

O sentimento de aprisionamento é uma constante em *Doidinho*, observável nos momentos de volta ao internato, como aparece no seguinte trecho: “Voltávamos murchos e calados, como pássaros criados em casas, que perdem o jeito de voar”¹²⁰. O confinamento desperta nele o pavor pelo controle. Isso cresce ao longo do livro, aparecendo, por exemplo, quando Carlos de Melo espera seu avô buscá-lo do internato nas férias, e, quanto mais demorava, mais ele pensava em fugir:

9 de junho. Grande expectativa. Se não me viessem buscar? . . . Uma noite com a dúvida dormindo comigo. E que companheira mais incômoda para uma noite em que se ia dormir pensando na liberdade? Que sofreguidão não seria a dos presos que premeditavam fugas, os que passavam meses furando paredes grossas de cadeia para fugir! Que sonhos não teriam estes homens, sonhos compridos com o mundo, com as alegrias da liberdade!¹²¹

Diferentemente dos outros meninos do internato, Carlos de Melo teve grande dificuldade em lidar com ordens e ensaiar para a cerimônia militar de formatura no colégio:

Aquela história de instrução no meio dos outros perturbava-me. O meu nervoso não sabia manter nas provas em público. E o resultado era a nova escravidão a que me prendiam. Chegava lá afrontado, e quando o homem gritava para o colégio eu perdia completamente o domínio da minha vontade, ficava às doidas, aturdido¹²²

¹¹⁸ REGO, José Lins do. *Doidinho*. São Paulo: Global Editora, 2020, pp. 53

¹¹⁹ Ibidem, pp. 43

¹²⁰ Ibidem, pp. 79

¹²¹ Ibidem, pp. 142

¹²² Ibidem, pp. 201

É justamente ao final do livro, no momento em que Carlos participaria da formatura apenas acompanhando o diretor, sem desfilar nos exercícios militares junto aos outros meninos formandos, que ele decide fugir de trem para o Santa Rosa. Naquele momento seu limite chega ao fim e sente a necessidade de voltar a ter a liberdade que desfrutava no engenho do seu avô.

Na sua obra *O Moleque Ricardo*, publicada em 1935, José Lins do Rego nos apresenta Ricardo, que, como já explicado, viveu no engenho do Santa Rosa, chegando até a brincar com Carlinhos na infância. Entretanto, *Menino de Engenho* e *Doidinho* não nos fornecem muitas informações sobre este personagem. Em *O Moleque Ricardo*, como um narrador onisciente, José Lins do Rego nos permite perceber o contraste entre a visão de Carlos de Melo sobre a vida dos “moleques” do engenho e a de Ricardo sobre sua situação como trabalhador. Carlinhos, ao observar a vida dos meninos negros do Santa Rosa, o que incluía a de Ricardo, tinha inveja da suposta liberdade que tinham de circular e brincar até as horas que quisessem. Em contraste, a memória que Ricardo possui da sua infância no Santa Rosa não menciona a liberdade narrada por Carlinhos, nem sequer narra as brincadeiras, mas sim a vida com seus irmãos e preocupações outras, como conseguir uma oportunidade de trabalho na cidade de Recife para não “cair no eito” como outros moleques.

Carlinhos e seus primos invejavam os moleques: “Queríamos viver soltos, com o pé no chão e a cabeça no tempo, senhores da liberdade que os moleques gozavam a todas as horas.”¹²³ Já Ricardo descreve sua experiência no engenho da seguinte forma: “Mais tarde viu que não valia nada mesmo. Só para o serviço, para lavar cavalos, rodar moinho de café, tirar leite. Negro era mesmo bicho de serventia.”¹²⁴ No livro, nos é informado que Ricardo não sentia raiva de Carlinhos, mas vontade de ser como ele, de não ter obrigação nenhuma. Portanto, vemos uma diferença grande nas narrativas, quando voltada para o olhar de Ricardo.

Após fugir do engenho do Santa Rosa, aos 16 anos, para conseguir um ordenado maior em Recife, Ricardo passa um período de dois anos na rua do Arame exercendo tarefas domésticas na casa de dona Margarida: “Trabalhava de manhã à noite, varria a casa, fazia as compras, ia de lata na cabeça buscar água, comprava bicho para a patroa”¹²⁵. Em troca, recebia dez mil-réis por mês, roupa lavada e comida. Entretanto, sobre sua relação com dona Margarida: “No começo fora melhor para ele. Com o tempo foi se aborrecendo. Quando ela errava o bicho, encontrava tudo em casa malfeito.”¹²⁶ Descontava em Ricardo seu aborrecimento, sendo o

¹²³ REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. São Paulo: Global Editora, 2020, pp. 70

¹²⁴ REGO, José Lins do. **O Moleque Ricardo**. São Paulo: Global Editora, 2022, pp. 30

¹²⁵ Ibidem, pp. 35

¹²⁶ Ibidem, pp. 31

sentimento dele nessa situação descrito da seguinte forma: “Mas aquilo doía no moleque. Ele era de carne e osso. Fugira do engenho para uma vida mais dele.”¹²⁷ Depois Ricardo sai da casa de dona Margarida e passa a trabalhar numa padaria, quando tinha aproximadamente 18 anos.

Apesar de ter fugido para ter “uma vida mais dele”, Ricardo não escapa de situações de exploração na padaria de Seu Alexandre. Nesse emprego, a situação dos seus colegas é descrita da seguinte forma: “Eles trabalhavam com uma tanga de estopa. Os masseiros gemiam em cima da farinha do reino com a cara de quem estivessem em luta com um inimigo rancoroso. A boca do forno era um inferno de quente.”¹²⁸ No contato com trabalhadores da padaria, Ricardo passa a fazer parte da chamada “Sociedade”, uma espécie de associação de trabalhadores: “Um dia um dos homens pediu a Ricardo para entrar na Sociedade. A Sociedade fazia o enterro, dava médico para a família e se pagava somente mil-réis por mês. Entrou só por entrar, mas o pessoal da padaria ficou satisfeito com ele.”¹²⁹

Sobre este último trecho, ainda falaremos da complexidade que envolve a caracterização do envolvimento de Ricardo com a luta dos operários. É importante ressaltar que, apesar de o personagem, abertamente, na descrição de Lins do Rego, não compreender a luta dos trabalhadores, o sentimento de aprisionamento não escapa dele, assim como os personagens dos outros livros aqui elencados. Isso é expresso quando ele se casa e passa a viver junto da esposa Odete e sua família:

Era aí que mais lhe apertava o enfado, o nojo da vida. A casa era boa, de oitão livre, com quintal de arvoredos. A rua quieta não fedia, mas o moleque sofria como se lhe faltasse uma coisa essencial e um mal qualquer lhe estivesse maltratando. Não era luxo não. Era mesmo aborrecimento, vontade de ser o que não podia ser, de se ver livre, de chegar tarde em casa, de se meter com mulheres, de fazer coisas que não fizera em solteiro.¹³⁰

Após a esposa morrer, apenas com a ajuda dos trabalhadores da padaria que Ricardo “foi se livrando, ficando outra vez o negro leve e sadio que chegara”¹³¹. Quanto mais perto do final da história, mais livre Ricardo sente-se, até chegar ao ponto de se envolver de fato na greve dos operários e ser preso.

Adentrando nas obras de Jorge Amado, em *Jubiabá*, publicado no mesmo ano que *O Moleque Ricardo*, somos apresentados a Antônio Balduino, que desde os seus 8 anos, morando no Morro do Capa-Negro com sua tia Luísa, chefiava as chamadas “quadrilhas de molecotes que vagabundavam pelo Morro do Capa-Negro e morros adjacentes.”¹³² Jorge Amado narra

¹²⁷ REGO, José Lins do. **O Moleque Ricardo**. São Paulo: Global Editora, 2022, pp. 32

¹²⁸ Ibidem, pp. 45

¹²⁹ Ibidem, pp. 46

¹³⁰ Ibidem, pp. 238

¹³¹ Ibidem, pp. 268

¹³² AMADO, Jorge. **Jubiabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 13

sobre a relação dos meninos do morro com a realidade em que viviam, o que inclui Antônio Balduino, que não questionava sua condição no início:

Já sabiam do seu destino desde cedo: cresceriam e iriam para o cais onde ficariam curvos sob o peso dos sacos cheios de cacau, ou ganhariam a vida nas fábricas enormes. E não se revoltavam porque desde há muitos anos vinha sendo assim: os meninos das ruas bonitas e arborizadas iam ser médicos, advogados, engenheiros, comerciantes, homens ricos. E eles iam ser criados destes homens. Para isto é que existia o morro e os moradores do morro. Coisa que o negrinho Antônio Balduino aprendeu desde cedo no exemplo diário dos maiores.¹³³

Cabe destacar as marcantes relações desiguais de forças entre brancos e negros em *Jubiabá*. Como já explicado no capítulo anterior, Balduino passa a ter ódio dos brancos após seu primeiro castigo injusto. Entretanto, isso vai se complexificando para outros caminhos ao longo do enredo. Primeiramente, interessa-nos entender algumas manifestações de vontade de liberdade que aparecem nos primeiros capítulos do livro, que narram sua infância.

Quando Balduino tinha 15 anos, passado já um tempo após sua fuga da casa do comendador que o castigara, Jorge Amado já nos mostra que, apesar da suposta liberdade que tinha como menino que vivia pelas ruas da cidade, sendo caracterizado como “imperador da cidade negra da Bahia”, faltava algo na sua vida: “Mas falta alguma coisa que para ele achar terá ou que cruzar o mar, ou esperar que o mar lhe traga no bojo de um transatlântico, ou no porão de um navio, ou mesmo preso ao corpo de um naufrago.”¹³⁴ Jorge Amado descreve a vida de Antônio Balduino nas ruas como “[...] anos bons, anos livres, aqueles em que ele e seu grupo dominaram a cidade, mendigando nas suas ruas, brigando nos becos, dormindo no cais.” Nota-se que, apesar da condição de miséria em que esses meninos viviam, Amado evidencia a liberdade de não serem comandados por adultos e de terem suas próprias regras.

O grupo de Antônio Balduino tinha sua organização própria, suas regras, e, quando um deles precisava ser defendido, tomavam medidas, como ocorreu quando brigaram com outro grupo de meninos, quando estes deram uma surra em Gordo (um dos membros do grupo), o que resultou no desaparecimento dos meninos que estavam no terreiro. O companheirismo entre Antônio Balduino e os meninos do seu grupo poderia não ser expresso exatamente como é narrado o carinho entre Coruja e Carlos de Melo, em *Doidinho*. Entretanto, isso não significava que não tinham cuidados uns para com os outros, nesse sentido, Jorge Amado deixa claro que “O grupo era unido e os moleques se estimavam talvez. Apenas sabiam mostrar essa estima dando socos nas costas dos outros e dizendo nomes feios. Xingar com voz doce a mãe do companheiro era o maior carinho que qualquer daqueles negros risonhos sabia fazer”¹³⁵

¹³³ AMADO, Jorge. **Jubiabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 30

¹³⁴ Ibidem, pp. 65

¹³⁵ Ibidem, pp. 67

O contato de Antônio Balduino com a aspiração pela liberdade se faz, primeiramente pela sua repulsa pela escravidão, pela vontade de não servir aos brancos, remontando a um passado recente. Ao longo do enredo vai entrando cada vez mais em contato com a luta dos trabalhadores. Já nos últimos capítulos do livro, ele relembra a sua primeira interação com a greve, no cais de porto, onde estaria trabalhando como adulto:

Ele era moleque de rua mas se lembrava perfeitamente. Gritara, e com ele o grupo todo, protestando contra a prisão do homem. Gritara porque amava gritar, vaiar a polícia, jogar pedra em soldado. Hoje ele precisa de gritar novamente, como no tempo em que corria solto pela rua e não via os guindastes inimigos prontos a lhe rebentar a cabeça.¹³⁶

É notável como Jorge Amado dá sentidos pré-determinados para o envolvimento de Antônio Balduino no movimento operário. A sensação que tinha de ser dono da cidade, por exemplo, aparece em dois momentos, na infância e na vida adulta: “Mas na verdade o negro Antônio Balduino é o imperador da cidade negra da Bahia. Um imperador de quinze anos, risonho e vagabundo. Talvez nem o próprio Antônio Balduino o saiba.”¹³⁷. Nos capítulos finais do livro, isso aparece da seguinte forma, quando estava lutando ao lado dos seus companheiros de greve: “Ele tinha a impressão de que naquele momento eram donos da cidade. Donos de verdade”¹³⁸. Nesse momento de maturação de Balduino, ele tinha consciência de que era dono da cidade.

Adentrando o enredo de *Capitães da Areia*, publicado em 1937, percebem-se muitas semelhanças entre o grupo de meninos de Antônio Balduino, de *Jubiabá* e Pedro Bala. Uma delas é a liberdade que tinham nas ruas, na descrição de Jorge Amado: “Vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas.”¹³⁹ Jorge Amado coloca a livre circulação desses meninos nas ruas como um sinal de liberdade. Apesar disso, não enxerga essa suposta liberdade como algo suficiente, tanto que, Sem Pernas, um dos meninos do grupo, pensava: “E achava que a alegria daquela liberdade era pouca para a desgraça daquela vida.”¹⁴⁰

As ordens que seguiam eram feitas entre eles próprios, a exemplo da proibição de esconder alguma coisa que furtara do resto do grupo, pois “aquilo era um crime contra as leis do bando”.¹⁴¹ Na descrição de Jorge Amado: “[...] meninos abandonados também tem uma lei

¹³⁶ AMADO, Jorge. **Jubiabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 247

¹³⁷ Ibidem, pp. 52

¹³⁸ Ibidem, pp. 250

¹³⁹ AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 27

¹⁴⁰ Ibidem, pp. 44

¹⁴¹ Ibidem, pp. 44

e uma moral, um sentido de dignidade humana”¹⁴². A lealdade de um para com o outro também é uma constante na obra, algo que deve ser destacado, pois, todos esses elementos de organização grupal são sinais claros de que Jorge Amado reforça a ideia de que esses laços se assemelham, de certa maneira, àqueles construídos entre trabalhadores.

Outro tema que diz respeito à liberdade é a fuga de menores, ela aparece em *Doidinho*, *O Moleque Ricardo*, *Jubiabá* e *Capitães da Areia*. Nas obras de Jorge Amado, *Jubiabá* e *Capitães da Areia*, por vezes, fugir e estar longe do lar doméstico poderia significar libertação para menores, a depender da situação. Tanto Felipe, o Belo, de *Jubiabá*, menino loiro de olhos azuis, quanto Sem Pernas, de *Capitães da Areia*, descrito como menino coxo, são caracterizados como aqueles que conseguem emocionar senhoras, fazendo com que elas até lhes ofereçam moradia. Para Felipe, o Belo, “Davam-lhe largas esmolas. Três vezes foi convidado a morar em casas ricas de senhoras ricas. Mas amava a liberdade das ruas e permanecia fiel ao grupo onde já era elemento respeitadíssimo, pois dos mais eficientes.”¹⁴³ Já Sem Pernas, que nunca tivera família, vivera na casa de um padeiro a quem chamava “meu padrinho” e que o surrava. Portanto, fugiu logo que pôde compreender que a fuga o libertaria. No entanto, no momento em que fica um tempo na casa de uma mulher que se oferece para criá-lo, Dona Esther, apesar de ter se sentido bem com a nova vida, ele preferiu seguir o plano de assalto à casa da senhora, planejado pelos Capitães da Areia, pois “Antes de tudo estava a lei do grupo, a lei dos Capitães da Areia. Os que a traíam eram expulsos e nada de bom os esperava no mundo. E nunca nenhum a havia traído do modo como Sem Pernas a ia trair.”¹⁴⁴

Sem Pernas aprendeu com João de Adão, doqueiro que já possuía contato com a luta operária, o que era trair um companheiro. João falara para ele sobre um doqueiro que na greve grande se passara para o outro lado, para o lado dos ricos, furando a greve. Portanto, para Sem Pernas, continuar na casa de dona Esther seria ficar do lado dos ricos, equivalente à traição do doqueiro, atrapalhando o plano de assalto dos Capitães da Areia. João de Adão dizia que a culpa dos Capitães da Areia viverem na criminalidade estava na sociedade mal organizada, que a culpa era dos ricos, para ele “[...] enquanto tudo não mudasse, os meninos não poderiam ser homens de bem”¹⁴⁵.

Pedro Bala também aprendera com o doqueiro João de Adão que a liberdade é algo valioso, que inclusive, seu pai falecera lutando por ela na greve. O doqueiro dizia que não era

¹⁴² AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 189

¹⁴³ AMADO, Jorge. **Jubiabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 67

¹⁴⁴ AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 169

¹⁴⁵ Ibidem, pp. 108

só por salário que fizera todas as greves nas docas, mas pela liberdade, que os doqueiros tinham pouca. Os Capitães da Areia também se envolveram na greve dos operários, contiveram os “fura-greves” contratados pelos patrões, em uma espécie de aliança do grupo com os operários, dividiram-se em três grupos e guardaram as entradas de três depósitos, para impedir que os furadores de greve conseguissem botar os bondes em marcha. Para Pedro Bala era fundamental aliar-se aos operários, pois, na fala dele: “— A greve é a festa dos pobres. Os pobres é tudo companheiro, companheiro da gente.”¹⁴⁶

Portanto, inicialmente, é perceptível como, de formas diferentes, tanto José Lins do Rego, quanto Jorge Amado, dão sentido ao objetivo de denúncia da realidade brasileira a partir de um olhar para a infância marginalizada e, quando não se trata desse caso, a partir da infância que foge das expectativas de pureza, inocência e obediência. Entretanto, não seria possível tornar essa denúncia verossímil para o público leitor do período se ela não carregasse sentidos dos quais leitores pudessem se identificar. No caso desses escritores, preocupados em denunciar a realidade, faz-se importante pensar nas camadas por detrás do contexto que tornou possível a criação das narrações aqui citadas, onde esses personagens infantis possuem padrões de leitura sobre a liberdade que se entrecruzam, mesmo que um dos autores, no caso Jorge Amado, deixe muito mais evidente a intenção caracterizar como positivo o envolvimento das personagens infantis com a luta operária e até como solução para as mazelas que denuncia.

II. 2 – A relação entre trabalho, pós-abolição e infância.

Quando consideramos a década de 1930, período em que os livros elencados foram publicados, é de suma importância lembrar que os autores escrevem em um momento em que o primeiro Código de Menores já estava promulgado (1927), este que colocou diversas restrições para o trabalho infantil e mudou o cenário do direito dos menores no país. Entretanto, é preciso recordar que a década de 1930 é marcada por questões ainda muito ligadas ao passado recente da escravidão. Portanto, pensar a história de crianças e adolescentes no país durante essa década requer um olhar atento para o mundo do trabalho do pós-abolição. Isso afeta consideravelmente a vida desses sujeitos, constantemente perturbada por iniciativas estatais de transformar menores em situação de vulnerabilidade e desamparo em trabalhadores. Portanto, é necessário entender como a relação da infância com o trabalho esteve diretamente relacionada à concepção de liberdade presente nas personagens de José Lins do Rego e Jorge Amado.

¹⁴⁶ AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 334

É importante ressaltar que, os cinco livros aqui elencados fazem referências ao período da escravidão. Em *Menino de Engenho*, por exemplo, cujo tempo ficcional é o início do século XX, num período anterior ao governo de Getúlio Vargas, é mencionada a continuidade das relações entre brancos e negros no engenho do Santa Rosa, após a abolição da escravidão:

Restava ainda a senzala dos tempos do cativo. Uns vinte quartos com o mesmo alpendre na frente. As negras do meu avô, mesmo depois da abolição, ficaram todas no engenho, não deixaram a rua, como elas chamavam a senzala. E ali foram morrendo de velhas. Conheci umas quatro: Maria Gorda, Generosa, Galdina e Romana. O meu avô continuava a dar-lhes de comer e vestir. E elas a trabalharem de graça, com a mesma alegria da escravidão. As duas filhas e netas iam-lhes sucedendo na servidão, com o mesmo amor à casa-grande e a mesma passividade de bons animais domésticos. Na rua a meninada do engenho encontrava os seus amigos; os moleques, que eram os companheiros, e as negras que lhes deram os peitos para mamar; as boas servas nos braços de quem se criaram. Ali vivíamos misturados com eles, levando carão das negras mais velhas, iguais aos seus filhos moleques, na partilha de seus carinhos e de suas zangas.¹⁴⁷

Walter Fraga Filho, em sua dissertação de mestrado defendida em 1994, contribuiu para a compreensão da vida daqueles meninos que circulavam na Bahia do século XIX, focando na questão da vadiagem infanto juvenil neste século. Segundo ele, desde o final da década de 1870, havia a Escola Agrícola da Bahia mantendo um asilo para menores órfãos e desvalidos presos pela polícia nas ruas de Salvador, que intuía a repressão desses sujeitos, internando-os em colônias agrícolas com o fim de torná-los trabalhadores dóceis e disciplinados.¹⁴⁸ Portanto, o autor, assim como muitos outros que escrevem posteriormente, nos mostra que o controle de menores esteve diretamente relacionado à vadiagem¹⁴⁹.

A partir de suas pesquisas, o historiador identifica essa vadiagem como forma de rebelar-se contra as imposições do mundo adulto: “Rebeldia que se expressava no desprezo pelo trabalho, na preferência pela rua em detrimento da casa e no gosto pelas bebidas alcoólicas.”¹⁵⁰ No repertório de divertimentos e travessuras dos menores, que eram condenáveis para a polícia, estava jogar pedras, invadir pomares dos sobrados em buscas de frutas, formar rodas de jogos nos recantos das ruas, entre outras ações.¹⁵¹ Segundo ele, bandos de menores “Gritavam palavras obscenas e resmungavam contra a atitude truculenta da política”, chegando até a

¹⁴⁷ REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. São Paulo: Global Editora, 2020, pp. 69

¹⁴⁸ FRAGA FILHO, Walter. **Mendigos, Moleques e Vadios na Bahia do século XIX**: 1994. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996, pp. 146

¹⁴⁹ Em seu estudo, Walter Fraga Filho afirma que vadiagem, no Brasil do século XIX, além de expressar a condição de indivíduos “vagabundos”, errantes e sem moradia certa, significava a recusa daquele indivíduo em se conduzir de acordo com as normas do trabalho. A vadiagem recobria, portanto, a itinerância e a ociosidade, que eram comportamentos considerados ameaçadores à estabilidade social.

¹⁵⁰ FRAGA FILHO, Walter. **Mendigos, Moleques e Vadios na Bahia do século XIX**: 1994. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996, pp. 117

¹⁵¹ Ibidem, pp. 119

conseguir intimidar as autoridades e impor limites a seu mando.¹⁵² Diferentemente da maioria dos trabalhos que versa sobre a criança em situação de risco¹⁵³, o autor traz observações sobre as práticas contra a ordem, exercidas pelos meninos moradores de rua. Portanto, trata-se de um trabalho que não foca apenas nas políticas estabelecidas para a gestão da infância pobre.

Fraga Filho também chama a atenção para como essas crianças e adolescentes que moravam nas ruas também se fizeram presentes nos movimentos sociais urbanos, dando o exemplo do artigo de João Reis, "A greve negra de 1857 na Bahia": "[...] João Reis demonstra que, durante o movimento paredista de 1857, realizado pelos ganhadores escravos e libertos de Salvador contra o controle de suas atividades, os moleques hostilizaram e ridicularizaram os negros "fura-greves"". Portanto, o alinhamento dos *Capitães da Areia* com o movimento operário, como aparece na obra de Jorge Amado, pode ter remetido a uma prática já antiga. Contextualizando as medidas repressivas, em que menores que circulavam nas ruas eram constantemente tratados como "vadios", o autor ressalta que existia um contingente de menores que tomavam a decisão de abandonar o ambiente familiar, fruto de tensões surgidas na relação entre pais e filhos, ou entre o menino pobre e o mestre de ofício. Sobre este ponto, o autor afirma que as fugas e a vida errante das ruas podiam significar uma forma de resistência infanto juvenil: "Ao serem inquiridos pela polícia, muitos aprendizes confessavam ter abandonado a casa dos mestres por maus-tratos, inclusive espancamentos"¹⁵⁴.

¹⁵² FRAGA FILHO, Walter. **Mendigos, Moleques e Vadios na Bahia do século XIX**: 1994. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996, pp. 122

¹⁵³ Cabe destacar que, na historiografia sobre a infância brasileira, destacam-se os trabalhos publicados no livro *História das Crianças no Brasil*, organizado por Mary Del Priore de 1991, que reúne pesquisas importantes para compreendermos ações da polícia, do estado e de intelectuais na interferência sobre a vida das crianças brasileiras, bem como a maneira como o que esses sujeitos enfrentavam em meio a determinações e ordenações do mundo adulto. Nesse mesmo caminho, destaco também o livro *História Social da Infância no Brasil*, de 1997, organizado por Marco Cezar de Freitas, que também reúne diferentes pesquisas que utilizam diferentes fontes históricas que registram e discutem a respeito de algumas imagens que se cristalizaram historicamente sobre a infância. Nos anos que se seguiram, em um caminho similar, destaco autores que esclareceram aspectos da história jurídica da infância brasileira, como Hêlvio Alexandre Mariano (ver artigo "A constituinte de 1933/34 e o processo de construção das políticas de assistência à infância e o amparo à maternidade no Brasil") e, em especial, pesquisadores tem tentado entender a infância a partir da literatura, como o historiador Francisco Thiago de Souza, na sua dissertação de mestrado defendida em 2014, intitulada "A literatura infantil entre a pedagogia e a arte: tensões e conceituação da produção literária para crianças nos anos 1930 e 1940." Os trabalhos encontrados a respeito da infância a partir da literatura, concentram-se nos trabalhos das pós-graduações em Letras, tais como: "A infância Esquecida: Uma análise da obra Capitães da Areia de Jorge Amado" de Joselma Mendes e "A infância revisitada: um estudo sobre o protagonismo infantil na literatura brasileira ao raiar do século XX", de Laís de Almeida Cardoso. Há poucos trabalhos, também na área de História, que se propõe ir além da exposição dos discursos por de trás de ações repressivas da polícia, das instituições de internação, da medicina, dos ideais circulantes na imprensa, das práticas educativas, da legislação, e do trabalho infantil, que marcaram a história da infância no Brasil.

¹⁵⁴ FRAGA FILHO, Walter. **Mendigos, Moleques e Vadios na Bahia do século XIX**: 1994. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996, pp. 132

Quando consideramos a resistência de menores ao trabalho, também é preciso considerar o motivo das obras elencadas fazerem tantas referências da libertação na infância como o afastamento da escravidão. Em relação à sociedade escravista, os trajetos de meninos negros e brancos, fortemente presentes na obra de José Lins do Rego, são descritos da seguinte maneira pelos autores do livro *Moleque & Nhonhô: Uma História em Preto e Branco (A Criança Brasileira no Período Escravista)*:

[...] as crianças desde muito cedo (antes dos dez anos, quase sempre) começam a ser “treinadas” para a vida adulta, pequenos senhores ou pequenos escravos. Esse “treino” para os meninos e meninas brancos é representado pela escola, longe de casa, e para os meninos e meninas negros é representado pelo início do trabalho escravo, trabalho esse que vai ficando mais pesado proporcionalmente à evolução da idade e do corpo dos pequenos adolescentes, negros ou negras, válido tanto para os rapazes como às moças.¹⁵⁵

Portanto, a história da infância negra no Brasil perpassa pelo trabalho, o que interfere se eram vistas como crianças, trabalhadores, ou algo entre essas duas categorias. Destaco o livro *Escravidão e Liberdade: Estudos sobre Gênero & Corpo, Memória & Trabalho* de junho de 2023, organizado por Lúcia Helena Oliveira da Silva, Jaime Rodrigues e Airton Felix Silva Souza, especialmente o capítulo “Dos afazeres de meninas de cor: Trabalho doméstico, infância e situações de exploração (1920 – 1950)”¹⁵⁶, de Lúcia Helena Oliveira da Silva. Ressalto as observações que Silva faz sobre a Lei do Ventre Livre (1871), de número 2040, marco importante na história das crianças no Brasil, haja vista que ela ultrapassa a concessão de alforrias aos nascidos a partir da sua promulgação. Na prática, os senhores foram possibilitados de disporem sobre o futuro da criança liberta. Geralmente, segundo Maria Aparecida Papali, muitos senhores preferiam ficar com o trabalho delas até os vinte e um anos do que receber uma indenização.¹⁵⁷ Portanto, crianças mantiveram-se em condições análogas à escravidão não só após a Lei do Ventre Livre, mas a Lei Áurea.¹⁵⁸

¹⁵⁵ PIERONI, G; VIANNA, M.; MARTINS, A. **Moleque & Nhonhô uma história em preto e branco: a criança brasileira no período escravista**. 1a. ed. São Paulo, SP: Paco Editorial, 2020. v. 01. 82p, p. 41-42

¹⁵⁶ Neste texto, Silva afirma que ainda há um grande desconhecimento sobre as experiências vivenciadas por crianças e jovens negras no pós-Abolição, que tem sido descortinado por inúmeras pesquisas. Aponta a necessidade de estudos sobre crianças que ficaram com seus pais, responsáveis e patrões nesse período, não só aquelas que foram para órgãos caritativos. Considerando que há obstáculos nas fontes, que normalmente são registros sobre crianças, mas feitos por adultos, a autora sugere: “Nossa fonte para conhecer um pouco mais as experiências vivenciadas pelos pequenos tem sido a literatura.” (SILVA, 2023, p. 69-70).

¹⁵⁷ Um dos artigos obrigava o senhor a cuidar da criança ou se eximir da responsabilidade, recebendo uma indenização: “Uma vez estando em sua responsabilidade, ela deveria passar um período mínimo com sua mãe. Na prática, isso assegurava para a criança, ao menos nos seus primeiros anos, a possibilidade de convívio materno. Caso o senhor abrisse mão da indenização e ficasse com a tutela ou direitos sobre a criança alforriada poderia se utilizar de seus trabalhos, ou seja, era facultado ao senhor o direito de manter ou repassar os direitos sobre a criança até quando fosse considerada adulta, aos vinte e um anos.” (Silva, 2023, pp. 67)

¹⁵⁸ SILVA, Lúcia Helena Oliveira; RODRIGUES, Jaime e SOUZA, Airton Felix Silva (orgs.) **Escravidão e liberdade [recurso eletrônico]: estudos sobre gênero & corpo, memória & trabalho**. São Paulo: FFLCH, 2023, pp. 68

Ainda a respeito da Lei do Ventre Livre, a dissertação de Luciana de Araújo Pinheiro, defendida em 2003, intitulada “A civilização do Brasil através da infância: propostas e ações voltadas à criança pobre nos anos finais do Império (1879 – 1889)”, já destacava como essa lei estava ligada à tentativa de regulamentar longos contratos de trabalhos e severas punições à vadiagem, portanto, após 1871, médicos, pedagogos, assistentes sociais e, principalmente, autoridades imperiais passam a encarar a criança, sobretudo a pobre, como objeto de preocupação social.¹⁵⁹

Sobre esse ponto, é perceptível como as tentativas de repressão à vadiagem estiveram ligadas aos esforços de controle da infância, derivadas do controle sobre a criança negra no Brasil. Referindo-se ao período entre 1888 e 1927, Aline Mendes Soares sintetiza bem como se dá o trabalho infantil antes e depois da escravidão:

Em tempos de cativeiro, as relações eram regulamentadas de acordo com o senhor, e o aproveitamento dessa mão de obra era inevitável para certas tarefas do cotidiano. Ao longo do século XIX, para as famílias pobres, a concepção de trabalho ocorria de maneira prematura e quase natural na vida das crianças, a começar pelos serviços domésticos na esfera familiar. Com o fim da escravidão e com a modificação das relações de trabalho, houve um aumento dos pedidos de mão de obra infantil por parte de anunciantes que requisitavam os mais variados serviços, mais especificamente para o âmbito doméstico e para o comércio. No pós-abolição a busca desenfreada por esse tipo de mão de obra indicava um mundo do trabalho à parte: o trabalho infantil, sem garantias de direito, muitas vezes sem receber ordenado, com alegações como “pegar pra criar” ou “educar o cidadão do futuro” foram formas análogas à escravidão e que estiveram muito presentes no cotidiano dessas pequenas e desses pequenos trabalhadores.¹⁶⁰

Cito esta como apenas uma das tentativas de inserir menores pobres no trabalho. Pesquisas como “Casa Pia e Colégio dos Órfãos de São Joaquim: a inserção dos meninos “pretos” no pós-abolição”, de Érica Mendes Costa, ““Tomar o próprio destino”: infância abandonada, lei e trabalho doméstico na Bahia (1862-1912)”, de Alan Costa Cerqueira, “Internação e domesticidade: caminhos para a gestão da infância na primeira república”, de Adriana de Resende B. Vianna, mostram o encaminhamento de menores para instituições de internação, seja em escolas da Marinha, asilos e escolas agrícolas. O processo de encaminhamento de menores no Brasil esteve fortemente ligado à tentativa de incutir hábitos de trabalho nesses sujeitos.

¹⁵⁹ PINHEIRO, Luciana de Araújo. **A civilização do Brasil através da infância**: propostas e ações voltadas à criança pobre nos anos finais do Império (1879-1889). 2003. Dissertação (Mestrado em História Moderna e Contemporânea) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003, pp. 34-35

¹⁶⁰ SOARES, Aline Mendes. **Precisa-se de um pequeno**: O trabalho infantil no pós-abolição no Rio de Janeiro 1888-1927. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-graduação em História Social, Rio de Janeiro – PPGH, 2017, pp. 169

Costa analisa a saída de órfãos pretos da Casa Pia e Colégio dos Órfãos de São Joaquim entre 1888 a 1927. Segundo a autora, a Casa Pia atendia aos objetivos dos comerciantes e do governo, já que “[...] ao transformar órfãos em mão de obra, a instituição contribuía para dinamizar a economia de Salvador, supostamente diminuindo os perigos para a ordem social ao submetê-los a uma rígida disciplina”¹⁶¹. Alan Costa Cerqueira nos mostra como havia também a contratação de órfãos por meio da Santa Casa de Misericórdia, sendo que grande parte das contratadas eram encaminhadas para o trabalho doméstico, segundo Cerqueira, o objetivo silenciado da Santa Casa era fornecer aos irmãos da Misericórdia ou lares honrados, trabalhadoras submissas e com comportamentos moldados pela Santa Casa.¹⁶²

Compreendendo esses pontos, portanto, é possível entender o motivo das personagens infantis de José Lins do Rego e Jorge Amado tentarem se distanciar, de diferentes formas, de instituições de internação e do trabalho infantil. Visto que, ser inserido no campo de controle de asilos, reformatórios, orfanatos, entre outras instituições, poderia significar, para esses menores, a perda da liberdade e a aproximação com a situação de escravidão, que ainda era um passado recente gravado na memória social. Segundo Adriana de Resende B. Viana, “Dentre as diversas funções ou atividades que faziam parte da rotina policial no começo do século XX, estava o recolhimento de “menores” encontrados nas ruas, o que poderia incluir situações bastante variadas, diga-se de passagem”¹⁶³.

Talvez, por essa razão, Sem Pernas, de *Capitães da Areia*, preferisse o suicídio a ser pego pela polícia, pois isso significaria dar aos ricos o que eles queriam, tirar a liberdade de menores que circulavam nas ruas, como bem mostra a narração: “Sem Pernas sabe que eles gostarão de o pegar, que a captura de um dos Capitães da Areia é uma bela façanha para um guarda. Essa será a sua vingança. Não deixará que o peguem, não tocarão a mão no seu corpo”¹⁶⁴.

¹⁶¹ COSTA, Érica Mendes. *Casa Pia e Colégio dos Órfãos de São Joaquim*: a inserção dos meninos "pretos" no pós-abolição. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022, pp. 13

¹⁶² CERQUEIRA, Alan Costa. **Tomar o próprio destino**: infância abandonada, lei e trabalho doméstico na Bahia (1862-1912). 340 f. il. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, pp. 84

¹⁶³ VIANNA, Adriana de R. B. **Internação e domesticidade**: caminhos para a gestão da infância na Primeira República. In: GONDRA, José G. (Org). *História, infância e escolarização*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2002, pp. 29

¹⁶⁴ AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 242

Para além de entender o pós-abolição para compreender a questão da liberdade, é preciso considerar que os autores realizam escolhas ao inserir personagens negros em cenários que envolvem o questionamento sobre desigualdade de classes. Segundo Ana Paula Palamartchuk, Jorge Amado realiza o seguinte trajeto no enredo de *Jubiabá*: “Experiências externas às do próprio meio vêm encontrar homens e mulheres ávidos por transformações, descontentes com a realidade de suas vidas.”¹⁶⁵ A autora mostra como Jorge Amado se apropria da noção de que é necessário que algo externo encontre o sujeito para que ele tenha consciência de classe, o que estaria relacionado, diretamente, com a visão do PCB, partido do qual o autor participava, em que os segredos da libertação do povo estavam na vanguarda da classe operária.¹⁶⁶

É importante ressaltar como, na obra de Jorge Amado, fica clara a associação da infância dos personagens com o estado de infância que acredita estar a própria classe trabalhadora brasileira.¹⁶⁷ Conforme o personagem sai da infância, ele adquire consciência sobre a realidade social. Apesar das diferenças entre o autor e José Lins do Rego, é notável como este também utiliza da infância na narrativa para construir uma progressão de consciência do próprio Carlos de Melo. Durante o início da sua infância chegava a sentir-se bem ao ser tratado de forma diferente dos outros meninos pobres, na escola do Pilar: “Existia um copo separado para eu beber água, e um tamborete de palhinha para “o neto do coronel Zé Paulino”. Os outros meninos sentavam-se em caixotes de gás.”¹⁶⁸ Entretanto, Carlinhos admitia: “Eu sentia-me bem com

¹⁶⁵ PALAMARTCHUK, Ana Paula. **Os novos bárbaros: escritores e comunismo no Brasil (1928-1948)**. 2003. 383p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1594045>. Acesso em: 18 jul. 2022, pp. 193

¹⁶⁶ Ibidem, pp. 194

¹⁶⁷ Em relação a isso é necessário considerar que, segundo Marisa Schincariol de Mello, outro literato que também se aliou ao PCB, Graciliano Ramos, criticou Jorge Amado, afirmando que suas personagens pareciam caricaturas muito mais ligadas a um papel político direto do que a própria realidade observada: “Em sua opinião, os trabalhadores poderiam ter consciência de classe, mas não nos moldes da militância partidária, porque a agitação política do período ainda se encontrava muito restrita em termos de composição social.” (Ver no capítulo “Encerrando ideias: Graciliano Ramos, Jorge Amado e o realismo socialista (1945-1953)” do livro *Livros vermelhos: Literatura, trabalhadores e militância no Brasil*, página 138). Nessa afirmação de Graciliano é possível visualizar a ideia de que a organização política dos trabalhadores ainda estava, de certa forma, em estágio de infância. Se Jorge Amado dá sinais dessa percepção, isso ainda fica mais forte na opinião de Graciliano Ramos, que considerava até que Jorge Amado traz em seus livros agitações sociais que não seriam possíveis no contexto em que escreve. É importante ressaltar que em 1932 teríamos o Plano Quinquenal da URSS, nele aparece a tese de que a arte livre e o esforço para industrializar o país eram incompatíveis e, pela primeira vez, foi cunhada a expressão *realismo socialista*, que tornou doutrina oficial no I Congresso de Escritores Soviéticos em 1934. Nesse congresso, Górkí conceituou o realismo socialista que, do ponto de vista formal, definia o realismo como o caminho da arte socialista. No Brasil, a partir de 1945, partidos e sindicato, associações profissionais e diretórios acadêmicos se reorganizaram e o PCB legalizado, nesse período o realismo socialista pelo PCB configurou-se de forma a ser difundido nacionalmente como verdadeiro e único projeto de cultura progressista. Vários livros de Jorge Amado foram influenciados pelo realismo socialista, entretanto, segundo Mello, entretanto, a autora não considera enquadra os romances dele da década de 1930 nesse termo, todavia, entende que, mesmo na década de 1930, Jorge Amado já escrevia romances engajados. (Mello, 2010, p. 124-134)

¹⁶⁸ REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. São Paulo: Global Editora, 2020, pp. 48

todo esse regime de miséria.”. Como mostrado na primeira parte deste capítulo, Carlos de Melo, com o passar do tempo, desperta uma visão mais crítica a respeito da realidade social, na medida em que cresce e entra em contato com outros sujeitos, observa situações ao seu redor e sente-se oprimido no internato.

Em relação ao que Ana Paula Palamartchuck argumenta sobre a necessidade de que algo externo desperte a consciência dos personagens de Jorge Amado, isso fica evidente ao observarmos os movimentos operários que ocorrem em *Jubiabá* e *Capitães da Areia*. Apesar de José Lins do Rego não ter atuado diretamente no PCB, alguns traços apontados acima também aparecem em *O Moleque Ricardo*, pois Ricardo precisa inserir-se no mundo do trabalho de Recife e conhecer o movimento operário por outros trabalhadores que o levaram a entrar em contato com o movimento operário organizado pelo Dr. Pestana, na figura de um intelectual, dono de jornal. Mais tarde, foi Sebastião, um masseiro, que conseguira a confiança dos trabalhadores e do próprio Ricardo, depois de um longo processo em que este não se interessava inteiramente no movimento. Sebastião é descrito como aquele que “sabia de coisas e entendia dos direitos de operário.” Ricardo, portanto, mais ao final do livro, passa a querer lutar:

Ele, Ricardo, é verdade, não precisava de nada. Tinha com que comer e com que vestir. A sua barriga não roncava de fome. Deodato, Simão e os outros precisavam. Todos precisavam de comer, só de comer e dormir. Veio então no moleque uma vontade repentina de entrar na greve, de ficar com Simão e Deodato, formando com os amigos. Ele não tinha fome, não tinha raiva de ninguém.¹⁶⁹

Entretanto, como já destacado, durante todo o enredo de *O Moleque Ricardo*, o protagonista tem dificuldade em enxergar o motivo do envolvimento de outros personagens no movimento operário: “Não acreditava no dr. Pestana. Ele vivia somente. Trabalhando, achava que estava fazendo uma obrigação.”¹⁷⁰ Vale lembrar que, não só Ricardo, mas outros personagens negros, como João Grande, de *Capitães da Areia*, não entendiam as preocupações dos trabalhadores grevistas. Em *Jubiabá*, o jovem negro, Antônio Balduino, passa por um processo diferente, conforme se torna adulto, cria uma consciência sobre a desigualdade de classes e passa a, progressivamente, se envolver com a greve. Entretanto, é importante ressaltar como, nesse romance, ocorre o que Eduardo Assis Duarte analisa:

Apropriação implica em superação e o texto amadiano, embora representando a umbanda como uma forma de resistência cultural dos negros e mesmo denunciando a perseguição religiosa de que são vítimas, termina por enquadrar a negritude no discurso partidário, pelo qual a determinação econômica iguala os indivíduos, independente de credo ou cor. Depois de odiar e querer matar "todos os

¹⁶⁹ REGO, José Lins do. *O Moleque Ricardo*. São Paulo: Global Editora, 2022, pp. 256

¹⁷⁰ Ibidem, pp. 179

brancos", Balduino se sente irmão dos brancos pobres e vê nos ricos os verdadeiros inimigos.¹⁷¹

Na fala do próprio Antônio Balduino, fica evidente essa percepção: “Negro e branco pobre, tudo é escravo, mas tem tudo na mão. É só não querer, não é mais escravo.”¹⁷². Sobre isso, é perceptível como Balduino troca a luta de ódio aos brancos por outra luta¹⁷³: “Aquele luta é diferente da que ele sustentou em toda a sua vida. Mas desta que resultou? Resultou ele escravo aos guindastes, olhando o mar como um caminho. Na luta da greve, não. Eles iam perder um pouco da escravidão, ganhar mais alguma liberdade.”

Todavia, conforme identificado no primeiro capítulo desta dissertação, ao avaliarmos experiências de crianças brancas e negras, fica evidente, pela análise da imprensa, que havia distâncias claras na forma como a sociedade tratava crianças brancas e negras. Os romances de José Lins do Rego, apesar de mostrar meninos brancos e negros brincando juntos no mesmo ambiente, nos apresenta infâncias diferentes vividas por esses sujeitos, marcados por sua cor e classe. O mesmo ocorre em Jorge Amado, pois o próprio autor, apesar de trazer grupos de menores de todas as cores convivendo entre si, escolhe, por exemplo, diferenciar o caráter de meninas brancas e negras.

Ainda a respeito da questão da consciência, a criança abandonada de Jorge Amado é apresentada pelo autor como potencial trabalhador consciente. Evidencio a palavra “potência”, não “ato”, pois Jorge Amado constrói suas personagens de forma que seja necessário que algo ou alguém desperte a consciência de classe neles. Pedro Bala e os Capitães da Areia precisariam do doqueiro João de Adão para despertar essa consciência, bem como o estudante de faculdade que conhecem na greve, Antônio Balduino precisa entrar em contato com o movimento operário, a partir da sua entrada no mundo do trabalho. De certa forma, essa necessidade de ter alguém de fora para alertar os trabalhadores está de encontro com a ideia, já desmitificada pela historiografia, de que o próprio movimento operário é algo que veio de fora do Brasil, tanto que, Pedro Bala, menino branco e loiro, é naturalmente inclinado à greve, desde cedo.

Entretanto, é necessário lembrar algumas considerações da historiografia sobre história dos trabalhadores no Brasil. Na apresentação do dossiê “Relações raciais e racismo nos mundos do trabalho”, da revista *Mundos do Trabalho* de 2023, Paulo Cruz Terra e Robério Santos Souza

¹⁷¹ DUARTE, Eduardo de Assis. O Bildungsroman proletário de Jorge Amado. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, Brasil, v. 23, n. 27, p. 175–195, 2018. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i27p175-195. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/148542>. Acesso em: 5 abr. 2024, pp. 191

¹⁷² AMADO, Jorge. *Jubiabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 267

¹⁷³ Sobre isso, segundo Ana Paula Palamartchuk, em sua dissertação de mestrado “Ser intelectual comunista... escritores brasileiros e o comunismo”, Jorge Amado criticava uma memória da escravidão, pois, para ele, o problema não era entre negros e brancos, mas exploradores e explorados e o autor transformara a questão racial em luta de classes.

destacam como alguns estudos sobre os mundos do trabalho trataram a cor dos trabalhadores. Os autores mostram alguns destaques na historiografia, como, por exemplo, Miguel da Cunha Filho e Ubirajara Monteiro, que abordaram, em 2016, a trajetória de um escravo que, ao se libertar, tornou-se médico em Pelotas nos anos iniciais do século XX. Terra e Souza afirmam que:

[...] ao longo da história do Brasil, na escravidão ou no pós-abolição, trabalhadores e trabalhadoras negras - motivadas, muitas vezes, pela necessidade de mitigar a insegurança econômica, garantir liberdade e autonomia, fortalecer laços comunitários ou combater os efeitos da discriminação racial e do racismo - constituíram e reuniram-se em diversos espaços associativos, desde irmandades religiosas ou terreiros de candomblé às sociedades de auxílio mútuo, recreativas, dançantes e desportivas, cordões e clubes carnavalescos etc.¹⁷⁴

Estudos como o de Robério Santos Souza demonstram a relação entre a experiência da escravidão e a luta operária no Brasil. Em *Tudo pelo trabalho livre! Trabalhadores e conflitos no pós-abolição*, o autor argumenta que a experiência negra e a classe trabalhadora ferroviária, se encontraram na Bahia nos anos que seguiram à abolição, o que forjou lutas e reivindicações operárias¹⁷⁵. Portanto, é necessário lembrar da crítica de Álvaro Nascimento, que fala do impacto da ausência do negro nos estudos sobre os mundos do trabalho:

[...] leva-nos à reafirmação da história única, marcada pela superioridade cultural e racial dos imigrantes que se avolumaram no Sudeste e Sul do país no fim da escravidão. Retira-nos o conhecimento de uma sociedade cuja diversidade racial era imensa, reduzindo-se à branquitude e à mestiçagem (Sovik, 2004: 376), estando a primeira nos melhores ofícios e posições e a segunda nos limites da pobreza e da sujeição. Impede-nos, ainda, a compreensão dos males provocados pelo racismo para a sobrevivência e ascensão socioeconômica da população negra e indígena do século XIX até os dias atuais.¹⁷⁶

Talvez, portanto, pensar sobre as noções mobilizadas por José Lins do Rego e Jorge Amado, a respeito do significado de liberdade, pode ajudar a compreender como experiências de trabalhadores egressos da escravidão tiveram influência nas lutas e nos receios de quem resistia às imposições da moral do trabalho, como é o caso das personagens infantis desses autores. Sobre isso, é importante sublinhar, por exemplo, o episódio de *Jubiabá*, em que o pai de santo Jubiabá fala de Zumbi dos Palmares para Antônio Balduino, associando, justamente, uma figura importante de resistência do período da escravidão, no intuito de dar motivação à Antônio Balduino, depois da morte da sua tia Luiza

Antônio Balduino tinha os olhos abertos e tremia de entusiasmo.

¹⁷⁴ TERRA, Paulo Cruz; SANTOS SOUZA, Robério. Relações raciais e racismo nos mundos do trabalho. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 15, p. 1–6, 2023. DOI: 10.5007/1984-9222.2023.e97461. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/97461>. Acesso em: 9 jul. 2024, pp. 3

¹⁷⁵ SOUZA, Robério S. **Tudo pelo trabalho livre! Trabalhadores e conflitos no pós-abolição** (Bahia 1892-1909). Salvador; São Paulo: Ed. Ufba; Fapesp, 2011, pp. 21

¹⁷⁶ NASCIMENTO, Álvaro Pereira. **Trabalhadores Negros e o “Paradigma Da Ausência”**: Contribuições à História Social Do Trabalho No Brasil.” *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)*, vol. 29, no. 59, Dec. 2016, pp. 607–626. <https://doi.org/10.1590/s2178-14942016000300003>. Accessed 19 May 2021, pp. 610

— Aí foi um mundão de soldado mil vezes maior que o número de negros. Mas os negros não queriam mais ser escravos e quando viu que perdiam, Zumbi, pra não apanhar mais de homem branco, se jogou de um morro abaixo. E os negros todos se jogaram também... Zumbi dos Palmares era um negro valente e bom. Se naquele tempo tivesse vinte igual a ele, negro não tinha sido escravo...

Antônio Balduino, naquele dia em que morrera sua tia, encontrou um amigo para substituir a velha Luiza no seu coração: Zumbi dos Palmares. Ele foi daí em diante o seu herói predileto.

Se a história de Zumbi dos Palmares deveria ser lembrada para dar sentido à luta de Antônio Balduino, não há como separar a trajetória de luta de escravizados do que depois veio a ser a luta dos trabalhadores no Brasil. Portanto, é possível afirmar que crianças brancas e negras, como as que aparecem em *Jubiabá* e *Capitães da Areia*, entraram em contato, pelo que é possível visualizar nos enredos dos livros, com trabalhadores que partilham experiências de luta já vindas do período da escravidão, repassadas por ex-escravos.¹⁷⁷ Tais experiências poderiam ter chegado até esses menores que partilhavam o espaço da rua com outros trabalhadores que ali circularam.

Isso não escapa a Carlos de Melo, branco e filho de senhor de engenho, que, além de entrar em contato com trabalhadores do engenho, de forma geral, ele também escutava as histórias de negras como sinhá Francisca, da cidade, que tinha sido liberta pela Lei do Ventre livre e, segundo Carlos, era diferente das negras do Santa Rosa, pois “em tudo mostrava seu ódio aos brancos”. Concepções sobre liberdade, portanto, para Carlos, podem ter sido influenciadas pelo que ele presenciou a respeito do oposto a ela: a exploração dos trabalhadores do engenho e a negação do cativo por esses sujeitos.

II. 3 – Lutam sem saber que lutam? A resistência dos pequenos trabalhadores

A respeito dos enredos de Jorge Amado e José Lins do Rego, é possível perceber que, em todos os livros elencados, temos conflitos entre pessoas que estão em diferentes lugares na

¹⁷⁷ Em relação à Antônio Balduino e João Grande, personagens negros de Jorge Amado, é importante lembrar que os dois acabam tornando-se trabalhadores do cais de porto. Sobre isso, vale lembrar alguns estudos como o de Maria Cecília Velasco Cruz, que no artigo “Cor, etnicidade e formação de classe no porto do Rio de Janeiro: a Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café e o conflito de 1908” mostra como a Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café, foi organizada por trabalhadores negros: “Na verdade, foram as práticas sociais já quase centenárias dos grupos de trabalho auto-organizados dos antigos escravos de ganho e libertos que abriram o caminho para a organização definitiva da associação.” (Cruz, Velasco, 2005, p. 194). Além disso, é importante ressaltar que nesse contexto dos primeiros anos do século XX, essa Sociedade já defendia princípios de não distinção de cor: “O lema da sociedade era “um por todos, e todos por um” e entre seus fins estava procurar “a união de todos os trabalhadores” sem “distinção de nacionalidade, cor e religião”; criar uma biblioteca para a instrução dos sócios, “para não [os] obstruírem as idéias burguesas e as mistificações”; e ainda “propagar as idéias socialistas em conferências na sede social ou reunião pública” – objetivo posto em prática desde o início da organização.” (Cruz, Velasco, 2005, pp. 194).

hierarquia social. Sobre as obras de Rego, em *Menino de Engenho*, o contraste aparece entre as pessoas da casa do senhor de engenho, os trabalhadores do mesmo e os filhos desses trabalhadores, portanto, tratam-se de diferenças demarcadas por classe e cor. Já em *Doidinho*, apesar desse conflito também existir no enredo, percebe-se que a relação desigual está entre o diretor do internato e as crianças que ali estudavam e habitavam, sendo submetidas a diversas estratégias de controle e vigilância. *O Moleque Ricardo* apresenta, de forma explícita, as explorações sofridas pelos trabalhadores da padaria. *Jubiabá*, de Jorge Amado publicado no mesmo ano que *O Moleque Ricardo*, também traz a temática da luta dos trabalhadores, porém deixa ainda mais evidente a denúncia da desigualdade social entre brancos e negros e a tensão entre eles. *Capitães da Areia* também segue a linha de *Jubiabá*, mas foca na infância marginalizada, onde podemos ver o constante conflito dos meninos moradores de rua com policiais e pessoas da elite de Salvador.

É justamente pela relação de forças entre os menores dos enredos e pessoas que interferem na sua liberdade que é possível ter acesso aos mecanismos de resistência desses sujeitos. É preciso lembrar que os personagens Sem Pernas (*Capitães da Areia*) e Felipe, O Belo (*Jubiabá*) não ficaram do lado dos ricos, eles continuaram a se aliar aos meninos moradores de rua, por mais que, em alguns momentos, Sem Pernas pareça se sentir satisfeito enquanto estava na casa da mulher rica que queria cuidar dele como filho. Tanto José Lins do Rego quanto Jorge Amado escancaram a situação de conflito entre pobres e ricos, dando sentido aos comportamentos das suas personagens infantis, e à realidade brasileira, a partir das relações entre brancos e negros, homens e mulheres, ricos e pobres.

Antes de adentrar em como isso ocorre nos livros, é preciso entender como relações desiguais entre sujeitos operam. O historiador Edward Palmer Thompson explora essas relações de força no seu capítulo “Patrícios e Plebeus”, tratando-se especificamente da sociedade inglesa do século XVIII. Segundo o autor, no nível prático, é evidente que a hegemonia da *gentry* sobre a vida política da nação foi eficazmente imposta. Entretanto, ele afirma que “[...] os pobres impunham aos ricos alguns dos deveres e funções do paternalismo, assim como a deferência lhes era por sua vez imposta. Ambos os lados da questão estavam aprisionados num campo de força comum.”¹⁷⁸ Todavia, defendendo ser necessário entender, também, o que a hegemonia não acarreta, argumenta que “O que quer que tenha sido essa hegemonia, ela não envolvia a

¹⁷⁸ THOMPSON, Edward P. **Costumes em Comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, pp. 78

vida dos pobres, nem os impedia de defender seus próprios modos de trabalho e lazer, de formar seus próprios rituais, suas próprias satisfações e visão de mundo.”¹⁷⁹

Ainda é importante ressaltar que Thompson trata justamente de um período de transição, na Inglaterra, em que a subordinação começa a ser objeto de negociação e formas semi livres de trabalho começam a erodir. Nesse período, os senhores agarravam-se à imagem do trabalhador como um servo, não livre, mas também a imagem do homem livre como um vagabundo a ser disciplinado.¹⁸⁰ Chamo atenção para essa característica de transição, levando-a para o contexto do pós-abolição no Brasil, considerando a década de 1930. Talvez, para personagens como Sem-Pernas e Felipe, O Belo, fugir de condições que se aproximem da escravidão tivesse um peso importante na forma como interpretaram a liberdade. É necessário lembrar, como percebido no tópico anterior, portanto, que apesar dos avanços legislativos após o Código de Menores de 1927, a escravidão ainda era um problema a ser temido por menores, interferindo nos embates travados entre eles e adultos, independentemente da suposta boa intenção destes.

Dito isto, é importante ressaltar que Jorge Amado e José Lins do Rego não são os únicos a observar as formas de menores resistirem e lutarem contra imposições cotidianas de um mundo comandado por adultos. No dia 16 de dezembro de 1934, a crônica “Tapos de Bronze”¹⁸¹, de Rubem Braga¹⁸², ocupou parte da sexta coluna da quarta página do periódico *O Jornal*. O escritor, que colaborou para a folha como cronista entre 1934 e 1935¹⁸³, falava sobre os chamados “moleques”, utilizando-se do termo para adjetivar os “pequenos jornaleiros” que circulavam nas ruas da capital:

¹⁷⁹ THOMPSON, Edward P. **Costumes em Comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, pp. 78

¹⁸⁰ Ibidem, pp. 40

¹⁸¹ A crônica está entre as utilizações da palavra “moleques” no *O Jornal*, entre 1932 e 1937, nos exemplares digitalizados da plataforma Hemeroteca Nacional Digital.

¹⁸² O primeiro livro de Rubem Braga, *O Conde e o Passarinho* (1936), assim como os romances de Lins do Rego e Jorge Amado, foi editado pela José Olympio, o que à época significava reconhecimento e prestígio (Ver na dissertação “Rubem Braga: crônica e censura no Estado Novo (1938-1939)” de Anelise Vergara, página 33). A relação entre o cronista e esses dois autores é apenas um dos exemplos da rede de proteção dos participantes do “pequeno mundo literário”, que segundo Ana Paula Palamartchuck concentrava-se no Rio de Janeiro e em São Paulo. (Palamartchuck, 2003, p. 164). Braga, antes de ser preso, ficou hospedado na fazenda de Jorge Amado em 1938 e este também se hospedou em sua residência em São Paulo, após *Capitães da Areia* ser incinerado em 19 de novembro de 1937, conforme é relatado no livro *Jorge Amado: Uma biografia*, de Josélia Aguiar. A autora afirma que, quando Jorge Amado foi libertado, teve as portas fechadas para seus livros e colaborações na imprensa. Nesse momento arriscou mudar-se para São Paulo, momento em que se torna hóspede de Rubem Braga e sua mulher, Zora Seljan. Rubem e Zora também foram procurados pela polícia e logo tiveram que escapar. Ver em Aguiar (2018, p. 115)

¹⁸³ No ano de 1934, é possível encontrar ao menos 70 crônicas assinadas por Rubem Braga, sua localização varia entre a segunda, terceira e quarta página do periódico. No ano de 1935 foram encontradas 10 crônicas assinadas por ele.

[...] Jornaleiro do Rio não é igual jornaleiro de S. Paulo, de Porto Alegre, de Belo Horizonte, de parte nenhuma. É mais trepidante e moleque. A arte de assaltar um bonde, de correr um estribo do primeiro ao último balaústre, de dar um troco mais rapidamente que qualquer máquina registradora, de gritar, de pular... A rotativa enorme vomita milhares de folhas; e aquele vomito de papel e tinta em minutos se espalha em todas as direções pela cidade, levado pela arrancada vertiginosa dos moleques. Moleques... São moleques. Dormem embrulhados em papel de jornal, em qualquer canto. O mais perto possível da máquina que lhes dá trabalho. Vivem sujos e magros, não respeitam nada, são briguentos e viciosos. Não, meu caro senhor, não serão bons cidadãos nem bons pais de família. Sempre serão moleques e sempre farão molecagens na vida. [...] ¹⁸⁴

Assim como Braga, José Lins do Rego também identificou os “moleques” dos seus livros como trabalhadores, não os pequenos jornaleiros de Rubem Braga, mas os descendentes de escravizados. Neste trecho é possível pensar de forma mais ampla o que significou ser “moleque”, palavra que possui um peso racial, mas que toma outros contornos, como pudemos visualizar no primeiro capítulo. Continuemos, portanto, à leitura de “Trapos de Bronze”, especialmente o trecho que menciona a luta dos moleques contra o sistema, referindo-se à consciência de classe:

A vida é que faz molecagens com eles. Trabalham rudemente, bravamente; e ai deles se trabalho para eles não fosse molecagem! São moleques, e são a vanguarda dos moleques. Eles dão aos moleques uma consciência de classe. Anarquistas por instinto, desorientados e terríveis. Lutam uns contra os outros e todos juntos contra a cidade e contra o país. Não sabem que lutam; mas lutam... Gritam contra o dono das bancas e o dono dos jornais contra o repórter e contra o leitor, contra os homens e contra a vida. Lutam por necessidade, lutam com as armas da molecagem e da inconsciência. ¹⁸⁵

Como já observado, tal avaliação sobre a consciência desses “moleques”, ao lutarem sem saber que estão o fazendo, não é incomum ao mundo intelectual da década de 1930. Portanto, a menção aos “moleques” como aqueles que “não sabem que lutam, mas lutam” pode ter relação com a noção de “povo” partilhada por autores membros do PCB, haja vista a proximidade dos trajetos políticos de Rubem Braga com José Lins do Rego e Jorge Amado e o contexto que os intelectuais comunistas estavam experienciando. Rubem Braga também esteve entre aqueles intelectuais considerados simpatizantes do comunismo. No manifesto de fundação da *Liga de Defesa da Cultura* aparecem vários nomes de futuros comunistas, além dos que já haviam ingressado no PCB, entre eles, segundo Palamartchuk, estariam Rubem Braga (que pertencia à direção nacional da Aliança Nacional Libertadora, que durou de 1935 a 1937) e Jorge Amado. ¹⁸⁶

¹⁸⁴ Trapos de Bronze. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 16 dez. 1934, pp. 4

¹⁸⁵ PALAMARTCHUK, Ana Paula. **Os novos bárbaros: escritores e comunismo no Brasil (1928-1948)**. 2003. 383p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1594045>. Acesso em: 18 jul. 2022, pp. 4

¹⁸⁶ Em sua tese de doutorado, Ana Paula Palamartchuk mostra o papel a ANL na aproximação de alguns intelectuais com o PCB. Na menção que a autora faz ao manifesto de fundação da Liga de Defesa da Cultura aparecem os nomes de Rubem Braga (que pertencia à direção nacional da ANL) e Jorge Amado. Ver em Palamartchuk (2003, p. 155)

Portanto, é possível que Rubem Braga enxergasse um potencial de libertação nos pequenos jornalistas e que, assim como Jorge Amado e José Lins do Rego, se apropriou de comportamentos de menores para escrever sua crônica. Entretanto, algo que chama atenção é o fato de Rubem Braga, assim como Amado e Rego, nos mostrar como a tensão entre classes não se encerra quando a classe dominante presta reconhecimento ou realiza atos caritativos para crianças em situação de pobreza, como será mostrado a seguir.

No início da crônica, Braga, em diálogo com outras notícias que partilham a mesma edição do jornal, já sinaliza a atuação desses sujeitos, afirmando que os vendedores de jornais fizeram uma grande manifestação ao interventor federal do Rio de Janeiro Pedro Ernesto, mas a manifestação “era meio interesseira. Os jornalistas fazem festinhas, ao interventor, para que o interventor não os prejudique”. Nessa edição, *O Jornal* trazia os eventos natalinos de diferentes locais da capital, o que incluía programações voltadas para crianças. Possivelmente Braga se referia à reação dos jornalistas à aparição de Pedro Ernesto nesses eventos. Na mesma página, na terceira coluna, é noticiado: “Encerramento das aulas nas escolas municipais”¹⁸⁷, informando que Pedro Ernesto assumiu os destinos do evento. Este consistiu na distribuição de brindes para os alunos que terminaram o curso, fornecidos pela Diretoria de Instrução. Ganhariam exemplares do livro do recém falecido Humberto de Campos¹⁸⁸, intitulado “*Memórias*”, destinados aos alunos do 5º ano primário.

Ainda no rol de comemorações desta edição, na seção esportiva do jornal temos a matéria: “O Dia da Criança Tijuca”¹⁸⁹, informando que naquele dia haveria uma demonstração infantil comemorativa, tendo como convidados o ministro da Educação dr. Gustavo Capanema e o interventor dr. Pedro Ernesto, além de diretores de todos os estabelecimentos de ensino e “pessoas de merecido destaque no magistério e na imprensa carioca”. Na programação do evento, há atividades esportivas e até distribuição de brinquedos, sendo as danças no ginásio “exclusivamente, para a petizada”, referindo-se às crianças. Entre esses eventos, no espaço da seção “Atividades Escolares”, temos o “Natal na Gavea”¹⁹⁰, informando que o Centro Cívico da Gavea e o Club Recreativo Carioca promovem comemoração ao Natal: uma matinê infantil, com seção cinematográfica e distribuição de brindes mediante sorteio gratuito às crianças da Gávea. Chamo atenção para o fato de um

¹⁸⁷ Encerramento das aulas nas escolas municipais. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 16 dez. 1934, pp. 4

¹⁸⁸ Nasceu em 1886 e foi jornalista, político e escritor. Em 1933 seu livro *Memórias*, no qual descreve suas lembranças dos tempos da infância e juventude.

¹⁸⁹ O Dia da Criança Tijuca. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 16 dez. 1934, pp. 9

¹⁹⁰ Natal na Gavea. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 16 dez. 1934, pp. 6

evento natalino voltado para crianças disponibilizar atividades de lazer, mas também incluir o atendimento do “Bureau de empregos para estudantes”, uma espécie de agência de empregos, para “auxiliar os que estudam, colocando-os em lugares compatíveis com suas horas de estudo e de acordo com as suas possibilidades”.

Portanto, podemos visualizar as referências da crônica ao citar Pedro Ernesto, que estava presente nas ações caritativas natalinas para crianças, das quais participaram também os pequenos jornaleiros, que só comemoraram a presença do interventor para não serem prejudicados. Dando sequência à narrativa da crônica, Braga menciona o momento em que o diretor de um “grande jornal do Rio” teve um “ataque de lirismo” e mandou levantar a estátua de um “pequeno jornaleiro” de boca aberta berrando o nome do jornal, com um maço de jornais para vender e a roupa em trapos. Na narração da crônica, tal escultura tinha pretensão de homenagear os gazeteiros, mas não foi bem recebida pelos “jornaleiros de carne e osso”, que “não gostaram do jornaleiro de bronze”, chegando até a agredir a obra. Em tom crítico, o cronista continua sua denúncia social: “Acho que eles tinham razão. O diretor do jornal era um homem rico. Pelo menos aquele jornaleiro de bronze podia ter dado de presente uma roupinha nova”.

Referindo-se aos jornaleiros, Braga escreve: “Pardais? Alguém já disse: pardais humanos”. É possível perceber que o cronista fazia uma crítica ao que, no ano anterior, Humberto de Campos escrevia no jornal *A Noite*, dois dias depois que a estátua é inaugurada: “A cidade possui desde anteontem, um monumento consagrado ao seu pequenino pardal humano”¹⁹¹, sob título “Elogio ao Garoto”, seguindo o padrão de outras homenagens à estátua referida. Braga referia-se a esse monumento inaugurado em 6 de junho de 1933, na cidade do Rio de Janeiro. Em nota de rodapé, Viktor Chagas identifica que a homenagem foi feita ao menino José Bento de Carvalho, de dez anos de idade à época. A iniciativa foi do jornal *A Noite*, que ergueu a estátua na esquina da Rua do Ouvidor com a Avenida Rio Branco.¹⁹² Em nota de rodapé, Chagas explica que o monumento foi feito pelo escultor e caricaturista Anísio Oscar Mota, de pseudônimo Fritz, em referência aos vendedores que se aglutinavam à porta do prédio de *A Noite*.¹⁹³

¹⁹¹ CAMPOS, Humberto. Elogio ao Garoto. *A Noite*, Rio de Janeiro, 3 de junho. 1933, pp. 1

¹⁹² CHAGAS, Viktor. **EXTRA! EXTRA! Os jornaleiros e as bancas de jornais como espaço de disputas pelo controle da distribuição da imprensa e da economia política dos meios**. 2013. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais. Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC) do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV)). Rio de Janeiro, 2013, pp. 35

¹⁹³ Ibidem, pp. 132

Consultando o jornal *A Noite*, é possível ter acesso à reportagem completa sobre a cerimônia de inauguração da estátua. Esta, que estava coberta com a bandeira do Brasil, foi desvendada pelo próprio jornalista José Bento de Carvalho. Na edição de sexta-feira, 2 de junho de 1933, sob o título “O “mez da cidade””, *A Noite* publica o discurso do escritor Henrique Maximiano Coelho Neto (1864 - 1834), chamo atenção para o seguinte trecho do discurso:

A eles, pois, entrego, em nome d'A Noite, este monumento para que sirva de lição e, ao mesmo tempo, de exemplo e ídolo popular, para que as crianças, olhando, não se vexem de dizer: “Eu estou ganhando a minha vida”. O trabalho, qualquer que ele seja, é honra; não há trabalhador mais humilde que possa se vexar do exercício da sua profissão. Assim, pois, ficará como um símbolo e, ao mesmo tempo, uma apoteose, este pequeno vendedor de jornais, mas grande na intenção para a cidade.¹⁹⁴

É possível supor que Coelho Neto, junto a Humberto de Campos, estaria entre os intelectuais que cometem o lirismo mencionado por Braga. Entretanto, o que quero destacar neste trecho é a exaltação do trabalho a partir da figura do pequeno jornalista, apesar de sabermos que a circulação desses sujeitos nas vias públicas não era bem vista e a profissão de jornalista não era a mais recomendada para menores. Segundo Rago, essa ocupação, no discurso criminologista de Noé Azevedo, era considerada como altamente perigosa, pois se efetuava na rua, espaço considerado contaminado moralmente, estando na raiz da delinquência infantil.¹⁹⁵ Entretanto, a profissão de jornalista era vista como alternativa para menores em situação de vulnerabilidade. Ela, inclusive, aparece como possibilidade legítima para o personagem Pirulito, menor que fazia parte do grupo de crianças que sobreviviam de furtos em *Capitães da Areia*¹⁹⁶: “Pensava mesmo em arranjar um lugar de vendedor de jornais para fugir do pecado diário do furto.”¹⁹⁷

Apesar da estátua do pequeno jornalista ser um monumento já conhecido no Rio de Janeiro, sendo possível acessar matérias atuais a seu respeito, não foram encontrados trabalhos acadêmicos específicos sobre a vida de José Bento de Carvalho, menino homenageado. A fonte consultada que nos fornece maiores informações é a reportagem do *A Noite*, que não possui muitos detalhes sobre a vida do menor. Porém, cabe destacar o esforço de Viktor Chagas em

¹⁹⁴ O “mez da cidade”. *A Noite*, Rio de Janeiro. 2 de junho de 1933, pp. 2

¹⁹⁵ RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 122 - 123

¹⁹⁶ O personagem Pirulito, um menor do bando dos Capitães da Areia, grupo de crianças que sobreviviam de furtos, é descrito por Jorge Amado como aquele que só não evita furtos, pois era o meio de vida dos Capitães da Areia, mas que gostaria de sobreviver de outra forma: “Pensava mesmo em arranjar um lugar de vendedor de jornais para fugir do pecado diário do furto.

¹⁹⁷ AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 180

contextualizar o trabalho de crianças como vendedoras de jornais¹⁹⁸, apontando para a imigração italiana no Brasil:

O que ocorre é que, em fins do século XIX, muitos jovens recém-chegados, sem condição de ingressar no mercado formal, voltam-se para a renda complementar como vendedores de jornais. Eram “italianinhos” [REBELLO, 1987], vindos de cidades como Paola e Fuscaldo (na província de Cosenza) e Sacco (Salerno, próximo a Nápoles), da região da Calábria, sul da Itália, área marcada pela pobreza e pelo trabalho campesino [GOMES, 2000]. De acordo com Rebello [1987:32- 33], a estratégia de contatar esses menores vendedores foi usada pela primeira vez pelo jornalista Ferreira de Araújo, à frente de grande reforma na imprensa com o lançamento da Gazeta de Notícias, em 1875. [...] ¹⁹⁹

A partir da análise de uma carta de 1942 do líder do Sindicato dos Distribuidores e Vendedores de Jornais e Revistas do Rio de Janeiro, entre outros documentos, Chagas também nos informa que entre as décadas de 1930 e 1940, a figura do pequeno jornaleiro passa a ser associada ao:

[...] jovem aprendiz brasileiro, explorado pela máfia italiana [cf. SERENO, 1942 e outros] inescrupulosa, em campanha que projeta a imagem de que a expansão do negócio dos jornaleiros contribui para o agravamento de um problema social, absorvendo em grande parte a mão-de-obra infantil dos pequenos jornaleiros, que seguiam nas ruas, em concorrência direta com o mercado das bancas e muitas vezes subordinados a ele. Menores dormiam a céu aberto e perambulavam durante a madrugada, aguardando as edições matutinas.²⁰⁰

É nesse cenário que Chagas identifica a inauguração do monumento ao “drama” do pequeno jornaleiro, que faz parte de um processo de construção da imagem desse sujeito. Portanto, segundo o autor, ao longo da história do Brasil, houve a propaganda da imagem do jornaleiro como vendedor simpático, sempre pronto a ajudar, que se sobrepôs à caracterização do “tipo rude e bronco, de “poucos amigos”, que se ocupava das bancas; e aos meninos malcriados e maltrapilhos, que infestavam as ruas.”²⁰¹

Retornando à frase “Não, meu caro senhor, não serão bons cidadãos nem bons pais de família. Sempre serão moleques e sempre farão molecagens na vida”, é possível afirmar que a circulação de significados no mundo letrado corroborou na construção de sentidos para a infância brasileira, que, como ocorre com a palavra “moleque”, interfere na visão sobre destinos e predeterminações sobre o futuro de crianças a depender da sua cor, classe e gênero.

¹⁹⁸ Destaca-se também a existência de trabalhos importantes sobre a profissão de jornaleiro, como o de Filipina Chinelli e Gilson Rebello, citados pelo autor.

¹⁹⁹ CHAGAS, Viktor. **EXTRA! EXTRA! Os jornaleiros e as bancas de jornais como espaço de disputas pelo controle da distribuição da imprensa e da economia política dos meios**. 2013. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais. Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC) do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV)). Rio de Janeiro, 2013, pp. 35

²⁰⁰ Ibidem, pp. 35

²⁰¹ CHAGAS, Viktor. H. C. DE S. O Estado e a distribuição da imprensa: disputas pelo controle das bancas de jornais e da regulação da categoria dos jornaleiros na Era Vargas. **Mosaico**, v. 4, n. 7, 29 dez. 2013, pp. 6

A partir da situação que Braga refere-se, em que os jornaleiros reais atacam o jornaleiro de bronze, é possível perceber como, apesar de diversos mecanismos existentes para demonstrar caridade a crianças, os próprios infantes não são neutros nessa relação de forças entre menores e adultos. Portanto, assim como Sem-Pernas e Felipe, O Belo, os pequenos jornaleiros estiveram cientes de quem privava sua liberdade. Portanto, escritores como Rubem Braga, Jorge Amado e José Lins do Rego fizeram parte do grupo de romancistas que se apropriaram de comportamentos de menores para escancarar a desigualdade e a luta entre classes e, de certa forma, partilharam a concepção de que a classe trabalhadora brasileira estaria num estágio de infância.

Thompson discute a respeito disso no contexto inglês, ao mostrar como os motins realizados pela multidão contra a *gentry* na Inglaterra do século XVIII não pode ser considerado revolucionário. Nesse sentido, há algo do marxismo em comum entre o historiador Thompson, Jorge Amado, José Lins do Rego e Rubem Braga, apesar deles se encontrarem em momentos muito diferentes da interpretação da obra de Karl Marx. Entretanto, é necessário ressaltar que Thompson nos mostra possibilidades de aprofundamento de aspectos que, por muitas vezes, é deixado de lado quando analisamos a experiência de menores pelas lentes dos destinos percorridos pelas personagens de Lins do Rego e Jorge Amado.

No capítulo “Tempo, disciplina e trabalho” do livro *Costumes em Comum*, Thompson mostra como a formação da classe operária se fez, desde o início, de resistências conscientes à exploração. Destaca que ocorreram mudanças nos hábitos de trabalho para que a nova disciplina de tempo (em que tempo se torna sinônimo de lucro) fosse efetivada, porém, ritmos de trabalho irregulares foram perpetuados²⁰², sendo essa irregularidade, portanto, também uma forma de resistência consciente. O próprio costume como categoria engloba a consciência em comum, por exemplo, entre trabalhadores, mas também entre crianças quando colocadas em uma situação de privação de liberdade.

Segundo Thompson, a cultura costumeira não está sujeita ao domínio ideológico dos governantes²⁰³. Portanto, a concepção de infância que se defendia pela elite não é hegemônica, trabalhadores comuns podem ter suas próprias concepções de como criar uma criança, menores podem ter uma concepção do que é atitude de criança, que pode, inclusive, contradizer a

²⁰² THOMPSON, E. P. **Os românticos**: a Inglaterra na era revolucionária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, pp. 297

²⁰³ THOMPSON, Edward P. **Costumes em Comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, pp. 19

maneira como as vontades infantis aparecem nos próprios romances aqui analisados. Dessa forma, é possível afirmar que os pequenos jornaleiros de Rubem Braga, ao atacarem a estátua em homenagem a eles, quebram com a previsibilidade esperada sobre expectativas e ambições esperadas das crianças.

Tivemos, portanto, acesso à visão de homens das letras a respeito da consciência de crianças e da própria classe trabalhadora, bem como as lutas travadas entre os jornaleiros e toda uma propaganda sobre o trabalho promovida pela imprensa comercial e pelo ministério da educação no período. A partir disso, é importante levarmos em consideração que, independentemente do que Jorge Amado, José Lins do Rego e Rubem Braga pensavam sobre o estágio de consciência que suas personagens infantis estavam, eles reconheciam suas lutas.

Entretanto, é importante considerar a realidade de menores no mundo do trabalho, em especial quando entramos em contato com o que aparece na imprensa. Quando investigamos, o vocabulário “menor”, “criança”, “menino”, “menina”, “moleque”, “pretinho”, “pretinha”, foi difícil ter acesso à alguma menção a esses sujeitos como trabalhadores no *O Jornal*. Temos acesso a diversos acidentes, sem saber, se estavam acontecendo com crianças trabalhadoras. A partir da crônica de Rubem Braga, é possível perceber que crianças que estavam circulando nas ruas e sendo atropeladas, e os casos de atropelamentos são os mais abundantes, poderiam ser, justamente, aquelas que faziam parte do contingente de trabalhadoras, voltando ou saindo das suas casas para começar ou terminar o expediente. Também há a probabilidade de muitas delas tratarem-se dos “pequenos jornaleiros” de que fala Rubem Braga, sempre correndo de um bonde para o outro para entregar jornais.

Entre os casos investigados no *O Jornal*, foi encontrado um caso na coluna “Factos Policiais” no dia 2 de abril de 1935, em que um menor jornaleiro é gravemente ferido, intitulado “Um menor jornaleiro gravemente ferido num desastre, em Nictheroy”. A notícia narra que:

O bonde da linha Porto do Velho São Gonçalo, repleto de passageiros, descia para as barcas. No balaústre do lado da entrelinha, apregoando os jornais da tarde, viajava o jornaleiro Edgard Silva. Ao passar aquele veículo em frente ao n. 115 da citada rua, o garoto esbarrou num marinheiro da Armada que, também do lado da entrelinha, viajava num bonde da linha Neves, que estava parado, acindo os dois entre os referidos veículos.²⁰⁴

É informado que o menino foi gravemente ferido pelo que foi medicado no Serviço do Pronto Socorro e internado, depois, no Hospital de São João Baptista. Nessa notícia, diferentemente da maioria das notícias encontradas de acidentes, não temos acesso ao nome do pai ou da mãe do menino, nem ao seu endereço. Chamo atenção também para como notícias de

²⁰⁴ Um menor jornaleiro gravemente ferido num desastre, em Nictheroy. *O Jornal*, 02 de abril de 1932, pp. 7

acidentes de menores sofridos durante o trabalho aparecem de maneira diferente em um jornal operário, *A Manhã*, do Rio de Janeiro. Sobre esse periódico, ele foi lançado em 26 de abril de 1935, por Pedro Mota Lima, como órgão de divulgação da Aliança Nacional Libertadora. Neste jornal, no ano de 1935, o mesmo ano em que é publicado *O Moleque Ricardo e Jubiabá*, é possível encontrar casos de acidentes sofridos por menores, havendo a especificação se eles eram trabalhadores. A respeito disso, chamo atenção para o fato de, diferentemente do que é visto em *O Jornal*, encontramos detalhamentos sobre os casos.

Destaco, por exemplo, a narração da notícia “Explorado, queimado e despedido: Como são tratados os menores, na estamperia colombo”. Na notícia, publicada em 27 de outubro de 1935, é relatado que o menor Amadeu Pereira Barbosa, uma criança de 11 anos, viu-se obrigada a procurar um emprego, “onde ganhasse uma migalha que minorasse o sofrimento dos seus”, provavelmente referindo-se à necessidade de completar a renda da sua família. Amadeu começou a alugar o seu trabalho para a Estamperia Colombo. Tendo o salário inicial de 2\$500 réis por dia. Aumentou seu aperfeiçoamento e quantidade de trabalho a fim de conseguir um aumento, o que não se verificou. Os patrões exigiram do menino uma produção de 5.000 latas por dia, sem aumento de salário. É informado que “Amadeu era forçado ao silêncio, por necessidade” e os patrões obrigavam os funcionários a “serões, todo dia, durando mesmo duas horas, pagas a \$450 réis por hora.”

Chegando ao clímax da notícia, é relatado que ocorreu um acidente entre ele e um soldador, conhecido por “Bahiano”, em que este, ao preparar solda, “queimou o pequeno companheiro de oficina”. O menino reagiu: “Amadeu gritou, sob a dor da queimadura, dizendo mesmo algum desaforo, talvez, ao soldador. Este, ofendido pelo dito da criança, ou possivelmente, ansioso por agradar aos chefes, foi fazer queixa ao encarregado, de nome Sarmento”. O resultado foi a demissão da criança, mas, insatisfeito, explorado, queimado e despedido, Amadeu compareceu à redação do *A Manhã* para protestar sobre a situação.

Chamo atenção para a atitude do menor, ao saber que poderia recorrer ao jornal e que poderia ter sua queixa publicada. A respeito disso, destaco a pesquisa de Humberto Miranda, em seu artigo “De tabica em punho aplicou-lhe várias bordoadas”: crianças e (in)justiças do mundo do trabalho na década de 1930”. O autor analisa justamente o cotidiano de meninos no mundo do trabalho em Recife, na década de 1930. Como fonte, utiliza periódicos, legislações e processos criminais. Trazendo casos de exploração de trabalho infantil, como castigos que os patrões aplicavam a menores, mostra como que a palmatória era utilizada não só por patrões, como também pais e até professores. Miranda, ao citar a historiadora Margareth Rago, afirma

que a autora “[...] fala-nos que frequentemente os jornais operários registravam maus tratos e as repressões sofridas pelas crianças”.²⁰⁵ A partir da pesquisa de Humberto Miranda, foi possível perceber como crianças resistiam à exploração no trabalho, procurando a imprensa e a polícia.

Humberto Miranda afirma que, na década de 1930, havia um cenário marcado por constantes denúncias de acidentes de trabalho, em que os jornais operários faziam campanhas para que trabalhadores procurassem a polícia ou a autoridade mais próxima, em caso de acidentes e como organizações dos trabalhadores orientavam os operários nessas situações.²⁰⁶ Além dos jornais operários, o autor destaca outros jornais do período que também denunciavam acidentes sofridos por crianças durante o trabalho, como o *Diário de Pernambuco*. Segundo Humberto Miranda, “Analisar as matérias dos jornais possibilitou o encontro com o potencial denunciador das crianças, que ao recorrerem às delegacias buscaram o aparato de segurança frente aos abusos e às explorações vivenciados nos espaços de trabalho.”²⁰⁷

Em relação à participação de menores em sindicatos, Humberto Miranda destaca a Lei 19.770, que foi promulgada em março de 1931. Através dessa lei, os sindicatos não poderiam disseminar ideários políticos, sociais ou religiosos. Isso foi reforçado com a Constituição de 1934. Segundo o autor, “Nesse tabloide, uma série de reportagens foi produzida com a intenção de disseminar a ideia de que os menores trabalhadores possuíam o direito à participação na organização política dos operários.”²⁰⁸

Quando falamos de Jorge Amado e José Lins do Rego, é importante considerarmos o posicionamento político dos autores, dessa forma, ao nos depararmos com a temática da luta contra a desigualdade, de primeiro momento, as personagens infantis parecem obedecer à modelos prontos de narração. Entretanto, olhando para o que é encontrado na imprensa e em pesquisas que tematizam a infância, percebemos que a construção de personagens vai muito além desses modelos. Dessa forma, a afirmação de que os pequenos jornaleiros “não sabem que lutam, mas lutam” talvez faça sentido, mas não dá conta de explicar o cenário de resistência ativa de menores contra explorações.

Portanto, buscamos comprovar que o rumo escolhido para as personagens infantis não depende apenas da realidade observada pelos autores, nem somente do posicionamento político

²⁰⁵ MIRANDA, Humberto Silva. “De tabica em punho aplicou-lhe várias bordoadas”: crianças e (in)justiças do mundo do trabalho na década de 1930. *Anos 90*, [S. l.], v. 28, p. 1–13, 2021. DOI: 10.22456/1983-201X.100744. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/100744>. Acesso em: 14 jul. 2024, pp. 3

²⁰⁶ Ibidem, pp. 4

²⁰⁷ Ibidem, pp. 4

²⁰⁸ Ibidem, pp. 5

do autor, tampouco só das ideias deterministas da ciência circulante do período, que influenciou na busca de sentidos da razão do destino de cada personagem. Todavia, é necessário entender dois autores que realizam críticas sociais, retomando sempre à problemática da liberdade e às implicações dos trajetos que delineiam para suas personagens.

II. 4 – Entre destinos pré-determinados e destinos transformados: Possibilidades de futuros para as personagens infantis de José Lins do Rego e Jorge Amado

Ao analisarmos alguns pontos em comum nos romances elencados, percebe-se que os destinos das personagens são moldados conforme o meio em que eles cresceram na infância, sendo esse período da vida um recurso fundamental para os escritores construírem sentidos de futuro para as crianças. Entretanto, é necessário considerar que, ao abordarem suas personagens fora da infância inocente e idealizada, especificamente neste momento da literatura brasileira, esses autores dialogavam com um compromisso em falar da realidade. Este fato não define a importância de tratar suas obras como fonte histórica, todavia, a exposição de mazelas sociais também está recheada por pretensões que esses já expunham.

Entrando nesse ponto, neste momento do capítulo, iremos, primeiramente, entender algumas escolhas dos escritores, posteriormente, analisaremos os destinos dessas personagens. Em relação à referência que esses autores fazem da realidade, é importante considerar que tanto José Lins do Rego quanto Jorge Amado eram publicamente comprometidos a falar do povo brasileiro na literatura:

É na linguagem popular (e, presume-se, na linguagem oral, que mais se aproximaria do povo geralmente visto como iletrado) que, segundo José Lins do Rego, o escritor deve procurar a “fonte da vida”. Em um artigo de 1942, Lins do Rego escreve que “a língua que se cria no povo quando procura dar uma imagem da vida, de uma dor, de uma alegria, brota como água do rio. É impetuoso, e às vezes tem a doçura das fontes de pé de serra. É a língua da natureza (*Gordos e magros* 326)”.²⁰⁹

Segundo Joselia Aguiar, sobre Jorge Amado:

O que nos chama atenção - para o tema que abordamos aqui - é que recorrentemente o autor declarava que não estava fazendo literatura. Insistia em dizer que "recolhe material" para construir suas narrativas. Na introdução a *Cacau*, chegou a declarar: "Conservei-me rigorosamente honesto, é um livro onde a imaginação não trabalhou".²¹⁰

²⁰⁹ BRAGA-PINTO, Cesar. Homem de Palavra, Homem de Letras: Literatura e Responsabilidade na Obra de José Lins do Rego. *Revista Luso Brasileira*, 2006, pp. 183

²¹⁰ AGUIAR, Joselia. O jornalista Jorge Amado: a imprensa como tribuna política, fonte de criação e divertimento literário. In: LUSTOSA, Isabel. *Imprensa, história e literatura: o jornalista-escritor*. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2021, pp. 259

Além disso, o próprio Jorge Amado se propunha a “falar das massas”²¹¹, entretanto, é importante diferenciar como cada um dos autores defendia tematizar o povo brasileiro, apesar de que, de maneira geral, no interior da própria crítica literária, correntes políticas se formam na tentativa de responder “quem são os brasileiros e quem hão de ser”²¹². Entretanto, Jorge Amado está ligado ao intuito realista de narrar a evolução do oprimido na direção da consciência de classe.²¹³ O que chama atenção é que, ao compararmos, por exemplo, romances como *Jubiabá* e *O Moleque Ricardo*, segundo Eduardo Assis Duarte, Jorge Amado, no contexto de uma apropriação marxista da negritude, faz do personagem Antônio Balduino de *Jubiabá* um dos primeiros, senão o primeiro, herói negro da literatura brasileira e que Ricardo de *O Moleque Ricardo* de José Lins do Rego não se enquadraria como herói nesses parâmetros:

Referimo-nos a herói no sentido estrito do conceito, oriundo da tradição épica, e não a protagonistas como o de *O Moleque Ricardo*, de José Lins do Rêgo; [...] Em sua constituição romanesca, o personagem amadiano ultrapassa a todos esses, destacando-se frente à sua raça/etnia e à sua classe, no momento em que se inaugura uma etapa nova das lutas sociais no Brasil. O personagem de José Lins do Rêgo também vive esse momento, mas dele sai derrotado. A greve para ele só lhe rende a experiência da prisão e do fracassado retorno ao engenho, onde é tragado pela derrocada da velha economia açucareira. Temos, em *O Moleque Ricardo* e *Usina*, exemplos de romances de formação, mas inteiramente circulares, com o personagem regredindo ao invés de tocar para frente o seu destino²¹⁴

Para além dessas diferenças entre a construção e o encaminhamento dos destinos de Ricardo e de Antônio Balduino, é importante ressaltar que Lins do Rego reconhece que o escritor tem certas obrigações com a coletividade, entretanto, posiciona-se contra os escritores engajados, pois, para ele, estariam abrindo mão da liberdade.²¹⁵ José Lins do Rego chega, inclusive, a criticar a maneira como Jorge Amado escreve:

[...] em seu *Presença do Nordeste na Literatura* (1957), por exemplo, onde ele reprova o engajamento de um escritor como Jorge Amado: “Os seus romances querem salvar a humanidade. A força extraordinária de narrar do baiano perturba-se com as tarefas ideológicas. Nunca se fez romance nem arte com ideologias. As ideologias é que procuram os artistas para servir-se de suas descobertas no humano”²¹⁶

Cabe destacar que neste artigo, Eduardo Assis Duarte foca em explicar *Jubiabá* como um romance de formação, afirmando que Jorge Amado opta pela literatura engajada, a partir do

²¹¹ DUARTE, Eduardo de Assis. O Bildungsroman proletário de Jorge Amado. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, Brasil, v. 23, n. 27, p. 175–195, 2018. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i27p175-195. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/l/article/view/148542..> Acesso em: 5 abr. 2024, pp. 176

²¹² PALAMARTCHUK, Ana Paula. **Os novos bárbaros: escritores e comunismo no Brasil (1928-1948)**. 2003. 383p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1594045>. Acesso em: 18 jul. 2022, pp. 90

²¹³ DUARTE, Eduardo de Assis. O Bildungsroman proletário de Jorge Amado. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, Brasil, v. 23, n. 27, p. 175–195, 2018. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i27p175-195. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/l/article/view/148542..> Acesso em: 7 maio. 2024. pp. 176

²¹⁴ Ibidem, pp. 192

²¹⁵ BRAGA-PINTO, Cesar. Homem de Palavra, Homem de Letras: Literatura e Responsabilidade na Obra de José Lins do Rego. **Revista Luso Brasileira**, 2006, pp. 182

²¹⁶ Ibidem, 2006, pp. 182

intuito realista de narrar a evolução do oprimido na direção da consciência de classe.²¹⁷ Nesse caso, o autor trata da trajetória de Antônio Balduino, que primeiro passa sua infância no Morro do Capa Negro e depois tem inúmeras experiências: “Foi tudo na vida. Até trabalhador nas plantações de fumo, jogador de boxe e artista de circo”²¹⁸. Torna-se estivador e, entrando em contato com outros trabalhadores, se envolve com o movimento operário. Duarte faz a relação da construção do personagem com a tradição do *Bildungsroman*, em que *Jubiabá* se enquadraria no exemplar realista, em que há a evolução do personagem, em referência à crescente organização e participação dos trabalhadores no processo político brasileiro, exemplificado na chegada de Balduino à maturidade proletária.²¹⁹ Entretanto, para isso, o personagem é forçado a procurar a realidade concreta e social à custa de difíceis combates e penosas vagabundagens.²²⁰

Em suma, o que o autor explica sobre o romance de Jorge Amado e a temática da liberdade é que: “Tudo o que o personagem amadiano quer é “não ser escravo” e essa busca de liberdade leva-o primeiro à rebeldia malandra e, em seguida, à militância operária.”²²¹ O autor esclarece também a relação das escolhas de Balduino e a sua origem familiar:

Quanto a seu pai, ficamos sabendo que Valentim foi, na mocidade, jagunço de Antônio Conselheiro e amante de muitas mulheres, que bebia bastante e que morreu “debaixo de um bonde num dia de farra grossa”. A rebeldia “primitiva” do seu pai (no sentido de Hobsbawm), sua vida boêmia e a morte prematura levam o pequeno Baldo a tomá-lo como exemplo.²²²

No caso de *Menino de Engenho* e *Doidinho*, de José Lins do Rego, também é feita essa relação de Carlos de Melo e seu pai. Entretanto, Carlos quer fugir de adoecer como ele, sendo o medo de enlouquecer como seu pai algo que o atormenta.

De primeiro momento, fica claro o sentido dos destinos dos personagens de Jorge Amado, a partir da ideia da greve como transformadora da realidade. O pai de Pedro Bala, líder dos Capitães da Areia, chamava-se Raimundo e era um grevista que morreu ao ser baleado durante uma greve. Era justamente Pedro Bala que planejava as ações dos Capitães da Areia e tinha o dom da liderança. Ao final do romance, ele é aceito na organização dos trabalhadores, passando a comandar uma brigada de choque formada pelos Capitães da Areia. “O destino deles

²¹⁷ DUARTE, Eduardo de Assis. O Bildungsroman proletário de Jorge Amado. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, Brasil, v. 23, n. 27, p. 175–195, 2018. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i27p175-195. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/148542>. Acesso em: 7 maio. 2024. pp. 176

²¹⁸ AMADO, Jorge. **Jubiabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 272

²¹⁹ DUARTE, Eduardo de Assis. O Bildungsroman proletário de Jorge Amado. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, Brasil, v. 23, n. 27, p. 175–195, 2018. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i27p175-195. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/148542>. Acesso em: 7 maio. 2024. pp. 184

²²⁰ Ibidem, pp. 184

²²¹ Ibidem, pp. 185

²²² Ibidem, pp. 185

mudou, tudo agora é diverso. Intervêm em comícios, em greves, em lutas obreiras. O destino deles é outro. A luta mudou seus destinos.”²²³ Chamo atenção para o fato de que do próprio Pedro Bala, de certa forma, negar a ideia de que destinos são imutáveis, bem como nega estereótipos colocados sobre ele próprio a partir dessa percepção enquanto está no reformatório:

Na véspera o surraram na polícia. Suas costas estão negras, seu peito ferido, o rosto inchado. Por isso o diretor disse que ele tinha cara de criminoso. Não tem, não. Ele quer é liberdade. Um dia um velho disse que não se mudava o destino de ninguém. João de Adão disse que se mudava, sim, ele acreditara em João de Adão.²²⁴

Sobre esse trecho, cabe destacar que características físicas e, em especial, o ambiente das ruas eram vistos como fatores de criminalidade: “No discurso do poder médico, a rua era representada como “a grande escola do mal”, espaço público por excelência onde se gerariam os futuros delinquentes e criminosos irrecuperáveis.”²²⁵

É possível perceber que, alguns dos Capitães da Areia seguem caminhos diferentes quando saem do grupo. Gato, por exemplo, possuía, já a partir dos seus treze anos, um relacionamento amoroso com uma prostituta de trinta e cinco anos, saindo do grupo antes dos meninos se envolverem com a luta dos trabalhadores, tornou-se o “mais jovem dos vigaristas da Bahia”, um “jogador desonesto, um gigolô de mulheres”. Sobre isso, Pedro Bala tem o seguinte pensamento quando o encontra, passados alguns anos: “Pensa que se ele tivesse demorado mais algum tempo no trapiche, talvez não fosse um ladrão. Aprenderia com Alberto, o estudante, o que ninguém soubera lhe ensinar.”²²⁶ É interessante notar como, nesse ponto, Jorge Amado, apesar de dar sentido aos destinos baseado em noções que herdaram de concepções de uma ciência higienista, entende que é possível mudar futuros a partir da luta contra a desigualdade. Entretanto, não descarta sentidos pré-determinados, tão utilizados no início do século XX por criminologistas, pedagogos, médicos e tantos outros.

Antônio Balduino, de *Jubiabá*, assim como Pedro Bala, também opta pela greve como salvação. Se não fosse seu contato com a greve, Balduino teria se suicidado após a perda de Lindinalva, a mulher que amava. Portanto, o caso de Antônio Balduino também diz respeito a uma mudança de destino.

Antônio Balduino também ama o mar. Sempre viu no mar o caminho de casa. E quando Lindinalva morreu, ele que pensava que seu abc já estava perdido, que nada mais faria, quis entrar pela estrada do mar para ser feliz como um morto. Porém os homens do cais, os homens do mar, lhe ensinaram a greve. O mar lhe mostrou o caminho de casa.²²⁷

²²³ AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 259

²²⁴ Ibidem, 2008, pp. 200

²²⁵ RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil: 1890-1930**. Rio De Janeiro: Paz E Terra, 1985, pp. 121

²²⁶ AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 258

²²⁷ AMADO, Jorge. **Jubiabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 283

João Grande, também do grupo dos Capitães da Areia, é descrito como o mais alto, o mais forte dos meninos. Seu pai é descrito como um “carroceiro gigantesco” que morreu de atropelamento por caminhão, quando tentava desviar o cavalo para um lado da rua, ou seja, faleceu trabalhando. João Grande, mais ao final do livro acaba tornando-se marinheiro, num navio cargueiro do Loyd, entretanto ele não morre como seu pai e continua sendo um aliado de Pedro Bala.

Diferentemente, a personagem Dora tem o destino muito parecido com o de sua mãe, pois, assim como ela e seu pai, falece de varíola. Sobre essa personagem, é perceptível como Jorge Amado, a partir de uma personagem que tinha entre treze e quatorze anos, constrói um projeto de irmã, mãe e esposa que mudaria o rumo do grupo de meninos abandonados, menores como ela. De início, quando seus pais falecem, procurou um emprego de copeira para casas de família, tentou negociar com a ex-patroa da mãe, mas quando a mulher percebe que a ex-funcionária morreu de varíola, decide não contratar Dora. Não seguirá o mesmo caminho da mãe, passa a fazer parte dos Capitães da Areia, vive como eles, apesar de exercer um papel materno, mesmo que acabe participando dos furtos entre outras ações do bando. Após ser capturada pela polícia e parar em um orfanato, a menina adoece, foge e retorna aos Capitães da Areia. De volta ao trapiche, acaba falecendo, antes mesmo do grupo se envolver com os grevistas.

A mudança de caminho pelo contato com a luta operária também acontece na obra de José Lins do Rego, porém de maneira mais sutil. Em *O Moleque Ricardo*, ao final do romance, Ricardo acaba sendo preso por participar de uma greve, mesmo que, ao longo do livro, não tenha demonstrado interesse nela. Doutor Pestana, que era quem tinha mobilizado inicialmente os trabalhadores para a greve, não é preso, mas os homens que mobiliza sim, incluindo colegas de trabalho de Ricardo.

Ricardo se lembrava da Mãe Avelina. Com que alegria ela recebera a carta dizendo que ia! Os negros todos da rua se assanharam na certa com a notícia. Ricardo ia chegar calçado de botina e gravata no pescoço, como José Ludovina no dia de eleição. Ricardo no Recife não tirava a botina dos pés, mas agora era isto que estava se vendo. Fernando de Noronha esperava por ele. Cercados de água por todos os lados, para o resto da vida. Morreriam por lá.²²⁸

Note que, Ricardo, assim como os outros personagens que aqui apresento, tem o rumo da vida mudada pelo contato com experiências coletivas de trabalhadores organizados. Talvez, se Ricardo não tivesse passado por um momento de consciência a respeito das injustiças sofridas por trabalhadores, retornaria para ver Mãe Avelina.

²²⁸ REGO, José Lins do. *O Moleque Ricardo*. São Paulo: Global Editora, 2022, pp. 282

A respeito das irmãs de Ricardo, cujos nomes e história de vida não temos acesso, a maneira como ele se lembra delas indica que seus destinos não iriam além de viver pelo trabalho, como lavadeira ou engomadeira. A partir do pensamento de Ricardo, quando está no trem a caminho do Recife, durante sua fuga, é possível perceber que o destino das meninas dependeria da sorte de ter alguém que faça algo por elas e que essa seria a missão do irmão. Portanto, sente-se responsável pela família, como o irmão homem mais velho: “As meninas, quem faria por elas alguma coisa? Não devia ter vindo”²²⁹. Quando Ricardo chega ao Recife, pensa em uma vida melhor para sua mãe, irmãos, irmãs, em chamá-los para morar com ele na cidade: “Então, botaria todos na escola. Avelina bateria roupa para alguma família de perto, as irmãs mais velhas aprenderiam a engomar e Rafael, com mais tempo, entraria para a aula. E todos viveriam felizes.”²³⁰

Voltando a *Jubiabá*, chamo atenção para os destinos dos meninos que andavam no grupo de Antônio Balduino, quando o bando vai se dissolvendo. O primeiro a ir embora foi Sem Dentes, descrito como “mulato forte de seus dezesseis anos”. Este ingressou numa quadrilha de batedores de carteira. Felipe, o Belo, faleceu debaixo de um automóvel. Jesuíno foi trabalhar numa fábrica, casou-se e teve vários filhos. Sobre o restante do grupo, “[...] se distribuíram pela cidade em ofícios diversos, operários de fábricas, trabalhadores da rua, carregadores do cais.”²³¹

Ainda sobre os meninos do grupo de Balduino, Viriato, o Anão, foi o único do grupo que continuou mendigando, ele chega a adoecer por um momento, contrai malária, dizendo que a assistência o pegou e que preferia morrer na rua se adoecesse novamente. O destino de Viriato assemelha-se com o de Sem-Pernas em *Capitães da Areia*. Viriato comete suicídio e seu corpo é encontrado boiando no mar: “Segundo o Gordo, uma vez Viriato vira três anjos e uma mulher vestida de roxo que era sua mãe e o estava chamando para o céu.” Cabe destacar que uma das queixas de Viriato era não ter ninguém por ele, órfão de pai e mãe e em momentos de vulnerabilidade, como quando adoece, ficou sozinho. Portanto, a solidão aparece como causa do suicídio.

²²⁹ REGO, José Lins do. **O Moleque Ricardo**. São Paulo: Global Editora, 2022, pp. 23

²³⁰ Ibidem, pp. 30-31

²³¹ AMADO, Jorge. **Jubiabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 72

Como já afirmado no primeiro capítulo, a cor e a classe dos pais influenciam nos destinos dos personagens. Como já explicado, o personagem de José Lins do Rego, Carlos de Melo, tinha um pai considerado “louco”, portanto, tinha constante medo de também enlouquecer. Sobre seu pai, Carlos narra que: “A sua história, que mais tarde conheci, era a de um homem arrebatado pelas paixões, a de um coração sensível demais às suas mágoas.”²³² O motivo de seu pai ter matado sua mãe também era justificado pela loucura: “Vim a compreender, por aquele tempo, por que razão se deixara levar ao desespero. O amor que tinha pela esposa era o amor de um louco. O seu lugar não era no presídio para onde o levaram. O meu pobre pai, dez anos depois, morria na casa de saúde, liquidado por paralisia geral.”²³³

Carlos possui lembranças melancólicas sobre sua mãe, como uma figura angelical, misturando-se com imaginação, ele narra “[...] e vejo-a assim, tomando conta de mim, dando-me banhos e me vestindo”. É importante ressaltar que, tanto em *Menino de Engenho* como em *Doidinho*, as memórias do narrador misturam o que nomearei de seu “eu-criança” (Carlos de 12 anos de idade) com seu “eu-adulto” (o Carlos que escreve quando já está adulto), ou seja, há momentos que ele narra seus sentimentos e forma de pensar passados, como criança, bem como existem situações em que ele dá luz a alguma informação da sua vida posterior ao tempo da narrativa, bem como momentos em que realiza julgamentos na visão do seu eu-adulto.

Como já exposto, Carlos passa, aos 12 anos, a estudar em um internato, tal destinação dá sentido a uma etapa nova da sua vida, em que teria que controlar o excesso de liberdade expresso na sua vida sexual precoce no engenho. Como interno, o menino irá passar por desafios ao não ter mais aquele tratamento diferenciado como neto do senhor de engenho, tendo que lidar com regras de disciplina rígidas, sentindo-se preso a ponto de, ao final do livro, optar pela fuga. Chamo atenção para o título do segundo livro de José Lins do Rego, *Doidinho*, que se refere ao apelido que Carlos ganha no internato:

Tinha também ganho o meu apelido: chamavam-me de Doidinho. O meu nervoso, a minha impaciência mórbida de não parar em um lugar, de fazer tudo às carreiras, os meus recolhimentos, os meus choros inexplicáveis, me batizaram assim pela segunda vez. Só me chamavam de Doidinho..²³⁴

Chamo atenção para a aflição de Carlos com o próprio destino, pelo fato de seu pai ter sido considerado doente e louco:

²³² REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. São Paulo: Global Editora, 2020, pp. 21

²³³ REGO, José Lins do. **Doidinho**. São Paulo: Global Editora, 2020, pp. 21

²³⁴ Ibidem, pp. 28

O meu pai doido, o meu nome Doidinho! O resto do recreio eu passei longe dos meninos, calado, com a roda das minhas cogitações rodando à força daquelas sombrias histórias. Sentia doenças imaginárias. Mal me contavam de uma moléstia, começava a sofrer sintomas, a pedir remédios para isto, para aquilo. Ali no colégio seu Coelho era o médico; dava doses até para gente de fora. [...] Sim, existiam famílias com o destino marcado com doenças, com males particulares distinguindo-as das outras. Famílias de tísicos, de "lázaros, as que sofriam do coração, as que davam doidos para os asilos. Por que me botaram os colegas aquele apelido? Era um agitado, falava sozinho à noite, não parava num lugar, me tremiam as mãos quando pegava as cousas.²³⁵

É importante notar como a ideia de o destino do filho parecer com o do pai não era nova. Referindo-se ao final do século XIX e início do XX, Margareth Rago afirma que “Levantando as causas gerais da mortalidade infantil, o discurso médico apontava a hereditariedade, a ignorância e a pobreza como os mais importantes.”²³⁶. Ademais, isso se estendia para além da saúde, a autora afirma que a origem da morte ou do desvio do caráter da criança estava na “[...] família mal constituída, desequilibrada, formada por pais bêbados e moralmente decaídos[...].”²³⁷

A respeito deste ponto, não apenas Carlos de Melo, mas outros meninos do internato têm características pré-determinadas pela hereditariedade. Fausto era, na narração de Carlos: “como eu, agitado, impaciente”. Seu pai “Sempre à noitinha uns uivos de dar, umas lamentações de quem estivesse em suplício, deixavam a cidadezinha impressionada”²³⁸. Também havia Licurgo, cuja mãe era prostituta. É justamente ele que José Lins do Rego escolhe como aluno que é encontrado fumando, depois de ter saído do internato: “Encontramos Licurgo de cigarro na boca, arrogante, em desafio ao diretor, que nos disse: _ Aquele termina na cadeia.”²³⁹. Cabe destacar que o diretor já tinha um tratamento diferente para com Licurgo, ao se referir a ele como “moleque”:

Era a mulher bonita, a mãe de Lycurgo.
— Vim tirar o meu filho do colégio.
E o diretor:
— Sim, senhora. Pode mandar buscar a mala e o tamborete dele. Não quero moleques em meu colégio.
— Moleque, não senhor. O senhor trate melhor.
— Moleque. E a senhora não passa de uma mulher ordinária.²⁴⁰

É possível perceber que o saber médico do período não aparece apenas no momento de dar sentido para a hereditariedade das personagens. A partir de Carlos de Melo, em especial, a questão sexual aparece como algo que se expressa na infância em momentos em que não há a

²³⁵ REGO, José Lins do. **Doidinho**. São Paulo: Global Editora, 2020, pp. 133 -134

²³⁶ RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil: 1890-1930**. Rio De Janeiro: Paz E Terra, 1985, pp. 126

²³⁷ Ibidem, pp. 126

²³⁸ REGO, José Lins do. **Doidinho**. São Paulo: Global Editora, 2020, pp. 100

²³⁹ Ibidem, pp. 80

²⁴⁰ Ibidem, pp. 46-47

vigilância de um adulto. No caso de Carlos, é perceptível como o internato é colocado, ao final de *Menino de Engenho*, como ferramenta que curaria seus impulsos, visto que as próprias trabalhadoras negras do engenho diziam que ele estava com “vício”. Não só Carlos, mas os personagens de Jorge Amado praticam o que tanto ele, quanto José Lins do Rego chamam de “vícios”, como ocorre com Antônio Balduino ao sair da casa do comendador, ainda criança: “No entanto nessa noite sonhou com Lindinalva. Ele a viu nua e acordou. Então se lembrou dos vícios que os moleques do morro praticavam e ficou sozinho.”²⁴¹ Este momento marca a vida de Antônio Balduino: “Virou homem nesta noite”. Padre José Pedro pensava em catequizar os Capitães da Areia e salvá-los dos seus “vícios”: “Porem seu grande desejo era catequisar as crianças abandonadas da cidade, os meninos que, sem pai e sem mãe, viviam do roubo, em meio a todos os vícios. O padre José Pedro queria levar aqueles corações todos a Deus.”²⁴²

Chamo atenção para o fato de que, nesses romances, não apenas as experiências sexuais dos menores, como também o contato deles com drogas e com os furtos são parte de um processo que passam, associado à liberdade, ao estarem afastados do olhar vigilante, seja de pais ou de outros adultos. Dando sentido ao conjunto das tramas da busca desses personagens por serem livres, os “vícios” são colocados, nesses romances, como uma etapa da vida de crianças marginalizadas. Portanto, de certa forma, o leitor tem acesso à noção de que, crianças sem pais, como Carlinhos, estão sujeitas ao que era chamado de “vícios”, como também meninos que vivam nas ruas como em *Jubiabá* e *Capitães da Areia*. Portanto, essa etapa faz parte de uma estratégia de denúncia social realizada pelos autores. Como mostra Eduardo Assis Duarte, a etapa da rebeldia malandra, que inclui esse momento considerado vicioso, ocorre antes de algo próximo à militância operária.

²⁴¹ AMADO, Jorge. **Jubiabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 51

²⁴² AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 71

CAPÍTULO III: Meninas invisíveis e os “vícios” da meninice como etapa para futuros homens

Neste capítulo, inicio tentando contemplar as seguintes questões decorrentes da análise das obras elencadas: 1. Jorge Amado e José Lins do Rego deram pouquíssimo destaque às personagens femininas; 2. Os autores utilizam de imagens semelhantes sobre meninas e mulheres, marcadas pela classe e cor delas; 3. Há um contraste gritante entre o que é naturalizado no comportamento de meninos e o comportamento de meninas, em especial, no que diz respeito às experiências sexuais. Para entender esses pontos, é preciso, primeiramente, situar o leitor sobre questões basilares, já muito bem explicadas nos estudos de gênero, a respeito das diferenças na socialização de meninos e meninas. Em segundo lugar, é preciso considerar um ponto importante que influencia a maneira como os autores diferenciam meninas de meninos não só pelo gênero, mas pela cor: o pensamento sociológico circulante. Neste ponto destaco, principalmente, a influência de Gilberto Freyre na obra de José Lins do Rego. Sobre isso, é possível identificar pontos em comum na forma de interpretar a sociedade brasileira e o Brasil do pós-abolição, o que se relaciona diretamente nas experiências partilhadas das infâncias das personagens construídas. Os três, Freyre, Rego e Amado, apesar de forma diferente, mais ou menos criticamente, interpretaram a relação com a questão sexual e a infância baseados na experiência deles como homens filhos de senhores de propriedade rural, apresentando pontos em comum na sua relação com a masculinidade.

III.1 - O mito da disponibilidade sexual: meninas e mulheres negras em José Lins do Rego e Jorge Amado

Convido ao leitor a conhecer o papel das personagens femininas nos enredos de José Lins e Jorge Amado, no intuito de entender a importância de desnaturalizar o fato de haver pouquíssimas informações sobre as personagens femininas destes romances, que parecem ser apenas acessórias às trajetórias de personagens masculinas. Quando se trata especificamente de personagens negras, há dois tipos de caracterização muito presentes: em José Lins do Rego, vemos mulheres negras adultas que aparecem como tentadoras sexualmente, enquanto em Jorge Amado, além desse aspecto, descreve menores negras que aparecem como objetos sexuais a disposição. Analisando a objetificação destas personagens e a relação de violência estabelecida, principalmente entre homens e meninos brancos e mulheres e meninas negras, é possível

enxergar como certas ideias conformadas entre homens sobre uma suposta disponibilidade de mulheres negras como fruto de sentidos construídos na escravidão e no pós-abolição.

III.1.1 - Da iniciação sexual por mulheres negras a posse das “negrinhas”

Começamos então pelas mulheres negras no trajeto de Carlos de Melo, o neto do senhor de engenho, que desde pequeno tinha contato com essas mulheres, que tiveram um papel importante no seu cuidado, mas não apenas nesse ponto. Há no engenho mulheres negras desde as mais velhas até as mais novas. Entretanto, chamo atenção, especialmente, para como essas mulheres participaram da iniciação sexual precoce de Carlos de Melo.

Aos 12 anos, Carlos de Melo começa a procurar por Zefa Cajá, mulher negra que morava em tapera de palha, descrita como “grande mundana dos cabras de oito”. Desde o começo Carlinhos procura por ela, “Andava atrás dela, beirando a sua tapera de palha, numa ânsia misturada de medo e de vergonha”²⁴³, mesmo quando ela não o queria. Pela narração de Carlos, é perceptível que se tratava de uma relação de troca:

Ficou comigo uma porção de vezes. Levava as coisas do engenho para ela - pedaços de carne, queijo roubado do armário; dava-lhe o dinheiro que o meu avô deixava por cima das mesas. Ela me acariciava com uma voracidade animal de amor: dizia que eu tinha gosto de leite na boca e me queria comer como uma fruta de vez.²⁴⁴

A consequência do que o narrador-personagem descreve como “amor antecipado” é contrair sífilis de Zefa Cajá, que acaba na cadeia como resultado desse ato. Entretanto, não são fornecidos detalhes da narração sobre a vida da mulher. Após o episódio, apesar do autor explicitar o constrangimento em Carlinhos sobre a situação, quando todos do engenho souberam, isso não impediu que o menino sentisse orgulho do acontecimento:

E comecei a envaidecer-me com a minha doença. Abria as pernas, exagerando-me no andar. Era uma glória para mim essa carga de bacilos que o amor deixara pelo meu corpo imberbe. Mostravam-me às visitas masculinas como um espécime de virilidade adiantada.²⁴⁵

Além de Carlos sentir orgulho disso, destaco a reação de outros homens adultos: “Os senhores de engenho tomavam deboche de mim, dando-me confiança nas suas conversas. Perguntavam pela Zefa Cajá, chamavam-na de professora.”²⁴⁶ De certa forma, o narrador tem uma visão crítica da situação: “E riam-se, como se fosse uma coisa inocente este libertino de 12 anos”. Ou seja, não há uma total normalização da situação pelo autor, entretanto, é possível perceber que José Lins do Rego narra como uma continuação do que já acontecia na infância e juventude de gerações passadas, como a do seu próprio avô. Este, segundo a negra Generosa, também tinha o mesmo comportamento de ir atrás das negras. Apesar de José Lins do Rego

²⁴³ REGO, José Lins do, 1901-1957. **Menino de engenho**, Rio de Janeiro: José Olympio, 2001, pp. 129

²⁴⁴ Ibidem, pp. 129

²⁴⁵ Ibidem, pp. 130

²⁴⁶ Ibidem, pp. 130

evidenciar o engenho como um ambiente onde o neto do senhor tem excesso de liberdade, este lugar não é o único onde há relação entre mulheres negras e meninos. Mesmo que o internato seja visto como um local onde Carlinhos seria corrigido de seus vícios, a cozinheira de lá, chamada Paula, “[...] tinha sempre um menino preferido para os seus agrados. Botava mais coisas no prato dele, na mesa”. Paula se relaciona com um dos alunos do colégio, primeiro José Augusto, depois João Cancio, o que era comprovado pela comida extra que o menino adquiria: “tapioca, mangas, pedaços de carne maiores no almoço, cocadas.”. Quando Carlos está no banheiro e Paula bate na porta, a personagem é descrita como tentadora e a própria encarnação do mal:

E o amor ficava me ensinado a crescer, a ficar homem de verdade. A negra tinha o mal dentro. Uma, duas, três vezes, me levava fora deste mundo, nos arrancos de sua vigorosa animalidade. Depois eu pegava a pensar o que diria Deus de tanto pecado.²⁴⁷

Não só Paula, mas outras mulheres negras com quem Carlos se envolveu são descritas desta maneira, quase como uma determinação natural, como aparece no seguinte trecho:

Luísa, Zefa Cajá, negra Paula, o diabo deu a vocês três poderes a que eu não sabia resistir. O mundo aonde vocês me levavam era um canto bem diferente da terra das minhas mágoas e dos meus desconsolos. Mas é que essas viagens perigosas deixavam-se o corpo mole, como si tivesse andado caminhadas de léguas. Um corpo lasso de velho e as mãos tremendo. E ainda afundado na minha melancolia. Negras que me ensinaram a amar, bem cedo vocês me instruíram no que havia de precário e de amargo no amor.²⁴⁸

Em síntese, olhando para as narrações de José Lins do Rego, as mulheres negras seriam culpadas por todas as tentações sexuais e desejos despertados no menino Carlos de Melo. Não há a especificação da idade dessas mulheres, mas, pelo contexto, eram adultas relacionando-se com um menino de cerca de doze anos. Em relação à reação de outros adultos do engenho, ela também se dividia, outras pessoas comentavam: “— O menino não sai da casa da rapariga”; “— Este menino está com vício”. Na Casa Grande, julgavam a situação com comentários como “— Daquele tamanho, e com gálico!”; “— Menino danado!”. As negras, provavelmente aquelas que trabalhavam na Casa Grande, diziam que ele tinha o mal dentro. Além disso, teve que lidar com a vergonha do tratamento com diuréticos que faziam com que urinasse na cama, em contrapartida, o narrador-personagem afirma que a doença-do-mundo operara nele uma transformação. Seu avô, apesar de dar-lhe gritos, não fez o barulho que ele esperava para a situação, pois, na justificativa de Carlos, para estas coisas o avô olhava por cima.

Toda a narração da situação, nas últimas páginas do romance, aparece não apenas para dar sentido a sua ida ao internato, mas como um posicionamento do próprio escritor sobre o que esse menino, baseado nas suas próprias vivências, tinha do que ele nomeava de “vícios”,

²⁴⁷ REGO, José Lins do. **Menino de engenho**, Rio de Janeiro: José Olympio, 2001, pp. 126

²⁴⁸ Ibidem, pp. 125

misturado com a sua doença e seu atraso escolar. Portanto, trata-se de momentos em que o autor expõe o resultado de tudo que ele considerava defeituoso no ambiente do engenho.

Até então, foi possível observar que as mulheres negras apareceram na obra de José Lins do Rego como iniciadoras sexuais de netos e filhos de senhores de engenho as quais eles tinham fácil acesso. Entretanto, meninas negras não eram poupadas dessa caracterização como mulher de má intenção, ou seja, a idade pouco fazia diferença nessas obras. Rego pouco disserta sobre essas meninas, todavia, temos acesso à forma como Jorge Amado interpretou a passagem delas na vida de meninos moradores de rua. Analiso, em especial, as chamadas “negrinhas” de *Capitães da Areia*. O autor não deu nome a elas, mas deixou claro que, para os meninos do grupo dos Capitães da Areia, eram como um objeto sexual que estava ali à disposição para uso. A maioria delas é descrita como se já tivesse segundas intenções e essa característica é colocada, de maneira explícita, em contraste com as intenções da menina branca, que mais tarde passa a viver com os Capitães da Areia, Dora.

Os Capitães da Areia, na descrição de Jorge Amado, não gostavam de pagar para se relacionarem com mulheres, pois “Tinham as novinhas de dezesseis anos para derrubar no areal”²⁴⁹, sobre isso, o autor não fornece detalhes de como a posse do corpo dessas meninas ocorria. Ao descrever as escolhas religiosas de um dos meninos do grupo, Pirulito, Jorge Amado o coloca como alguém que fugia das tentações das “[...] negrinhas que ofereciam o amor na areia quente do cais”²⁵⁰, meninas que são descritas como naturalmente sensuais e que andavam como que dançando, além de terem um “[...] riso insolente de convite, um riso de dentes apertados pelo desejo”²⁵¹. Narrando a maneira como o menino Sem Pernas se relacionava com essas meninas negras, Amado diz que ele conseguia a “negrinha” a força, o que evidencia essa relação de posse com o corpo feminino: “Fora sempre infeliz para o lado de mulher. Quando conseguia uma negrinha no areal era com a ajuda dos outros, era a força. Nenhuma olhava para ele, convidando com os olhos.”²⁵²

Portanto, essas meninas negras, na descrição do enredo, ou se convidavam a se relacionar sexualmente com esses meninos, ou eram estupradas pelos mesmos. A tentativa de estupro não é tratada, necessariamente, como repulsiva, mas como uma consequência de impulsos sexuais violentos naturais masculinos. É dessa maneira que Jorge Amado justifica a tentativa de Pedro Bala de estuprar uma menina negra de 15 anos que ia embora sozinha para

²⁴⁹ AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 54

²⁵⁰ Ibidem, pp. 147

²⁵¹ Ibidem, pp. 240

²⁵² Ibidem, pp. 305

casa e que negou a todo tempo as tentativas de Pedro. Mesmo que fique evidente que não há consentimento da menina, Jorge Amado coloca uma carga sexual nela:

Pedro Bala podia vê-la bem quando ela passava sob os postes: era uma negrinha bem jovem, talvez tivesse apenas 15 anos como ele. Mas os seios saltavam pontiagudos e as nádegas rolavam no vestido porque os negros mesmo quando estão andando naturalmente é como se dançassem.²⁵³

Pouco tempo antes do episódio, Pedro Bala acabara de descobrir que seu pai, que não chegou a conhecer de fato, morrera na greve, lutando pelo direito dos doqueiros. Também tinha ouvido, na macumba do Gantois, que o dia da vingança dos pobres não tardaria em chegar. Essas duas situações aparecem como causa da sensação de coração oprimido que afligia o menino, e utilizada como justificativa da tentativa de estupro:

E o desejo cresceu dentro de Pedro Bala, era um desejo que nascia da vontade de afogar a angústia que o oprimia. Pensando nas nádegas rebozantes da negrinha não pensava na morte de seu pai defendendo o direito dos grevistas, em Omolú pedindo vingança na noite de macumba. Pensava em derrubar a negrinha sob a areia macia, acariciar seus seios duros (talvez seios de virgem, sempre seios de menina), em possuir seu corpo quente de negra.²⁵⁴

O que Jorge Amado expõe é que a menina vinha da casa da avó e ia para sua casa onde a mãe e irmãs a esperavam, e que não queria Pedro Bala, pois, “[...] fazia pouco que se tornara mulher e pretendia reservar seu corpo para um mulato que a soubesse apaixonar. Não o queria entregar assim ao primeiro que a encontrasse no areal.”²⁵⁵ Desesperada, procurava a quem pedir socorro e lhe ajudasse a “conservar a sua virgindade de que tinham lhe ensinado que era preciosa.”²⁵⁶ Ceder àquela situação poderia significar que “[...] estaria perdida, iria deixar uma mancha de sangue no areal da qual ririam os estivadores na madrugada seguinte.”²⁵⁷ Os pensamentos da menina desnaturalizam a ideia de que meninas e mulheres negras tenham sido pivô da iniciação sexual de meninos, iniciando um ponto da discussão deste capítulo.

Em contrapartida, a personagem Dora, que morava no trapiche junto com os Capitães da Areia, é descrita pela pureza e inocência e os próprios personagens a enxergam assim. Vê-la como uma “menina” poupa que seja vítima de estupro. Quando os meninos Professor e João Grande trazem Dora para o grupo, convencem seu chefe Pedro Bala a não deixar que façam nada com ela: “João Grande continuou: — O pai dela, a mãe dela morreu de bexiga. A gente encontrou ela, não tinha onde dormir, a gente trouxe ela. Não é uma puta, é uma menina, não

²⁵³ AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 116

²⁵⁴ Ibidem, pp. 116

²⁵⁵ Ibidem, pp. 118

²⁵⁶ Ibidem, pp. 119

²⁵⁷ Ibidem, pp. 119

vê que é uma menina? Ninguém toca nela, Bala.”²⁵⁸ A partir daí, houve o reconhecimento de Dora como menina entre eles.

Diferentemente da menina negra que Jorge Amado não dá nome e que é perseguida por Pedro Bala, Dora é reconhecida como “menina” antes de tentarem violentá-la. Por outro lado, apenas ao final da perseguição à “negrinha” o autor diz tratar-se apenas de uma menina, ao explorar fluxos de pensamentos de Pedro Bala após ela fugir e xingá-lo: “[...] o ódio que sentia contra a cidade rica que se estendia do outro lado do mar, na Barra, na Vitória, na Graça, o desespero da sua vida de criança abandonada e perseguida, a pena que sentia pela **pobre negrinha, uma criança também**” (destaque nosso)²⁵⁹.

Tanto Dora quanto a “negrinha” que fugia de Pedro Bala são vistas como objetos a serem possuídos. Quando Dora chega no trapiche, de início, é vista pelos outros meninos como peixe pescado do qual eles não queriam dividir com os outros. Após entendê-la como “apenas uma menina”, isso muda completamente. Entretanto, no jornal fictício construído no enredo do livro, aparece caracterizada como “Dora, a nova gigolete dos moleques baianos”. Portanto, no olhar de jornalistas que a viram no grupo dos Capitães da Areia, mesmo sem saber a dinâmica entre eles, noticiam-na como uma “gigolete”.

Localizando o leitor, é preciso evidenciar que a personagem Dora, a única mulher que fazia parte do bando, tinha entre treze e catorze anos, era branca e loira. Ela perde os pais para a varíola, portanto, ela e seu irmão de seis anos ficam em situação de abandono, mas a menina não consegue trabalho em uma casa de família. Assim, ela e o irmão passam a viver com os Capitães da Areia. Apesar de quebrar estereótipos de fragilidade feminina, acaba realizando papéis semelhantes a mulheres exemplares do lar, exercendo funções maternas no grupo, simbolicamente considerada irmã dos mais velhos, mãe dos meninos mais novos e esposa de Pedro Bala. Conectando todas as caracterizações de mulheres e meninas negras com a de Dora, é possível perceber que esta, em sua branquitude, estava mais próxima da mulher ideal para Jorge Amado, e o autor não esconde isso como pode-se perceber por este trecho:

Em verdade ela era apenas uma criança abandonada como eles. Não ria como as negrinhas do areal um riso insolente de convite, um riso de dentes apertados pelo desejo. Seu rosto era sério, parecia o rosto de uma mulherzinha muito digna. Mas os pequenos seios que nasciam se empinavam no vestido, o pedaço de coxa que aparecia era branco e redondo. Pirulito tinha medo. Não tanto da tentação de Dora. Ela não parecia das que tentavam, era uma criança, era muito cedo para isso.²⁶⁰

²⁵⁸ AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 229

²⁵⁹ Ibidem, pp. 123

²⁶⁰ AMADO, Jorge. **Jubiabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 240

Em *Capitães da Areia*, Pedro Bala acaba escolhendo Dora como seu par romântico, também a vendo como superior às meninas negras. Essa preferência já ficava clara em *Jubiabá*, publicado dois anos antes. Lindinalva, mulher branca e loira que Antônio Balduino era apaixonado, nunca chegou a relacionar-se com ele, entretanto, ele teve relações sexuais com diferentes mulheres negras, que temos acesso às histórias, mas nunca chegou a amá-las como amou Lindinalva. O personagem teve diversas parceiras de diferentes cores, mas a única que temos acesso à história são essas mulheres negras e todas às vezes Balduino via nelas o corpo e rosto de Lindinalva:

Só ele a possuiu no corpo de todas as mulheres que dormiram com ele. Na maravilhosa aventura de amor do negro Antônio Balduino e da branca Lindinalva, esta foi branca, preta e mulata, foi também aquela chinesinha do beco de Maria Paz, foi gorda e magra, teve uma voz masculina certa noite no cais, mentiu como a preta Joana.²⁶¹

Na descrição de Jorge Amado, Lindinalva “era sardenta e tinha um rosto de santa” e mesmo depois da mulher ter se tornado prostituta, Antônio Balduino insiste, quando esta morre, que seu caixão deve ser branco como de uma virgem. Portanto, a personagem é associada a uma figura angelical que teve a sua vida perdida. Entretanto, tanto em *Jubiabá* quanto em *Capitães da Areia*, a personagem feminina branca aparece como aquela que conquista o coração dos heróis, não sendo nenhuma dessas mulheres negras.

A tragicidade do destino de Lindinalva pode ser lida também como denúncia das condições das mulheres brasileiras, visto que a prostituição feminina é um tema recorrente nas obras de Jorge Amado, não apenas em *Jubiabá*. É importante reconhecer que, nesse sentido, o autor teve importante papel de expor dilemas femininos. Olhando para a sequência de acontecimentos, é possível perceber uma espécie de “castigo” que o autor coloca para Lindinalva. Se antes ela era uma menina rica vivendo em um núcleo familiar que a protegia de tudo e de todos, depois da morte do seus pais e de seu marido tê-la largado com um filho, passa a se degradar cada vez mais, entrando no mundo da prostituição. A situação aparece como uma espécie de consequência advinda da dúvida que teve da inocência de Antônio Balduino, logo no início do romance, acreditando que o menino estava espiando-a.

O que chama atenção no significado de Lindinalva para Antônio Balduino é o fato de, assim como acontece em *Capitães da Areia*, Jorge Amado escolher novamente uma personagem branca para enaltecer qualidades de uma mulher pura. Em Lindinalva, isso aparece de maneira tão evidente que, mesmo tendo levado a vida de prostituição, ela aparece, em essência, como uma mulher de origem pura e santa. Isso não ocorre com as mulheres negras da obra, Rosenda

²⁶¹ AMADO, Jorge. **Jubiabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 277

é vista como alguém vaidosa e vilanizada pelo autor, sendo ela uma das mulheres que constrói uma relação amorosa considerável na vida de Balduino:

Antônio Balduino vivia pensando que Rosenda Resedá estava ficando insuportável. Queria mandar nele. Um dia destes ele dava-lhe um pontapé e a botava para fora de casa. A negra vivia querendo coisas, fizera vender o urso para comprar um vestido de baile (podia comprar a prestações a um turco), naquele dia pedira um colar que vira numa casa da rua Chile por doze mil-réis.²⁶²

Portanto, chama a atenção o fato de o autor fazer críticas importantes contra o preconceito racial, mas delinear características discrepantes entre mulheres negras e brancas. Esse aspecto acaba dificultando a construção de personagens femininas que se aproximariam da busca pela liberdade explicada no segundo capítulo.

III.1.2 – A hipersexualização de meninas e mulheres negras e a naturalização da objetificação no Brasil

Os pontos que foram destacados não podem ser separados do fato de estarmos trabalhando com dois escritores brancos vindos de lugares sociais muito parecidos. José Lins do Rego era neto de senhor de engenho e foi criado pelo avô no engenho do Corredor, na Paraíba. Jorge Amado era filho de pequeno fazendeiro de cacau. Portanto, talvez algumas experiências sobre a iniciação sexual na infância tenham sentidos parecidos para ambos, principalmente em relação a mulheres e meninas negras. Segundo Ana Luiza Rodrigues Antunes, o mundo vivido por Jorge Amado na sua infância era:

[...] o mundo do coronel João Amado de Faria, seu pai, mundo masculino por excelência, no qual os valores mais apreciados eram a coragem, os feitos de armas e a hombridade provada no leito das mulheres, públicas ou não. Jorge Amado narrou que, ainda criança, foi inúmeras vezes a casas de “mulher-dama” levada por Argemiro, o “sergipano sarará”, chefe dos cabras do coronel João Faria.²⁶³

Tal situação não se restringe ao tempo vivido por esses dois escritores. É o que se pode observar em relatos de homens registrados no artigo de Valeria Ribeiro Corossacz, intitulado “Cor, classe, gênero: aprendizado sexual e relações de domínio”, que discute as experiências de aprendizado de uma sexualidade heterossexual, racializada e classista através da análise de relatos biográficos de um grupo de homens entre 43 e 60 anos. Trata-se, especialmente, de relatos sobre o que foi definido por eles como “relações sexuais” com trabalhadoras domésticas

²⁶² AMADO, Jorge. **Jubiabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 251

²⁶³ ANTUNES, Ana Luiza Rodríguez. **Homossexualidade**: a mestiçagem que Jorge Amado não viu : um estudo sobre as personagens homossexuais nos romances de Jorge Amado. 2009. 323 f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009, pp. 106

(empregadas) e, em menor escala, com prostitutas, tidas durante a adolescência e narradas como uma iniciação sexual.

Entretanto, a autora faz a seguinte observação:

A definição de relações sexuais referida às relações com empregada me pareceu desviante, pois se trata de formas de abuso sexual ou de estupro, descritas pelos entrevistados em sua violência, ainda que consideradas "normais". Trata-se, portanto, da análise de uma relação de poder descrita por quem a exerceu.²⁶⁴

A autora entrevistou homens que provém do seguinte contexto social:

[...] um ambiente urbano, abastado ou de famílias que investem em um processo de ascensão social, inclusive através dos estudos universitários dos filhos, no qual, porém, estão presentes elementos que remetem a relações hierárquicas tipicamente coloniais, representadas primeiramente pela presença de diversos trabalhadores domésticos, entre os quais a mulher que se ocupa da casa e/ou de cuidar dos filhos e que tem um papel central²⁶⁵

A partir dos relatos desses homens entrevistados entre 2006 e 2015, a autora percebe a confirmação, na fala desses sujeitos, do estereótipo da mulher negra como possível parceira sexual, mas não como companheira com a qual poderiam fundar uma família. Tratam-se de homens que viveram suas adolescências nos anos 1960 e 1970.

O material recolhido por Valeria Ribeiro Corossacz mostra várias questões, como o fato desses homens justificarem a não iniciação com mulheres da mesma classe social, pois as brancas não estavam disponíveis, no sentido de não ser possível, pois estragaria a reputação da moça. Portanto, o primeiro alvo seria as empregadas domésticas: “Muitos homens descreveram uma situação de relações de poder, em que a mulher empregada era completamente submetida aos desejos dos empregadores.”²⁶⁶. A fala de um dos entrevistados deixa clara essa relação de posse:

V: Eu queria saber mais sobre essa figura da empregada. Como é que ela era vista? L: Como pessoa com quem era possível [fazer de] tudo, ainda mais...era muito louco, né? Ela podia ceder a qualquer coisa que fosse acionada. Porque era uma empregada, e a gente aprendia que ela era inferior, infelizmente. Então, ela podia servir, inclusive sexualmente, se fosse necessário...²⁶⁷

Segundo Corossacz, “Para o homem de classe abastada, a empregada é a figura que permite produzir e confirmar essa superioridade ao mesmo tempo social, de gênero e de cor.”²⁶⁸ Entretanto, quando se trata de relação sexual com empregadas, em especial às associadas à “iniciação sexual”, há uma complexidade na situação. Esses episódios, a depender do contexto,

²⁶⁴ RIBEIRO COROSSACZ, Valeria. Cor, classe, gênero: aprendizado sexual e relações de domínio. **Revista Estudos Feministas**, vol. 22, núm. 2, maio-agosto, 2014, pp. 521-542, Universidade Federal de Santa Catarina Santa Catarina, Brasil, pp. 522

²⁶⁵ Ibidem, pp. 4

²⁶⁶ Ibidem, pp. 532

²⁶⁷ Ibidem, pp. 22

²⁶⁸ Ibidem, pp. 22

envolvem um duplo sofrimento, como o relatado por um homem que ia para casa paterna em um estado do interior:

Em seu relato, o sofrimento é dado pela percepção da relação de domínio e violência, que é declinada em um duplo registro: a violência que ele sofria ao ser obrigado a ter uma relação sexual com uma mulher, e a violência que ele exercia contra essa mulher e que às vezes não conseguia cumprir, pedindo-lhe para não contar aos outros.²⁶⁹

A respeito dessa complexa relação de violência que vemos tanto nos livros da década de 1930, quanto no século XXI, é preciso considerar a relação dela com questões, práticas e costumes de um período muito anterior, o da escravidão. Neste trabalho venho destacando como aspectos diversos dos romances estudados tem alta relação com problemáticas deste período e a relação entre homens e mulheres não escapa desta análise. Em 2019, o historiador Sidney Chalhoub toma o espaço do posfácio da nova edição de um romance do século XIX intitulado *Fantina (Cenas de escravidão)*, de Francisco Coelho Duarte Badaró, publicado em 1881. Assim como os romances aqui trabalhados, há a temática do estupro a mulheres negras, entretanto, Badaró tratava do período da escravidão, contando uma história de uma jovem escravizada que sofre assédio sexual persistente e obsessivo de seu senhor. Antes mesmo da abolição da escravidão, Badaró, segundo Chalhoub, intentava mostrar situações tidas por recorrentes nas relações entre senhores e escravos.

No posfácio, o historiador explica que no momento em que Badaró escreve há intenções de verossimilhança na escrita em *Fantina*, devido a acontecimentos políticos envolvendo a luta abolicionista. Chalhoub explica que:

Boa parte do efeito de parença de verdade vinha da “normalidade” da sociedade escravista à época, quer dizer, das características dela que eram repostas independentemente da vontade do escritor, cuja ficcionalização das circunstâncias sociais expressava aspectos da história vivida, da experiência cotidiana.²⁷⁰

A situação recorrente a que o autor se refere é o estupro de mulheres escravizadas por seus senhores. *Fantina*, assim como outras obras da época que criticaram a escravidão, focaram nessa relação abusiva que tinha base legal, não apenas costumeira, portanto, havia uma proteção para que senhores tratassem essas mulheres como propriedade, não só no trabalho escravo, como no que eles se referiam como “disponibilidade” delas para a violação sexual.²⁷¹ Destaco que a referência à “disponibilidade” das negras aparece também na fala dos entrevistados de Corossacz e que a jovem de nome Fantina da história de Badaró, mesmo antes de ser assediada

²⁶⁹ RIBEIRO COROSSACZ, Valeria. Cor, classe, gênero: aprendizado sexual e relações de domínio. **Revista Estudos Feministas**, vol. 22, núm. 2, maio-agosto, 2014, pp. 521-542, Universidade Federal de Santa Catarina Santa Catarina, Brasi, pp. 23

²⁷⁰ BADARÓ, Francisco Coelho Duarte. **Fantina: cenas da escravidão**. Posfácio e anotações de Sidney Chalhoub. São Paulo: Chão Editora, 2019, pp. 124.

²⁷¹ Ibidem, pp. 142

pelo seu senhor, já lidava com o assédio dos homens da casa, descritos como “senhores moços”, que quando a encontravam longe da esposa do senhor, a perturbavam.²⁷²

Também destaco o livro *A Origem dos outros*, de Toni Morrison, que, explicando como pessoas negras aparecem na literatura, em especial a europeia e estadunidense, a autora nos ajuda a compreender como foi possível a aceitação da escravidão e o que ela chama de romantização da mesma. Segundo a autora, “Uma das maneiras de que as nações dispunham para tornar palatável o caráter degradante da escravidão era a força bruta; outra era a romantização”. Sobre esta última, Morrison destaca o diário de um jovem inglês de classe abastada que parte em 1750 para fazer fortuna como senhor de escravos. Este homem, de nome Thomas Thistlewood, detalhou “sem reflexão nem julgamento, somente fatos”, do seu dia a dia, sem planos de publicar ou compartilhar seus registros. Neles, a autora destaca como ele não questionava sobre a moralidade da escravidão e que detalhava sua vida sexual no engenho:

Ele anotava o horário do encontro, o grau de satisfação obtido, a frequência do ato e, sobretudo, onde este ocorria. Além do prazer evidente, havia também a facilidade e o conforto do controle. Não havia necessidade de seduzir, nem mesmo de conversar [...]. Hoje em dia, imagino eu, isso seria chamado de estupro; na época chama-se *droit du seigneur*, o direito do senhor²⁷³

Segundo Morrison, essa normalização presente na escrita de Thistlewood e sua ausência de juízo moral nada atípica ajuda a compreender a aceitação da escravidão. Ademais, talvez uma das reflexões que a autora trás e que melhor explique a normalização na fala dos entrevistados de Corossacz é esta: “Como uma pessoa se torna racista, ou sexista? Já que ninguém nasce racista, e tampouco existe qualquer predisposição fetal ao sexismo, aprende-se a Outremização não por meio do discurso ou da instrução, mas pelo exemplo.”²⁷⁴ Dessa maneira, é possível afirmar que, para manter uma relação desigual de poder que mulheres e meninas negras eram submetidas, foi preciso normalizar a violência e o exemplo e a repetição cotidiana fizeram parte disso.

No caso das entrevistas coletadas por Corossacz, vemos, na sutileza das falas, a relação de posse, mas não há menções aos mesmos estereótipos a respeito de mulheres negras, acionados por José Lins do Rego e Jorge Amado. Ana Luiza Rodriguez Antunes exemplifica como isso aparece em Jorge Amado, já em seu primeiro romance, intitulado *O País do Carnaval*:

²⁷² BADARÓ, Francisco Coelho Duarte. **Fantina**: cenas da escravidão. Posfácio e anotações de Sidney Chalhoub. São Paulo: Chão Editora, 2019, pp. 140

²⁷³ MORRISON, Toni. **A origem dos outros**: seis ensaios sobre racismo e literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, pp. 13

²⁷⁴ Ibidem, pp. 11

As mulatas descritas em *O país do carnaval* são representadas como mulheres fáceis — seja pela sua condição social, seja por uma insinuada propensão genética à promiscuidade —, mas “generosas”, o que as redimiria de qualquer pecha.[...] ²⁷⁵

A figura imaginária da “mulata” é fruto de construções sobre raça e gênero, em especial sobre a história intelectual do Brasil, que por muito tempo entendeu a miscigenação como mal do país. Nesse sentido, destaco como a história do pensamento científico do Brasil perpassou por questões raciais, conforme é explicado no artigo de Nancy Leys Stephans, “A mestiçagem da alma”:

A partir das duas últimas décadas do século XIX, os movimentos nacionalistas incorporaram a ideia de que qualquer coletividade que se considerasse uma nação tinha o direito de advogar formação de um Estado independente. Decorrente disso, o aumento do número de demandas pela autodeterminação nacional fez com que o elemento étnico e linguístico se tornasse um critério fundamental para a definição de uma nação em potencial²⁷⁶

Entretanto, tratava-se de um momento em que o racismo entendia que a espécie humana se divide naturalmente em raças, considerava a miscigenação como algo degenerador e acreditava na inferioridade das raças negra e amarela.²⁷⁷ As teorias racialistas exerceram grande influência na intelectualidade brasileira a partir de 1870, entretanto, os impasses e as contradições do pensamento racialista já apareciam desde o momento do seu surgimento. É importante lembrar que a eugenia desempenhou um papel na história do Brasil, e aqui destaco isso nas concepções construídas sobre mulheres negras. Ou seja, é preciso entender o que o racismo também produziu, nos anos em que Jorge Amado e José Lins do Rego escreviam suas obras, noções deturpadas de meninas e mulheres negras. Segundo Nancy Leys Stepan:

Entre as duas guerras mundiais, a eugenia esteve associada a uma série de congressos e conferências e à legislação social sobre bem-estar infantil, saúde materna, direito de família, controle de doenças infecciosas e imigração.²⁷⁸

No Brasil, a eugenia surge como respostas a questões nacionais, como miséria e a falta de saúde da população trabalhadora, na sua maioria negros e descendentes de negros.²⁷⁹ A partir da abolição da escravidão, a ciência emergiu, cada vez mais, como ferramenta de autoridade para interpretações sociais e raciais. Isso não parou na década de 1930, quando ainda se discutia sobre uma ideia de degeneração racial, mesmo que, no período em que estamos trabalhando, já houvesse um revisionismo, marcado por Gilberto Freyre:

²⁷⁵ ANTUNES, Ana Luiza Rodríguez. (2011). **Homossexualidade**: a mestiçagem que Jorge Amado não viu: um estudo sobre as personagens homossexuais nos romances de Jorge Amado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009. Tese de Doutorado, pp. 130

²⁷⁶ MURARI, Luciana. The Miscegenation of the Soul: Literature, Criticism and Science in the Construction of the Racial Discourse in Brazil after 1870. **Itinerários**, Araraquara, n. 23, p. 175-190, 2005, pp. 177

²⁷⁷ Ibidem, pp. 179

²⁷⁸ HOCHMAN, G., and ARMUS, D., orgs. Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. **História e Saúde** collection. 568 p. ISBN 978-85-7541-311-1. Available from SciELO Books, pp. 333

²⁷⁹ Ibidem, pp. 68

Não obstante isso, a ideologia racial que obteve consenso no Brasil no final da década de 1930 não foi a de Kehl, mas a do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre. Seus trabalhos deram as ideias-chave que dominariam as interpretações domésticas da história e da nacionalidade brasileiras durante os 30 anos subsequentes.[...] A intenção de Freyre era opor-se ao exagerado racismo biológico de autores como Oliveira Vianna, e introduzir análises mais sociológicas.²⁸⁰

Entretanto, a autora destaca que, mesmo alterando as avaliações raciais, a estrutura do argumento continuava a mesma, ou seja, manteve a ênfase em fatores de raça, antes que econômicos ou de classe e que, ao final da década de 1920 e durante a de 1930, o atrito racial e social constituíram o contexto no qual a eugenia teve condições de sobreviver²⁸¹. José Lins do Rego e Jorge Amado testemunharam mudanças no pensamento sociológico e evidenciaram a presença do negro na formação da sociedade brasileira em suas obras. Todavia, no que se diz respeito à objetificação de meninas e mulheres negras, em seus romances, estiveram presentes concepções masculinizantes que não eram estranhas às suas vivências e nem ao pensamento circulante no período.

Ana Cláudia Delfini Capistrano de Oliveira esclarece como Gilberto Freyre fala da realidade de meninas negras no passado colonial brasileiro. Assim como José Lins do Rego, o vocabulário de Freyre em *Casa Grande e Senzala* para se referir a crianças negras filhas dos escravos é “moleque” e “moleca”. Sobre a última, Oliveira afirma que Freyre acentua que “[...] a moleca crescia junto com a menina tornando-se sua mucama, muitas vezes alvo da mais tenra amizade, ouvindo as confissões mais íntimas da sua sinhá e suas histórias de amor enquanto fazia renda.”²⁸² Ainda, segundo a autora: “O discurso da criança educada marcou a distinção de classe e raça entre as crianças do sobrado e as crianças da rua. Moleque ou moleca passou a ser sinônimo de criança mal educada, rude e grosseira.”²⁸³ Segundo a autora, sobre as meninas negras: [...] as poucas vezes em que Freyre refere-se a elas (também não relata nada sobre as meninas das classes populares) é na análise sobre o comércio sexual das escravas, “negrinhas de dez, doze anos, já estavam na rua se oferecendo a marinheiros enormes”.²⁸⁴ Oliveira também evidencia como Gilberto Freyre afirma que a virtude e a honra das meninas-moça estava assegurada enquanto os “don juan” despejasse nas “molecas” as suas afoitezas sexuais.

²⁸⁰ STEPAN, NL. **Eugenia no Brasil**, 1917-1940. In: HOCHMAN, G., and ARMUS, D., orgs. Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. História e Saúde collection, pp. 330-391. ISBN 978-85-7541-3111. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>, pp. 379

²⁸¹ Ibidem, p. 379

²⁸² OLIVEIRA, Ana Claudia Delfini Capistrano de. **Estudos sociológicos sobre infância no Brasil: crianças sem gênero?** 2011. 252 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/95709>, pp. 137

²⁸³ Ibidem, pp. 163

²⁸⁴ Ibidem, pp. 164

Tal narrativa de Gilberto Freyre conversa diretamente com a maneira de Jorge Amado colocar as meninas negras como primeiro alvo do grupo dos meninos dos Capitães da Areia. A leitura de homens como Jorge Amado, Gilberto Freyre e José Lins do Rego sobre o papel das chamadas “negrinhas” e de mulheres negras na trajetória das suas personagens masculinas é, ao mesmo tempo, fruto de uma naturalização daquela situação, visto que os três são homens brancos que cresceram em zona rural marcada por forte tradição colonial. Entretanto, nesses romances a infância também se deve aos que intelectuais, de formas diferentes, criticaram sobre os traços da sociedade brasileira. Gilberto Freyre, segundo Oliveira, escapa do determinismo biológico, ao analisar o que ele chamava de “sadismo” das crianças, focando em características adquiridas no meio social:

[...] justificando-o numa análise de contexto sobre uma infância oprimida e opressora na qual as crianças reproduziam e recriaram o sadismo social dos brancos sobre os negros, dos homens sobre as mulheres - “criaturas reprimidas sexual e socialmente dentro da sombra do marido” das mulheres sobre as escravas, dos adultos sobre as crianças, das crianças da casa-grande sobre as crianças da senzala, dos meninos sobre as meninas e destas sobre suas molecas²⁸⁵

A partir desses trechos é possível entender algumas semelhanças interpretativas acerca da sociedade brasileira entre esses três homens. Jorge Amado, por exemplo, sempre destaca como a crueldade da própria realidade que os Capitães da Areia vivem os fazem agir criminosamente. Portanto, as interferências do meio também têm peso nessa obra, o que não é diferente em José Lins do Rego, quando considera que o próprio engenho e a composição social dele seria um fator que levou o menino Carlos para uma infância viciosa.

Ainda, segundo Oliveira, é possível identificar tanto naturalização das diferenças sociais de gênero e raça em Gilberto Freyre, ao mesmo tempo uma crítica a elas.

Da mesma forma, Freyre forneceu diversas pistas para pensar o gênero na infância com as crianças da casa-grande, da senzala, dos sobrados e das ruas que aqui busquei problematizar. Ele viu claramente as diferenças de sexo (gênero), classe, raça e etnia, naturalizou tais diferenças, às vezes contextualizou e criticou, mas viu e discutiu.²⁸⁶

É complexo medir até que ponto tanto Freyre quanto seus contemporâneos criticam essas diferenças. Até então, foi possível identificar que Jorge Amado e José Lins do Rego, tratando-se especialmente de mulheres e meninas negras, acabam reforçando estereótipos e normalizando relações sexuais abusivas. Poderiam até ter exposto essas situações como forma de denúncia social, todavia, é inegável que há repetição na maneira como caracterizam essas personagens, o que pode indicar o não estranhamento.

²⁸⁵ OLIVEIRA, Ana Claudia Delfini Capistrano de. **Estudos sociológicos sobre infância no Brasil: crianças sem gênero?** 2011. 252 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/95709>, pp. 127

²⁸⁶ Ibidem, pp. 189

Entre as diferenças sociais vistas por Gilberto Freyre, estão a educação do menino e da menina. Oliveira destaca como, na sua obra, a proteção religiosa na educação das meninas destoava das práticas de virilidade das quais meninos expunham-se muito cedo pela iniciação sexual. Na análise de Freyre, em consonância com *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, os meninos de doze a treze anos eram os primeiros a ostentar a sífilis como uma ferida de guerra.²⁸⁷ Esse é apenas um dos pontos explorados nos romances aqui analisados e que evidenciam diferenças profundas entre o que era relativamente aceito como experiência plausível na infância masculina, enquanto há ausências narrativas de vivências de meninas. Para entender melhor esses pontos, é necessário mergulhar nas experiências masculinas na infância que aparecem nos romances, entendendo o que fazia esses meninos serem considerados homens, de acordo com concepções heteronormativas.

III.2 – Relações homoafetivas na infância em *Doidinho*, *Jubiabá* e *Capitães da Areia*

Tanto José Lins do Rego quanto Jorge Amado acabam por utilizar de caracterizações muito semelhantes nas suas personagens infantis quando estas entram em contato com experiências homoafetivas. Neste ponto do capítulo, busca-se mostrar como isso diz muito sobre a maneira com que os autores pensam as diferenças entre homens e mulheres e de como acreditavam que deveria ser a suas relações. Mas do que se trata esses episódios homoafetivos nos romances? Trata-se de experiências vistas e partilhadas entre homens daquela geração de escritores ou apenas conformações de narrativas sobre essas experiências? Este texto se guia no argumento de que se trata de um misto entre os dois aspectos.

Nesses romances, é possível perceber que os episódios em que os menores passam por alguma experiência homoafetiva são tratados como um momento de vício a ser combatido, do qual a infância está vulnerável. Entretanto, para além disso, esses episódios também dizem sobre alguns sentidos partilhados por esses autores sobre masculinidade. Um deles era a percepção de que era importante para meninos, que eram homens em formação, aprenderem que a relação de domínio para com um terceiro tinha o seu valor. Portanto, pretendo demonstrar que mesmo que os meninos de José Lins do Rego e Jorge Amado possuam trajetórias que, conforme demonstrado

²⁸⁷ OLIVEIRA, Ana Claudia Delfini Capistrano de. **Estudos sociológicos sobre infância no Brasil: crianças sem gênero?** 2011. 252 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/95709>, pp. 191

no capítulo anterior, passam pelo momento em que se compadecem pela desigualdade social, quando pensamos em desigualdades de relações de gênero, isso não ocorre.

José Lins do Rego escreve sobre relações homossexuais no livro *Doidinho*, que se passa no internato onde Carlos de Melo frequentou. Em primeiro lugar, é preciso destacar que, a prática homoafetiva em internatos já era um assunto que chamava atenção de intelectuais. Segundo Ana Luiza Rodríguez Antunes, o farmacêutico, médico e antropólogo Francisco Ferraz de Macedo, em 1872, já advertia sobre as práticas homossexuais em internatos, dizendo que, com raras exceções, estes frequentemente se tornam ambientes marcados por práticas como o onanismo e a sodomia, tanto ativa quanto passiva. Afirmava também que isso decorria do isolamento forçado imposto aos jovens em idade viril, que, nesse contexto, acabam influenciando negativamente os colegas mais novos e subordinados, levando-os a se envolver em tais atos.²⁸⁸ Apesar da distância temporal da afirmação de Francisco Ferraz de Macedo e da obra de José Lins do Rego, é possível afirmar que existia, de certa forma, um consenso sobre a existência dessa prática em internatos.

Trago, em especial, duas personagens: Clóvis e Pão Duro. Clóvis é um menino de 10 anos, paraibano de família rica. Pão Duro, mais velho, se aproximou dele com gestos de cuidado e carinho, ele o agradava com doces, organizava suas coisas e monopolizava sua atenção, incluindo momentos de leitura e brincadeiras no rio. Isso culmina em um escândalo quando ambos são flagrados juntos no quarto, o que provoca punições: Pão Duro é separado de Clóvis e proibido de se aproximar dele, enquanto Clóvis é tratado como vítima da influência do mais velho. A relação entre os dois, permeada por cuidados, mostra nuances de homoafetividade no contexto opressor e vigiado do internato. A punição no regime de internato ocorre também baseada na ideia de que era necessário vigiar o mais velho, não havendo a expulsão de Pão Duro. O diretor, Seu Maciel, chama o pai do menino que fez questão de dar-lhe uma surra. Houve grande repressão à situação, não só por parte do diretor, mas dos próprios colegas que debocharam tanto do mais velho quanto do mais novo.

A visão negativa sobre essa prática aparece em José Lins do Rego não apenas pelo olhar do autor, mas pelo do próprio personagem principal, Carlos de Melo, que narra o desfecho da situação da seguinte maneira: “Mas que culpa podia haver naqueles dez anos de sua vida? Pão-

²⁸⁸ ANTUNES, Ana Luiza Rodríguez. (2011). **Homossexualidade**: a mestiçagem que Jorge Amado não viu: um estudo sobre as personagens homossexuais nos romances de Jorge Amado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009. Tese de Doutorado. Extraído dia 19 de fevereiro de 2011, de: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=154283, pp. 207

Duro, sim, que era um safado, um somítico.”²⁸⁹ Carlos tinha pena de Clóvis, considerando que fora um fraco nas mãos grosseiras do outro. Portanto, trata-se de uma relação em que um possui mais poder do que o outro, especialmente pela diferença de idade entre eles.

Adentrando na maneira com que Jorge Amado tratou da experiência homoafetiva na infância, percebe-se que, fora do ambiente de um internato, a avaliação da gravidade da situação é diferente. Entre meninos moradores de rua, não é um diretor de internato quem define o que é errado ou não. Na realidade, entre esses meninos, o sujeito considerado “pederasta” não é aquele que toma a iniciativa desse tipo de relação, mas aquele que é, de certa forma, violentado.

Iniciemos analisando o episódio em que o personagem Sem Dentes de *Jubiabá* tenta “arriar as calças” de Felipe, o Belo. A passagem ocorreu entre meninos do grupo de crianças que viviam nas ruas, tendo como líder Antônio Balduino. Sem Dentes é descrito como “mulato forte, de seus dezesseis anos”, “moleque malvado”. Antônio Balduino não aceita a situação e quem é punido é o mais velho:

Pois o Sem Dentes, moleque malvado, abraçou Felipe e começou a puxar-lhe as calças. Felipe estrebuchou e gritou. Acordaram todos. Antônio Balduino esfregou os olhos e perguntou:

— Que frege é este?

— Ele tá pensando que eu sou xibungo... Mas não sou não — Felipe queria chorar.

— Por que você não deixa o menino em paz?

— Não é da sua conta. Eu faço o que quero... Acho ele um bombonzinho.

— Pois olhe, Sem Dentes, quem bulir no menino bole comigo...

— Você quer é comer o menino sozinho... Assim não está direito.

Antônio Balduino se virou para os outros garotos que estavam na dúvida:

— Vocês sabem que eu nunca quis comer ninguém. Eu só gosto de mulher. Se o menino fosse xibungo tá direito. Mas aí não ficava com a gente que a gente não quer fresco aqui... O menino é macho, ninguém bole nele...²⁹⁰

Chamo atenção para a não aceitação das relações homoafetivas no grupo liderado por Antônio Balduino, entretanto, ambos permanecem no grupo, mesmo que, naquela noite, Sem Dentes tenha dormido fora: “O Sem Dentes dormiu sozinho numa porta. Felipe, o Belo, ficou definitivamente no grupo.” O motivo dele ter permanecido no grupo foi ter provado não ser “xibungo”. Situação semelhante aparece em *Capitães da Areia*, quando Boa Vida, de 13 anos, descrito como “mulato truncado e feio”, sente-se atraído por Gato, de 14 anos. Certa noite, ocorre algo semelhante ao que aconteceu no episódio de *Jubiabá*:

Boa Vida mostrou o Gato a Pedro e levou-o depois para o lugar onde dormia:

— Tenho aqui um lençol. Dá para nós dois.

²⁸⁹ ANTUNES, Ana Luiza Rodríguez. (2011). **Homossexualidade**: a mestiçagem que Jorge Amado não viu: um estudo sobre as personagens homossexuais nos romances de Jorge Amado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009. Tese de Doutorado. Extraído dia 19 de fevereiro de 2011, de: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=154283, pp. 178

²⁹⁰ AMADO, Jorge. **Jubiabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 67

O Gato deitou. Boa Vida se estendeu ao seu lado. Quando pensou que o outro estava dormindo o abraçou com a mão e com a outra começou a puxar-lhe as calças devagarinho. Num minuto o Gato estava de pé:

— Tú te enganou, mulato. Eu sou é homem.

Mas Boa Vida já não via nada, só via seu desejo, a vontade que tinha do corpo alvo do Gato, de enrolar o rosto nos cabelos morenos do Gato, de apalpar as carnes duras das coxas do Gato. E se atirou em cima dele com intenção de derruba-lo e força-lo. Mas o Gato desviou o corpo, passou-lhe a perna, Boa Vida se estendeu de nariz. Já tinha se formado um grupo em torno. O Gato disse:

— Ele pensava que eu era maricás. Tú te faz de besta.

Arrancou com o lençol de Boa Vida para outro canto e dormiu. Levaram algum tempo inimigos mas depois voltaram às boas e agora quando o Gato se cansa de uma pequena entrega ao Boa Vida.²⁹¹

Nessa situação, os dois mantêm-se no grupo e, assim como Felipe, o Gato imediatamente quer se provar como heterossexual. Nesse caso, a situação é descrita como uma fase que foi superada por Boa Vida, que passa a ter relações com meninas. Chamo atenção para uma outra situação, que não é apenas uma tentativa de relação homoafetiva, mas a efetivação da relação. Foi o que ocorreu entre Barandão, um menino negro descrito como corajoso, e Almiro, descrito como menino de 12 anos gordo e preguiçoso. Nessa ocasião, havia relações sexuais entre os dois, entretanto, quem adoece de alastrim e morre depois é Almiro, considerado o passivo da relação, sendo levado para o lazareto e morrendo no local.

Chamo atenção para a tese “Homossexualidade: a mestiçagem que Jorge Amado não viu: um estudo sobre as personagens homossexuais nos romances de Jorge Amado” de Ana Luíza Rodríguez Antunes. A autora afirma que é tratada com naturalidade a tentativa de estupro de Boa Vida contra Gato, além disso, o agressor, Boa Vida, não foi considerado “xibungo”. Analisando a mudança de Boa Vida, a autora, mostra que “Essa representação traz em si a visão de que qualquer homem que tenha experimentado algum tipo de relacionamento homossexual, desde que não passivo, é capaz de “regenerar-se”, se tiver a oportunidade de relacionar-se com mulheres.”²⁹². Na situação que ocorre com Almiro, a autora afirma que “Barandão não é contaminado e nada sofre com a revelação da sua relação com Almiro — ao contrário, termina como substituto do herói-guerreiro, Pedro Bala, encarregado por este de chefiar os “capitães da areia””²⁹³.

É interessante como a autora entende o simbolismo da morte de Almiro: “[...] o leprosário, assim, funciona como uma metáfora do exílio físico e psicológico a que são submetidos aqueles que, por terem conduta socialmente não aceitáveis, são julgados doentes e

²⁹¹ AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 54

²⁹² ANTUNES, Ana Luíza Rodríguez. **Homossexualidade: a mestiçagem que Jorge Amado não viu : um estudo sobre as personagens homossexuais nos romances de Jorge Amado**. 2009. 323 f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009, pp. 193

²⁹³ Ibidem, pp. 199

contagiosos...”²⁹⁴. Chamo atenção para o fato de que, tanto em José Lins do Rego quanto em Jorge Amado, a homossexualidade aparece entre meninos como vícios a serem combatidos, mas, ao mesmo tempo, como etapa aceitável que não retira a masculinidade das personagens, quando estas exercem um lugar de dominação na relação sexual. Portanto, é possível perceber que as relações homoafetivas aparecem reforçando a ideia de que meninos devem ser socializados para exercerem domínio, sendo parte da progressão da masculinidade dos mesmos. A forma como Pedro Bala, herói e líder do grupo dos Capitães da Areia, reage a isso está vinculado a ensinamentos do padre José Pedro e de Querido de Deus, um capoeirista da cidade:

Fora mesmo ele um dos que mais concorreram para exterminar a pederastia no grupo. E isto foi uma das suas grandes experiências no sentido de como agir para tratar com os Capitães da Areia. Enquanto ele lhes disse que era necessário acabar com aquilo porque era um pecado, uma coisa imoral e feia, os meninos riram nas suas costas e continuaram a dormir com os mais novos e bonitos. Mas no dia em que o padre, desta vez ajudado pelo Querido de Deus, afirmou que aquilo era coisa indigna num homem, fazia um homem igual a uma mulher, pior que uma mulher, Pedro Bala tomou medidas violentas, expulsou os passivos do grupo. E por mais que o padre fizesse não os quiz mais ali.

— Se eles voltar a safadeza volta, padre.

Por assim dizer Pedro Bala arrancou a pederastia de entre os Capitães da Areia como um médico arranca um apêndice doente do corpo de um homem.²⁹⁵

O que Jorge Amado chama de “pederastia”, também aparece quando Pedro Bala passa dias no reformatório, e um dos internos oferece um “sacana para comer”: “— Tu não quer comer um sacana hoje? Tem uns aqui. A gente a noite”. Rapidamente Pedro Bala recusa. Nesse caso, na análise de Antunes, o menino que oferta um “canalha” para comer, o faz como uma espécie de prêmio a oferecer para Pedro. Segundo a autora:

“[...] o garoto tenta recompensar Pedro Bala por tudo o que este passou, oferecendo-lhe um dos meninos que “servem de mulher” aos outros. Os que usam esse serviço não são mal-vistos — Pedro, um herói para essas crianças, poderia “comer um sacana” e sair com sua reputação ilibada, se não fortalecida. O fato existe e parece dar-se com bastante frequência [...]”²⁹⁶.

No reformatório de *Capitães da Areia*, chega a ocorrer uma cena em que meninos que andam para a cama dos “pederastas” são flagrados pelo bedel, quando um menino interno denuncia:

— Foi Jeremias que ia para cama de Berto fazer coisa feia.

— Seu Jeremias, seu Berto!

Os dois saem das suas camas.²⁹⁷

²⁹⁴ ANTUNES, Ana Luiza Rodríguez. **Homossexualidade**: a mestiçagem que Jorge Amado não viu : um estudo sobre as personagens homossexuais nos romances de Jorge Amado. 2009. 323 f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009, pp. 200

²⁹⁵ AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 146

²⁹⁶ ANTUNES, Ana Luiza Rodríguez. **Homossexualidade** : a mestiçagem que Jorge Amado não viu : um estudo sobre as personagens homossexuais nos romances de Jorge Amado. 2009. 323 f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009, pp. 207

²⁹⁷ AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 274

Neste caso, Antunes explica que “Jeremias nada perde de sua condição de virilidade e valentia, embora envolvido em práticas homossexuais [...]. Nenhum parceiro passivo dessas mesmas práticas, no entanto, aparece na trama como valente ou capaz de atos transcendente [...]”.²⁹⁸ A situação é marcada por punição e vigilância, porém o próprio diretor que detém o poder de mando. Entretanto, de maneira geral, apesar dos episódios serem tratados como algo recorrente nesses livros, o que impera é a noção de masculinidade a partir do domínio, e não algum tipo de aceitação do amor homossexual. É esse lugar de domínio que faz com que esses meninos ainda tenham certa aceitação dentro do seu grupo de amigos, seja no internato, seja no grupo de menores moradores de rua.

Olhando para a fala do padre José Pedro, que afirma que deitar com outro homem fazia-o igual a uma mulher ou pior do que uma mulher nos ajuda a entender que, o rebaixamento que ocorre nesses romances está no fato de meninos considerados xibungos se permitirem serem dominados. Ser dominado, portanto, por outro homem poderia significar se rebaixar ao local de uma mulher, o que demonstra a concepção de que a relação entre homem e mulher é a de resignação dela sobre o homem. Portanto, podemos afirmar que, como já apontado, havia estudos sobre práticas homoafetivas nos internatos e que essas situações poderiam ser vistas, pelos escritores, como vícios passageiros, levando-se em consideração que a infância é colocada como momento de expressão desses vícios. Todavia, é de se chamar a atenção o fato de haver inúmeras possibilidades de experiências quando os autores tratam da infância de meninos.

III.2.1 – Os “vícios” da infância masculina como etapa da vida de meninos

Para compreender como os “vícios” da infância masculina puderam ser legitimados como etapas na vida do homem, é importante entender porque esses escritores insistiram em falar do assunto e como dialogam com interpretações em voga sobre o entendimento da formação do homem brasileiro. Em primeiro lugar, a respeito do caráter etapista que esses momentos sexuais ganham nos romances, é necessário considerar a análise do artigo “Máquina de fazer machos”, de Durval Muniz, que mostra como “Para afirmar-se homem deve-se sempre desqualificar, rebaixar, vencer, derrotar, feminilizar um outro homem”²⁹⁹.

²⁹⁸ ANTUNES, Ana Luiza Rodríguez. **Homossexualidade** : a mestiçagem que Jorge Amado não viu : um estudo sobre as personagens homossexuais nos romances de Jorge Amado. 2009. 323 f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009, pp. 209

²⁹⁹ JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. In: MACHADO, Charliton José dos Santos; SANTIAGO, Idalina Maria Freitas Lima; NUNES, Maria Lúcia da Silva (orgs.). **Gênero e práticas culturais**: desafios históricos e saberes interdisciplinares. Campina Grande: EDUEPB, 2010, pp. 29

Ademais, para serem construídos como heróis masculinos adultos, quando falamos das personagens de Jorge Amado, é possível perceber que certos comportamentos, considerados “viciosos” no linguajar do romance, são etapas importantes. Segundo a análise de Eduardo Assis Duarte, Antônio Balduino de *Jubiabá*, que vive uma vida de samba, mulher e cachaça, tem o seu momento em que questiona tudo que já viveu e passa a transicionar para a vida adulta. Analisando esse ponto a partir da concepção de que *Jubiabá* é um romance de formação, Assis Duarte aponta algo importante na jornada de Balduino que também ocorre na de Pedro Bala, que é a transformação de um personagem que cometia furtos, bebia e fazia coisas não aceitas socialmente, vistas como vadiagem, antes de se tornarem adultos plenos. Portanto, não só para os protagonistas, como também para as outras personagens masculinas de *Capitães da Areia* e *Jubiabá*, esses momentos considerados imorais naquele contexto, incluindo a homossexualidade, são tratados como uma etapa anterior à transformação das personagens.

Entretanto, quando vamos a José Lins do Rego, ao observarmos Carlos de Melo, essa linha não é tão delimitada em etapas quanto em Jorge Amado, apesar de ser possível visualizar mudanças na empatia do personagem principal em *Doidinho*, como já explicado no capítulo anterior. Todavia, trago essa reflexão não para entender essas etapas, mas para compreender que, essas fases em que os meninos passam por experimentações consideradas precoces pelos próprios narradores dos romances, tem uma passabilidade pelo fato de tratar-se de personagens masculinas, principalmente tratando-se de experiências sexuais. Um leitor de hoje pode estranhar de início esses menores chamados de “crianças”, “meninos” e “moleques” passando por situações do suposto mundo adulto. Entretanto, tal estranhamento não ocorreu entre homens de letras que partilharam essas leituras, como será explicado em outro tópico.

Em primeiro lugar, é preciso considerar que o que pode parecer ofender a moral e bons costumes da época, nas descrições da infância de Carlos de Melo, significa uma etapa comum da vida de um menino que herdaria o engenho de seu avô. Segundo Samuel Rodrigues da Rocha, “Nesse contexto de pregoadade virilidade, era necessário ser preparado para assumir os negócios da família e a iniciação sexual precoce era um dos requisitos exigidos.”³⁰⁰ O autor também destaca como Gilberto Freyre colocava a sífilis como marcadora da vida dos jovens da casa grande, como já observado no estudo de Ana Claudia Delfini Capistrano de Oliveira, o que também ocorre em *Menino de Engenho*:

³⁰⁰ ROCHA, Samuel Rodrigues da. **Engenho utópico e amizades proibidas**: produção de masculinidades em romances de José Lins do Rego (1931- 1933). 2016. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016, pp. 79

José Lins aborda esse mesmo aspecto em *Menino de engenho*. A iniciação sexual do personagem se deu a princípio com os animais do engenho e seus companheiros de "libertinagem" nos currais, passando pela negra Luísa, que dele cuidava e depois com Zefa Cajá, segundo a narração, com quem o personagem conheceu mulher aos 12 anos. Também foi marcado por "doença-do-mundo" nessa idade, que em muitas culturas é uma idade de passagem para a vida adulta, mas era exaltado por seu adiantamento e orgulho para os homens de engenho.³⁰¹

Tudo que o menino de engenho vive, envolvendo suas experiências sexuais, apesar de ser tratado com certa naturalidade, também é julgado pelo autor, e, em certos momentos, isso é transposto pelo próprio personagem menino, que narra seus sentimentos:

Olhava muito para um são Luís Gonzaga que a minha tia Maria deixara na parede do quarto. Tinha vergonha dos meus pecados na frente do santo rapaz. Arrepentia-me sinceramente daquelas minhas lubricidades de pequena besta assanhada. E no outro dia, enquanto a chuva derramava-se lá por fora, voltavam-me outra vez os pensamentos de diabo. Sujava os olhos do santo com os meus atos imundos de sem-vergonha.³⁰²

Entretanto, essas situações não deixam de aparecer como uma etapa na vida de Carlinhos. Todavia, é necessário entender que a sífilis, doença contraída por Carlos de Melo, como consequência de uma libertinagem sexual, tem significados profundos naquele momento em que José Lins do Rego escrevia. Ela não significava apenas uma doença contagiosa, mas, pelas escolhas na narração do autor, é possível afirmar que ele estava, assim como Gilberto Freyre, de acordo com ideias que consideravam que a enfermidade ligava-se à degeneração da raça. Segundo Sérgio Carrara, “Até a década de 1940, a hereditariedade sifilítica (ao lado da alcoólica) seria considerada uma das principais explicações para a “perversão instintiva” ou “psicopatia infantil”, e, portanto, para a criminalidade dos menores.”³⁰³ Como veremos em outro momento do capítulo, José Lins do Rego se posicionava contra a ideia de que o povo brasileiro era um aglomerado de raças deformadas pela mestiçagem, entretanto, sua narrativa parece reforçar a ideia da degeneração pela libertinagem sexual.

Quando Carlos de Melo adquire o apelido de “Doidinho”, na sua vida no internato, como já explicado, o menino pensa que está destinado a enlouquecer, chegando a defender a ideia de degeneração hereditária, sempre lembrando o enlouquecimento do seu pai. Para além disso, o autor, condenando os chamados “vícios” de Carlos e entendendo a sífilis como parte de sua maturação, dialoga com o mito da hiperestesia sexual do brasileiro e a ideia de que a população brasileira era marcada por precocidade sexual. A respeito da sífilis, segundo Sérgio Carrara,

³⁰¹ ROCHA, Samuel Rodrigues da. **Engenho utópico e amizades proibidas**: produção de masculinidades em romances de José Lins do Rego (1931- 1933). 2016. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016, pp. 79

³⁰² REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. São Paulo: Global Editora, 2020, pp. 126

³⁰³ CARRARA, Sérgio. **Tributo a vênus**: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40 [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996. 339 p. ISBN: 85-85676-28-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>, pp. 66

Conjugadas à crença em sua extrema difusão no Brasil devido ao excesso sexual que singularizava os nacionais, suas características *hereditárias*, contribuíram significativamente para que a reflexão sobre a *degeneração racial* se deslocasse do problema da miscigenação para o problema da patologia sexual. Tal deslocamento parece ter encontrado sua versão mais radical e influente em *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, que, publicado em 1933, pode ser considerado um testemunho inegável do grande impacto da reflexão sífilográfica dos anos 20 sobre o pensamento social brasileiro que se produz a partir daí.³⁰⁴

Gilberto Freyre era adepto da ideia de que: “[...] o Brasil, entretanto, parece ter-se sífilizado antes de se haver civilizado. Os primeiros europeus aqui chegados desapareceram na massa indígena quase sem deixar sobre ela outro traço europeizante além das manchas de mestiçagem e de sífilis.”³⁰⁵ A miscigenação e a sífilização, para Freyre, formaram o brasileiro. Entretanto, enquanto vê aspectos positivos na primeira, enxerga os negativos na segunda. Esse pensamento acaba por vincular sífilis e degeneração racial, em meio a um combate contra a doença:

[...] os sífilógrafos brasileiros souberam fazer - e puderam fazer com que à sífilis se articularem outros candentes problemas nacionais. Através de suas pesquisas e observações, delinearam uma espécie de “sífilis nativa”, especialmente brasileira, cuja disseminação, sempre considerada alarmante, ao flagelar a “nossa raça”, trazia renovação dos perigos para a nacionalidade.³⁰⁶

Segundo o autor, tal ideia é tributária da visão de que o brasileiro era excessivo sexualmente, concepção que remonta ao início da empresa colonial, sendo retomada a partir do final do século XIX, quando elites intelectuais brasileiras tentam entender o âmbito “científico” da formação da sociedade brasileira. Isso se estende algumas décadas depois, no século XX, aparecendo, inclusive, na obra de Gilberto Freyre.³⁰⁷ Porém, é a partir da década de 1920 que os pressupostos desse “excesso sexual” seriam questionados, no que diz respeito ao fator racial, e da influência do clima dos trópicos³⁰⁸.

O que pretendo explicar a partir dessas informações não é que José Lins do Rego e Jorge Amado, também em diálogo com esse pensamento circulante, estavam absolutamente em desacordo com ideias de degeneração racial pela miscigenação. Seria contraditório afirmar isso,

³⁰⁴ CARRARA, Sérgio. **Tributo a vênus**: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40 [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996. 339 p. ISBN: 85-85676-28-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>, pp. 131

³⁰⁵ FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2003, pp. 110

³⁰⁶ CARRARA, Sérgio. **Tributo a vênus**: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40 [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996. 339 p. ISBN: 85-85676-28-0. Available from SciELO Books, pp. 99

³⁰⁷ Cabe destacar que Sérgio Carrara cita outros autores como Paulo Prado, Pires de Almeida, Nina Rodrigues, Afonso Arinos de Melo Franco como aqueles que também apontaram a sensualidade ou a lubricidade como traço distintivo do caráter nacional brasileiro, ou, ao menos, como uma de suas características importantes.

³⁰⁸ CARRARA, Sérgio. **Tributo a vênus**: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40 [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996. 339 p. ISBN: 85-85676-28-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>, pp. 127 - 128

visto que, principalmente tratando de como caracterizam mulheres negras, o que vemos é o contrário. Entretanto, é possível perceber que, mais do que simplesmente justificarem os destinos das suas personagens infantis pelo critério da cor, os chamados “vícios” que esses meninos experienciam também poderia ter feito parte do intento da denúncia social. É possível afirmar isso, visto que se tratava de um período em que havia grande preocupação em formar o brasileiro de amanhã e combater algo situacional, a partir de políticas sanitárias, em especial, do combate a sífilis.³⁰⁹

Portanto, analisando a narração de *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, em comparação com as obras aqui comentadas de Jorge Amado, há mais reflexões do próprio personagem sobre situações sexuais, todavia, em ambos os autores, o contato com a sexualidade, mesmo em situações que poderiam ser consideradas crime de atentado ao pudor contra menores, aparece como etapa da construção da masculinidade das personagens. Temos uma consciência julgadora do narrador em *Meninos de Engenho*, mas, há também uma conformação da normalidade da situação, que parte da sua experiência quando ainda menino.

É importante destacar que, quando José Lins do Rego e Jorge Amado publicam esses romances, já havia avanços jurídicos, como a lei 2.992, de 1915, que trouxe punições mais específicas para crimes de corrupção de menores e exploração sexual. Considerando que a história dos romances escritos por Amado e Rego se passam aproximadamente entre 1901 e a década de 1920, o Código Penal de 1890 já puniria, por exemplo, Zefa Cajá pelo artigo 299:

Art. 266. Attentar contra o pudor de pessoa de um, ou de outro sexo, por meio de violencias ou ameaças, com o fim de saciar paixões lascivas ou por depravação moral: (Vide Lei nº 2.992, de 1915)

Pena - de prisão cellual por um a seis annos.

Paragrapho unico. Na mesma pena incorrerá aquelle que corromper pessoa de menor idade, praticando com ella ou contra ella actos de libidinagem.³¹⁰

Pela lei nº 2.992, de 25 de setembro de 1915, temos a seguinte modificação:

Art. 266. Attentar contra o pudor de pessoa de um ou de outro sexo, por meio de violência ou ameaça, com o fim de saciar paixões lascivas ou por depravação moral: Pena - de prisão cellual por um ou tres annos.

§ 1.º Excitar, favorecer ou facilitar a corrupção de pessoa de um ou de outro sexo, menor de 21 annos, induzindo-a à pratica de actos deshonestos, viciando a sua innocencia ou pervertendo-lhe de qualquer modo o seu senso moral: Pena - de prisão cellual por seis mezes a dous annos.

§ 2.º Corromper pessoa menor de 21 annos, de um ou de outro sexo, praticando com ella ou contra ella actos de libidinagem: Pena - de prisão cellual por dous a quatro annos.³¹¹

³⁰⁹ CARRARA, Sérgio. **Tributo a vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996. 339 p. ISBN: 85-85676-28-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>, p. 130 - 131

³¹⁰ BRASIL. Decreto n.º 847, de 11 de outubro de 1890. Código Penal dos Estados Unidos do Brasil.

³¹¹ BRASIL. Lei nº 2.992, de 25 de setembro de 1915. Modifica os arts. 266, 277 e 278 do Código Penal. Diário Oficial da União: seção 1, Rio de Janeiro, p. 10227, 28 set. 1915.

O caso de Zefa Cajá não foi construído detalhadamente por José Lins do Rego, não sabemos os pormenores de sua resolução jurídica. Apenas sabemos que Zefa foi presa, sem maiores detalhes. Entretanto, o que prevalece nessas situações é a necessidade desses meninos, ainda menores, de provar virilidade, mesmo quando se sentem manipulados por essas mulheres adultas. É importante também lembrar do caso de Sem Pernas, de *Capitães da Areia*, explorado por uma senhora rica que supostamente o havia pegado para criar. No fluxo de consciência de Sem Pernas, a situação acontece da seguinte forma:

Agora vinha uma mulher branca e com dinheiro, velha e feiúsa era verdade, mas bem comível ainda, e se deitava com ele. Acariciava seu sexo com a mão, juntava coxa com coxa, deitava sua cabeça nos seus seios grandes. Sem Pernas não podia sair dali, se bem cada dia estivesse mais bruto e mais inquieto. Seu desejo reclamava uma posse completa. Mas a vitalina se contentava em colher as migalhas do amor.³¹²

Nesse trecho, o foco do narrador não é o problema da situação de pedofilia, mas o fato de Sem Pernas se sentir ofendido por não poder dominar a relação, e, como já explicado, a dominação na relação sexual era importante para dar sentidos a formação da masculinidade. Todavia, não deixa de ser um episódio problematizado pelo autor e pelo próprio Sem Pernas. Este, antes de suicidar-se, lembra-se disso:

De outra feita outra mulher se deitara com ele numa cama, acariciara seu sexo, se aproveitara dele para colher as migalhas do amor que nunca tivera. Nunca porem o tinham amado pelo que ele era, menino abandonado, aleijado e triste.³¹³

Portanto, o que podemos concluir é que, meninos eram ensinados e aprendiam um com os outros sobre esse aspecto violento da construção deles mesmos como futuros homens, o que não era estranho a Jorge Amado e José Lins do Rego. A violência acontece não só contra esses meninos como Carlos de Melo e Sem Pernas, como também contra mulheres, como o caso da tentativa de estupro de Pedro Bala contra uma menina negra. A diferença é que, no caso das personagens femininas, há pouquíssimas considerações sobre o que sentiam quando objetificadas, enquanto, como veremos a seguir, atos considerados violentos praticados por meninos e ensinados desde a sua infância serem legitimados nos romances.

III.3 – A libertinagem na infância como característica aceitável para meninos

Quando olhamos pela perspectiva de gênero, é possível perceber que a questão da liberdade, tão discutida no capítulo II, que marcou presença nesses romances, tem um sentido profundamente masculino. Para além de estar altamente intrincada por questões raciais e de

³¹² AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 306

³¹³ Ibidem, pp. 319

classe, a forma como José Lins do Rego e Jorge Amado falam de liberdade em seus romances possui plausibilidade e aceitação, quando ela é experimentada por personagens homens. Portanto, é possível perceber que as etapas de iniciação sexual de meninos, a escolha dos protagonistas e a maneira como personagens femininas aparecem indicam que esses escritores interpretaram a formação do brasileiro a partir do papel central de futuros homens, não de futuras mulheres. José Lins do Rego mostra o futuro senhor de engenho se formando e passando por etapas de aprendizagem e angústia, enquanto Jorge Amado mostra os caminhos de meninos moradores de rua, que poderiam ter destinos diversos (operários, militantes, estivadores, assaltantes). A questão é que o foco dos problemas sociais que esses escritores queriam denunciar era pensar a formação do brasileiro a partir de figuras masculinas, portanto, ao tratarem do tema do sentimento de aprisionamento e da busca pela liberdade, trataram do contato com ela de forma que só teria sentido se vividos por meninos, não meninas.

III. 3. 1 – Homens impulsivos e o destino selado de meninas

Neste texto, portanto, ainda analisaremos aspectos que dizem respeito à gama de possibilidades de ações consideradas imorais, quando realizadas por homens nos romances. Em contraste, trarei situações dos livros que demonstram como, por razões bem mais sutis, os destinos das personagens femininas se tornavam limitados. Como já analisado, no capítulo “Docas”, de *Capitães da Areia*, Jorge Amado trata a perseguição de Pedro Bala a uma menina de 15 anos como fruto de impulsos violentos do menino, resultando de frustrações e dúvidas. Portanto, primeiramente é necessário analisar a passabilidade dessas atitudes nas obras de Jorge Amado.

O sentimento de desejo e posse masculino também ocorre em *Jubiabá*, no capítulo “Sentinela”, já citado nesta dissertação. Olhando este último a partir da ótica do pensamento de Antônio Balduino, que espiava a menina Arminda de 12 anos, há uma grande contradição na descrição dos sentimentos de Balduino ao olhar a menina Arminda com intenções sexuais, mas, ao mesmo tempo, reprova a atitude de Filomeno, homem que também observa Arminda com essas intenções. A menina recém-órfã estava em uma situação vulnerável e Balduino reconhece isso, mas o seu desejo de possuí-la fala mais alto, como se ele não conseguisse controlar sua vontade, como descrito no primeiro capítulo. Chama atenção, em especial o momento em que Antônio Balduino, após ter matado Zequinha motivados pelos ciúmes à Arminda, descrevê-la

como objeto a ser possuído por outros homens, portanto, desprotegida, mas também ter exposto sua possibilidade de futuro trágico:

Então para que Zequinha se meteu e levou a menina? Era uma menina de doze anos, o Gordo sempre disse. Uma menina de doze anos. O Gordo queria dizer que ela não era mulher ainda, que fazer aquilo com ela era uma malvadez. Mas Zequinha fez, bem que merecia uma punhalada... É verdade que se ele não fizesse o negro Filomeno faria ou mesmo Antônio Balduino. Sim, ele sabe que não foi por isso que cravou o punhal nas costas de Zequinha. Ela era uma menina de doze anos... Mas ele matou o capataz foi porque ele ficou com ela, quando o negro a queria no seu jirau. Ela tinha doze anos mas já era mulher... Já seria mesmo? E se o Gordo tivesse razão? Se ela fosse uma menina e aquilo uma malvadez? Então Zequinha não faria mais, porque estava estendido no barro com um punhal nas costas. Porém de que valeu? Agora o negro Filomeno já a levou para casa, com certeza. Essa é a lei das plantações de fumo. Mulher é bicho raro e quando uma fica sem homem encontra logo outro que a leva para casa. A não ser que ela prefira ir para as ruas de mulheres da vida em Cachoeira, em São Félix, em Feira de Santana. Ai sim que seria uma malvadez. Porque ela é uma menina de doze anos e todos a quererão. Depois ela ficará velha e tomará cachaça, não lavará mais os cabelos, seus seios murcharão, terá doenças ruins, terá quarenta anos no dia que completar quinze. Talvez tome veneno. Outras se jogam no rio nas noites escuras... Era melhor que ela ficasse com Zequinha, colhendo fumo nos campos. Mas Zequinha está apunhalado...³¹⁴

Nesse mesmo romance, há um contraste entre o destino da personagem Lindinalva e Antônio Balduino. Lindinalva se envolve com a prostituição após seu pai falecer e seu marido a abandonar com um filho. Entretanto, ao longo do enredo a personagem fica em uma situação cada vez mais degradante, chegando a falecer, ao contrário de Balduino, que se torna um militante importante e reconhecido. Chamo atenção para o fato da jornada de homens e mulheres terem consequências completamente diferentes. O contato de Lindinalva com a prostituição a leva a morte, enquanto Balduino torna-se um importante militante. Sendo assim, Antônio Balduino passa por inúmeras experiências e consegue sua liberdade, Lindinalva tem a sua vida dada como perdida, conforme sai de um cabaré da Cidade Alta de Salvador e desce para a Cidade Baixa³¹⁵:

Lindinalva desceu várias ladeiras. Foi ficar bem perto da Cidade Baixa, foi ficar na ladeira do Tabuão. Da ladeira do Tabuão as mulheres só saíam ou para o hospital ou para o necrotério. De qualquer maneira saíam de automóvel: ou na assistência ou no carro vermelho dos cadáveres.³¹⁶

No início do romance, Antônio Balduino estava em uma posição social muito abaixo de Lindinalva, depois disso se inverte, descobrindo a situação dela após Amélia, mulher que trabalhou na casa do pai de Lindinalva, que era um rico comendador, lhe trazer notícias:

Antônio Balduino vai pensando no que Amélia lhe contou, na história de Lindinalva. Agora ela deve estar sem orgulho e ele na hora que quiser poderá possuí-la. Ela não é mais a sua patroa, a filha rica do comendador, é uma mulher da vida que está na ladeira do Tabuão e se vende aos homens por qualquer dois mil-réis. Como as coisas mudam!

³¹⁴ AMADO, Jorge. **Jubiabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 75

³¹⁵ Na cidade de Salvador, no contexto histórico do romance, na Cidade Baixa moravam os mais pobres enquanto que na Cidade Alta moravam os mais ricos.

³¹⁶ AMADO, Jorge. **Jubiabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 269

Como explicado no primeiro capítulo desta dissertação, na infância de Balduino, que chegou a trabalhar na casa do pai de Lindinalva, a moça duvidou do menino, quando Amélia o acusou falsamente de ter espiado a menina. Apesar de, no trecho acima, haver um desejo de vingança, ao final Antônio Balduino se compadece pela situação, assumindo a responsabilidade por cuidar do filho de Lindinalva. O caso de Lindinalva e Antônio Balduino chama atenção, as experiências sexuais masculinas não são encaradas de forma tão degenerativa quanto as femininas. Na obra de Gilberto Freyre, por exemplo, o sociólogo disserta sobre a prática da masturbação masculina na infância, mas não chega a tocar no assunto referente a meninas. Oliveira justifica a ausência de registros sobre esse tema, tanto em Freyre quanto em tratados médicos da época, da seguinte maneira:

Esta ausência das meninas pode ser explicada por dois fatores. Primeiro, o discurso da pedagogização dos meninos discutia a formação do caráter masculino, da virilidade e da força que precisavam desenvolver para exercerem adequadamente o governo de si e da nação. [...] Segundo, os meninos eram mais vistos do que as meninas, estavam mais nas ruas, nos quintais e jardins das casas, enquanto que as meninas estavam escondidas no interior das casas, tendo aulas de canto, piano ou trabalhos manuais. A ausência das meninas nestes tratados contra a masturbação atesta que elas não estavam sob suspeita porque suas condutas sexuais eram supostas como naturais.³¹⁷

Além desse fator destacado por Oliveira, é importante pontuar que mesmo quando Jorge Amado constrói uma personagem feminina que possui qualidades semelhantes as do protagonista Pedro Bala em *Capitães da Areia*, como é o caso de Dora, ela morre antes de tornar-se uma mulher adulta e, mesmo que tenha demonstrado qualidades para as atividades em grupo dos Capitães da Areia, seu papel principal no enredo é como mãe, irmã e esposa. Portanto, por mais próxima que Dora esteja de uma heroína aos moldes da estrutura do enredo de um romance de formação, esta não chega a ser uma líder como Antônio Balduino e Pedro Bala.

Ainda a respeito da determinação desses destinos femininos, vimos alguns dilemas da mãe de Odete, de *O Moleque Ricardo*, sobre o futuro da filha. Quando analisamos Odete, uma mulher negra que Ricardo conhece no bloco de carnaval Paz e Amor, percebemos que desde o início ela aparece como obcecadamente apaixonada por Ricardo. Além disso, ela via em sua figura esperança de mudança de vida:

Odete nas tardes de sábado subia mais ainda de importância. O sonho dela era com o marido que lhe levasse dali para onde ela pudesse acordar sem o cheiro do mangue, passar o dia sem ver urubu e lama. Quando o moleque Ricardo chegava em visita nas tardes de sábado e nas manhãs de domingo, Odete respirava mais largo. Inchava de amor. E o mangue era logo um lago azul. E do curtume vinha-lhe um cheiro gostoso de jardim. A negra amava. E era tudo.³¹⁸

³¹⁷ OLIVEIRA, Ana Claudia Delfini Capistrano de. **Estudos sociológicos sobre infância no Brasil: crianças sem gênero?** 2011. 252 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/95709>, pp. 182

³¹⁸ REGO, José Lins do. **O Moleque Ricardo**. São Paulo: Global Editora, 2022, pp. 150

A mãe de Odete, Sinhá Ambrosia, também botava expectativa em Ricardo, não só pela filha, mas pelo fato de que se Odete casasse, os pais da menina também sairiam da rua do Cisco. No enredo de *O Moleque Ricardo*, até certo ponto, é possível ver um amor correspondido entre Ricardo e Odete, entretanto, a relação dos dois esfria pelo lado de Ricardo:

Odete e Ricardo precisavam mesmo tomar o conselho de sinhá Ambrósia mas o moleque era outro, o amor baixara de temperatura, não dava mais força para os beijos. Odete beijava, era mais carinhosa. Sem que ninguém visse, puxava ela o noivo para perto e agradava, acariciava com a ternura de quem tivesse medo de perder qualquer coisa. O negro tinha vergonha daquelas coisas. Odete não era para aquilo. Por que Odete fazia aquelas coisas feias? Aquilo era fogo. Via ele frio, diferente, e se esforçava para lhe despertar bem-querer. A mãe lhe dissera para agradecer o noivo. Noivo gostava mesmo de agrados, de menina sabendo esquentar o sangue, despertar coisa boa.³¹⁹

Quando se casam, Odete passa a ficar com dores e febres. Mesmo mudando-se para uma boa casa, Ricardo não se sente feliz e a mulher e o casamento passam a ser percebidos como uma prisão para ele, como é possível ver nesse trecho:

— Odete está te chamando, Ricardo — dizia sinhá Ambrósia.

— Já vou, estou aqui tomando uma fresca.

Ele ia. Era obrigado a ir. A mulher queria o moleque para a luxúria doentia dela. E sinhá Ambrósia não permitia que ele não atendesse à filha.

— Odete está te chamando.

A vida era esta. Toda noite isto. Se ele se revoltasse, Odete pioraria, a mãe desgraçava. Ele se desculpava de tudo.³²⁰

No enredo, Odete é descrita como uma pessoa cheia de luxúria, que nunca se satisfazia de seus desejos sexuais, fazendo Ricardo sentir-se pressionado a satisfazê-la. Entretanto, o que chamo atenção é que essas características de Odete tiveram um papel no enredo no que se diz respeito a busca pela liberdade de Ricardo. Enquanto se aproximava a morte de Odete, crescia o conflito de Ricardo com a situação: “Se, quando voltasse para casa, encontrasse a mulher morta? Resolvia-se então tudo. Deixaria a rua do Cravo no mesmo dia. Seria o homem mais feliz do mundo. Um homem livre, um homem sem mulher doente para dormir com ele.”³²¹ Mesmo depois de Odete morrer, Ricardo foi assombrado por ela e, como já destacado no segundo capítulo desta dissertação, apenas o contato com os operários e sua luta que liberta Ricardo dessa situação. Enquanto Odete é tratada como uma mulher de grande luxúria, quando Ricardo trai sua esposa, o ato também é sentido como um momento libertador.

O destino de Odete poderia ser diferente, aliás, de início sua mãe desejava que se diplomasse, mas ela acaba tendo sua vida determinada pelo casamento com Ricardo. Assim como as personagens femininas das obras analisadas de Jorge Amado, a mulher poderia até

³¹⁹ REGO, José Lins do. *O Moleque Ricardo*. São Paulo: Global Editora, 2022, pp. 179

³²⁰ Ibidem, pp. 193

³²¹ Ibidem, pp. 197

interferir na jornada do personagem ao participar de certas etapas da sua vida, mas se resumem a isso nas obras.

Em síntese, as situações sexuais experienciadas por homens e meninos são tratadas como momentos impulsivos e viciosos. Entretanto, a atitude de Pedro Bala, bem como o assassinato que Antônio Balduino comete contra Zequinha não os impedem de depois tornarem-se heróis e de terem um papel importante para o futuro dos operários. Todavia, o destino de Arminda, Lindinalva e Odete são limitados e definidos por homens, em especial por não terem sido protegidas por alguma figura masculina ou pela família.

III.3.2 – As implicações sociais que envolveram preocupações com destinos de meninas no Brasil

Ao analisar a situação em que Pedro Bala persegue a menina negra em *Capitães da Areia*, Luís Bueno afirma que o que faz com que Pedro desista do intento de estuprar a menina é “[...] menos a consideração da vontade da menina do que a percepção de que tinha diante de si alguém lançado à própria sorte, desamparado e com medo.”³²². Portanto, a empatia pela situação vivida por uma menina se dá menos pela situação de mulheres e meninas frente a violência masculina e mais pela classe em que ela se encontra. Esse é apenas um dos indícios, entre os citados até agora, de que o fato dos livros aqui analisados serem escritos por homens, faz passar despercebidos dilemas vividos por meninas, se tratando de histórias majoritariamente inspiradas por experiências masculinas e uma visão de liberdade também masculina.

A preocupação da menina negra com a sua virgindade está diretamente relacionada aos debates sobre a honra feminina das décadas de 1920 e 1930:

Nas barulhentas campanhas contra a prostituição, os crimes passionais, a cobertura sensacionalista de escândalos sexuais na imprensa e a himenolatria, homens eminentes como Hungria, os procuradores públicos Carlos Sussekind de Mendonça e Roberto Lira e o médico-legista Afrânio Peixoto atacaram a ideia de que a valorização social da virgindade ou da honra sexual fosse um marco do avanço da civilização e de superioridade moral. Ao contrário, afirmaram que essa valorização, excessiva no Brasil, era uma manifestação do tratado das instituições políticas e sociais brasileiras.³²³

³²² BUENO, Luís. **Uma História do Romance de 30**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006, pp. 291

³²³ CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra**. Trad. Elizabeth de Avelar Solano Martins. São Paulo: Unicamp, 2005, pp.160

Apesar desse avanço nos debates, a virgindade ainda foi por muito tempo vista como algo precioso a se preservar e a liberdade feminina era mal vista. Quando falamos de liberdade feminina naquela época, segundo Caufield,

O termo “mulher livre”, empregado como sinônimo de “mulher pública”, significava prostituta no uso popular e jurídico desde muito antes [...]. “Emancipação”, liberação” e “independência” - precisamente a linguagem empregada pelas feministas contemporâneas para desafiar a subordinação da mulher - passaram a ser palavras utilizadas para traduzir a corrupção e a promiscuidade das mulheres que se expunham a filmes e livros imorais e seções de dança.³²⁴

Não que não houvesse avanços sobre a liberdade feminina no momento em que os romances foram publicados, porém, analisando a personagem Dora de *Capitães da Areia*, percebe-se que a soma de funções da menina, que é mãe, irmã e esposa, mas também exerce atividades de furtos com os meninos do bando que faz parte, não é livre de intenções.³²⁵

Natascha Stefania Carvalho de Ostos explica a dupla jornada feminina da seguinte forma:

A grande questão era: como conciliar a noção de que as mulheres, com sua presença no espaço doméstico, eram imprescindíveis para a multiplicação dos brasileiros e para o aprimoramento físico e moral da população, com a crescente participação feminina no mundo público? Muitos consideravam que não era possível acomodar essas duas realidades, sendo necessário manter as mulheres no lar; outros viam como inevitável o ingresso da população feminina no mercado de trabalho e em outras atividades públicas, restando à sociedade o dever de restringir, vigiar e regulamentar esse movimento.³²⁶

Em Dora vemos que há a tentativa de conciliar sinais de emancipação feminina e as funções maternas³²⁷, mesmo que Jorge Amado tenha escrito sobre uma menina, ainda não uma adulta por completo. Entendendo a vinculação do autor com o Partido Comunista, é importante considerar que mesmo que, segundo Glaucia Fraccaro, em 1927 integrantes do Partido Comunista tenham considerado o direito ao voto e reconhecido os direitos civis da mulher, pontuando que eles não seriam suficientes para garantir a liberdade, ao mesmo tempo, sindicalistas como José Righetti defendiam que serviços domésticos e cuidado com as crianças eram tarefas exclusivas das mulheres.³²⁸

Olhando para essa realidade, portanto, é possível perceber que o papel feminino nas famílias operárias, apesar da existência de trabalhadoras, ainda era visto nos moldes do

³²⁴ CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra**. Trad. Elizabeth de Avelar Solano Martins. São Paulo: Unicamp, 2005, pp. 188

³²⁵ SOUZA, Milena Alves de. “**Eram como homens, se bem fossem crianças...**”: a infância abandonada em *Capitães da Areia* (1920-1939). 2022. 92 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022, pp. 63

³²⁶ OSTOS, N.S.C. A questão feminina: importância estratégica das mulheres para a regulação da população brasileira (1930-1945). **Cadernos Pagu** (39), julho-dezembro de 2012, pp. 322

³²⁷ SOUZA, Milena Alves de. “**Eram como homens, se bem fossem crianças...**”: a infância abandonada em *Capitães da Areia* (1920-1939). 2022. 92 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022, pp. 64

³²⁸ FRACCARO, Glaucia Cristina Candian. Uma história social do feminismo: Diálogos de um campo político brasileiro (1917-1937). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol 31, nº 63, p. 8-26, janeiro-abril, 2018, pp. 10

patriarcalismo, nos aspectos das funções do cuidado para com o lar. Nesse sentido, cito e reforço a conclusão que realizei na pesquisa monográfica a respeito da infância da personagem Dora:

Dessa maneira, a virgindade no período que estudamos ainda é um fator que recai sobre a noção de honestidade feminina de adultas e é um critério ainda presente para medir a infância feminina, bem como reforçar a ideia de “papel feminino”. Isso está presente na perda da virgindade de Dora, que ocorre no capítulo “Dora, esposa”, após a personagem ter declarado que “se tornou moça”, ou seja, após ter passado pela primeira menarca e anunciar para Pedro Bala que agora poderia ser sua mulher. Desse modo, esse acontecimento acaba por marcar o encerramento de um ciclo da função de Dora no livro, pois a menina morre logo em seguida, após ter sido mãe, irmã e, por fim, esposa.³²⁹

Luzinete Simões Minella, fazendo um levantamento dos estudos da história que versam sobre infância e gênero, percebe que a leitura de gênero privilegiou os fragmentos que evidenciam mais explicitamente o modo como os papéis sexuais reforçam desigualdades e hierarquias. Entre as obras que cita e analisa, estão estudos de Gilberto Freyre, Maria Luiza Marcílio, Mary Del Priore, Irene Rizzini, Renato Pinto Venâncio, entre outros.³³⁰ Minella afirma que esses estudos fornecem informações para compreender como, no caso brasileiro, gênero e poder/saber se constituíram reciprocamente e como o papel feminino é atribuído como secundário e complementar ao masculino.³³¹

Cito, em especial, o trecho que sintetiza o que os estudos da história social da infância no Brasil têm contribuído até então, a respeito dos recortes de classe, raça e gênero:

Os estudos analisados revelam – através de consultas a inúmeros documentos históricos (cartas, diários, atas de instituições, etc.) – diferentes maneiras através das quais as mais distintas instâncias sociais, núcleos familiares, educadores, instituições de assistência administradas por religiosos e irmãs de caridade, patrões, tribos indígenas e classes sociais, impulsionaram o processo de socialização de meninos e meninas a partir de representações que podem ser interpretadas como fundadas no sexo, e que são potencializadas pelas dimensões de classe e de etnia. Dessa forma, retomando os pressupostos iniciais da análise, foi possível perceber que tais instâncias desenvolveram saberes e definiram estratégias de poder sobre a infância a partir de uma lógica da identidade, permitindo-se diagnosticar situações, desenhar perfis, identificar, isolar, segregar e/ou integrar, projetando o futuro de meninos e meninas conforme as expectativas e os padrões de comportamento que vigoravam na época: as meninas pobres, os afazeres domésticos, ou em menor escala, o trabalho nas fábricas, e/ou, ainda, a segregação; às meninas da elite, a educação doméstica refinada e o incentivo à música e à leitura; aos meninos pobres, o desempenho dos ofícios e/ou a segregação; aos meninos da elite, a educação formal e as “habilidades superiores”.³³²

Em relação aos estudos que focam nas meninas em si, segundo Minelli, há uma dificuldade em encontrá-los, no entanto ela destaca Martha Abreu, em sua pesquisa intitulada

³²⁹ SOUZA, Milena Alves de. “**Eram como homens, se bem fossem crianças...**”: a infância abandonada em Capitães da Areia (1920-1939). 2022. 92 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022, p. 68

³³⁰ MINELLA, Luzinete Simões. Papéis sexuais e hierarquias de gênero na História Social sobre infância no Brasil. **Cadernos Pagu**, v.26, p. 289-327, 2006. Disponível em: <[https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020//Pagu/2006\(26\)/Minella.pdf](https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020//Pagu/2006(26)/Minella.pdf)>. Acesso em 5/4/2024, pp. 299

³³¹ Ibidem, pp. 323

³³² Ibidem, p. 224

Meninas Perdidas: Os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque. Ela pontua que a pesquisa de Abreu, na maior parte das vezes, as informações sobre as meninas aparecem após páginas e páginas de referências aos meninos. Entre os motivos dessa invisibilidade destacada por Minelli está no fato de aparentemente meninos terem sido alvo preferencial de intervenção institucional, sendo mais encontrados nos registros do seu cotidiano. Em segundo lugar, argumenta sobre o acesso dos meninos à educação e ao trabalho no espaço público, influenciando também nos registros, e, em terceiro lugar a Minelli destaca que:

[...] embora os historiadores e historiadoras tenham produzido extraordinários avanços sobre o tema, permaneceram marcados/as tanto por sua época, quanto por seu lugar social, destacando certos aspectos e silenciando outros em função dessas instâncias de localização. Por isso mesmo, os estudos citados não refletem uma atitude crítica a respeito da invisibilidade das meninas nas fontes consultadas, (mesmo que tenham sido elaborados por mulheres, como ocorre em muitos casos), o que leva a pensar que talvez tenha prevalecido um certo androcentrismo por parte dos/as pesquisadores/as, como se o fato de terem encontrado mais referências aos meninos do que às meninas fosse natural.³³³

É importante recordar que Martha Abreu contribui no entendimento do significado da legislação dos crimes sexuais, como o crime de sedução que foi visto aos montes na imprensa popular ao procurar o termo “menina” no *O Jornal*. A historiadora mostrou como, na realidade, a punição dos crimes de defloração e estupro teria como objetivo a defesa da família. Segundo Abreu:

A existência dos processos criminais contra a honra das famílias constituía um excelente caminho utilizado pela Justiça para introjetar nas camadas populares essa nova ética de trabalho através da nova ordem burguesa, através da ‘moral e dos bons costumes’”.³³⁴

É justamente em prol dessa moral e bons costumes que a personagem Arminda de *Jubiabá*, com apenas 12 anos é amigada a Zequinha. Fazer meninas estarem dentro do seio familiar ou casadas era uma maneira de preservar a moral e os bons costumes. Portanto, muitas das resoluções de crimes de sedução eram o casamento. Portanto, levando-se em consideração a realidade de meninas no período em que Jorge Amado e José Lins do Rego escrevem, é possível perceber que há inúmeras possibilidades de destinos para os futuros homens brasileiros, poderiam viver de tudo um pouco como viveram as personagens masculinas trazidas nesta dissertação. Entretanto, essas etapas de aprendizado conforme experiências vividas por meninos estava longe de ser uma possibilidade pensada por homens de letras como José Lins do Rego e Jorge Amado, portanto, são romances que realizam denúncias sociais mostrando trajetos de

³³³ MINELLA, Luzinete Simões. Papéis sexuais e hierarquias de gênero na História Social sobre infância no Brasil. **Cadernos Pagu**, v.26, p. 289-327, 2006. Disponível em: <[https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020//Pagu/2006\(26\)/Minella.pdf](https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020//Pagu/2006(26)/Minella.pdf)>. Acesso em 5/4/2024, pp. 326

³³⁴ ESTEVES, Martha Abreu. **Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle époque**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, pp. 82

meninos em busca de liberdade, mas que essa busca, com desvios em seu caminho, só fez sentido nesses romances por se tratarem de experiências de um suposto mundo masculino.

III.4 – A relação entre erotismo e realismo na literatura a partir da recepção crítica

Ao nos depararmos com o conteúdo das obras de José Lins do Rego e Jorge Amado, pensando em um contexto em que havia uma alta gama de conteúdos que eram considerados suspeitos contra a ordem pública e contra a moral e bons costumes e tendo em vista que as obras foram incineradas, é possível que muitos aspectos dessas obras tenham sido considerados subversivos por autoridades do governo. Em trabalho monográfico realizado na conclusão da graduação, expliquei que o contato dos personagens de Capitães da Areia com a vida sexual temo intuito de incomodar os leitores, devido aos estereótipos de pureza relacionados à infância³³⁵.

Entretanto, foi possível observar que os impulsos sexuais na infância não eram um motivo relevante de choque quando analisamos reações de outros homens de letras para com os romances, bem como o diálogo entre Jorge Amado e José Lins do Rego e outros intelectuais como Gilberto Freyre. O que esses supostos “impulsos sexuais” masculinos descritos nos romances de Jorge Amado e também Lins do Rego revelam é muito mais uma relação desigual de poder entre homens e mulheres, que era mais naturalizada do que criticada. Entretanto, essa questão não predomina na crítica jornalística dos romances.

III.4.1 – A recepção de José Lins do Rego na imprensa

Tentando demonstrar o que foi a recepção das obras aqui estudadas, é importante, primeiro, trazer pesquisas sobre o tema, sendo a forma que esse texto é inaugurado. Posteriormente trago ao leitor a análise de alguns artigos de críticos que permitem entender a complexidade do impacto dessas obras e do seu conteúdo. Quando acessamos artigos sobre a obra de José Lins do Rego publicados entre 1932 e 1934, vemos uma bateria de elogios, de forma muito semelhante à recepção dos livros de Jorge Amado. *Menino de Engenho*, seu romance de estreia, tem destaque ao ganhar o prêmio da Fundação Graça Aranha, em 1933,

³³⁵ ESTEVES, Martha Abreu. **Meninas perdidas**: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle époque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, pp. 67

recebendo diversos elogios. Em síntese, pela análise feita por Mariana Chaguri, a recepção de José Lins do Rego pode ser lida da seguinte maneira:

Assim, serão comuns dois tipos de argumentos: aqueles que por um lado desqualificam o valor literário da obra de José Lins por considerá-la mero memorialismo acrescido de grande saudosismo dos tempos de sua infância, e aqueles que, por outro, consideram o memorialismo como a força dos romances do autor, os quais retratariam dramas e personagens que José Lins conhece intimamente porque são parte de sua própria vivência e de suas experiências.³³⁶

Segundo Chaguri, a crítica centra-se apenas na figura do escritor nas décadas de 1930, 1940 e 1950. Esse modelo crítico, para a autora, pode ser compreendido como “[...] consequência do reduzido número de autores e de críticos, criando um ambiente onde todos estavam, de algum modo, ligados entre si, seja por laços de parentesco; de compadrio ou apenas por pertencerem à mesma região do País.”³³⁷. Ainda sobre essa recepção, é importante evidenciar algumas considerações de Luís Bueno, que nos permite ter clareza sobre o impacto dessas obras e a importância de se comprometer a falar da realidade naquele momento:

[...] os romancistas de 30 produziram uma vigorosa força de oposição a uma visão “total” - totalitária mesmo - de Brasil proposta por Getúlio Vargas. E um contraste significativo o que se cria entre a visão do país como um conjunto de realidades locais que merece ser conhecido nas duas particularidades e o modelo oficial de unidade nacional, cuja tendência seria a de apagar as diferenças para se obter um conceito uno de nação. A boa recepção ao romance regionalista, por exemplo, mesmo considerando acanhadas dimensões de nosso público leitor, àquela altura, foi uma demonstração da clara distância de um projeto unificador em relação à visão que ia se tornando a mais viável para os próprios brasileiros, que queriam simplesmente saber da vida nos engenhos, do drama a seca, da região amazônica, das plantações de cacau e café, da realidade dos pampas, dos novos bairros que surgia em Belo Horizonte e mais.³³⁸

Quando falamos de José Lins do Rego, é preciso evidenciar também que há aspectos na sua denúncia social que se diferenciam de Jorge Amado, como apontado no segundo capítulo, citando Eduardo Assis Duarte. Olhando para o estudo de Luís Bueno, também é possível esclarecer a complexidade das personagens de Rego. Mesmo que elas não caminhem para um destino em que se tornam heróis da luta social, como os personagens amadianos Antônio Balduino e Pedro Bala, José Lins do Rego acaba investindo no trajeto de um tipo de personagem que Luís Bueno se refere como a figura do “fracassado”. Nos romances cíclicos de José Lins, apesar de existir certa consciência dos personagens sobre a realidade social, o encaminhamento dos seus destinos não chega a ser concluído pelo sucesso de alguma luta.

³³⁶ CHAGURI, Mariana Miggiolaro. **Do Recife nos anos 20 ao Rio de Janeiro nos anos 30: José Lins do Rego, regionalismo e tradicionalismo**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2007, pp. 90

³³⁷ Ibidem, pp. 100

³³⁸ BUENO, Luís. **A figuração do outro: A mulher**. In: Uma História do Romance de 30. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006, pp. 80

Luís Bueno explica como não há otimismo ingênuo generalizado no romance de 30 e também não é muito apropriado identificar a exploração artística constante do fracasso à desistência, para o autor:

Trata-se antes de manifestação daquela avaliação negativa do presente, daquela impossibilidade de ver no presente um terreno onde fundar qualquer projeto que pudesse solucionar o que quer que seja - enfim, é uma manifestação do que se está chamando aqui de espírito pós-utópico. A utopia está, então, adiada, mas não de todo afastada. Só será possível pensar qualquer utopia depois de mergulhar o mais profundamente possível nas misérias do presente. Esquadrinhar palmo a palmo as misérias do país: eis o que toma a peito fazer o romance de 30.³³⁹

É importante destacar que, quando olhamos para artigos sobre a obra *O Moleque Ricardo*, o tom da crítica muda pelo fato de o enredo apresentar contatos do personagem principal com o sindicato dos trabalhadores da padaria. A presença da greve como temática a partir dessa obra de 1935 é alfinetada por críticos, como no artigo publicado em 18 de agosto de 1935 no periódico *O Jornal*, assinado por Octavio Tarquino de Souza:

Essa simpatia dá ao romance um cunho de humanidade profunda, uma palpitação de vida que se comunica ao leitor. Daí porém, a ver em "O Moleque Ricardo" obra intencional, livro de partido. Num sentido revolucionário de estudo e incitamento A luta de classes, é um exagero enorme, uma deformação que a leitura desprevenida do romance não confirma. O sr. José Lins do Rego não quer provar coisa alguma e, se provar, não é porque propusesse um problema e se tenha empenhado na sua solução.³⁴⁰

A obra *O Moleque Ricardo* marca uma mudança na recepção de seus romances. No período de sua publicação é possível localizar críticas acusando o autor de propagador de política de literatura tendenciosa. O burburinho que o romance gerou fez com que fosse possível encontrar artigos que polemizam e discordam com a associação que se fez da obra de José Lins do Rego com o viés comunista, como o assinado por R. Magalhães Junior, intitulado “*Moleque Ricardo* não é comunista”, justificando que Ricardo é apenas “[...] um indivíduo envolvido nessa trama, é um posto de observação do autor no meio da agitação do Recife dos Loreto, *Moleque Ricardo* é um typo, não um herói.”³⁴¹

É possível, portanto, afirmar que a diferenciação que autores como Eduardo Assis Duarte fazem da obra de José Lins do Rego e de Jorge Amado, em relação a um ter um romance cíclico e o outro ser de formação, pode ter tido influência na discussão sobre a estrutura dos personagens de José Lins do Rego que já se fazia na crítica jornalística. Ou seja, era importante para o romancista que a crítica o afastasse do tipo de literatura que utiliza de uma estrutura narrativa que poderia identificar seu romance como vinculado a algum partido.

³³⁹ BUENO, Luís. **A figuração do outro**: A mulher. In: Uma História do Romance de 30. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006, pp. 76

³⁴⁰ SOUZA, Octavio Tarquino de. VIDA LITERARIA. **O Jornal**, 18 de agosto de 1935, pp. 4

³⁴¹ MAGALHÃES JÚNIOR, R.. O moleque Ricardo não é comunista. **O Jornal**, 31 de maio de 1936, pp. 3

A partir da imprensa, é possível acessar textos escritos por José Lins do Rego que nos ajudam a esclarecer melhor o posicionamento dele na década de trinta, compreendendo não só o que defendia como seus critérios para classificar a qualidade dos romances. Rego era abertamente contra ideias de deformação da raça, o que não é de se estranhar devido ao seu diálogo com Gilberto Freyre. No dia 6 de dezembro de 1935, *O Jornal* publica o artigo “Povo e Literatura”, assinado por José Lins do Rego, em que o autor defende o povo brasileiro:

[...] Isso de afirmar que somos um povo sem nenhum caráter, um aglomerado de raças deformadas pela mestiçagem, encontra nas camadas mais pobres, mais infelizes do Brasil um desmentido completo. O povo vive, ali pelos morros e pelos mucambos, sofrendo as maiores restrições de vida e sempre sono de uma imaginação que as condições ínfimas da existência não destruíram. A música brasileira está aí na sua dolência e na sua riqueza, criada, alimentada pelo povo. [...] Uma literatura que procura o povo não será para ficar de cima, mas para se confundir com ele, para ser a sua expressão mais íntima”. O romance novo, no Brasil, tem procurado isto, em contacto direto com as camadas inferiores, com as crenças, a língua, as lendas, as alegrias e as tristezas dos que ficam, pelos morros e pelos mucambos, passando fome e sonhando com Carnaval.³⁴²

No trecho destacado, fica claro que, apesar de explorar a figura do “fracassado”, como explica Luís Bueno, e ser possível identificar na sua obra determinismos baseados em teorias em voga no século XIX e início do XX, José Lins não compactua, ao menos se nega a compactuar, com a ideia da deformação das raças pela cor. No momento que escreve o artigo, já havia publicado *O Moleque Ricardo*, que, sem dúvida, é o seu primeiro romance que, em comparação com os anteriores, se aprofunda em um personagem do povo como protagonista. Ou seja, independentemente das classificações dadas às obras de José Lins do Rego, é inegável que se importava com o social, com a denúncia da realidade brasileira e valoriza o romance que fala do povo brasileiro, algo que tinha em comum com Jorge Amado.

Chegando no ponto central de discussão deste texto, o erotismo presente na obra de José Lins não aparece como um foco temático nas críticas. Em 17 de novembro de 1935, o artigo de Avelino Menezes sobre *O Moleque Ricardo* aparece no domingo em *O Jornal*. Nele, Menezes tece diversos elogios às obras de José Lins do Rego e deixa bem claro as sensações que homens como ele, que chegaram aos vinte anos, sentiam ao ler a obra de José Lins do Rego:

Nós achamos "O Moleque Ricardo" melhor que os outros porque ele é mais objetivo, falta nele o grande poeta que é Carlos de Mello, que vivia pensando apenas na satisfação de seus desejos sexuais, "Bangue" é o mais belo porque é o mais subjetivo, mais interior, e depois aquela Maria Alice, pelo menos para nós que chegamos agora aos vinte anos, para os moços que têm sangue e para os quais o sexo vale mais que a inteligência. É uma tentação, ela nos força a ler constantemente o livro e garante, assim, um lugar forçado para "Bangue" em nossa estante. Mas "O Moleque Ricardo" é de maior valor social, ele se volta mais para o sentido das preocupações contemporâneas, das lutas de classe numa grande cidade.³⁴³

³⁴² REGO. José Lins do. Povo e Literatura. *O Jornal*, 6 de dezembro de 1935, pp. 4

³⁴³ MENEZES. Avelino. O Moleque Ricardo. *O Jornal*, 17 de novembro de 1935, pp. 2

As cenas que descrevem desejos sexuais de Carlos de Melo, portanto, são consideradas tentadoras para Avelino Menezes e um ponto positivo da literatura de José Lins do Rego. O jornalista também nos ajuda a entendermos o erotismo como parte da demanda do público das obras de autores daquele período, que prezavam pela aproximação da literatura com a realidade. Entretanto, chamo atenção à descrição da juventude de moços como um momento em que eles têm “sangue e para os quais o sexo vale mais que a inteligência”. Portanto, parece haver uma continuidade na maneira como é tratada a juventude masculina e o que Jorge Amado e José Lins do Rego tratam como “instintos sexuais” masculinos. Ou seja, é possível que houvesse uma identificação de homens de letras com experiências sexuais masculinas, o que pode ter incluído o que vive Carlos de Melo na sua infância.

Entretanto, a naturalidade com que é tratado o erotismo nas obras nem sempre ocorre. Digo isso, em especial, tratando-se do assunto delicado que era a criança brasileira. No dia 13 de dezembro de 1936, é publicado o artigo “José Lins do Rego: escritor para crianças”, assinado por Lucia Miguel Pereira: “Parece que foi acolhida com certa surpresa a notícia de que José Lins do Rego estava escrevendo um livro para crianças. A mim, não me espantou a nova atividade do autor de “Banguê”, como não espanta o êxito do seu trabalho.”³⁴⁴ Pereira defende o livro infantil “Histórias da Velha Totonha”, de Lins do Rego, e para fortalecer sua defesa ao autor, faz questão de mostrar que a linguagem que ele utiliza em *Menino de Engenho* não é a mesma que usa na sua obra infanto-juvenil.

E de fato não falhou. “Histórias da Velha Totonha” é um livro delicioso. Creio que é o mais bem escrito dos seus livros, mais do que “Menino de Engenho”. Coibindo-se, para não magoar os seus pequenos leitores, José Lins do Rego debastou a sua língua como um bom jardineiro poda as árvores: sem tirar os galhos mestres, afinando sem empobrecer. E lucrou tanto com isso, que o escritor infantil pode dar lições de estilo ao romancista, pode ensinar-lhe a ser natural sem ser relaxado.³⁴⁵

A partir desse trecho é possível perceber que houve uma resposta às reações críticas sobre o fato de José Lins estar escrevendo histórias para crianças, um estranhamento que Lucia Pereira busca combater, defendendo a capacidade do artista como escritor infanto-juvenil. Nessa defesa fica clara que a linguagem explícita e erótica apresentada em *Menino de Engenho* é o que traz a surpresa de outros críticos ao verem que esse mesmo autor escreve para crianças. O estranhamento também acontece quando descobrem que José Lins do Rego passaria a fazer

³⁴⁴ PEREIRA, Lucia Miguel. José Lins do Rego, escritor para crianças. **O Jornal**, 13 de dezembro de 1936, pp. 26

³⁴⁵ Ibidem, pp. 26

parte da equipe da Comissão de Literatura Infantil, como aparece no artigo “O Rei está nu...” de Carlos Maul, publicado em 14 de maio de 1936:

A notícia da escolha de uma comissão para o exame da nossa literatura infantil didática e recreativa, e traçar normas destinadas a opor um dique ao enxurro comunista que ameaçava as crianças das escolas, foi recebida com júbilo pelos que ainda acreditam no efeito das providências oficiais em casos dessa natureza.³⁴⁶

Em seguida, vem a crítica a respeito daqueles que compunham a comissão, incluindo José Lins do Rego, criticando-o a partir dos conteúdos das suas obras anteriores:

[...] Passemos agora aos camaradas. O sr. José Lins do Rego pertence ao “clan” dos romancistas nordestinos que se empenham em pintar as tragédias do sertanejo em língua estragada e acham que a pornografia grossa constitui motivo de êxito. O seu último volume é a história de um moleque que abandona o engenho e vai ser operário no Recife. Os quadros de miséria dos mocambos da metrópole pernambucana são o seu forte. O personagem mete-se com agitadores políticos, é envolvido por uma greve, ouve apologias do marxismo, e acaba num navio com uma leva de degredados para Fernando Noronha. O autor conclui que os grevistas não cometeram crime que justificasse a deportação:

— “Que fizeram eles que vão para Fernando? Ninguém sabe não.”

Há nesse livro, saltando da paisagem humana, expressões sujas que a arte repele. Se este jornal não entrasse em casa de família talvez eu me arriscasse, ainda que com náuseas, a transcrever-las. Em todo o caso elas estão às páginas 18 e 77 do “Moleque Ricardo” gritando as tendências fesceninas do novelista.

[...] São esses os censores incumbidos de orientar as crianças brasileiras e que negam a existência, no Brasil, de escritores capazes de escrever livros ao alcance dos infantes. A sua designação, se não fosse um indício da candura dos dirigentes, seria um escárnio.³⁴⁷

Segundo Francisco Mota, em primeiro de maio de 1936, os jornais cariocas noticiaram a formação da comissão:

O ministro de Estado de Educação e Saúde Pública, em nome do Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, Resolve designar as Sras. Maria Junqueira Schmidt, Cecillia Meirelles e Elvira Nizinska e os Srs. Jorge de Lima, Murillo Mendes, José Lins do Rêgo e Manuel Bandeira para constituírem uma comissão com o seguinte encargo:

- I. Organizar uma relação, com apreciação crítica das obras de literatura infantil existentes em língua portuguesa, originaes e traduzidas.
- II. Escolher, dentre as obras de literatura infantil existentes em língua estrangeiras, aquellas cuja tradução seja conveniente fazer.
- III. Indicar as idades a que cada obra literária examinada possa convir.
- IV. Indicar ao governo as providências que devem ser tomadas para a eliminação das obras de literatura infantil perniciosas ou sem valor
- V. Indicar ao governo as providências tendentes a promover, em todo o paiz, o desenvolvimento da boa literatura infantil, bem como a instituição de bibliotecas para crianças.

Rio de Janeiro, 29 de abril de 1936. – Gustavo Capanema. (Diário Oficial da União, 04 mai. 1936: 9277)³⁴⁸

Dentro dessas funções da Comissão, José Lins do Rego e Jorge de Lima estiveram entre os principais encarregados da literatura para a infância em jornais e revistas, produzindo

³⁴⁶ MAUL. Carlos. O Rei está nu... **Correio da Manhã**, quinta feira, 14 de maio de 1936, pp. 4

³⁴⁷ Ibidem, pp. 4

³⁴⁸ MOTA, Francisco Thiago de Souza. **A literatura infantil entre a pedagogia e a arte: tensões e conceituação da produção literária para crianças nos anos 1930 e 1940**. 2014. 212f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2014, pp. 53

relatórios, pareceres e debates. É interessante notar como, apesar das críticas como a feita por Carlos Maul, foi possível para José Lins do Rego manter uma carreira voltada para a literatura infantil, apesar do conteúdo das suas obras não serem sempre bem vistos. Também é preciso evidenciar que o periódico *Correio da Manhã*, para o qual Carlos Maul escreve, fazia denúncias no intuito de pressionar que o governo adotasse medidas para investigar a literatura infantil do país³⁴⁹. De maneira geral, é possível afirmar que até quando há a preocupação com a infância na crítica aos conteúdos de José Lins do Rego, trata-se de uma preocupação majoritariamente política e anticomunista, mais do que uma preocupação com as crianças em si.

III.4.2 – A recepção de Jorge Amado na imprensa

O tempo todo esta dissertação versou sobre dois autores que, apesar de terem muitos pontos em comum, também possuem grandes diferenças. Uma delas, já mencionada, é destacada por Eduardo Assis Duarte, que analisa a estrutura de *Jubiabá*, por exemplo, como a de um romance de formação, contextualizando a escolha do autor em escrever dessa maneira devido ao que ocorria no ano de 1935:

Em 1935, dá-se o auge do romance proletário no Brasil, concomitante à campanha da Aliança Nacional Libertadora e às agitações em torno da insurreição deflagrada em novembro. Para Jorge Amado, que experimentara uma recepção crítica polêmica em torno de seus primeiros livros, impunha-se um selo de qualidade, visando não apenas uma obra mais estruturada e duradoura, mas sobretudo com alcance social ampliado, dentro do propósito de “falar às massas” e intervir no processo histórico-cultural. Para cumprir tais exigências, que o momento político e a opção pela literatura engajada lhe determinavam, o autor envereda pelos ramos ancestrais da narrativa e tempera o intuito realista de mostrar a evolução do oprimido na direção da consciência de classe, com toda uma gama de recursos construtivos de grande repercussão popular. Para tanto, abandona o esquema fragmentário de *Suor*, em favor de um enredo convencional, centrado na formação do herói.³⁵⁰

Como mencionado no segundo capítulo, Assis Duarte considera que o romance *O Moleque Ricardo* tem características de um romance de formação, entretanto, pelo enredo ser circular, não obedece a mesma estrutura de *Jubiabá*, publicado no mesmo ano. Ademais, apesar de que as obras de José Lins do Rego e Jorge Amado terem sido publicamente incineradas sobre a justificativa de serem “propagandistas do credo comunista”, definições como a da notícia são mais complexas. Além disso, Luís Bueno faz questão de destacar que, mesmo que obras de

³⁴⁹ MOTA, Francisco Thiago de Souza. **A literatura infantil entre a pedagogia e a arte: tensões e conceituação da produção literária para crianças nos anos 1930 e 1940**. 2014. 212f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2014, pp. 38

³⁵⁰ DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado: romance em tempo de utopia**. 1991. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991. Acesso em: 05 abr. 2024, pp. 91

Jorge Amado pareçam mais otimistas justamente por trazer trajetórias em que o personagem caminha em direção da consciência de classe, Bueno afirma que:

É correto dizer que o mundo, no romance de 30, é passível de transformação. Mas uma facilidade de transformar o mundo simplesmente não existe, e não é verdade nem mesmo para Jorge Amado que, sendo o mais visceralmente engajado dos nossos romancistas naquele momento, poderia em princípio ser o mais otimista deles também.³⁵¹

Portanto, é necessário trazer algumas nuances do que seria o romance de 1930 em relação ao engajamento que caracteriza as obras da década para entender que, se a crítica negativa aos romances cita diversos nomes de escritores ao defini-los como simpatizantes do comunismo, o engajamento e a denúncia social possuíam muitas brechas. Tais parênteses são necessários antes de adentrar a recepção das obras de Jorge Amado, ela também não menciona o conteúdo sexual das obras, quando se trata de cenas com menores. Portanto, é possível inferir que há um burburinho sobre a denúncia social e a linguagem utilizada pelos romancistas, entretanto, apesar de tratar-se de romances que abordam a infância em um período em que ela estava em debate, o que percebemos é que, para essas obras terem sido legitimadas no mundo letrado, foi, acima de tudo, a intenção dos autores para uma abordagem realista que possibilitou isso.

A recepção das obras de Jorge Amado segue o padrão das de José Lins do Rego, não sendo raro encontrar artigos em que os dois são colocados juntos em elogios e críticas. Também é fato que, de maneira geral, os críticos na segunda metade do século XX insistem numa perspectiva analítica que privilegia o mundo social. Em síntese, a crítica às obras de Jorge Amado, de início, foi marcada por aquela feita por seus colegas escritores, posteriormente, normalmente sendo elogiosas, como bem explica Santos e Moreira:

Os textos de Sérgio Buarque de Holanda e Wilson Martins, e mais tarde a crítica destruidora de Álvaro Lins, constituem, de certa maneira, uma reação à chamada "crítica das belezas", igualmente impressionista e desprovida de arcabouço teórico, que os romances *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *Mar morto* (1936) e *Capitães da areia* (1937) suscitaram nos jornais, cadernos e suplementos literários logo que foram publicados. A crítica positiva, realizada à frente do objeto, isto é, produzida poucos dias depois que as obras chegavam às livrarias, era assinada, de maneira geral, por jornalistas sem grande prestígio no meio literário, por colegas escritores de Jorge Amado ou por intelectuais simpatizantes das causas comunistas. Assim, as análises de Wilson Martins, Sérgio Buarque de Holanda e Álvaro Lins, sob uma perspectiva mais panorâmica e procurando dar conta dos romances publicados até aquele momento enquanto parte integrante de um projeto literário do escritor, eram como uma espécie de reparação aos equívocos da crítica feita no calor da hora.³⁵²

³⁵¹ BUENO, Luís. **A figuração do outro: A mulher.** In: Uma História do Romance de 30. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006, pp.71

³⁵² SANTOS, J. O. M. B.; MOREIRA, M. De *Cacau* (1933) a *São Jorge dos Ilhéus* (1944): a memória da recepção crítica da literatura de Jorge Amado no século XX. **Revista Graphos**, v. 24, n. 2, p. 135–161, 6 dez. 2022, pp. 140

A crítica impressionista, segundo o autor, foi aquela da primeira fase, publicada em jornais e cadernos literários ao longo de pelo menos duas décadas, entre os anos de 1930 e 1940. Sobre essa crítica, ele afirma que boa parte dela falava de como as obras de Amado eram o panorama social da Bahia. De maneira geral, olhando para a crítica imediata, aquela publicada no ano de publicação dos seus romances, é possível perceber elogios sobre a realidade nas obras. Entretanto, há fortes críticas sobre as características de suas obras em relação à intenção política da literatura de Jorge Amado.

Adentrando em Jorge Amado, é possível perceber, pelos seus comentários a respeito de outros romances, que o escritor também prioriza o aspecto documental de outras obras que estavam sendo publicadas, como *Gado humano*, de Nestor Duarte:

Gado Humano é o título do seu livro e este é um título muito feliz para tal livro. Não vou dizer que se trata de um romance único, coisa nunca vista. Mas quero dizer que poucas vezes um romancista estreou com tanta força e tantas qualidades. E' preciso lembrar também para se poder perfeitamente medir o sucesso do romance de Nestor Duarte que ele veio após uma fornada de ótimos romances que começaram a surgir de 30 para cá. O drama do sertão baiano! Ha muito de reportagem no livro, já disseram. Ha muito de documentário (esse documentário que está tão entranhado na obra de arte moderna, apesar da dor de barriga que causa aos metafísicos do romance...). Mas essa reportagem e esse documentário não chegam em momento algum a atrapalhar o humano do livro. Suas criaturas (gostaria que o romancista tivesse se demorado mais nelas) estão misturadas no drama da terra, se confundem muitas vezes com ela, mas são criaturas humanas que sofrem e nos comovem.³⁵³

Pelo comentário de Amado é possível perceber o reconhecimento de boas obras para além da de Nestor. Todavia, chamo atenção para um padrão que se repete nos artigos sobre Jorge Amado e Lins, trata-se da legitimação de que esses autores supostamente estariam documentando a realidade. Portanto, acima de tudo estava a intenção em documentar, a questão da veracidade ou não do conteúdo dessas obras podem até ser tema de discussão para esta pesquisa. Entretanto, o que se pode afirmar até então é que a preocupação em denunciar a realidade brasileira, sim, pode-se dizer que foi verdadeira, e, para que isso fosse legitimado, era necessária, minimamente, identificação entre os dilemas que os personagens passaram e o público leitor.

Apesar de ser possível perceber a legitimação do grau de realidade dos romances de Jorge Amado e José Lins do Rego, esse tópico a respeito da realidade não fica fora de debate, sua aceitação não é plena. É possível perceber, especialmente entre homens (José Lins do Rego, Jorge Amado, Gilberto Freyre e o jornalista Avelino Menezes) que, por exemplo, etapas de masculinidade passadas na infância são naturalizadas, havendo também identificação na memória desses homens. Entretanto, a suposta realidade de experiências vividas por

³⁵³ AMADO, Jorge. Um romance corajoso. *Boletim de Ariel*, junho de 1937, pp. 11

romancistas e transpostas para o romance também foi questionada, o que significava, acima de tudo, posicionamento político. Isso é perceptível na crítica de Carlos Maul, o mesmo que também alfinetou José Lins do Rego. Em “Da intenção em Literatura”, artigo publicado em 23 de setembro de 1937, no *Correio da Manhã*, Maul foca justamente em ir contra o que ele chama de “romance social”:

Tenho em mãos dois volumes que justificam esta ordem de considerações. Um deles – “Capitães da Areia” – é o termo do encerramento do ciclo de romances da Bahia, de Jorge Amado. Completa uma coleção de novelas dissolventes nas quais só exagera deformidades que existem, mais nuns do que em outros, em todos os países, e que se denunciam como características de algumas regiões do Brasil.³⁵⁴

No caso da crítica de Carlos Maul, há indignação sobre a forma que Jorge Amado escreve sobre a Bahia:

Mas que Bahia é essa que ninguém suspeitava? Uma cubata, o acampamento de uma sub-raça em decomposição? Nada disso. O que Jorge Amado “vê” na sua terra é o espetáculo de pequenas manchas da civilização, que só limpam com a educação e com as leis generosas, e não com o despotismo das subversões. Essas miniaturas de doenças não são a Bahia como não são o Brasil. A “intenção” desse escritor é além do mais difamatória. São das nossas fronteiras. Da sua literatura se utilizam os alienígenas para que outros povos nos contemplem com olhos de falsa piedade e de escárnio. Quem a traduz para vários idiomas? As editoras comunistas. “Cacau”, em 1935, foi impresso em Moscou por conta do governo dos Soviets. Os restantes tomos do “ciclo” correm manso em francês, em espanhol, em inglês... Desgraçado Brasil, se ele fosse livros de má vontade, de ódio, de mesquinharia, vasados em meia língua, e que só encontraram ambiente graças a irresponsabilidade de uma crítica impudica e insincera e talvez também com intenções ocultas e subalternas...³⁵⁵

Nesse caso, é possível perceber novamente que a crítica tem um viés político, não se trata apenas de debater sobre o que é ou não a realidade da Bahia, mas ir contra o ato de denúncia do escritor, inclusive indo contra a proposta de luta contra a hierarquia de classe, que o autor defende nas suas histórias, a partir de tomadas de atitudes das suas personagens. O ato de colocar a público as mazelas sociais está, portanto, acima da preocupação com a linguagem das suas obras e da maneira como Jorge Amado descreve experiências de menores.

O que se pode observar, na realidade, é que a forma como situações explícitas são descritas não se trata de uma representação da realidade, mas uma interpretação da mesma com intenções de denúncia social. É inegável que a forma como meninos e meninas aparecem nos seus romances tem profunda relação com o que considerava habitual na vida de crianças brasileiras moradoras de rua, bem como a sua própria infância e sua relação com a masculinidade. Todavia, para escritores como Jorge Amado, mostrar mazelas de maneira explícita, tivesse uma grande importância política.

³⁵⁴ MAUL. Carlos. Da intenção em literatura. *Correio da Manhã* (RJ), 23 de setembro de 1937, pp. 4

³⁵⁵ Ibidem, pp. 4

III.4.3 – A relação entre erotismo e realismo na literatura de José Lins do Rego e Jorge Amado

Segundo o artigo “Revisitando o Estado Novo: uma análise da censura e a difusão cultural dos livros nas bibliotecas”, a divulgação de um Brasil longe de problemas sociais foi uma proposta do Estado Novo.³⁵⁶ Referindo-se ao primeiro romance de Jorge Amado, *O país do carnaval* (1931), Alessandra Nunes de Oliveira, Luiz Eduardo Ferreira da Silva, e Jetur Lima de Castro exemplificam um dos assuntos que arriscava a obra como imprópria para a lei do Estado Novo. Trata-se da relação sexual do personagem Paulo Rigger com uma meretriz, pois:

[...] não só desmoralizava a obra, como também demonstrava, indiretamente, que o país estava recebendo prostitutas. Para o governo ditatorial, isso significava perversão e rompimento da cultura dos bons costumes. Em um governo que prezava formas tradicionais de convivência, abordar a erotização de uma meretriz ia contra a medida conservadora do governo Estado Novista. [...] Percebe-se que o romance *O País do Carnaval* fazia parte de um dos critérios que classificaria livros como impróprios para circulação. Hallewell (2005, p.456) refere que “o critério poderia, certamente, ser a linguagem franca, ou o erotismo no tema ou no tratamento, tanto quanto a inaceitabilidade política”. Essas sequências estavam inseridas em todo o contexto do romance que ora criticava as relações sociais, ora explicitava a desilusão patriótica.³⁵⁷

A questão do erotismo sem dúvidas era utilizada como justificativa de censura, entretanto, é necessário entender não apenas a repressão ao conteúdo das obras de Jorge Amado e José Lins do Rego, como também o que o erotismo, tão presente em diversos momentos de suas obras, significou para esses autores.

De Aluizio Azevedo, passando por Jorge Amado, até chegar a Milan Kundera – somente a título de exemplo –, é possível verificar a exploração explícita do erotismo, mesmo que nenhuma das obras dos autores antes mencionados tenha recebido o rótulo de Romance Erótico. A sexualidade não só entra como recurso literário, mas acima de tudo como mecanismo estético que facilita a apresentação de um conhecer profundo do espírito humano. Provavelmente se déssemos a conotação de Romance Erótico a *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, estaríamos provocando uma polêmica inusitada. No entanto, a relação Riobaldo / Diadorim está marcada por uma constante tensão entre o desejar, a vontade inexplicável de estar ao lado de alguém cuja condição o levava a reprimir seus sentimentos e; no caso de Diadorim, a negação de uma vontade como exigência da escolha de outra vontade impõe a infelicidade por não haver vivido a sua identidade, mas um constante mascaramento. A sedução do toque das mãos, do olhar e a ternura da expressão constituem um erotismo de sutileza inusitada que torna grande a obra, não pelos simples atos sofridos e corajosos dos jagunços, mas pela forma como o autor desvenda o espírito humano.³⁵⁸

Em relação a isso, percebe-se também que há um público que almeja o conteúdo erótico nas obras, como fica perceptível na fala de Avelino Menezes. O que estas discussões apresentam

³⁵⁶ OLIVEIRA, A. N. de; SILVA, L. E. F. da; CASTRO, J. L. de. (Re)visitando o Estado Novo no Brasil: uma análise da censura e a difusão cultural dos livros nas bibliotecas. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 125–151, 2018. DOI: 10.19132/1808-5245243.125-151. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/80013>. Acesso em: 31 dez. 2024, pp. 138

³⁵⁷ Ibidem, pp. 144

³⁵⁸ Ibidem, pp. 17

não trata da negação de que o erotismo seja polêmico nas obras, entretanto, é preciso chamar atenção para o fato de que, sim, os episódios trazidos nos romances que mostram contatos da infância e juventude com furtos, drogas ilícitas e relações sexuais estavam longe de ser pauta de artigos da crítica literária. A razão dessa ausência está profundamente ligada, portanto, à intenção de denúncia social de José Lins do Rego, Jorge Amado e outros diversos escritores e a legitimação e aceitação da descrição de experiências vividas por meninos.

Portanto, o que a recepção crítica nos permite enxergar é que José Lins do Rego e Jorge Amado, como homens de letras, não estão sozinhos nas suas concepções a respeito da realidade sobre a infância masculina quanto a experiências sexuais. Ademais, é possível afirmar que a legitimação do uso do erotismo e das descrições sobre momentos dos livros analisados nestes capítulos diz mais a respeito de uma sociedade que formava homens que aprendiam desde pequenos que deveriam dominar um terceiro para se tornarem homens de fato. É justamente esse sentido partilhado que legitimou que esses autores se sentissem verdadeiramente lendo a realidade brasileira ao recriarem histórias de meninos para entender quem seriam os futuros brasileiros e pensar nos rumos que o povo brasileiro tomaria. Nessa via interpretativa, a liberdade almejada pelas suas personagens tinha sentidos profundamente masculinos, ao ser experimentadas em estágios diferentes, possibilitando vivências e momentos impulsivos que só poderiam fazer sentido quando vividos por personagens masculinas.

Considerações Finais

A partir dos estudos feitos para a composição de cada capítulo foi possível perceber como tentar entender a infância do Brasil a partir da literatura revela a necessidade de compreender o autor, o contexto histórico da publicação e escrita dos romances, mas também o contexto anterior a escrita, visto que diversas vezes foi necessário, para entender a literatura da década de 1930, retornar dilemas do tempo da escravidão no Brasil e do pós-abolição. Esse procedimento inevitável complexifica a construção de personagens infantis a partir da literatura e talvez seja um caminho para contar histórias que só podem ser imaginadas de maneira ampla, quando saímos dos enredos e acessamos outras fontes, como a imprensa.

É possível acessar experiências múltiplas de infância levando-se em consideração classe, raça e gênero, nesse sentido as obras de Jorge Amado e José Lins do Rego nos fornecem inúmeras possibilidades investigativas. Assim como Rubem Braga, que afirmou que os meninos jornalheiros não serão bons cidadãos nem futuros pais de família, Jorge Amado, por mais positivo que possa ter sido, também faz questão de expor um futuro de Brasil composto por um povo que compõem adultos que cresceram nas ruas em um ambiente que muitas vezes os levariam a estar longe dos estereótipos de bom cidadão. Todavia, por se tratar de homens escrevendo sobre o percurso de vida de personagens majoritariamente masculinas, quando esses tratam a temática da liberdade no processo de crescimento das suas personagens, ainda sobram muitas brechas sobre a relação de meninas com o desejo de liberdade, o que indica a necessidade da pesquisa a respeito de mulheres que escreveram sobre a infância feminina.

Para além da brecha sobre a questão de gênero, ainda podemos pensar em muitos questionamentos a respeito de como menores aparecem na imprensa. Foram investigadas notícias policiais que revelam sentidos por de trás do vocabulário para tratar de infantes e adolescentes. Entretanto, ainda há muito o que ser pesquisado acerca do cotidiano de menores que eram diariamente atropelados por bondes, bem como acerca da vida de meninas que deixam de ter seus nomes expostos em notícias de crimes de sedução. Também é preciso investigar a respeito dos menores que cometiam crimes e que temos pouco acesso a notícias a respeito, provavelmente fruto de mudanças na maneira de noticiar atos criminosos praticado por menores. Destaco também o fato de não haver informações a respeito da vida dos pequenos jornalheiros, que provavelmente, como já destacado, eram parte das vítimas dos inúmeros atropelamentos no *O Jornal*.

Essas questões impõem a necessidade de, mais uma vez, olhar para trás pelo fato de haver mudanças jurídicas e na linguagem jornalística entre a década de 1920 e o fim da década de 1930, além de atentar para o fato desses dois escritores e de outros terem escrito sobre uma infância anterior à década de 1930. Portanto, contrapor a noção de que em 1930, a partir de Getúlio Vargas, um novo tempo ter sido inaugurado, quando, na realidade, escritores como Jorge Amado e José Lins do Rego voltam no tempo para falar de problemas atuais, visto que os romances de ambos remetem a experiências vividas antes de 1930 e a observações sobre uma realidade anterior. Nada mais justo, portanto, do que voltar na imprensa anterior a 1930 para entender algumas ausências narrativas no noticiário sobre menores, bem como entender como outros autores leram a infância e a adolescência brasileira, escolhendo, também, retornar ao passado para interpretar o Brasil. Portanto, coloco essas questões como problemas de pesquisas futuros que só seriam possíveis de rastrear na análise cruzada entre a imprensa e a literatura.

Literatura:

AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AMADO, Jorge. **Jubiabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

REGO, José Lins do. **Doidinho**. São Paulo: Global Editora, 2020.

REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. São Paulo: Global Editora, 2020.

REGO, José Lins do. **O Moleque Ricardo**. São Paulo: Global Editora, 2022.

Dicionários:

DE FIGUEIREDO, Candido. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1913.

Imprensa:

A prisão de “Moleque 31” e outros salteadores do celebrado bando que operava nos subúrbios da Central do Brasil. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 10 de junho de 1932.

AMADO, Jorge. Um romance corajoso. **Boletim de Ariel**, junho de 1937, pp. 11

Bom Coração. **O Jornal**, 24 de janeiro de 1932, pp. 32

BRAGA, Rubem. Trapos de Bronze. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 16 dez. 1934, pp. 4

CAMPOS, Humberto. Elogio ao Garoto. **A Noite**, Rio de Janeiro, 3 de junho. 1933, pp. 1

Encerramento das aulas nas escolas municipais. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 16 dez. 1934, pp. 4

Gibi é muito intrometido. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1932, pp. 21

Importância policial. **A Capital**, Bahia, 12 de novembro de 1926, pp. 1

Incinerados na Baía vários livros considerados propagandistas do credo vermelho. **O Combate**, Maranhão. 22 de dezembro de 1937.

Lamparina, **O Tico Tico**, 25 de abril de 1928, pp. 1

MAGALHÃES JÚNIOR, R.. Moleque Ricardo não é comunista. **O Jornal**, 31 de maio de 1936, pp. 3

MAUL. Carlos. Da intenção em literatura. **Correio da Manhã** (RJ), 23 de setembro de 1937, pp. 4

MAUL. Carlos. O Rei está nu...**Correio da Manhã**, quinta-feira, 14 de maio de 1936, pp. 4

MENEZES. Avelino. O Moleque Ricardo. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1935, pp. 2

Natal na Gavea. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 16 dez. 1934, pp. 6

O “mez da cidade”. **A Noite**, Rio de Janeiro. 2 de junho de 1933, pp. 2

O Dia da Criança Tijuca. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 16 dez. 1934, pp. 9

O Jornal, Rio de Janeiro, 1932-1937.

O mez da cidade: A glorificação do jornaleiro foi um espetáculo empolgante e inédito na vida da cidade. **A Noite**, Rio de Janeiro. 2 de junho de 1933, pp. 2

O Tico Tico. Rio de Janeiro, 1932-1937.

PEREIRA, Lucia Miguel. José Lins do Rego, escritor para crianças. **O Jornal**, 13 de dezembro de 1936, pp. 26

Perseguido pela polícia e populares um homem foi baleado, em Niterói. **O Jornal**, 7 de janeiro de 1932, pp. 7

REGO. José Lins do. Povo e Literatura. **O Jornal**, 6 de dezembro de 1935, pp. 4

ROCHA, Martinho da. Medicina de urgência no lar. **O Jornal**, 23 de agosto de 1932, pp. 2

SOUZA, Octavio Tarquino de. VIDA LITERARIA. **O Jornal**, 18 de agosto de 1935, pp. 4

Um caso de delinquência precoce. **O Jornal**, 1 de julho de 1932, pp. 9

Um menor jornaleiro gravemente ferido num desastre, em Nictheroy. **O Jornal**, 02 de abril de 1932, pp. 7

Uma porção de Lamparinas, **O Tico Tico**, 4 de maio de 1932, pp. 8

Referências Bibliográficas:

AGUIAR, Joselia. **Jorge Amado: uma biografia**. São Paulo: Todavia, 2018.

AGUIAR, Joselia. O jornalista Jorge Amado: a imprensa como tribuna política, fonte de criação e divertimento literário. In: LUSTOSA, Isabel. **Imprensa, história e literatura: o jornalista-escritor**. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2021.

ANTUNES, Ana Luiza Rodríguez. **Homossexualidade: a mestiçagem que Jorge Amado não viu: um estudo sobre as personagens homossexuais nos romances de Jorge Amado**. 2009. 323 f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/4023>>.

ARANTES, Esther Maria de Magalhães. Rostos de Crianças no Brasil. In: PILLOTTI, Francisco e RIZZINI, Irene (org.). **A arte de governar crianças: A história das políticas sociais, da legislação e da Assistência a Infância no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Interamericano del Niño/Editora Universitária Santa Úrsula/Amais, 1995.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BADARÓ, Francisco Coelho Duarte. **Fantina: cenas da escravidão**. Posfácio e anotações de Sidney Chalhoub. São Paulo: Chão Editora, 2019.

BARBOSA, Marialva Carlos. Imprensa e poder no Brasil pós-1930. **Em Questão**. Porto Alegre, v. 12, nº 2, p. 215-234, jun./dez. 2006. ISSN: 1807-8893. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=465645955002>.

BOTTON, Fernanda Verdasca. Capitães de quê? Os meninos de Jorge Amado na literatura e no cinema. **Cadernos de Pós-Graduação em Letras**, [S. l.], v. 13, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgl/article/view/9504>>.

BRAGA-PINTO, Cesar. Homem de Palavra, Homem de Letras: Literatura e Responsabilidade na Obra de José Lins do Rego. **Revista Luso Brasileira**, 2006. Disponível em: <<https://lbr.uwpress.org/content/42/1/179>>. DOI: <https://doi.org/10.1353/lbr.2005.0018>

BRASIL. Código Penal de 1890. Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890.

BRICHTA, Laila. Essa vida preciosa: presença da obra de Jorge Amado entre Brasil, Portugal e Angola. In: DOS SANTOS, Flácio Gonçalves; RODRIGUES, Inara de Oliveira; Brichta, Laila. (Orgs). **Colóquio Internacional 100 anos de Jorge Amado: história, literatura e cultura**. Org(s): Ilhéus, BA: Editus, 2013. Disponível em: <<http://www.uesc.br/editora/livrosdigitais/ci100ja.pdf>>

BUENO, Luís. **Uma História do Romance de 30**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CARDOSO, Laís de Almeida. **A infância revisitada: um estudo sobre o protagonismo infantil na literatura brasileira ao raiar do século XX**. 2017. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-04082017-192107/>>

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Livros proibidos, ideias malditas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

CARRARA, Sérgio. **Tributo a vênus**: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40 [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996. 339 p. ISBN: 85-85676-28-0. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/q6qbq/pdf/carrara-9788575412817.pdf>>. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788575412817>

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra**: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro, 1918-1940. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

CERQUEIRA, Alan Costa. **Tomar o próprio destino**: infância abandonada, lei e trabalho doméstico na Bahia (1862-1912). 340 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/39009>>

CHAGAS, Viktor. **EXTRA! EXTRA! Os jornaleiros e as bancas de jornais como espaço de disputas pelo controle da distribuição da imprensa e da economia política dos meios**. 2013. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais. Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC) do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV)). Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.fgv.br/items/29946cb0-beb7-4661-869c-8a4147286c38>>

CHAGAS, Viktor. Henrique Carneiro de Souza. O Estado e a distribuição da imprensa: disputas pelo controle das bancas de jornais e da regulação da categoria dos jornaleiros na Era Vargas. **Mosaico**, v. 4, n. 7, 29 dez. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/62805>>. DOI: <https://doi.org/10.12660/rm.v4n7.2013.62805>.

CHAGURI, Mariana Miggiolaro. **Do Recife nos anos 20 ao Rio de Janeiro nos anos 30**: Jose Lins do Rego, regionalismo e tradicionalismo. 2007. 211p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/424022>

CHAGURI, Mariana. **O Romancista e o Engenho**: José Lins do Rego e o regionalismo nordestino dos anos 1920 e 1930, São Paulo: Anpocs / Hucitec, 2009.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo A. de Miranda (ORGS). **A História Contada**: Capítulos da História Social da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

COSTA, Érica Mendes. **Casa Pia e Colégio dos Órfãos de São Joaquim**: a inserção dos meninos "pretos" no pós-abolição. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/37854>>

COSTA JÚNIOR, José dos Santos. Jorge Amado, a infância e a máquina literária: do trapiche ao cais, entre o estigma e a revolução (Salvador, 1937). **Revista História: Debates e Tendências**, v. 23, n. 1, p. 141-164, jan./mar. 2023. Disponível em: <<https://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/13891>>. DOI: <https://doi.org/10.5335/hdtv.23n.1.13441>

CRUZ, Maria Cecília Velasco e. Cor, etnicidade e formação de classe no porto do Rio de Janeiro: a Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café e o conflito de 1908. **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 68, p. 188-209, 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13493>>. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i68p188-209>

CUNHA, Olivia Maria Gomes da. Criadas para servir: domesticidade, intimidade e retribuição. In: CUNHA, Olivia Maria Gomes da, e Flávio dos Santos Gomes. **Quase-cidadão: Histórias E Antropologias Da Pós-emancipação No Brasil**. FGV, 2007.

DEL PRIORE, Mary (Org). **História da criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado: romance em tempo de utopia**. 1991. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/000733736>>

DUARTE, Eduardo de Assis. O Bildungsroman proletário de Jorge Amado. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, Brasil, v. 23, n. 27, p. 175-195, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/148542>. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i27p175-195>

ESTEVES, Martha Abreu. **Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle époque**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FILHO, Hildeberto Barbosa. José Lins do Rego: técnica narrativa de Fogo Morto. In: **Ciclo centenário de José Lins do Rego**, 2001, Rio de Janeiro. Conferência proferida na Academia Brasileira de Letras em 2 maio 2001. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/abl/media/imortalidade15.pdf>>

FRACCARO, Glaucia Cristina Candian. Uma história social do feminismo: Diálogos de um campo político brasileiro (1917-1937). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol 31, nº 63, p. 8-26, janeiro-abril, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/71642>> DOI: <https://doi.org/10.1590/s2178-14942018000100002>

FRAGA FILHO, Walter. **Mendigos, Moleques e Vadios na Bahia do século XIX**: 1994. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/download/20911/13528/71428>>.

FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2003.

GAY, Peter. **Represálias selvagens**: realidade e ficção na Literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GORBERG, Marissa. Entre a negrofilia e a negrofobia: caricaturas dos anos 1920 em perspectiva transnacional. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 42, nº 89, p. (61-92), 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/3q4kJSsFj9bhb3j6Nh4LSBD/abstract/?lang=pt>. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-93472022v42n89-05>

GUSMÃO, Clóvis de. (1941). "A terra é quem manda em meus romances": reportagem. In: COUTINHO, Eduardo F.; CASTRO, Ângela Bezerra de (Org.). **José Lins do Rego**. João Pessoa: Funes, 1991.

ISOBE, Rogéria Moreira Rezende e RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza. 'Menores e vagabundos': o discurso jurídico sobre infância e educação na imprensa periódica nos primórdios da República. **Rev. Bras. Hist. Educação**. 2022, vol.22, e196. Epub 09-Dez-2021. ISSN 2238-0094. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/58007> DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhe.v22.2022.e196>

IVO, Lêdo. A história literária de José Lins do Rego. In: **Ciclo centenário de José Lins do Rego**, 2001, Rio de Janeiro. Palestra proferida na Academia Brasileira de Letras em 17 abr. 2001. Disponível em: <https://www.academia.org.br/abl/media/imortalidade15.pdf>.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. In: MACHADO, CJS., SANTIAGO, IMFL., & NUNES, MLS., orgs. **Gêneros e práticas culturais**: desafios históricos e saberes interdisciplinares. Campina Grande: EDUEPB, 2010. 256 p. ISBN 978-85-7879-038-7.

LIMA, Ivana Stolze, CARMO, Laura do. **História social da língua nacional**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.

MARIANO, Hêlvio Alexandre. A constituinte de 1933/34 e o processo de construção das políticas de assistência à infância e o amparo à maternidade no Brasil. *Temas & Matizes*, [S. l.], v. 8, n. 16, p. p.115-140, 2000. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/view/3937>. DOI: 10.48075/rtm.v8i16.3937

MARTINS, Ana Luiza, e LUCA, Tania Regina de. (orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MENDES, Joselma. A infância Esquecida: Uma análise da obra Capitães da Areia de Jorge Amado. **Revista de Letras JUÇARA**, Caxias - Maranhão, v. 04, n. 01, p. 406 - 420, jul. 2020. Disponível em: <https://ppg.revistas.uea.br/index.php/jucara/article/view/2268>. DOI: <https://doi.org/10.18817/rlj.v4i1.2268>

MELLO, Marisa Schincariol. Encerrando ideias: Graciliano Ramos, Jorge Amado e o realismo socialista (1945-1953). In: MATTOS, Marcelo Badaró. GALUCIO, Andréa Xavier (orgs). **Livros vermelhos: literatura, trabalhadores e militância no Brasil**. Bom Texto: Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.

MINELLA, Luzinete Simões. Papéis sexuais e hierarquias de gênero na História Social sobre infância no Brasil. **Cadernos Pagu**, v.26, p. 289-327, 2006. Disponível em: <[https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020//Pagu/2006\(26\)/Minella.pdf](https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020//Pagu/2006(26)/Minella.pdf)>. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332006000100013>.

MIRANDA, Humberto Silva. "De tabica em punho aplicou-lhe várias bordoadas": crianças e (in)justiças do mundo do trabalho na década de 1930. **Anos 90**, [S. l.], v. 28, p. 1-13, 2021. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/100744>>. DOI: <https://doi.org/10.22456/1983-201X.100744>

MORELLI, Ailton José. **A criança, o menor e a lei**: uma discussão em torno do atendimento infantil e da noção de inimizabilidade. Dissertação (Mestrado em História), Assis, UNESP, 1996.

MORRISON, Toni. **A origem dos outros**: seis ensaios sobre racismo e literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MOTA, Francisco Thiago de Souza. **A literatura infantil entre a pedagogia e a arte**: tensões e conceituação da produção literária para crianças nos anos 1930 e 1940. 2014. 212f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/10950>>

MOURA BOLSONARO DE, Esmeralda Blanco. Meninos e meninas na rua: impasse e dissonância na construção da identidade da criança e do adolescente na República Velha. **Revista Brasileira de História**, v. 19, n. 37, setembro, 1999. Disponível em: <https://biblio.fflch.usp.br/Moura_EBB_42_1730578_MeninosEMeninasNaRua.pdf>. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-01881999000100005>

MURARI, Luciana. A mestiçagem da alma: literatura, crítica e ciência na construção do discurso racial no Brasil pós 1870. **Itinerários**, Araraquara, n. 23, p. 147-162, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2832>>. DOI: <https://doi.org/10.58943/irl.v0i0.2832>

NASCIMENTO, Álvaro Pereira. "Trabalhadores Negros e o "Paradigma Da Ausência": Contribuições à História Social Do Trabalho No Brasil." **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), vol. 29, no. 59, Dec. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/63768>>. DOI: <https://doi.org/10.1590/s2178-14942016000300003>

NISKIER, Arnaldo. Jorge Amado e a Literatura Brasileira. In: DOS SANTOS, Flácio Gonçalves; RODRIGUES, Inara de Oliveira; Brichta, Laila. (Orgs). **Colóquio Internacional 100 anos de Jorge Amado**: história, literatura e cultura. Org(s): Ilhéus, BA: Editus, 2013.

OSTOS, Natascha Stefania Carvalho. A questão feminina: importância estratégica das mulheres para a regulação da população brasileira (1930-1945). Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 39, p. 313-343, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645066>>. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332012000200011>

OLIVEIRA, Alessandra Nunes de; SILVA, Luiz Eduardo Ferreira da; CASTRO, Jetur Lima de. (Re)visitando o Estado Novo no Brasil: uma análise da censura e a difusão cultural dos livros nas bibliotecas. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 125-151, set./dez. 2018. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/80013>>. DOI: <https://doi.org/10.19132/1808-5245243.125-151>

OLIVEIRA, Ana Claudia Delfini Capistrano de. **Estudos sociológicos sobre infância no Brasil: crianças sem gênero?** 2011. 252 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/95709>>.

PALAMARTCHUK, Ana Paula. **Ser intelectual comunista: escritores brasileiros e o comunismo, 1920-1945.** 1997. 159f Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/20.500.12733/1584427>>

PALAMARTCHUK, Ana Paula. **Os novos bárbaros: escritores e comunismo no Brasil (1928-1948).** 2003. 383p. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/20.500.12733/1594045>>.

PIERONI, Geraldo; VIANNA, Márcio. ; MARTINS, Alexandre. **Moleque & Nhonhô uma história em preto e branco: a criança brasileira no período escravista.** 1a. ed. São Paulo, SP: Paco Editorial, 2020. v. 01. 82p.

PINHEIRO, Luciana de Araujo. **A civilização do Brasil através da infância: propostas e ações voltadas à criança pobre nos anos finais do Império (1879-1889).** 2003. Dissertação (Mestrado em História Moderna e Contemporânea) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2003_PINHEIRO_Luciana_de_Araujo-S.pdf>

PINTO, César Braga. Ordem e tradição: a conversão regionalista de José Lins do Rego. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, Brasil, n. 52, p. 13-42, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/34667>>. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i52p13-42>

RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RESENDE JUNIOR, José Ricardo Marques. **"Crianças pretas passeiam em total liberdade" um estudo sobre infância e escravidão: Pelotas e Rio Grande (1820- 1870).** 2021. 209 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/123456789/327/browse?rpp=20&sort_by=1&type=title&offset=29&etal=-1&order=ASC&locale-attribute=en>

RIBEIRO, Leandro Lima. **Política, ideologia e direitos humanos em Capitães da Areia: uma abordagem semiótica.** 2022. 181 f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-08032023-121458/publico/2022_LeandroLimaRibeiro_VCorr.pdf>

RIBEIRO COROSSACZ, Valeria. Cor, classe, gênero: aprendizado sexual e relações de domínio. **Revista Estudos Feministas**, Santa Catarina, vol. 22, n. 2, p. 521-542, maio-agosto, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36540>>. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000200007>

RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco. **A Arte de Governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil.** 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ROCHA, Samuel Rodrigues da. **Engenho utópico e amizades proibidas: produção de masculinidades em romances de José Lins do Rego (1931- 1933).** 2016. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8487?locale=pt_BR>.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis; LIMA, Ivana Stolze; BALABAN, Marcelo. **Marcadores da diferença: raça e racismo na história do Brasil.** 1. ed. Salvador: EDUFBA; SciELO, 2019. 309 p. Edição do Kindle. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788523218058>

SANTOS, J. O. M. B.; MOREIRA, M. De Cacau (1933) a São Jorge dos Ilhéus (1944): a memória da recepção crítica da literatura de Jorge Amado no século XX. **Revista Graphos**, v. 24, n. 2, p. 135-161, 6 dez. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/64040>> DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1516-1536.2022v24n2.64040>

SILVA, Alexandre Rocha da. **Os homens do futuro - as crianças de hoje!:** debates sobre infância nos quadrinhos de Luís Loureiro (1907-1919). 2019. (260 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/20.500.12733/1636683>>

SILVA, Lúcia Helena Oliveira; RODRIGUES, Jaime e SOUZA, Airton Felix Silva (orgs.) **Escravidão e liberdade: estudos sobre gênero & corpo, memória & trabalho.** São Paulo: FFLCH, 2023.

SLENES, Robert W. **Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava. Brasil Sudeste, século XIX.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SOARES, Aline Mendes. **Precisa-se de um pequeno: O trabalho infantil no pós-abolição no Rio de Janeiro 1888-1927**. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-graduação em História Social, Rio de Janeiro - PPGH, 2017. Disponível em: <<https://www.unirio.br/cchs/ppgh/producao-academica/dissertacoes-de-mestrado-e-egressos-pasta/precisa-se-de-um-pequeno-o-trabalho-infantil-no-pos-abolicao-no-rio-de-janeiro-1888-1927>>

SOUZA, Marcos Paulo de. **Educação, infância e família na imprensa uberlandense do Estado Novo (1937-1945)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13831>>

SOUZA, Milena Alves de. **"Eram como homens, se bem fossem crianças...": a infância abandonada em Capitães da Areia (1920-1939)**. 2022. 92 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/35811>>

SOUZA, Robério S. **Tudo pelo trabalho livre! Trabalhadores e conflitos no pós-abolição (Bahia 1892-1909)**. Salvador; São Paulo: Ed. Ufba; Fapesp, 2011.

STEPAN, Nancy Leys. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In: HOCHMAN, G., and ARMUS, D., orgs. **Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. História e Saúde collection, pp. 330-391. ISBN 978-85-7541-311-1.

TERRA, Paulo Cruz; SANTOS SOUZA, Robério. Relações raciais e racismo nos mundos do trabalho. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 15, p. 1-6, 2023. DOI: 10.5007/1984-9222.2023.e97461. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/97461>>. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-9222.2023.e97461>

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

THOMPSON, Edward Palmer. **Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

VALLE, I. R.. Capitães da Areia de Jorge Amado e o "discurso herético" de Pierre Bourdieu. **Revista Brasileira de Educação**, v. 29, p. e290028, 2024. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-24782024000100216&lng=es&nrm=iso&tlng=pt>. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1413-24782024290029>

VERGARA, Anelise. **Rubem Braga: crônica e censura no Estado Novo (1938-1939)**. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (Unesp). Assis, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/entities/publication/7ad193a6-cebc-4702-9ba8-af58d3748a3c>>

VIANNA, Adriana de R. B. Internação e domesticidade: caminhos para a gestão da infância na Primeira República. In: GONDRA, José G. (Org). **História, infância e escolarização**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2002.